
polissema

REVISTA DE LETRAS DO ISCAP 2006 N.º 6

polissema

Revista de Letras
do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

2006 / N.º 6

Comissão Científica:

Dalila Silva Lopes
Maria Helena Guimarães
Clara Sarmiento
Luísa Benvinda Álvares

Comissão Executiva:

Luísa Benvinda Álvares
Ana Paula Afonso

Referees Internos:

Dalila Silva Lopes
Maria Helena Guimarães
Clara Sarmiento
Luísa Benvinda Álvares

Referees Externos: Inês

Braga (ESEIG) Gisela
Soares (ESEIG)

Responsável pela Polissema on-line:

Ana Paula Afonso

Secretariado e Edição:

Regina Sousa

Direcção e Edição

Polissema
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Rua Jaime Lopes de Amorim
4465 – 111 S. Mamede de Infesta
Tel: 22 905 00 82
Fax: 22 902 58 99
Correio electrónico: polissema@iscap.ipp.pt

Periodicidade:

Anual (Novembro)

Solicita e corresponderá a permuta com outras publicações.

Depósito legal nº: 166030/01
ISSN: 1645-1937
Tiragem: 500 ex.
Composição e paginação: Polissema
Execução: Marca
Design gráfico da capa: Steven Sarson

INDICE

Artigos:

A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL EM DUAS PROPAGANDAS TURÍSTICAS INSTITUCIONAIS

Daniel Antônio Sousa Alves
Priscila Brasil Gonçalves Lacerda
Roberta Rego Rodrigues

Brasil

ABORDAGENS DISCURSIVAS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Adail Sebastião Rodrigues Júnior

Brasil

ARTIGO ACADÊMICO: ESPAÇO DE POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES

Cibele Gadelha Bernardino

Brasil

FIN DE PARTIE: L'INFINI RECOMMENCEMENT DE RIEN

Lúcia Margarida Pinho Lucas de Freitas de Carvalho Pedrosa

Portugal

FINNISH KULLERVO AND CHINESE MARTIAL ARTS STORIES

Chapman Chen

Hong Kong

GRAPHEME-TO-PHONE TRANSCRIPTION ALGORITHM FOR TEXT- TO-SPEECH SYSTEMS IN EUROPEAN PORTUGUESE

Daniela Braga

Espanha

“MAD ABOUT YOU” – DA TRADUÇÃO À LEGENDAGEM DE AUDIOVISUAIS

Paula Ramalho Almeida e Pedro Duarte

Portugal

THE PICTURE OF DORIAN GRAY: BELEZA, ARTE, REPRESENTAÇÃO.

Teresa Alexandra Azevedo Pataco

Portugal

SOCIAL GENDER STEREOTYPES AND THEIR IMPLICATIONS IN HINDI

Anjali Pande

India

THE LINGUISTIC DIMENSION OF GENDER EQUALITY: A HUMAN RIGHTS PERSPECTIVE

Alissa V. Tolstokorova

Ucrânia

CONSTRUCTION OF WOMANHOOD IN THE BENGALI LANGUAGE OF BANGLADESH

Raasheed Mahmood

Bangladesh

THE REBIRTH OF AN OLD LANGUAGE: ISSUES OF GENDER EQUALITY IN KAZAKHSTAN

Maria Helena Guimarães

**HEADING EAST THIS TIME: CRITICAL READINGS ON GENDER IN
SOUTHEAST ASIA**

Clara Sarmiento

Portugal

**REFLEXIONES EN TORNO A LA TRADUCCIÓN DE LA PATENTE
COMUNITARIA**

Mari Carmen Verdejo

Espanha

**MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PORTUGUÊS: ASPECTOS
SOCIOLINGUÍSTICOS DA NEOLOGIA**

Joana Castro Fernandes

Portugal

Traduções:

**TRADUÇÃO DO GLOSSÁRIO DA OBRA REVISING AND EDITING FOR
TRANSLATORS DE BRIAN MOSSOP**

Paula Carvalho

Portugal

TRADUÇÃO DE UM EXCERTO DE “ON THE ROAD” (1957)

Alunos da Turma T11N (Inglês – Alemão) Licenciatura em Tradução e Interpretação Especializadas

Portugal

EIN TISCH IST EIN TISCH - PETER BICHSEL

Alunos do 4.º ano do Curso de Tradução e Interpretação Especializadas, disciplina de Tradução de Textos Literários (Língua Alemã)

Alexej Schipenko
DIE KUNST DER ZUKUNFT
A ARTE DO FUTURO
Maria Helena Guimarães
Portugal

Recensões:

FANTASIA PARA DOIS CORONÉIS E UMA PISCINA

MÁRIO DE CARVALHO

LISBOA: CAMINHO, 2003

Maria de Fátima Pinto Miranda
Portugal

RECENSÃO DE AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE DE JOSÉ

SARAMAGO

Dalila Silva Lopes
Portugal

NORMAS DE APRESENTAÇÃO

GUIDELINES FOR PUBLICATION

EDITORIAL

Aqui estamos de novo com a POLISSEMA. Desta vez, a POLISSEMA 6, o que equivale a dizer seis anos de trabalho de várias equipas para pôr em pé um projecto que foi registando melhorias, ano após ano. Com o anterior número, conseguimos atingir critérios de qualidade que automaticamente nos colocaram no Directório da LATINDEX, o que permitiu uma ampla divulgação da revista em vários países do mundo. Com esta POLISSEMA 6, esperamos atingir mais oito critérios de qualidade, o que colocará a revista no Catálogo da LATINDEX, o que por sua vez significa automaticamente uma ainda mais vasta divulgação.

A POLISSEMA continua assim na senda da internacionalização.

Neste número seis, contamos com artigos, traduções e recensões originais e criteriosamente seleccionadas pela Comissão Científica da revista e por *referees* internos e externos. As colaborações seleccionadas para esta POLISSEMA 6 vêm-nos de Portugal, claro, e também do Brasil, Espanha, Hong Kong, Bangladesh, Índia e Ucrânia. Convém não esquecer que a revista está também aberta a trabalhos de alunos que obedeçam aos padrões de qualidade exigidos, e é assim que, neste número, contamos com três trabalhos de alunos do ISCAP, duas traduções e uma recensão. Pois é, a POLISSEMA está tão próxima de nós e, ao mesmo tempo, galga fronteiras, chegando a países que, no início do projecto, não imaginámos poder atingir.

Votos de uma boa leitura.

Saudações polissémicas da Comissão Científica da POLISSEMA.

Dalila Silva Lopes

A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL EM DUAS PROPAGANDAS TURÍSTICAS INSTITUCIONAIS

Daniel Antônio Sousa Alves - PosLin/FALE/UFMG
Brasil
xalaskero@gmail.com

Priscila Brasil Gonçalves Lacerda - FALE/UFMG
Brasil
p7brasil@gmail.com

Roberta Rego Rodrigues - PosLin/FALE/UFMG
Brasil
betareseau@gmail.com

Sinopse

A oração é também organizada como um evento interativo que envolve o falante, ou o autor, e o público (Halliday, 1994). No ato da fala, o falante adota para si mesmo um papel particular em relação à mesma e, ao fazer isso, ele designa ao ouvinte um papel complementar, papel esse que o falante espera que o ouvinte adote em seu turno (Halliday, 1994). A título de exemplificação, quando o falante faz uma pergunta, ele desempenha o papel daquele que procura uma informação e, deste modo, requer ao ouvinte que este último supra a informação pedida (Halliday, 1994). Este artigo apresenta uma análise de duas propagandas turísticas institucionais, uma da Prefeitura de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais e a outra do Governo do Estado de Minas Gerais, sendo que tal capital e tal Estado estão localizados no Brasil. Tal análise valeu-se da metafunção interpessoal, a qual oferece um instrumental para a descrição da interação entre usuários da linguagem, seja tal interação pautada pelo fornecimento e/ou solicitação de informações e/ou de bens e serviços (Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004). Quanto à metodologia, foram classificados os absolutos, as proposições, as propostas, os adjuntos modais e os itens lexicais, posteriormente quantificados com vistas a uma análise qualitativo-discursiva. Cabe salientar que a classificação da interpessoalidade em itens lexicais obedeceu a dois parâmetros propostos por Hunston e Thompson (2003), o de julgamento de valor e o de importância. Quando houve sobreposição destes dois

parâmetros na classificação da interpessoalidade em itens lexicais, adotou-se um rótulo “ambos parâmetros” para abarcar tais casos. Resultados apontam uma maior recorrência de propostas na propaganda do Governo em comparação a da Prefeitura. Pode-se concluir que a propaganda da Prefeitura faz uso do gênero do discurso turístico com fins sócio-políticos, ao passo que a propaganda do Governo tem como objetivo divulgar o turismo em Minas Gerais sem tencionar diretamente persuadir seus leitores a partir do discurso político.

Palavras-chave

Linguística Sistêmico-funcional; Metafunção Interpessoal; Interpessoalidade em Itens Lexicais; Demanda/Fornecimento de Informações; Demanda/Fornecimento de Bens e Serviços.

Key words

Systemic Functional Linguistics; Interpersonal Metafunction; Interpersonality in Lexical Items; Demanding/Offering of Information; Demanding/Offering of Goods & Services

1. Introdução

Halliday (1985, 1994, Halliday e Matthiessen, 2004), em sua gramática sistêmico-funcional, desenvolveu uma teoria dos níveis fundamentais de linguagem, na qual ele aponta três metafunções da linguagem: a ideacional, que concerne à representação dos significados experienciais; a textual, que se refere à organização da mensagem que está sendo veiculada; e a interpessoal, que diz respeito ao posicionamento dos falantes, à relação falante/ouvinte.

Embora a teoria de Halliday tenha sido concebida a partir da língua inglesa, trata-se de uma reflexão abrangente acerca da linguagem. Temos aqui como objetivos centrais apresentar uma das metafunções, a saber, a interpessoal, de forma didática e explicativa, e mostrar uma aplicação desta teoria à língua portuguesa.

A escolha da metafunção interpessoal da linguagem foi motivada pelo fato de ela ter sido até então pouco explorada pelos componentes de nosso grupo de pesquisa¹. O número de trabalhos ancorados nesta metafunção é consideravelmente reduzido se o

¹ Somos integrantes do projeto CORDIALL – *Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias* - que é desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

comparamos com as demais metafunções. Assim, apresentamos uma análise baseada na observação dos significados interpessoais do texto.

Abaixo, temos uma seção destinada à explicitação teórica, na qual apresentamos os conceitos relativos à metafunção interpessoal, direcionando-os à língua portuguesa. Em seguida, está a metodologia, na qual descrevemos nossos procedimentos de análise. A partir da metodologia, apresentamos os dados interpessoais extraídos de um corpus constituído por duas propagandas institucionais; e uma discussão desses dados ilustrando a aplicação das categorias da metafunção interpessoal. Por fim, apresentamos as considerações finais deste artigo.

2. Gramática Sistêmico-Funcional

Nesta seção, trataremos das questões pelas quais a gramática hallidayana é ao mesmo tempo sistêmica e funcional, questões essas acrescidas da explicação das três metafunções (ideacional, interpessoal e textual) com o foco na metafunção interpessoal, objeto deste artigo.

A gramática sistêmico-funcional de Halliday é uma teoria sistêmica, onde o significado é visto como escolha, ou seja, a linguagem é interpretada como redes de opções que se entrelaçam; e uma teoria funcional, que propõe o estudo da língua em seu uso, levando-se em conta seus contextos de situação (registros) e de cultura (gênero). Essa gramática interpreta a linguagem como um sistema de significados que é acompanhado de formas através das quais estes significados podem ser realizados (Halliday, 1994: xiii-xiv).

A princípio, a gramática sistêmico-funcional toma como unidade de análise a oração. Entretanto, isso não a impede de se projetar em direção ao texto. Ela tem como objetivo fornecer informações textuais, semânticas e sintáticas que possibilitem ao falante analisar qualquer texto que ocorra de forma natural e dentro de diversos tipos de estrutura (Downing, 1991:121).

Da mesma forma que a gramática hallidayana considera a língua em termos de uso a fim de auxiliar análises e interpretações textuais, ela leva em conta que duas perguntas se tornam fundamentais para a investigação lingüística: como a linguagem é usada pelas pessoas? E como a linguagem se estrutura para o uso? (Barbara e Gouveia,

2003). É a partir desses questionamentos que Halliday propõe as metafunções da linguagem que são maneiras de descrever como o falante pode representar o mundo, interagir com outros falantes e organizar suas mensagens, ou seja, como o usuário da linguagem imprime significado aos seus enunciados.

Seguindo a noção de que os componentes fundamentais do significado na linguagem são funcionais, Halliday apresenta as três metafunções que compõem a base de sua teoria: a ideacional, a interpessoal e a textual. A primeira diz respeito à maneira como o “mundo” é representado e compreendido; a segunda relaciona-se ao modo como ocorre a interação entre os falantes: autor e leitores, produtor de imagens e observadores; e a terceira organiza a mensagem no que tange a escolhas específicas do sistema lingüístico (Halliday, 1994:xiii). Na verdade, todos os enunciados apresentam essas metafunções fundidas; mas o autor as expõe separadamente por questões didáticas e metodológicas, procurando fazer-se um recorte do sistema que seja elucidativo.

De acordo com Halliday (1994:68), ao se comunicar, o falante adota um papel particular na fala, e fazendo isso, ele delega ao ouvinte um papel complementar concernente ao que ele (o falante) deseja do ouvinte. A fim de analisar as interações entre falantes e ouvintes, a metafunção interpessoal mostra-se profícua por apresentar categorias que auxiliam grandemente a descrição de tais interações.

A seguir, trataremos das principais categorias desta metafunção.

2.1 A Metafunção Interpessoal da Linguagem

Um estudo baseado na metafunção interpessoal vale-se de um instrumental léxico-gramatical para a descrição e a análise da interação entre falantes e/ou usuários da linguagem (e.g. falantes/ouvintes; escritores/leitores; produtores de imagens/observadores de imagens). Segundo Butt et al. (2000:36), os significados interpessoais abrangem duas áreas principais: uma que trata do tipo de interação que ocorre e do tipo de bem (*commodity*) que está sendo intercambiado, e a outra que trata da maneira pela qual os falantes [e/ou usuários da linguagem] tomam um posicionamento em suas mensagens.

Antes de tratarmos sobre as áreas que concernem aos significados interpessoais, veremos os principais elementos que constituem as orações pelo viés da metafunção interpessoal.

Em primeiro lugar, temos o *modo oracional*, que seria o bloco em que se encontram o sujeito gramatical, o finito e a polaridade (a modalidade também está neste grupo, mas deixaremos para tratar sobre ela mais adiante):

Quadro 1: Modo Oracional

Exemplo				Fonte:
Luís Alves		refletiu	alguns instantes.	<i>A mão e a luva</i> – Machado de Assis
Os cartunistas e criadores da revista "F." Allan Sieber, Arnaldo Branco e Leonardo Lopes	não	estão	de brincadeira.	<i>Folha Online</i> - http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51442.shtml
Sujeito	Polaridade	Finito	Predicador	
Modo Oracional				

O *sujeito gramatical* seria, de acordo com Butt et al. (2000:90) o grupo nominal que interage mais proximamente com o finito, apresentando, assim, concordância com ele; o *finito* seria o elemento responsável por desempenhar dois papéis interpessoais principais no grupo verbal: um, em relação ao *tempo verbal*, e o outro, em relação à *sinalização modal* da perspectiva do falante. (Butt et al., 2000:89) Por fim, a *polaridade* seria um contínuo cujos extremos são marcados pelo *sim* categórico e pelo *não* categórico.

2.1.1. Como identificar o modo oracional?

Uma maneira de identificar o modo oracional, de acordo com Butt et al. (2000:31), é negar a oração (com uma afirmação ou uma pergunta simples). Esta negação conteria o sujeito gramatical e o finito da oração original com sua polaridade invertida. Tomemos os exemplos dados anteriormente, caso fôssemos negá-los, poderíamos chegar aos seguintes resultados:

Quadro 2: Negando a oração para identificar o Modo Oracional

Exemplo				Negação:
Luís Alves		refletiu	alguns instantes.	[Ele] não refletiu?

Exemplo				Negação:
Os cartunistas e criadores da revista "F." Allan Sieber, Arnaldo Branco e Leonardo Lopes	não	estão	de brincadeira.	[Eles] estão?
Sujeito	Polaridade	Finito		
Modo Oracional				

Como é possível perceber, ao negarmos a oração, os únicos elementos necessariamente presentes são aqueles que compõem o modo oracional (i.e. o sujeito gramatical, o finito e a polaridade que foi invertida).

O restante da oração (i.e. “desconsiderando” o modo oracional) chama-se *resíduo*, que é constituído pelo predicador, pelo(s) adjunto(s) e pelo(s) complemento(s). Ampliando o nosso primeiro quadro, teríamos então:

Quadro 3: Modo Oracional e Resíduo

Exemplo				Fonte:
Luís Alves		refletiu	alguns instantes.	<i>A mão e a luva</i> – Machado de Assis
Os cartunistas e criadores da revista "F." Allan Sieber, Arnaldo Branco e Leonardo Lopes	não	estão	de brincadeira.	<i>Folha Online</i> - http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51442.shtml
Sujeito	Polaridade	Finito	Predicador	
Modo Oracional			Resíduo	

Como anteriormente mencionado, no resíduo estariam:

- os *adjuntos*² que correspondem aos grupos adverbiais, nominais e sintagmas preposicionados que atuam como circunstâncias para o significado experiencial da oração;
- os *complementos* que correspondem a outros grupos nominais que exerçam a função de “complementar” a discussão estabelecida pela oração. (Butt et al., 2000:92-93);
- o *predicador* que pode ser identificado por meio de grupos verbais não-finitos, incluindo-se até mesmo outros auxiliares. O predicador desempenha o papel de

² Os elementos considerados circunstâncias em uma abordagem ideacional da linguagem são aqui nomeados como adjuntos a título de uma abordagem interpessoal da linguagem.

especificar a ação efetiva que está sendo discutida. (Butt et al., 2000:92; Eggins, 1994:161).

Pode haver alguma dificuldade em se identificar o limite entre o finito e o predicador na língua portuguesa, pois, como afirma Rodrigues (2005:52), nesta língua, o finito encontra-se muitas vezes fundido com o predicador. Nestes casos, poderíamos identificar o finito como sendo as desinências número-pessoais e modo-temporais, e o predicador correspondendo ao morfema lexical do verbo.

Há ainda outros elementos, que Butt et al. (2000) chamam de “extras”, denominados *vocativo e pessoa do discurso*. O vocativo é uma estrutura usada para um falante endereçar-se a outro ou a algo personificado e não faz parte do modo oracional ou do resíduo. As pessoas do discurso (eu, você[s], nós, a gente, ele[s], ela[s]) não são rotuladas como parte da análise interpessoal, mas devem ser consideradas na análise da interação, e.g., pois apontam (principalmente a primeira [singular/plural] e a segunda [singular/plural]) expressões do relacionamento entre falante(s) e ouvinte(s). (Butt et al., 2000:93).

Feitas as considerações sobre a constituição da oração segundo a visão da metafunção interpessoal, passemos para a discussão sobre a visão desta metafunção à guisa das interações.

Em interações linguísticas, de acordo com Halliday (1994), há quatro possibilidades para os falantes:

- Oferecer informações;
- Solicitar informações;
- Oferecer bens e serviços;
- Solicitar bens e serviços.

Halliday e Matthiessen (2004:107) esquematizam tais possibilidades no seguinte quadro:

Papel no intercâmbio	Bem (<i>commodity</i>) Intercambiado		Fonte dos Exemplos:
	(a) <i>bens e serviços</i>	(b) <i>informação</i>	

(i) fornecendo	‘oferta’ (1) - Aceita a minha mão de esposo?	‘declaração’ (2) Feliz Azevedo! A hora em que começa essa narrativa é ele um marido feliz, inteiramente feliz.	(1) <i>Contos fluminenses</i> - Machado de Assis; (2) <i>Contos fluminenses</i> - Machado de Assis
(ii) solicitando	‘ordem’ (3) - Dê-me essa faca, meu pai; eu não usarei dela senão em caso extremo; (...)	‘pergunta’ (4) - Que pretendes fazer com ela, Isaura? que louco pensamento é o teu?...	(3) <i>A escrava Isaura</i> – Bernardo Guimarães. (4) <i>A escrava Isaura</i> – Bernardo Guimarães.

Quadro 4 - Fornecimento ou Solicitação de Bens e Serviços ou de Informações - In: Halliday e Matthiessen (2004:107)

A função semântica de uma oração no intercâmbio de informação é a *proposição* ao passo que no intercâmbio de bens e serviços é a *proposta* (Halliday e Matthiessen, 2004:111).

2.1.2. Posturas e Reações

Como é possível observar no Quadro 4, há algumas posturas que podem ser vistas como as mais esperadas para cada uma das possibilidades e há, portanto, algumas reações que também podem ser vistas como as mais esperadas dadas as posturas.

Analisemos primeiramente o intercâmbio de informações. Como anteriormente mencionado, no intercâmbio de informações há duas possibilidades principais para os interactantes: oferecer informações ou solicitar informações.

De acordo com Butt et al. (2000:94), quando um falante oferece uma informação, ele geralmente faz uma afirmação. Vejamos um exemplo:

Quadro 5: Fornecimento de informação

Exemplo				Fonte:
Apazível vida	vai	ser	a nossa.	<i>Na arca</i> – Machado de Assis
Sujeito	Finito	Predicador		
Modo Oracional		Resíduo		

Por outro lado, quando um falante solicita uma informação, ele, ainda de acordo com Butt et al. (2000:94-95), faz perguntas, que podem ser perguntas que pedem respostas do tipo ‘sim ou não’ – que são denominadas como interrogativas polares (a) –

ou perguntas que, por exemplo, especulam algo acerca de alguma coisa – chamadas de perguntas com elemento Qu- (b).

Quadro 6: Solicitação de informação

(a) A senhora	recebeu	uma oferta para mudar de partido?	
(b) Quem	foi	o outro deputado [abordado para trocar de partido mediante pagamento de mesada]?	
		http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69625.shtml	
Sujeito	Finito	Predicador	
Modo Oracional		Resíduo	

Tratemos agora do intercâmbio de bens e serviços. Como anteriormente mencionado, no intercâmbio de bens e serviços há duas possibilidades principais para os interactantes: oferecer bens e serviços ou solicitar bens e serviços.

Segundo Butt et al. (2000:97), quando um falante solicita um bem ou serviço, ele pode dar ordens ou comandos. Nas palavras dos autores, a maneira mais direta de expressar tais ordens e comandos seria a utilização do modo imperativo.

Quadro 7: Solicitação de bens e serviços

	Vai	com ela (...)	
		<i>(Dom Casmurro. Machado de Assis)</i>	
	Leve	o Tonzinho para brincar com o seu filho.	
		<i>(Atrevida. ANO XII, Nº 129, p.119)</i>	
Sujeito	Finito	Predicador	
Modo Oracional		Resíduo	

Por fim, quando um falante oferece um bem ou serviço, ele não tem ao seu dispor nenhuma estrutura específica para fazê-lo, podendo ele utilizar estruturas que são mais comuns em outras interações (Butt et al, 2000:99). Vejamos alguns exemplos:

Quadro 8: Fornecimento de bens e serviços

Nokia 2650		Não	tem	nada igual.
				<i>(Atrevida. ANO XII, Nº 129, p.3)</i>
			Quer ser Participe	capa da Atrevidinha?
				do nosso concurso!
				<i>(Atrevida. ANO XII, Nº 129, p.119)</i>
	Sujeito	Polaridade	Finito	Predicador
	Modo Oracional			Resíduo

Podemos perceber que a resposta dada no intercâmbio de bens e serviços relaciona-se ao que o falante deseja a partir de seu enunciado e a resposta fornecida no intercâmbio de informação relaciona-se mais com a polaridade (negativa ou positiva), i.e., não se espera que bens e serviços sejam corroborados ou negados, pois estes últimos não são condicionados a valores de verdade (Halliday e Matthiessen, 2004:110).

A metafunção interpessoal também considera os casos em que falantes utilizam a linguagem não só para codificar suas experiências do mundo, mas também para se posicionar (e posicionar sua audiência) diante de tais experiências.

Considerando que ao utilizar a linguagem, os falantes mostram quão defensáveis consideram suas proposições, eles as colocam em algum lugar no continuum margeado em um extremo pela afirmação categórica e em outro pela negação categórica.

Assim, apresentamos aqui os principais recursos por meio dos quais os falantes tomam uma posição em suas mensagens. Tal posicionamento é concebido pelo ajuste do modo oracional, parte da mensagem passível de discussão³, e pela valoração positiva ou negativa dos significados experienciais que estão sendo veiculados.

No momento em que o falante faz uma declaração, ele a coloca sob o julgamento concordante ou discordante de seus ouvintes. Nota-se que os conteúdos passíveis de contestação encontram-se no modo oracional, ou seja, basta que o ouvinte modifique a polaridade da oração repetindo o sujeito gramatical e o finito para contradizer ou concordar com o falante. Vejamos o exemplo a seguir:

Estou lendo os jornais. Eu acho que está claro isso.
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69625.shtml>)
Não estou lendo os jornais. Eu *jamais/nunca* acho que *não* está claro
isso.

Por outro lado, quando as orações utilizadas são não-finitas, não há grandes possibilidades de argumentação, dado que tais orações não apresentam modo oracional, não apresentando, portanto, relação entre o sujeito gramatical e o finito e, por conseguinte, não sustentando qualquer argumento. Como é possível ver no exemplo:

Apaixonada pelo seu melhor amigo?

³ A parte da mensagem passível de discussão é aquela que pode ter a sua polaridade invertida, ou seja, é possível contestá-la. Vale dizer que somente o elemento que faz parte do modo oracional é suscetível à contestação, concordância ou questionamento.

(*Atrevida*. ANO XII, Nº 129, capa.)

(?) *Não apaixonada pelo seu melhor amigo?*

Cabe salientar que no exemplo acima tanto pode ser considerada “Apaixonada” somente como estrutura não-finita, desconsiderando a elipse do sujeito quanto como tendo um sujeito elíptico. Ambas as análises são possíveis.

Ao manifestar uma posição intermediária, entre a afirmação categórica e a negação categórica, o falante altera a configuração do modo oracional. A margem de possibilidades disponível ao falante para que ele assuma tal posição intermediária é conhecida como *modalidade*, que se divide em *modalização* e *modulação*.

De acordo com Halliday (1994:91), há dois elementos que favorecem a modalização, a saber, os finitos modais e os adjuntos modais:

Os *finitos modais* que se referem não a tempo, porém à modalidade, i.e., demonstram plausibilidade. Vejamos a seguir um exemplo de finito modal (em itálico).

Pode ser que esta abordagem seja completamente errada.

(Hawking. *Uma breve história do tempo*. 2000)

Já os *adjuntos modais* são aqueles que acrescentam significados interpessoais à proposição ⁴.

A seguir, um quadro, extraído de Halliday (1994), com alguns exemplos de adjuntos modais.

<i>Tipo</i>	<i>Significado</i>	<i>Exemplos</i>
Probabilidade	quão provável?	provavelmente, possivelmente, certamente, talvez
Habitualidade	quão freqüente?	às vezes, sempre, nunca, freqüentemente, raramente
Tipicalidade	quão típico?	ocasionalmente, geralmente, regularmente
Obviedade	quão óbvio?	naturalmente, obviamente, claramente
Opinião	Acho	em minha opinião, pessoalmente
Admissão	Admito	francamente, sinceramente, para lhe dizer a verdade
Persuasão	Garanto a você	honestamente, realmente, com seriedade
Requerimento	Peço-lhe	por favor
Presunção	Presumo	evidentemente, aparentemente, presumivelmente
“Desejabilidade”	quão desejável?	(in)felizmente, para meu deleite, esperançosamente
“Fidedignidade”	quão confiável?	provisoriamente, primeiramente
Validação	quão válido?	em geral, como um todo, estritamente falando, em princípio
Avaliação	quão sensato?	(im)prudentemente, compreensivelmente
Previsão	quão esperado?	surpreendentemente, como esperado, por acaso

⁴ Há ainda os adjuntos circunstanciais, que participam do conteúdo experiencial da oração, e os adjuntos textuais, que participam da organização da mensagem.

Os adjuntos modais podem ser de modo (a) ou de comentário (b), sendo que os adjuntos modais de modo podem ser relacionar à polaridade, à modalidade, à temporalidade e ao próprio modo oracional (Halliday, 1994:82-83).

(a) Caçula *só* tem privilégio!

(*Atrevida*. ANO XII, Nº 129, p.118)

A descoberta de uma teoria unificada e completa, portanto, *talvez* não ajude a sobrevivência de nossa espécie.

Qualquer teoria física é *sempre* provisória, no sentido de que não passa de uma hipótese: não pode ser comprovada jamais.

(Hawking. *Uma breve história do tempo*. 2000)

(b) *Infelizmente*, entretanto, sabe-se que estas duas teorias são incompatíveis entre si; não podem ser ambas corretas.

(Hawking. *Uma breve história do tempo*. 2000)

Francamente, nossos condutores são gente muito simples.

(Revista *Veja*. Edição 1895 – ano 38 – nº 10 – 9 de março de 2005)

Neste ponto, há uma divergência entre Eggins (1994) e Butt et al. (2000). Este último considera que os adjuntos modais de comentário afeta o argumento da proposição e, por isso, insere-se no modo oracional. Já Eggins (1994:166-167) considera que os adjuntos modais de modo atuam diretamente sobre o modo oracional e, por isso, inserem-se nele, o que não ocorre com os adjuntos modais de comentário, que incidem sobre toda a oração e, conseqüentemente, não se inserem nem no modo oracional nem no resíduo, estão à parte, assim como os vocativos.

Já a modulação, relacionada ao intercâmbio de bens e serviços, opera-se em escalas de obrigatoriedade e inclinação. O grau de obrigatoriedade manifesta-se por meio de finitos modais (e.g. *You must be patient!*) e do predicador (quando em voz passiva, e.g., *You're required to be patient!*) ao passo que o grau de inclinação manifesta-se por meio de finitos modais (e.g., *I must win!*) e de predicadores adjetivos (e.g., *I'm determined to win!*). Deste modo, a obrigatoriedade relaciona-se às ordens que são dadas e a inclinação refere-se às ofertas que são feitas. (Halliday, 1994:90-91).

Como estratégia de interação, por exemplo, o usuário da linguagem, por vezes, escolhe uma forma mais polida e amena do que a imperativa, como as formas declarativas e interrogativas, utilizando um finito modal para expressar obrigatoriedade.

- Numa CPI, a senhora *falaria*.
- Se eu for convidada, com todo o prazer.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69625.shtml>)

Segundo Halliday (1994:184), há epítetos (como, por exemplo, *splendid*, *silly*, *fantastic*) que expressam a atitude subjetiva do falante e, portanto, são considerados elementos interpessoais do grupo nominal. De acordo com o teórico, os epítetos atitudinais diferem-se dos epítetos experienciais (relativos à metafunção ideacional) no sentido que estes últimos muitas vezes identificam os participantes aos quais se referem enquanto que os primeiros não os identificam.

Há ainda a metáfora gramatical interpessoal que se trata, e.g., de uma oração projetante centrada em um processo mental funcionando como adjunto modal.

Mas *eu acho* que veio à tona uma coisa que mais cedo ou mais tarde ia explodir.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69625.shtml>)

No exemplo acima, a oração projetante “eu acho”, composta pelo experienciador “eu” ligado ao processo mental “acho”, resulta em um adjunto modal, i.e., “Na minha opinião”, quando analisada sob uma perspectiva metafórica da linguagem.

De acordo com Hunston e Thompson (2003), a metafunção interpessoal não considera a modalidade e o significado atitudinal juntamente. Respeitando a afirmação destes autores, mas relativizando a mesma, podemos pensar que a metafunção interpessoal realmente não objetiva a consideração conjunta da modalidade e do significado atitudinal. Entretanto, ela oferece o instrumental necessário para que estas instâncias sejam analisadas concomitantemente.

Na próxima seção, apresentaremos a metodologia empregada para fins de análise.

3. Metodologia

O corpus é constituído por duas propagandas turísticas institucionais, uma emitida pela Prefeitura de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e a outra pelo Governo do Estado de Minas Gerais, Brasil e foram extraídas da *Revista Encontro*, edição Janeiro/2004. As propagandas encontram-se digitadas em dois quadros (Quadro 10; Quadro 11) na próxima seção intitulada *Uma pequena análise baseada na metafunção interpessoal*. Elas foram digitadas devido à sua pequena dimensão.

As categorias seguintes foram aplicadas ao corpus, que foi transposto para duas planilhas (uma para cada propaganda) do programa *Excel* da plataforma *Windows* a fim de organizar melhor a classificação e, após esta etapa, tais planilhas foram convertidas para Tabelas do programa *Word* referente à mesma plataforma. Devido à pequena proporção dos textos, a coleta dos dados quantitativos foi feita manualmente. Vejamos, então, as categorias selecionadas e utilizadas.

- ♦ Classificação e, posterior quantificação, de proposições (informação) e de propostas (bens e serviços), levando-se em conta se elas estavam solicitando (informação ou bens e serviços) ou fornecendo (informação ou bens e serviços). Para tal empreendimento, foram examinadas as orações independentes em detrimento das dependentes, pois estas últimas, como atesta Halliday (1994), podem ser desconsideradas em uma análise em função de sua posição hierárquica em relação às primeiras. Ademais, os absolutos, estruturas desprovidas de modo oracional, i.e., que não possuem sujeito gramatical e finito, também foram analisados por contribuírem para a tessitura do texto (Halliday, 1994);

- ♦ Classificação e, posterior quantificação, dos adjuntos modais conforme diagrama proposto por Halliday e Matthiessen (2004:128), incluindo também os adjuntos modais de polaridade negativa (e.g. *não*);

- ♦ Classificação e, posterior quantificação, da interpessoalidade em itens lexicais exceto os finitos modais e os adjuntos modais. Para tal classificação, utilizamos dois parâmetros relativos ao conceito de avaliação de Hunston e Thompson (2003). Esse termo amplo avaliação refere-se à opção destes autores em considerarem a modalidade e o significado atitudinal concomitantemente e pode ser definido como a caracterização da expressão da atitude, do ponto de vista, dos sentimentos do escritor e/ou falante. Os dois parâmetros selecionados foram o de julgamento de valor (doravante PJV) e o de

importância (doravante PI). O primeiro diz respeito à possibilidade de o item lexical apresentar uma conotação positiva ou negativa dentro da oração. Já o segundo refere-se ao valor de importância/relevância expresso interpessoalmente pelo item lexical. Quando houve sobreposição destes dois parâmetros nos itens lexicais, i.e., um item lexical exprimiu de maneira ambígua os dois parâmetros ou estes dois parâmetros se manifestaram em itens lexicais diferentes em um mesmo grupo (nominal e/ou verbal), classificamos tais casos como “ambos parâmetros” (doravante AP).

Na seção seguinte, teremos a oportunidade de verificar como a metodologia aqui empregada resultou em dados quantitativos analisados com vistas a uma análise qualitativo-discursiva do ponto de vista da metafunção interpessoal no corpus mencionado.

4. Uma pequena análise baseada na metafunção interpessoal

Nesta seção, a caracterização da interpessoalidade nas duas propagandas é feita com vistas a estabelecer em que pontos as mesmas se convergem e se divergem, tendo em mente que ambas são produzidas por instituições governamentais com propósitos distintos que não deixam de ser de interesse para a população em geral.

A seguir, os dois quadros (um referente à propaganda de Prefeitura de Belo Horizonte (Quadro 10) e o outro à propaganda do Governo do Estado de Minas Gerais (Quadro 11)) reúnem toda a classificação a partir das categorias propostas na seção de Metodologia. Neste momento, cabe explicar a estrutura de tais quadros.

A primeira coluna (cujo título é *Texto*) refere-se ao texto organizado de acordo com os períodos. Nela, as orações independentes estão dispostas em linhas diferentes e as quebras de parágrafos são indicadas por uma linha (cuja altura é menor do que a das outras) totalmente em branco.

A segunda coluna (cujo título é *Proposições / Propostas*) relaciona-se à classificação das proposições e das propostas (que tipo de bem (*commodity*) é intercambiado → informação ou bens e serviços; qual é o papel no intercâmbio → o de fornecer ou solicitar) segundo os períodos. Nesta coluna, os absolutos são representados por meio de um traço pequeno (-).

A terceira coluna (cujo título é *Adjuntos Modais*) apresenta a classificação dos adjuntos modais, cuja referência - um asterisco entre parênteses (*) - tem por objetivo facilitar sua localização no texto (em itálico e sublinhado). Ainda nesta coluna, as abreviações, Intens., Temp. e Polar., referem-se respectivamente aos adjuntos modais de intensidade, polaridade e temporalidade.

A quarta coluna (cujo título é *Interpessoalidade em itens lexicais*) nos remete à classificação da interpessoalidade em itens lexicais que estão marcados em itálico na primeira coluna, tendo como referência os números entre parênteses, e.g. (1), remetendo aos itens em itálico na coluna *Texto*; e a classificação das categorias abreviadas PJV (parâmetro de julgamento de valor); PI (parâmetro de importância); e AP (“ambos parâmetros”, quando houve o consenso dos autores de que as duas primeiras categorias se sobrepuseram em alguns itens lexicais (cf. Seção de Metodologia)).

Em seguida, o Quadro 10 mostra a classificação sob a perspectiva da metafunção interpessoal da propaganda concernente à Prefeitura de Belo Horizonte.

Quadro 10: Proposições/Propostas, Adjuntos Modais e itens lexicais na propaganda da PBH

Texto	Proposições / Propostas		Adjuntos Modais		Interpessoalidade em itens lexicais	
	Bens	Papéis no intercâmbio	Ref.	Clas.	Ref.	Clas.
Nos 106 anos de BH, a Prefeitura dá mais <i>um presente para todos</i> (1).	info	fornec.	-	-	(1)	AP
<i>Pampulha para Todos</i> (2).	-	-	-	-	(2)	PI
<i>Nova</i> (3) orla da lagoa.	-	-	-	-	(3)	PJV
<i>Mais um grande passo</i> (4) para a <i>recuperação</i> (5) da Pampulha.	-	-	-	-	(4) (5)	PI PJV
A prefeitura de Belo Horizonte <i>comemora</i> (6) o aniversário da cidade com a entrega de <i>mais uma importante</i> (7) etapa das obras de <i>recuperação</i> (8) da Pampulha: a orla da lagoa <i>totalmente</i> (*) <i>revitalizada</i> (9).	info	fornec.	(*)	Intens.	(6) (7) (8) (9)	PJV PI PJV PJV
Como parte do programa <i>Pampulha para Todos</i> (10), que tem o objetivo de <i>recuperar</i> (11) um dos <i>mais importantes</i> (12) patrimônios da cidade, o entorno da lagoa recebeu <i>nova</i> (13) pista de caminhada, ciclovia, rotatórias, <i>novo</i> (14) paisagismo e urbanização, mirantes e sinalização turística.	info	fornec.	-	-	(10) (11) (12) (13) (14)	PI PJV PI PJV PJV
Além de ser um dos nossos <i>mais importantes</i> (15) pontos turísticos, a Pampulha é uma <i>referência</i> (16) histórica, arquitetônica, e	info	fornec.	-	-	(15) (16) (17)	PI PI PI

Texto	Proposições / Propostas		Adjuntos Modais		Interpessoalidade em itens lexicais	
	Bens	Papéis no intercâmbio	Ref.	Clas.	Ref.	Clas.
<i>cultural para toda a população</i> (17).						
A Prefeitura, através de diversas parcerias, <i>já</i> (*) concluiu <i>importantes etapas</i> (18) do programa, como a construção do vertedouro, unidade de <i>tratamento</i> (19) de água, da <i>canalização de córregos</i> (20), a <i>reforma</i> (21) da casa do baile e o <i>projeto de recuperação</i> (22) da Igreja de São Francisco de Assis, entre outros.	info	fornec.	(*)	Temp.	(18) (19) (20) (21) (22)	PI PJV PJV PJV PJV
E a cidade <i>não</i> (*) pára.	info	fornec.	(*)	Polar.	-	
A Prefeitura <i>continua trabalhando</i> (23) também em <i>todas as regiões</i> (24), com diversas obras e ações sociais(25) que <i>beneficiam</i> (26) <i>toda a população</i> (27).	info	fornec.	-	-	(23) (24) (25) (26) (27)	AP PI PI PJV PI
Outro exemplo é o Centro Vivo: <i>um amplo programa de revitalização</i> (28) de <i>toda a área central</i> (29) da cidade, que <i>promove</i> (30) a <i>recuperação</i> (31) da arquitetura, da cultura, do lazer, da segurança, de <i>toda a atividade comercial</i> (32) e, <i>principalmente</i> (*), da <i>qualidade de vida</i> (33).	info	fornec.	(*)	Intens.	(28) (29) (30) (31) (32) (33)	PJV PI PJV PJV PI PJV
É assim que a gente comemora os 106 anos de BH.	info	fornec.	-	-		
Construindo uma cidade <i>para todos</i> (34).	-	-	-	-	(34)	PI
Em Belo Horizonte, o futuro <i>já</i> (*) começou.	info	fornec.	(*)	Temp.		
PREFEITURA DE BH – TRABALHO PELA VIDA	-	-	-	-		

Já o Quadro 11, logo a seguir, mostra a classificação sob a mesma perspectiva da propaganda relativa ao Governo do Estado de Minas Gerais.

Quadro 11: Proposições/Propostas, Adjuntos Modais e itens lexicais na propaganda da GEMG

Texto	Proposições / Propostas		Adjuntos Modais		Interpessoalidade em itens lexicais	
	Bens	Papéis no intercâmbio	Ref.	Clas.	Ref.	Clas.
<i>Tem liberdade</i> (1) <i>até</i> (*) na bandeira, [...]	Info.	fornec.	(*)	Intens.	(1)	PJV
[...] <i>imagina na natureza</i> (2).	bens e serviços	solic.	-		(2)	AP
<i>Natureza</i> (3), <i>aventura</i> (4) e <i>emoção</i> (5).	-	-	-		(3) (4) (5)	PJV PJV PJV
Assim é Minas.	Info.	fornec.	-			
Cheia de <i>surpresas</i> (6), montanhas, grutas, cachoeiras, rios e muita história para contar.	-	-	-		(6)	PJV

Texto	Proposições / Propostas		Adjuntos Modais		Interpessoalidade em itens lexicais	
	Bens	Papéis no intercâmbio	Ref.	Clas.	Ref.	Clas.
Conheça [...]	bens e serviços	solic.	-			
[...] e <i>aproveite</i> (7) o que a vida tem de <i>melhor</i> (8).	bens e serviços	solic.	-		(7) (8)	PJV PJV
Faça ecoturismo e turismo de <i>aventura</i> (9) em Minas.	bens e serviços	solic.	-		(9)	PJV
E sinta um <i>gostinho de liberdade</i> (10) que <i>só</i> (*) aqui tem.	bens e serviços	solic.	(*)	Intens.	(10)	PJV
<Informações turísticas: (31) 3272.8567 ou www.descubraminas.com.br >	-	-	-			
MINAS GERAIS – GOVERNO DO ESTADO – TURISMO – Construindo um <i>novo</i> (11) tempo.	-	-	-		(11)	PJV

Cumpramos salientar que, a partir destes dois quadros, fizemos a quantificação das categorias (exposta nas tabelas seguintes), tendo em vista uma análise qualitativo-discursiva. As propagandas são abreviadas da seguinte forma: PBH (Prefeitura de Belo Horizonte) e GEMG (Governo do Estado de Minas Gerais).

Primeiramente, a Tabela 1 mostra a quantificação das proposições e propostas.

Tabela 1: Número de proposições e propostas das propagandas

Propagandas	Proposições	Propostas
PBH	10	-
GEMG	2	5
TOTAL	12	5

Observando a Tabela 1, percebemos que a propaganda da PBH apresenta somente proposições (10 ocorrências). Talvez isso se deve ao fato de esta propaganda possuir uma natureza factual, i.e., devido ao seu teor turístico, ela é um veículo que se presta a informar a seus leitores sobre a renovação de um ponto turístico na cidade de Belo Horizonte, a orla da lagoa. Assim, ao mesmo tempo em que divulga esse ponto turístico, essa propaganda parece também destacar as melhorias no mesmo, o que aponta para a tensão e conflitos de vozes dentro deste texto (mais detalhes sobre esta questão, cf. Fairclough, 2003).

Observe o seguinte trecho retirado desta propaganda.

Como parte do programa Pampulha para Todos, que tem o objetivo de recuperar um dos mais importantes patrimônios da cidade, o entorno da lagoa recebeu nova pista de caminhada, ciclovia, rotatórias, novo paisagismo e urbanização, mirantes e sinalização turística. Além de ser um dos nossos mais importantes pontos turísticos, a Pampulha é uma referência histórica, arquitetônica, e cultural para toda a população. *(PBH)*

Neste trecho, são realçados os empreendimentos feitos pela Prefeitura de Belo Horizonte em prol da orla da lagoa da Pampulha e a importância desta região (Pampulha) para toda população. Como esta obra foi realizada em uma determinada região, que é turística, a propaganda “quer” que acreditemos que, devido à importância da Pampulha, esta obra beneficiará a população em geral, o que não é verdade, pois ela é muito mais direcionada aos moradores da região do que à toda a população, sendo que os cidadãos, que não frequentam a região, em princípio não usufruiriam as melhorias mencionadas.

O que se observa neste trecho, então, é o uso do discurso turístico a serviço do discurso sócio-político. Relativizando nossa análise, concordamos que uma região turística - como a Pampulha, por exemplo - deve estar bem preservada para que os turistas, as gerações atuais e as futuras tenham acesso à memória cultural da cidade, mas, considerando a existência de regiões em situação mais precária do que aquela e que necessitariam, portanto, de obras mais imediatas, podemos dizer que a proposição tenta utilizar o discurso turístico com fins sócio-políticos.

Considerando ainda a Tabela 1, vemos que a propaganda do GEMG apresenta mais propostas (5 ocorrências) que proposições (2 ocorrências). Essa frequência maior de propostas relaciona-se ao fato de que na propaganda do GEMG o discurso turístico é o dominante, uma vez que tais propostas (representadas pelo modo imperativo) funcionam como convites para que turistas visitem e usufruem os vários pontos turísticos do Estado de Minas Gerais, não havendo menção à realização de obras sociais.

Vejamos um exemplo desta propaganda em que há propostas.

Conheça e aproveite o que a vida tem de melhor. *(GEMG)*

Os processos no modo imperativo “Conheça” e “aproveite” não são tão assertivos no sentido de “dar ordens”, pois sua função relaciona-se mais à persuasão, à sugestão. Se considerarmos o restante da oração, na qual “vida” é uma referência indireta ao Estado de Minas Gerais, percebemos que visitar este Estado é um bom motivo para conhecer e aproveitar seus recursos turísticos, já que ele apresenta o que há de melhor.

Considere o período em seguida no qual há uma proposição e uma proposta.

Tem liberdade até na bandeira, imagina na natureza. (*GEMG*)

A primeira oração deste período “Tem liberdade até na bandeira” é uma proposição que apresenta a elipse do grupo nominal “O Estado de Minas Gerais”. Refere-se à inscrição em latim na bandeira deste Estado “Libertas Quae Sera Tamen” que diz respeito à liberdade. Com essa implicatura relativa à liberdade no sentido histórico-cultural e político, é feita a proposta na oração seguinte “imagina na natureza”, i.e., é quase irrefutável que a liberdade, além de estar presente na bandeira deste Estado, está presente também na natureza, a atração turística em foco nesta propaganda.

A Tabela 2 relaciona-se à quantificação de bens (*commodities*) e papéis no intercâmbio destes bens nas propagandas.

Tabela 2: Quantificação de bens (*commodities*) e papéis no intercâmbio nas propagandas

Bem/Papel no intercâmbio	PBH	GEMG
Informação/fornecendo	10	2
Informação/solicitando	-	-
Bens e serviços/fornecendo	-	-
Bens e serviços/solicitando	-	5
TOTAL	10	7

A propaganda da PBH possui somente informações sendo fornecidas devido ao fato de que seu propósito é utilizar-se da divulgação de um ponto turístico de Belo Horizonte, a orla da lagoa da Pampulha, para comunicar a realização das obras sociais nesta região aos seus habitantes.

Observe a seguinte informação sendo fornecida por esta propaganda.

A prefeitura de Belo Horizonte comemora o aniversário da cidade com a entrega de mais uma importante etapa das obras de recuperação da Pampulha: a orla da lagoa totalmente revitalizada. (*PBH*)

Essa informação nos diz que foi entregue “mais uma importante etapa das obras de recuperação da Pampulha”, o que indica que as obras ainda estão em andamento. O restante do período “a orla da lagoa total revitalizada”, entretanto, nos dá a impressão de que essa “importante etapa” contribui imensuravelmente para a “revitalização total” da orla da lagoa. Percebe-se nesta proposição que o fornecimento da informação é articulado

para que o leitor “se impressione” com a “etapa importante” das obras de recuperação da Pampulha que até a deixou “totalmente revitalizada”.

Apesar da diferença de tamanho entre os textos, sendo que a propaganda da PBH é maior, já que tem períodos bem mais longos do que a propaganda do GEMG, esta última possui somente três ocorrências a menos de bens (*commodities*) (5 “bens e serviços” e 2 “informações”) em relação à primeira, o que revela uma relativa proporção dos dados sob este ponto de vista.

Na propaganda da GEMG, vemos que o predomínio de bens e serviços relaciona-se ao propósito da mesma em “persuadir”, “sugerir” as pessoas a visitarem as atrações turísticas de Minas Gerais, como anteriormente mencionado. Pelo fato desta “persuasão”, desta “sugestão” operar por meio da solicitação de bens e serviços, elas se dão através do modo imperativo dos processos.

Vejamos a proposta a seguir:

E sinta um gostinho de liberdade que só aqui tem. (*GEMG*)

O papel de solicitação no intercâmbio de bens e serviços na proposta acima sugere que a liberdade, assunto freqüente nesta propaganda, i.e., seu gostinho, é somente alcançado para aqueles que visitam o Estado de Minas Gerais.

A Tabela 3 refere-se à freqüência de absolutos nas propagandas.

Tabela 3: Freqüência de absolutos nas propagandas

	PBH	GEMG
Absolutos	5	4

Segundo Butt et al. (2000), os absolutos (Halliday, 1994), por não apresentarem modo oracional, não são passíveis de serem contestados. Ao observarmos a Tabela 3, percebemos que a presença desta estrutura é um pouco maior na propaganda da PBH (5 ocorrências) em comparação à propaganda do GEMG (4 ocorrências). A freqüência de absolutos nas duas propagandas está muito equilibrada, mas cumpre indicar que os mesmos servem a propósitos distintos em cada uma delas.

Considere a seguir um exemplo de absoluto na propaganda da PBH:

Construindo uma cidade para todos. (*PBH*)

Este exemplo é um absoluto por apresentar uma forma não-finita (“Construindo”) e por não ser possível a recuperação imediata do finito. Este absoluto não permite, sob uma perspectiva lingüística, que contestemos o conteúdo social que permeia a propaganda.

Em seguida, um exemplo de absoluto na propaganda do GEMG:

MINAS GERAIS – GOVERNO DO ESTADO – TURISMO –
Construindo um novo tempo. (*GEMG*)

Com a mesma forma não-finita do exemplo anterior (“Construindo”), este absoluto mostra um conteúdo diferente do absoluto da propaganda da PBH: “construir” neste absoluto da propaganda do GEMG está mais atrelado com a “renovação” (“novo tempo”) do turismo em Minas Gerais do que com a questão social propriamente dita.

Com essa breve análise, podemos perceber que a propaganda da PBH apresenta um conflito dos discursos turístico e sócio-político enquanto que a propaganda do GEMG prioriza o discurso turístico.

Neste momento, analisaremos os adjuntos modais nas duas propagandas.

A Tabela 4 relaciona-se à classificação de adjuntos modais nas propagandas.

Tabela 4: Frequência de adjuntos modais nas propagandas

Adjuntos Modais	PBH	GEMG
Intensidade	2	2
Polaridade	1	-
Temporalidade	2	-
TOTAL	5	2

De acordo com Eggins (1994:166), os adjuntos modais são constituintes que adicionam significados interpessoais à oração, i.e., acrescentam alguma qualificação aos elementos do modo oracional. Assim, tais adjuntos não apresentam relevância para o significado experiencial das proposições, pois eles apenas modificam, conferem uma perspectiva ao argumento expresso no modo oracional.

Na propaganda da PBH, encontramos cinco ocorrências de adjuntos modais: “totalmente”, “já”, “não”, “principalmente” e novamente “já”, como pode ser visto pela

Tabela 4. Estes adjuntos caracterizam uma interferência do falante enaltecendo, sob algum aspecto, as medidas tomadas pela Prefeitura.

Vejamos cada um dos exemplos com adjuntos modais na propaganda da PBH em itálico.

A prefeitura de Belo Horizonte comemora o aniversário da cidade com a entrega de mais uma importante etapa das obras de recuperação da Pampulha: a orla da lagoa *totalmente* revitalizada. (PBH)

A Prefeitura, através de diversas parcerias, *já* concluiu importantes etapas do programa, como a construção do vertedouro, unidade de tratamento de água, da canalização de córregos, a reforma da casa do baile e o projeto de recuperação da Igreja de São Francisco de Assis, entre outros. (PBH)

E a cidade *não pára*. (PBH)

Outro exemplo é o Centro Vivo: um amplo programa de revitalização de toda a área central da cidade, que promove a recuperação da arquitetura, da cultura, do lazer, da segurança, de toda a atividade comercial e, *principalmente*, da qualidade de vida. (PBH)

Em Belo Horizonte, o futuro *já* começou. (PBH)

O primeiro, “totalmente”, expressando intensidade, confere uma completude à obra realizada na lagoa da Pampulha, ou seja, em todos os aspectos o estado da lagoa foi melhorado. O adjunto modal “já”, que expressa temporalidade, em ambas ocorrências enfatiza o caráter urgente das ações da administração municipal, i.e., o ritmo com que ela desenvolve os seus projetos. Tal perspectiva é endossada pela presença do adjunto modal de polaridade negativa “não” acompanhado do processo “pára” que, nesse caso, privilegia a dinâmica em que funciona a cidade. Há ainda um enfoque no caráter social das realizações da Prefeitura, o qual naturalmente perpassa toda a propaganda e é evidenciado por meio do adjunto modal de intensidade “principalmente”.

Assim, notamos que a presença dos adjuntos modais nesta propaganda privilegiou a inserção de favoráveis perspectivas do falante sobre a informação veiculada ressaltando, sobretudo, a eficácia e a abrangência das obras que estão sendo executadas pela Prefeitura.

Como pode ser observado na Tabela 4, a propaganda do GEMG, por sua vez, apresenta apenas dois adjuntos modais, ambos expressando intensidade. A seguir, consideremos os dois exemplos nos quais eles estão presentes (em itálico).

Tem liberdade *até* na bandeira, (...) (*GEMG*)

E sinta um gostinho de liberdade que *só* aqui tem. (*GEMG*)

Podemos dizer que “até” consiste em um adjunto modal que opera em função de um potencial expansivo. Por exemplo, em “Tem liberdade até na bandeira”, podemos admitir que a liberdade expandiu, se estendeu do seu lugar comum e alcançou até a bandeira. Portanto, nesse percurso ela atingiu a natureza, a qual se encontra entre o lugar comum da liberdade e a bandeira, o seu ponto máximo. Por outro lado, o adjunto modal “só” caracteriza-se por seu caráter restritivo, aqui valorizando uma peculiaridade de Minas Gerais. Assim, podemos considerar que os adjuntos modais “até” e “só”, embora apresentem âmbitos relativamente opostos no que tange à ampliação e à restrição, respectivamente, ambos destacam aspectos exclusivos de Minas Gerais.

Portanto, notamos que os adjuntos modais fazem parte do conteúdo interpessoal da oração, uma vez que manifestam o posicionamento do falante, “monitorando” a emissão/recepção da informação ou dos bens e serviços.

Em seguida, trataremos da interpeçoalidade em itens lexicais.

Como mencionado na metodologia deste trabalho, classificamos, em ambos textos, os itens lexicais que apresentam uma carga interpessoal mais proeminente de acordo com dois dos parâmetros de avaliação de Hunston e Thompson (2003) e indicamos a classificação feita nos Quadros 10 e 11.

A seguir, na Tabela 5, mostramos a quantificação destes itens a partir dos parâmetros considerados (PJV → parâmetro de julgamento de valor; PI → parâmetro de importância e AP → ambos parâmetros).

Tabela 5: Interpeçoalidade em itens lexicais

	Parâmetro de Julgamento de Valor	Parâmetro de Importância	Ambos Parâmetros	Total
PBH	17	14	2	33
GEMG	10	0	1	11

Na Tabela 5, podemos ver que o texto da PBH tende a utilizar um número maior de itens lexicais com carga interpessoal do que o texto do GEMG, sem privilegiar grandemente a utilização de itens que indicam julgamento de valor ou de importância - o que pode ser visto no equilíbrio numérico destes itens: enquanto 17 itens foram classificados na primeira categoria, 14 itens foram classificados na segunda.

Observemos o seguinte exemplo com os itens lexicais em itálico.

Pampulha para Todos. Nova orla da lagoa. Mais um grande passo para a recuperação da Pampulha. (PBH)

Neste exemplo, a interpessoalidade em itens lexicais alterna entre o PJV e o PI. O parâmetro de julgamento de valor está presente nos itens lexicais “Nova” e “recuperação”, que apresentam uma prosódia semântica positiva, condizente com os bons resultados da obra que está sendo feita na orla da lagoa da Pampulha. Já o parâmetro de importância manifesta-se, neste exemplo, através do grupo preposicionado “para Todos” e do grupo nominal “Mais um grande passo”, grupos que expressam as proporções desta obra, tendo em vista a relevância da mesma para a cidade de Belo Horizonte.

O texto do GEMG, por outro lado, privilegia visivelmente a utilização de itens lexicais que exprimem julgamento de valor com conotações positivas, o que pode indicar que este texto tende a se posicionar mais fortemente em relação à mensagem que apresenta.

Considere o exemplo a seguir em que os itens lexicais estão em itálico.

Natureza, aventura e emoção. (GEMG)

Este exemplo é um absoluto permeado de interpessoalidade em seus itens lexicais. Mesmo que essa estrutura não possa ser contestada, ela desempenha aqui um papel fundamental na interpessoalidade em questão. Os três itens lexicais presentes neste absoluto “Natureza”, “aventura” e “emoção” pertencem ao parâmetro de julgamento de valor e apresentam uma prosódia semântica bastante positiva. Isso se deve ao fato de que esses itens lexicais, pelo seu conteúdo positivo, funcionarem como um atrativo a mais para aqueles que por acaso queiram visitar Minas Gerais.

Apesar de os casos que foram classificados como limítrofes, indicando tanto um julgamento de valor quanto um julgamento de importância, não terem sido tão frequentes, é útil explicá-los em função de seu hibridismo. Há apenas dois casos no texto da PBH e

um caso no do GEMG. Vejamos os exemplos nos quais a categoria AP foi considerada (em itálico) na propaganda da PBH.

Nos 106 anos de BH, a Prefeitura dá mais *um presente para todos*. (PBH)

A Prefeitura *continua trabalhando* também em todas as regiões, com diversas obras e ações sociais que beneficiam toda a população. (PBH)

No primeiro exemplo, o grupo nominal “um presente para todos” foi considerado uma categoria de AP, pois o núcleo deste grupo “um presente” apresenta um julgamento de valor positivo ao passo que o grupo preposicionado, que está dentro do grupo nominal, “para todos” relaciona-se ao parâmetro de importância. Esse grupo nominal refere-se à obra (“um presente”), cuja relevância estende aos belo-horizontinos em grande escala (“para todos”).

No segundo exemplo, o grupo verbal “continua trabalhando” agrega ao mesmo tempo tanto o julgamento de valor quanto o de importância por indicar que a Prefeitura de Belo Horizonte dá continuidade aos seus trabalhos em prol da população e essa continuidade apresenta um caráter tanto positivo quanto importante para os belo-horizontinos em geral.

Considere a única instância de AP na propaganda do GEMG (em itálico).

Tem liberdade até na bandeira, imagina na *natureza*. (GEMG)

O item lexical “natureza” está dentro de um grupo preposicionado que indica uma circunstância de localização. Este item possui “ambos parâmetros” em função do grupo verbal “imagina” que influencia “natureza” no que tange ao fato de que, por esse grupo verbal retomar a condição de liberdade que a natureza também tem, ela acaba apresentando uma prosódia semântica positiva e adquirindo importância para os leitores da propaganda, pois torna-se um ponto turístico bastante atrativo.

Assim, estruturas de avaliação híbridas como a de “ambos parâmetros” mostram como os usuários da linguagem demonstram seu posicionamento, sua atitude diante de algo que consideram ser tanto positivo quanto importante a partir de seu ponto de vista e, muitas vezes, a partir do ponto de vista daqueles com quem eles estão interagindo.

Na seção seguinte, a partir dos dados quantitativos e qualitativo-discursivos obtidos através da nossa análise, apresentamos as considerações finais deste artigo.

5. Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos a metafunção interpessoal da linguagem e um breve estudo baseado em suas categorias. Ao realizarmos a nossa análise, mapeamos as proposições e as propostas, i.e., o tipo de bem (*commodity*) que estava sendo intercambiado, informações e bens e serviços, respectivamente; observamos ainda se o tipo de bem estava sendo solicitado ou fornecido. Além disso, consideramos os adjuntos modais e a proeminência interpessoal de determinados itens lexicais. Ao efetuarmos tal estudo, tivemos como objetivo exibir uma amostra de aplicação da metafunção interpessoal, traçando o perfil de duas propagandas concebidas por instituições governamentais.

Percebemos que, no texto da PBH, prevalecem as proposições, há apenas fornecimento de informações; os adjuntos modais de intensidade e de temporalidade apresentam-se igualmente expressivos; assim como os itens lexicais de julgamento de valor positivo e de importância. Tais resultados, extraídos dos elementos interpessoais do texto, revelam o seu caráter político, um propósito de fazer uma prestação de contas acerca das realizações da Prefeitura, e evidenciam os recursos utilizados para enaltecer o trabalho do governo municipal, procurando garantir o apoio social.

Já no texto do GEMG, encontramos um predomínio de propostas, de solicitação de bens e serviços; a ocorrência de adjuntos modais expressando intensidade; e a presença de interpessoalidade nos itens lexicais destinada apenas ao julgamento valor, o qual, naturalmente, é positivo. Tais constatações mostram-se condizentes com o fato de estarmos diante de um texto que pretende incentivar o turismo no Estado de Minas Gerais.

Assim, tendo em vista que o nosso corpus é composto por textos do gênero propaganda institucional, notamos que uma análise respaldada na metafunção interpessoal da linguagem revela-se consideravelmente produtiva, uma vez que as categorias previstas por tal metafunção evidenciam os recursos lingüísticos utilizados

pelo falante a fim de configurar o seu discurso de maneira satisfatória, por exemplo, de acordo com a proposta do gênero do discurso em que o seu texto está inserido.

Referências Bibliográficas

Assis, Diego. Artistas criam salão de humor para HQs engraçados. *Folha de São Paulo*, 20 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51442.shtml>>. Acesso em: 20 de junho de 2005.

Assis, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

Assis, Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

Assis, Machado de. Na arca. In: ASSIS, M. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

Assis, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1992.

Barbara, Leila; Gouveia, Carlos. Tema e estrutura temática em PE e PB: um estudo contrastivo das traduções portuguesa e brasileira de um original inglês. *Direct Papers* 48, PUC-SP and University of Liverpool, 2003.

Bergamo, Mônica. Deputada tucana diz que recebeu proposta de dinheiro de partido aliado. *Folha de São Paulo*, 20 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69625.shtml>>. Acesso em: 20 de junho de 2005.

Butt, David et al. *Using Functional Grammar: an explorer's guide*. 2nd ed. Sydney: Macquarie University, 2000.

Capa. Revista *Atrévada*. São Paulo, ANO XII, Nº 129.

Condutores. Revista *Veja*, São Paulo, Edição 1895, Ano 38, nº 10, 9 de março de 2005.

Downing, Angela. An alternative approach to theme: A systemic-functional perspective. *Word*, New York, v. 42, nº 2, 1991. p. 119-143.

Eggins, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. London and New York: Continuum, 1994.

Fairclough, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

Guimarães, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1998.

Halliday, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 1st ed. London: Edward Arnold, 1985.

Halliday, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

Halliday, Michael Alexander Kirkwood; Matthiessen Christian. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

Hawking, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Hunston, Susan; Thompson, Geoff. Evaluation: An Introduction. In: Hunston, Susan; Thompson, Geoff. (Eds.) *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: OUP, 2003. p. 1-27.

Matérias diversas. Revista *Atrevida*. São Paulo, ANO XII, Nº 129, p. 3, 118, 119.

Minas Gerais/Governo do Estado/Turismo. Tem liberdade até na bandeira, imagina na natureza.

Revista Encontro, Belo Horizonte, Ano II, Nº 23, Janeiro de 2004. p.131.

Prefeitura – BH. Nova orla da lagoa. *Revista Encontro*, Belo Horizonte, Ano II, Nº 23, Janeiro de 2004. p. 62.

Rodrigues, Roberta Rego. *A organização temática em A hora da estrela e The hour of the star*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

ABORDAGENS DISCURSIVAS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Adail Sebastião Rodrigues Júnior
Universidade Federal de Ouro Preto
Brasil

ail.sebastiao@terra.com.br

<http://paginas.terra.com.br/educacao/adailjr>

Abstract

The main aim of this essay is to present the discursive approaches to Translation Studies (TS) as a well-established field of inquiry about translation phenomena. The term ‘discourse’ itself, however, has been considered a contentious one given its multitude of uses without a clear conceptualization as to whether its use and application privilege a more linguistic orientation or a more sociologically and culturally trend to the study of language. The essay, therefore, briefly discusses what counts as ‘discursive’ in TS by introducing the reader to the principal theories that advocate an essentially ‘discursive turn’ in orientation. After that, the essay explores in depth Systemic-Functional Linguistics as a foundational approach to the study of translation. Finally, the essay brings in the advantages of such an approach and, in the end, invites TS theoreticians to give special attention to the uses of the term ‘discourse’ within their investigations.

Key words

Translation Studies; Discursive Approaches to Translation Studies; Discourse; Systemic-functional Linguistics.

Sinopse

O objetivo principal deste ensaio é apresentar as abordagens discursivas dos Estudos da Tradução (ET) como um campo de investigação dos fenômenos tradutológicos bem estabelecido. O termo ‘discurso’, no entanto, tem sido visto com um termo polêmico, dados seus múltiplos usos sem uma conceituação clara referente se seu uso e aplicação privilegiam uma orientação mais lingüística ou uma tendência mais sociológica e cultural ao estudo da linguagem. Este ensaio, portanto, ao

introduzir o leitor às principais teorias que advogam uma ‘virada discursiva’ aos ET, discute brevemente o que conta como ‘discursivo’ nesse campo de saber. Em seguida, este ensaio explora em profundidade a Lingüística Sistêmico-Funcional como uma abordagem fundacional para o estudo da tradução e, por fim, apresenta as vantagens dessa abordagem, convidando os teóricos em tradução a darem maior atenção aos usos do termo ‘discurso’ no âmbito de suas perquirições.

Palavras-chave

Estudos da Tradução; Abordagens Discursivas dos Estudos da Tradução; Discurso; Lingüística Sistêmico-funcional.

1. Definindo o escopo das abordagens discursivas da tradução

As décadas de 1970 e 1980 assistiram à influência paulatina da Lingüística Textual sobre os Estudos da Tradução, sobretudo com os trabalhos de House (1977) e Blum-Kulka (1986), aliada ao reconhecimento dos programas acadêmicos de treinamento de tradutores (Venuti, 2000). O principal motivo que levou os estudiosos da tradução a se interessarem por essa vertente “textual” originou-se da busca por soluções de problemas tradutológicos pertinentes à Lingüística, uma vez que o conceito polêmico de “equivalência” na tradução passou, com o trabalho de Nida (1964), a ser visto sob uma ótica “funcional”, isto é, dependente do contexto social e cultural em que se insere. A idéia central que subjaz aos estudos desse teórico é a importância de uma definição funcional para o significado das palavras, visto que estas adquirem sentido quando usadas em contexto numa dada cultura. A concepção de *discurso*, pois, como forma de representação ou textualização de aspectos sociais e culturais pertinentes ao texto original sobre a cultura do texto traduzido havia sido lançada no campo teórico dos Estudos da Tradução.

Somente com o reconhecimento da Análise do Discurso, em meados dos anos 1980, como campo teórico e metodológico de investigação da linguagem em uso e como elemento integrante das relações sociais de uma cultura, é que as abordagens lingüísticas dos Estudos da Tradução direcionam seu foco para análises eminentemente discursivas. Segundo Munday (2001: 89), “enquanto a análise meramente textual se concentra na descrição da forma como os textos se organizam

(estrutura da oração, coesão, etc.), a análise do discurso investiga como a linguagem comunica relações sociais de significado e poder”¹. Embora a diferenciação que Munday faz entre a análise textual e a análise discursiva, aplicadas à tradução, seja relativamente vaga, a própria delimitação dos elementos lingüístico-discursivos investigados por analistas do discurso muito dependerá das bases teórico-metodológicas que eles escolhem em suas pesquisas. Como bem colocam Charaudeau e Maingueneau (2004: 45), em seu *Dicionário de Análise do Discurso*,

[a] análise do discurso, situada no cruzamento das ciências humanas, é muito instável. Há analistas do discurso antes de tudo sociólogos, outros, sobretudo lingüistas, outros, antes de tudo psicólogos. A essas divisões acrescentam-se as divergências entre as múltiplas correntes. Assim, nos Estados Unidos, a análise do discurso é muito marcada pela antropologia. Independentemente das preferências pessoais deste ou daquele pesquisador, existem afinidades naturais entre certas ciências sociais e certas disciplinas da análise do discurso: entre as que trabalham com as mídias e a sociologia ou a psicologia social, entre as que estudam as conversações e a antropologia, entre as que estudam os discursos constituintes e a história ou a filosofia etc. (Sublinhados meus)

Curioso, porém, é o fato de Hatim e Munday (2004: 8) apresentarem os desenvolvimentos teóricos e metodológicos dos Estudos da Tradução de maneira interdisciplinar, incluindo a vertente da análise do discurso aplicada à tradução no âmbito das investigações da Lingüística, em paralelo à lingüística textual, à lingüística contrastiva, à lingüística de corpus, à lingüística cognitivista, à sociolingüística, à pragmática e à semântica. Parece-me, pois, que Munday (Hatim e Munday, 2004) revisitou sua definição expressa em Munday (2001: 89), fazendo a distinção entre a análise do discurso aplicada à tradução, preocupada, sobretudo, com as construções lingüístico-discursivas de textos originais e de traduções, e a análise do discurso de base crítica (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Pedro, 1997; van Dijk, 1998; entre outros), cuja teoria se preocupa não somente com os aspectos discursivos de organização e produção textual, mas, especialmente, com as relações de poder e as ideologias que subjazem aos textos, sejam estes originais ou traduções. No que se segue, portanto, apresento uma resenha dos principais trabalhos em tradução de base discursiva, com o objetivo principal de situar o escopo dessa vertente no campo

¹Minha tradução de : ... while text analysis normally concentrates on describing the way in which texts are organized (sentence structure, cohesion, etc.), discourse analysis looks at the way language communicates meaning and social and power relations.

teórico dos Estudos da Tradução e, especialmente, apresentar essas abordagens para o leitor de língua portuguesa.

2. Modelos e pesquisas em tradução de base discursiva

O modelo discursivo de House (1977, 1997) para a investigação de traduções é legatário da teoria Sistêmico-Funcional de Halliday, embora House apresente, em seu modelo, uma variedade de abordagens e, conseqüentemente, de conceitos e terminologias que, *a priori*, tornam sua abordagem complexa. Quanto a este fato, assim se expressa a própria teórica num artigo em que ela revisita sua abordagem (House, 2001: 134):

Enquanto o modelo funcional para tradução apresentado em House (1977, 1997) seja principalmente baseado na teoria sistêmico-funcional Hallidayana, tal modelo igualmente se sustenta, de maneira eclética, nas idéias da escola de Praga (...), na teoria dos atos de fala, na pragmática, na análise do discurso e nas distinções, baseadas em corpus, entre linguagem oral e escrita. O modelo original também adapta o esquema com base em registro de Crystal e Davy (1969) para análise estilística contrastiva².

Enfatizando suas análises na relação comparativa entre texto de partida (TP) e texto de chegada (TC), House tenciona desenvolver um modelo de avaliação da qualidade de traduções, salientando possíveis ‘erros’ de interpretação. Sustentando-se na análise de registro de Halliday (1978), House desenvolve um modelo que situa o TP em seu contexto de situação (da cultura de onde se origina), acrescentando a essa análise uma perspectiva ideacional e interpessoal, a fim de estabelecer que papel ‘funcional’ o TP exerce em seu contexto de cultura. A mesma metodologia é aplicada ao TC, ressaltando que House propõe uma comparação entre TP e TC, apontando possíveis inviabilidades ou ‘erros’ na tradução em relação ao registro do TP e sua transferência para o contexto de situação e de cultura do TC. Assim, a proposta de House tem como foco a análise do registro do texto original e do texto traduzido, extraindo dessa relação uma avaliação da qualidade da tradução.

A partir do modelo exposto, House (1997) estabelece duas definições para a tradução: (i) “tradução explícita” (*overt translation*), ou tradução que não tenciona

² Minha tradução de: “*While the functional model for translation provided by House (1977, 1997) is mainly based on Hallidayan systemic-functional theory, it also draws eclectically on Prague school ideas (...), speech act theory, pragmatics, discourse analysis and corpus-based distinctions between spoken and written language. The original model also adapted Crystal and Davy's (1969) register based schema for contrastive stylistic analysis*”.

assemelhar-se ao texto original, mas que possibilita ao leitor da tradução identificar os traços culturais e discursivos expressos no texto original, e (ii) “tradução implícita” (*covert translation*), ou tradução que expressa o mesmo *status* do texto original em seu contexto de cultura, recriando, reproduzindo e representando no texto traduzido os traços funcionais que o texto original possui. Munday (2001) argumenta que House encontra dificuldade em demonstrar que a relação entre tradução explícita e implícita não é vista como um par binário em oposição. Para Munday, essa relação apresenta problemas de interpretação das funções dos originais e suas representações nos textos traduzidos, principalmente quando existem incompatibilidades culturais entre os contextos de cultura do TP e do TC.

Outro estudo influente na área é o de Blum-Kulka (1986). Neste artigo, a autora apresenta uma abordagem que investiga a “explicitação” das relações semânticas do texto original no texto traduzido, com base em teorias dos estudos discursivos, sobretudo a coesão. A abordagem discursiva de Blum-Kulka se sustenta numa tendência textual que investiga as relações semânticas do texto original e do texto traduzido, além de propor uma abordagem cognitivista que analisa padrões de leitura e processamento textual da parte da recepção de textos traduzidos. Nas palavras dessa teórica, “eu advogo a favor de uma abordagem psicolinguística para o estudo dos efeitos da tradução. Somente tal abordagem (...) pode validar ou refutar apelos por mudanças de significado em traduções”³ (Blum-Kulka, 1986: 34). Partindo dessa abordagem textual, a autora compara as estruturas coesivas do texto original e as possíveis “mudanças” (*shifts*) que comumente ocorrem na tradução dessas estruturas. Essa teórica afirma que as mudanças coesivas no texto traduzido se dão basicamente por dois motivos: (i) como resultado de preferências estilísticas e linguísticas, relacionadas ao registro do texto traduzido, e/ou (ii) como evidência do fenômeno de “explicitação” (*explicitation*), ou aumento das relações semânticas no texto traduzido ao compará-lo com o texto original, comum ao processo tradutório. Com base na segunda tendência, Blum-Kulka salienta que as mudanças na coerência do texto traduzido ocorrem por duas razões: (i) falhas de interpretação do leitor do texto traduzido, pelo desconhecimento das pressuposições culturais compartilhadas entre autor e leitores da cultura de partida, e/ou (ii) falhas de interpretação do tradutor,

³ Minha tradução de: “I advocate a psycholinguistic approach to the study of translation effects. Only such an approach (...) can validate or refute claims pertaining to shifts of meaning through translation”.

durante o processo tradutório, acerca dos significados implícitos do texto original. Em virtude disso, Blum-Kulka finaliza seu artigo, como dito anteriormente, em defesa de uma abordagem psicolinguística, de base contrastiva, para a investigação do processo tradutório e seus efeitos de recepção.

Como se percebe, Blum-Kulka mescla em seu artigo aspectos teóricos e aplicados tanto de uma dimensão textual de análise comparativa de textos originais e traduzidos quanto de uma dimensão empírico-cognitivista de investigação do processo tradutório. Seu estudo, pois, tornou-se o leitmotiv que diferencia pesquisas tradutológicas que privilegiam os aspectos discursivos do fenômeno tradutório daquelas que se preocupam eminentemente com o processo da tradução.

Outro estudo bastante influente entre os teóricos da tradução é o de Mona Baker (1992). Nesta obra, Baker faz uma resenha das principais aplicações linguísticas à tradução que emergiram como teorias e métodos discursivos ao final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Nos três primeiros capítulos de seu livro, a autora discute o conceito de equivalência em três níveis: o lexical, o colocacional e o gramatical, explorando os significados semânticos que permeiam essas três categorias. Nos capítulos 5 e 6, Baker se sustenta na abordagem Sistêmico-Funcional hallidayana para investigar as relações textuais de equivalência, com ênfase quase que exclusiva nas relações de tema e rema (*theme/rheme*) aplicadas à tradução e nos recursos coesivos (referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical) desenvolvidos no modelo de análise textual inaugurado por Halliday e Hasan (1976). Na última parte de seu livro-texto, Baker se dedica ao estudo das relações pragmáticas do texto original e sua(s) tradução(ões), tendo como base teórica e analítica os aspectos intencionais da linguagem, as pressuposições, a coerência, as máximas conversacionais de H. Paul Grice (1975), entre outras. Na verdade, a importância do trabalho de Baker (1992: 4) é sua preocupação em esclarecer que

quase todo aspecto de vida em geral e da interação entre comunidades de fala em particular podem ser considerados relevantes para a tradução, uma disciplina que deve se preocupar com as formas de produção de significado dentro dos e entre os vários grupos sociais em variados contextos culturais (minha tradução) ⁴.

⁴ Minha tradução de: “[a]lmost every aspect of life in general and of the interaction between speech communities in particular can be considered relevant to translation, a discipline which has to concern itself with how meaning is generated within and between various groups of people in various cultural settings.”

Por fim, outro modelo discursivo aplicado à tradução é o de Hatim e Mason (1990, 1997). Embora estes autores atentem para a dimensão “semiótica” das relações entre texto original e traduzido, ou seja, uma dimensão que sistematiza a interação dos variados elementos discursivos em termos de ‘signos’ (Hatim e Mason, 1990), a perspectiva teórica apresentada por eles não oferece uma base ou modelo facilmente aplicável à análise de traduções. Sem dúvida, a noção de semiose no trabalho de Hatim e Mason emerge da teoria semiótico-discursiva do semioticista e analista crítico do discurso Gunther Kress (1989), quando este teórico acrescenta à noção de *semiótica social* de Halliday (1978) a concepção de discurso desenvolvida por Foucault (1971). Em sua obra *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*, Kress (1989) desenvolve o conceito de representação social como um processo de materialização de signos que formam redes discursivas de significação de determinadas instituições. Com efeito, Hatim e Mason ampliam o escopo de suas análises lingüísticas até atingirem a esfera do “discurso”, pontuando a importância de se entenderem os processos ideológicos circunscritos no âmbito das práticas tradutológicas.

Ademais, Hatim e Mason (1990, 1997) privilegiam as funções ideacional e interpessoal da teoria Sistêmico-Funcional, sobretudo o conceito de “significado potencial” (*meaning potential*) explorado por Halliday (1978), por meio do qual há uma valorização do ambiente semiótico em detrimento do textual. Esses teóricos, por exemplo, sublinham que mudanças na estrutura de transitividade do texto original para o texto traduzido podem causar diferenças de representação na tradução, da mesma forma que mudanças da estrutura de modalidade entre originais e traduções, dentro da função interpessoal, podem causar falhas de interpretação da parte da comunidade-leitora do texto traduzido. Percebe-se que a abordagem de Hatim e Mason parece requerer uma investigação da recepção de traduções em suas culturas de chegada, uma vez que busca analisar *falhas de interpretação* da comunidade-leitora do texto traduzido.

Como visto até aqui, o modelo discursivo que mais tem influenciado os Estudos da Tradução é a Lingüística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF) de Michael Alexander Kirkwood Halliday (cf. Munday, 2001). No entanto, parece-me que a maioria das pesquisas na interface entre tradução e sistêmica não tem se preocupado em apresentar uma *descrição epistemológica* satisfatória do modelo hallidayano que dissipe as dúvidas que esta teoria pode gerar quando da sua aplicação

em questões tradutológicas. Munday (2001), em seu livro *Introducing Translation Studies: theories and applications*, afirma que “a gramática de Halliday é extremamente complexa”⁵ (p.91), o que justifica sua iniciativa de apenas resenhar, simplificada, algumas pesquisas em tradução que tenham como base a teoria hallidayana.

Quando falo de *descrição epistemológica*, refiro-me à natureza, variedade, origem, objeto de análise e limites da teoria Sistêmico-Funcional, com o objetivo de explorar a noção de discurso aplicado aos Estudos da Tradução de base sistêmica. É importante salientar que a Linguística Sistêmica (*Systemic Linguistics*) declara-se uma abordagem “funcionalista” por tentar combinar informações estruturais da língua com fatores sociais e culturais de uma dada cultura e, em tradução, de culturas distintas. Conforme Trask (2004: 184),

os adeptos da [Linguística Sistêmica] fazem o tempo todo estas perguntas: O que é que a pessoa que escreve, ou fala, está tentando fazer? De que mecanismos lingüísticos poderia valer-se para fazer isso, e com base em que faz suas escolhas?

A LSF remonta à década de 1960, especialmente aos trabalhos do lingüista e semiótico Michael Alexander Kirkwood Halliday, seu fundador. A teoria sistêmica de Halliday foi influenciada pelo trinômio epistemológico dos estudos de Malinowski – Firth – Whorf. O antropólogo Malinowski (1923) influenciou Halliday ao afirmar, com base em sua pesquisa nas ilhas Trobriand, na Polinésia, que termos lingüísticos específicos de uma determinada cultura não podem ser *traduzidos* sem se levarem em conta os aspectos sociais e culturais daquela comunidade. A partir disso, Halliday percebeu que a linguagem não é um sistema auto-suficiente, mas dependente do contexto em que é usada.

As contribuições dos estudos do gramático Whorf (1956) à teoria hallidayana recaem sobre a própria linguagem, uma vez que Whorf, contrariamente a Malinowski, e a partir de seus estudos gramaticais, privilegiava a linguagem como elemento essencial de ordenação e organização social. Neste sentido, Halliday conclui que a gramática é fundamental para se entender os níveis mais amplos da estrutura social. Contudo, Halliday afirma, influenciado por Malinowski, que uma gramática que dê conta de representar o social e, ao mesmo tempo, constituir-lo, deve ser funcional em

⁵ Minha tradução de: *Halliday's grammar is extremely complex.*

sua base. Neste ponto, Halliday percebe a importância dos trabalhos do lingüista Firth (1957) às suas perquirições. Firth, sustentando-se em Malinowski, elege, como ponto de vista de suas análises, o eixo paradigmático enquanto instância sistêmica de uma determinada língua que confere múltiplas escolhas aos seus usuários para a representação de realidades de mundo por intermédio da linguagem. Para levar a cabo suas investigações, Firth acrescenta ao conceito de “contexto de situação” de Malinowski, ou seja, a visão de que a linguagem, para significar, depende do contexto em que é usada, a noção de “sistema” – conjunto de possibilidades de uso da linguagem.

Em virtude dessas colocações, descrevo epistemologicamente a LSF para, em seguida, apresentar algumas pesquisas em tradução de base eminentemente sistêmica.

3. O modelo teórico da Lingüística Sistêmico-Funcional

A base teórica da teoria Sistêmico-Funcional hallidayana remonta ao *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure (1916), de cuja obra Halliday (1978) extrai a noção de dimensão “sintagmática” e “paradigmática” que inspira sua teoria. Enquanto que para Saussure o eixo sintagmático se posiciona na horizontalidade da oração gramatical, dado que as palavras se estruturam em seqüências, e o eixo paradigmático reflete as escolhas lexicais do usuário da língua, para Halliday (1978; 1985; 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) a relação sintagmática é mormente vista como uma “cadeia” (*chain*) que estrutura a oração, ao passo que a relação paradigmática é interpretada como “escolhas” (*choices*) que o usuário da língua executa com base num “sistema” (*system*) amplo e abstrato de opções léxico-gramaticais. Segundo Halliday (1978, 1985, 1994), a teoria que subjaz à sua é conhecida como teoria ‘sistêmica’, ou seja, uma teoria de significados como escolhas, por meio da qual uma língua, ou qualquer outro sistema semiótico, seja interpretada como uma cadeia de opções que se imbricam.

Em virtude desses apontamentos, Halliday (1978) adiciona às relações sintagmáticas e paradigmáticas de Saussure a noção de “sistema” originária de Firth (1957). Este teórico vê o fenômeno lingüístico aliado ao contexto de uso da língua, ao passo que Saussure (1916) privilegia sobretudo a *langue*, ou seja, conjunto de signos da língua ou sistema lingüístico abstrato partilhado pelos falantes de uma língua, em detrimento da *parole*, isto é, atos específicos de comunicação lingüística

ou enunciados reais produzidos por falantes em situações reais. Neste sentido, Firth (1957) se preocupou em explorar o papel do indivíduo como membro da sociedade, dando ênfase ao modelo tripartite homem-natureza-linguagem.

Seguindo a linha de raciocínio de Firth, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) igualmente sustenta sua teoria Sistêmico-Funcional nos estudos do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1923), quando este teórico cunha o termo “contexto de situação”. A idéia central que está por trás dessa noção é o fato de que para compreendermos um enunciado, há que se conhecer não apenas os significados literais das palavras, mas, sobretudo, o contexto social donde o enunciado surgiu. Ou seja, “significados culturais emergem do entendimento de como os indivíduos *usam* sua língua natural”⁶ (Spradley, 1979: 82, *itálico no original*). O antropólogo suíço Dan Sperber (1992: 25) esclarece bem essa questão:

Se definirmos ‘significação’ de uma maneira precisa, como em lingüística, os factos de significação estão, com certeza, omnipresentes na cultura, mas nunca isolados: entrelaçam-se com, por exemplo, os factos ecológicos e psicológicos duma outra natureza.

Noutras palavras, a constituição de significados por meio do uso da linguagem em contexto faz emergir as representações de mundo que os usuários da língua constroem ao interagirem uns com os outros em determinadas situações sociais.

A fim de descrever essa rede complexa de relações sociais, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) aplica a noção de “contexto de situação” à análise discursiva de textos escritos ou falados⁷, esclarecendo que textos são, na verdade, a realização ou materialização do sistema semiótico de um determinado contexto social. Na tentativa de interpretar o contexto social donde o processo comunicativo se origina, Halliday (Halliday e Hasan, 1985) explora o termo “contexto de cultura”, também desenvolvido por Malinowski, com o fito de ampliar a noção de “contexto de situação”. À primeira noção (contexto de cultura), Halliday alia o conceito de “gênero”; à segunda noção (contexto de situação), ele associa a definição de “registro”.

⁷ Minha tradução de: *Cultural meaning emerges from understanding how people use their ordinary language.*

⁷ Para Halliday (Halliday e Hasan, 1985: 10), “qualquer instância de linguagem em uso que exerça papel significativo em um determinado contexto de situação é, por este motivo, denominada texto” (minha tradução). Adoto esta definição para fins de clareza do termo.

Nessa perspectiva, gêneros são processos sociais com objetivos específicos, englobando desde rotinas diárias que os usuários da língua executam (compras, trabalho, entre outras) até formas particulares de vida social (ir à igreja, assistir à TV, entre outras). De igual modo, Halliday também inclui nessa categoria os gêneros típicos da área educacional, tais como, aulas expositivas, narrações, palestras, entre outras. O importante é esclarecer que esses gêneros possuem suas estruturas distintas, dado o propósito social que exercem em cada cultura. Com efeito, os gêneros ocorrem em situações específicas, com características igualmente específicas. Essas “situações específicas” formam o “contexto de situação” cunhado por Malinowski (1923) e associado ao “registro”.

O registro ganha características discursivas conforme variações contextuais expressas por intermédio do “campo” (*field*), das “relações” (*tenor*) e do “modo” (*mode*)⁸. O campo, para Halliday, se refere ao que ocorre num determinado contexto de situação, à natureza da ação social em andamento e às atividades ou práticas sociais que os participantes da ação desempenham; as relações se referem à interação dos participantes da ação, seus papéis sociais e suas hierarquias; por fim, o modo expressa a função da linguagem na constituição de significados no contexto de situação, a organização simbólica dos textos, o canal lingüístico utilizado (oral, escrito, semiótico, etc.) e como os participantes usam a linguagem para fins de significação.

Egins (2004) esclarece que dois aspectos notórios da teoria Sistêmico-Funcional que a diferenciam das outras abordagens funcionais da linguagem são (i) o fato de que aquela busca desenvolver uma teoria acerca da linguagem enquanto processo social e (ii) o fato de que tenciona apresentar uma metodologia analítica que permita descrever detalhadamente a sistemática das estruturas da linguagem em uso. Com base nessas premissas, Halliday (1978, 1985, 1994) apresenta três grandes categorias léxico-gramaticais, ou melhor, meta-funções, que representam como os indivíduos usam a linguagem, aproximando suas análises do campo léxico-gramatical,

⁸ Adoto, neste ensaio, as traduções dos termos da teoria Sistêmico-Funcional hallidayana aprovadas pela Equipe de Investigação da FLUL, da Universidade de Lisboa, e do Projecto Direct da PUC/SP, participantes integrantes de uma lista de discussão cuja proposta é traduzir para o português a Gramática Sistêmico-Funcional de 1994. Para acesso à lista e maiores informações, ver <http://lael.pucsp.br/sistemica/>.

na tentativa de estabelecer critérios semânticos de investigação mais detalhada da linguagem.

Neste sentido, Halliday (1978, 1994) direciona o vetor do campo, das relações e do modo (contexto de situação) para a esfera semântica, apresentando três meta-funções da linguagem que se relacionam diretamente com este contexto de situação. A primeira, “meta-função ideacional” (*ideational metafunction*), está vinculada à variável de campo do registro, materializando as experiências de mundo dos usuários da língua, inclusive suas sensações, pensamentos, atos, comportamentos, etc., e como essas experiências são realizadas pelas relações lógicas das orações. A segunda, “meta-função interpessoal” (*interpersonal metafunction*), vincula-se à variável das relações do registro, materializando as interações sociais dos usuários da língua, bem como suas opiniões pessoais e avaliações. A terceira e última, “meta-função textual” (*textual metafunction*), está ligada ao modo pelo qual os usuários da língua organizam suas mensagens com vistas a se relacionarem com as outras mensagens com as quais lidam em seus cotidianos sociais. No dizer de Halliday (1994: xiii),

(...) os componentes fundamentais do significado na linguagem são componentes funcionais. Todas as línguas se organizam de acordo com dois tipos principais de significado: o ‘ideacional’, ou reflexivo, e o ‘interpessoal’, ou ativo. Esses componentes, denominados ‘meta-funções’ (...), são a manifestação, no sistema lingüístico, dos dois propósitos gerais que subjazem a todas as formas de uso da linguagem: (i) compreender o ambiente que a cerca (ideacional) e (ii) exercer ações sobre os outros nesse ambiente (interpessoal). Aliada a essas duas meta-funções, há uma terceira, denominada ‘textual’, a qual confere relevância às outras duas⁹.

Estratificando ainda mais suas análises, Halliday (1985, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) atinge a esfera léxico-gramatical da estrutura lingüística, asseverando que os significados ideacionais se realizam na dinâmica da língua por meio do sistema de “transitividade” (*transitivity*), modelando as experiências de mundo no entorno de participantes, processos e circunstâncias. Os significados interpessoais, por seu turno, realizam-se léxico-gramaticalmente nos sistemas de

⁹ Minha tradução de: (...) *the fundamental components of meaning in language are functional components. All languages are organized around two main kinds of meaning, the ‘ideational’ or reflective, and the ‘interpersonal’ or active. These components, called ‘metafunctions’ (...) are the manifestation in the linguistic system of the two very general purposes which underlie all uses of language: (i) to understand the environment (ideational), and (ii) to act on the others in it (interpersonal). Combined with these is a third metafunctional component, the ‘textual’, which breathes relevance into the other two.*

“modo oracional” (*mood*) e “modalidade” (*modality*), em cuja estrutura as trocas lingüísticas ocorrem entre interactantes por meio de posições ou papéis sociais expressos em suas mensagens, sejam estas orais ou escritas. Finalmente, os significados textuais se realizam através de relações de “tema e rema” (*theme/rheme*) que expressam as informações ideacionais e interpessoais presentes na esfera léxico-gramatical da língua.

Para Halliday (1985, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004), as esferas léxico-gramatical e semântica da linguagem representam o conteúdo desta última expandido em estratos. De acordo com o papel que a linguagem exerce em cada estrato, nós, como usuários da língua, damos sentido ao conteúdo discursivo de nossas experiências de mundo e sustentamos nossas interações com outros interlocutores. Neste sentido, os *significados potenciais*¹⁰ originários do contexto de cultura do qual fazemos parte são transformados em significado semântico e, sequencialmente, transformados em realizações lingüísticas no estrato da léxico-gramática, isto é, onde nossas experiências de mundo e interações com outros interactantes são realizadas discursivamente.

Todo esse complexo sistêmico e funcional da teoria Sistêmico-Funcional pode ser visto tridimensionalmente na Figura 1, inspirada em Halliday e Matthiessen (2004: 25):

¹⁰ Halliday (1973: 72-4) define *significado potencial* como um conjunto de opções, ou alternativas, de significados (semânticos) do sistema da língua disponíveis aos falantes/escritores ou ouvintes/leitores. Para Halliday, o contexto de cultura define o significado potencial da linguagem à medida que esta é usada em registros diferenciados por falantes ou escritores. Assim, em determinados registros, ou variedades funcionais da linguagem, a probabilidade de certas expressões ocorrerem em detrimento de outras depende da situação em que são utilizadas e da cultura que elas representam. Portanto, o significado potencial é, na verdade, a potencialidade de uso de determinadas escolhas lingüísticas submissas ao registro em que são usadas.

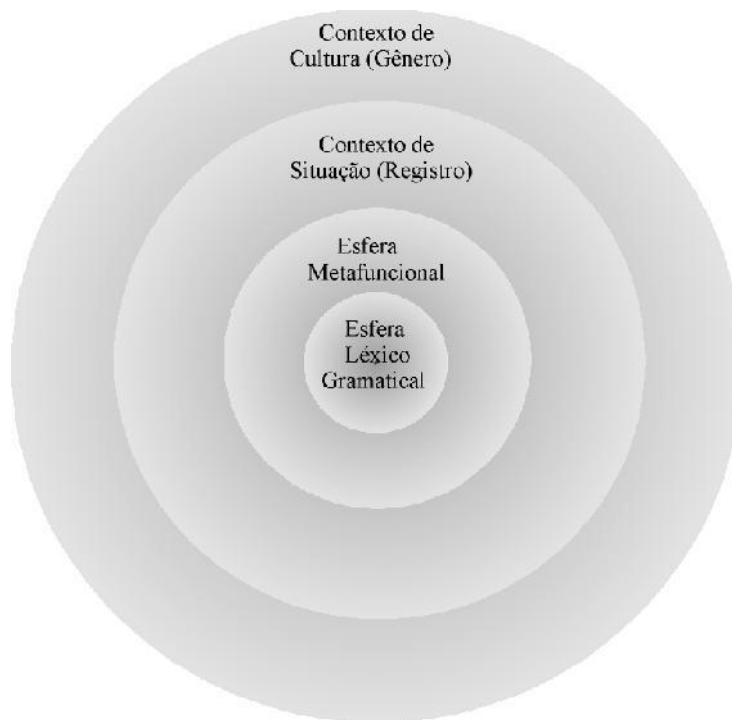


Figura 1: Complexo Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday

Com base na Figura 1, torna-se possível vislumbrar toda a ordem paradigmática da linguagem em uso como se vista da parte superior de um funil. O ângulo de dimensão mais ampla seria o contexto de cultura, englobando o contexto de situação, as meta-funções e, por fim, o ângulo de dimensão mais densa, isto é, o sistema léxico-gramatical da linguagem. O ângulo de dimensão mais ampla aglutina o que ocorre “fora da linguagem” (Halliday e Matthiessen, 2004: 24). Ao passar do ângulo do contexto de cultura para o ângulo do contexto de situação (registro), o *significado potencial* do sistema lingüístico da língua se realiza por meio de uma “variedade funcional da linguagem” (Halliday e Matthiessen, 2004: 27) própria a cada tipo de situação em que a língua se acondiciona para realizar significados. Esses significados são reconhecidos discursivamente a partir de suas realizações na esfera léxico-gramatical da língua, por meio da qual modelamos nossas experiências de mundo (meta-função ideacional), interagimos com nossos interlocutores (meta-função interpessoal) e materializamos nossas experiências e interações por meio dos textos que produzimos (meta-função textual). Essa esfera caracteriza-se como “densa” pelo fato de representar a língua em uso em orações, no sentido de estratificar mais ainda as características do sistema lingüístico em realizações lógico-semânticas, típicas da estrutura gramatical e discursiva de cada língua, através de grupos nominais e grupos verbais, caracterizando-se, portanto, como a “ordem sintagmática” da língua (Halliday

e Matthiessen, 2004: 20). Daí depreende-se que a cultura tanto constitui ou determina as escolhas léxico-gramaticais pertinentes a um determinado contexto de situação, quanto é constituída ou determinada pelas escolhas léxico-gramaticais dos usuários da língua.

É neste sentido que a LSF parte das noções antropológicas de cultura e suas relações com a linguagem, mapeando, desta forma, sua própria epistemologia. Fica clara, portanto, a definição de “realização” (*realization*), conceito-chave para Halliday (1978: 39), em que os fenômenos pertinentes à ordem paradigmática “se realizam” por meio de sua materialização na organização sintagmática da oração. Ou seja, a teoria Sistêmico-Funcional vê o social constituindo o textual e, simultaneamente, sendo constituído por este, ou melhor, por uma ampla rede discursiva que o forma e caracteriza.

4. Abordagens discursivas da Tradução de base eminentemente sistêmico-funcional

Com base nas teorias da LSF aplicadas à tradução, Coulthard (1991) estabelece dois conceitos importantes que influenciaram as abordagens discursivas da tradução no contexto internacional e, sobretudo, brasileiro. São eles: *textualização* e *re-textualização*. Para esse teórico, a *textualização* retrata a noção de que um texto se forma a partir de uma variedade de possíveis textualizações em sua cultura original, privilegiando, sobretudo, o aspecto ideacional da linguagem. Segundo Coulthard, “[d]evemos (...) ver qualquer texto escrito, independentemente do grau de aprovação dos leitores, como uma possível *textualização* da mensagem do autor” (1991: 2). Seguindo essa mesma linha conceitual, Coulthard (1991) apresenta o termo *re-textualização*, no âmbito da tradução, como sendo a transferência de significados ideacionais da cultura de partida para a cultura receptora. O que o autor coloca como ponto central de sua discussão acerca desses termos é que tanto a *textualização* quanto a *re-textualização* são tentativas do autor e do tradutor, respectivamente, em produzir textos tendo em vista seus leitores ideais, os quais, na verdade, são previamente estabelecidos pelo tópico do texto. Segundo Coulthard (1991: 2), “[t]odas as decisões em termos de conteúdo, expressão, seqüência e recursos retóricos são tomadas com referência a este leitor ideal”.

Dois discípulos de Coulthard no Brasil, Professora Rosa Konder e Professor Walter Carlos Costa, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina, aplicaram em suas análises alguns aspectos teóricos e metodológicos da LSF hallidayana (Konder, 1991; Costa, 1992). Konder (1991) afirma que a equivalência dos tempos verbais no par lingüístico inglês/português tem sido um problema constante enfrentado por tradutores. Ao classificar, em seu artigo, os tempos verbais em três momentos no tempo, a saber, passado contemporâneo, passado próximo e passado remoto, a autora assevera que o tempo verbal que mais expressa certa dificuldade ao ser traduzido é o Simple Present no inglês e suas possíveis re-textualizações como pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. Além disso, Konder ilustra alguns casos em que igualmente ocorrem esses problemas de equivalência ao analisar os tempos verbais do conto *Eveline*, de James Joyce, e sua tradução feita por Hamilton Trevisan. São eles: (i) uma possibilidade de re-textualização de *was about to* para o tempo verbal pretérito imperfeito e outra como pretérito imperfeito de IR + infinitivo, ao passo que para *was to* houve uma re-textualização para o futuro do pretérito. Para *was going to*, ocorreram duas re-textualizações, uma como futuro do pretérito e outra como futuro do pretérito de IR + infinitivo. O outro caso de re-textualização que Konder salienta, com dezessete ocorrências, foi *would* + infinitivo, com a predominância do futuro do pretérito como escolha de tradução (treze ocorrências), além das formas do pretérito imperfeito (duas ocorrências), do pretérito imperfeito do subjuntivo (uma ocorrência) e sem tradução ou tradução nula (uma ocorrência).

Konder também ressalta que a tradução apresentou algumas mudanças de tempos verbais, fato que sugere, segundo ela, a existência de possíveis dificuldades de re-textualização enfrentadas pelo tradutor. Neste sentido, Konder (1991: 94, ênfase no original) esclarece que “o tradutor tem de, *dentro do contexto*, procurar captar o significado temporal das formas verbais da língua do original para poder efetuar as transposições semanticamente corretas”. Não obstante o trabalho de Konder enfoque, de forma indireta, algumas categorias de transitividade apresentadas pela teoria hallidayana, sua abordagem ainda parece permanecer na descrição pura de fatos lingüísticos da relação original-tradução, sem considerar, a contento, os aspectos semânticos e contextuais dos textos que a autora investigou.

Costa (1992), em sua tese de doutorado intitulada *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts*, discute as categorias genéricas de textos originais e traduções a partir da teoria de registro de Halliday (1978) para investigar o

estilo literário de Borges e suas formas textuais híbridas, as quais, muitas vezes, causam problemas no momento da tradução. Costa afirma que as normas genéricas do texto Borgiano são comumente veladas, isto é, encontram-se “por trás” das realizações lingüísticas do texto, fazendo com que tradutores tenham certa dificuldade em identificá-las. Costa assevera que essa dificuldade é oriunda de dois fatores primordiais: (i) as normas genéricas estão longe de serem claras e explícitas e (ii) são semânticas por natureza, aparecendo sob disfarces lingüísticos variados. Costa sublinha que as estruturas genéricas dos textos Borgianos impõem determinados problemas de tradução, pelo fato de Borges não se preocupar em seguir as normas genéricas comuns às prosas e poesias de escritores e escritoras contemporâneos ocidentais. Esse hibridismo estilístico de Borges pode, portanto, causar problemas tradutórios caso o(a) tradutor(a) não leve em consideração as variáveis do registro em que o texto foi produzido e para o qual o texto será re-textualizado.

Costa (1992) igualmente salienta a importância de se considerar o texto traduzido como uma construção textual que detém certa autonomia em relação ao seu equivalente na língua de origem. Segundo Costa (1992: 23), “o plano autônomo do texto traduzido tem a ver com sua qualidade enquanto *texto*, isto é, como as unidades (palavras, orações, parágrafos, capítulos, etc.) são agrupados”¹¹. Compartilho dessa visão, uma vez que considero originais e traduções como textos autônomos, embora interdependentes, dado que ambos veiculam discursos inerentes aos contextos de cultura em que se inserem. O texto traduzido, por sua vez, além de autônomo, representa discursos que se deslocam da cultura do texto original para se assentarem nos discursos da cultura receptora, formando, assim, um hibridismo discursivo capaz de causar mudanças sociais e culturais na cultura do texto traduzido (cf. Rodrigues Júnior, 2004).

Outro estudo pioneiro no Brasil que realiza, por assim dizer, uma descrição mais ampla da teoria Sistêmico-Funcional aplicada à tradução é o de Vasconcellos (1997). Esta teórica aborda questões relativas à Lingüística, como campo de saber, e aos Estudos da Tradução, enquanto campo de constituição de saber e aplicação da LSF como um quadro referencial teórico que relaciona satisfatoriamente discurso e sociedade. A autora salienta que as abordagens lingüísticas da tradução não definem

¹¹ Minha tradução de: ... *the autonomous plane of the translated text has to do with its quality as text, that is, how units (words, clauses, paragraphs, chapters, etc.) are put together.*

ao certo “de que lingüística (...) falam”¹² (1997: 20). Para Vasconcellos, os teóricos da tradução precisam delimitar que perspectiva lingüística eles abordam em suas análises tradutórias, a fim de situar o escopo de suas investigações.

No contexto brasileiro, o trabalho de Vasconcellos (1997) se destaca pelo fato de a autora ter explorado a relação entre a Lingüística e os Estudos da Tradução na tentativa de inserir as teorias de tradução no quadro teórico e metodológico mais amplo da Lingüística Aplicada. Ao identificar a complexidade dessa relação, Vasconcellos (1997) sublinha que as abordagens lingüísticas são usadas e aplicadas num sentido “monolítico”. Ou seja, existe, entre os teóricos da tradução que advogam uma perspectiva lingüística às suas análises, uma redução dessa abordagem a uma perspectiva singular que ignora as características e tendências típicas das investigações da linguagem em uso, sobretudo as relações entre sociedade, cultura, política e linguagem. Percebe-se que a teórica parece destacar a abordagem de Hatim e Mason (1997), que privilegia o semiótico em detrimento do textual, ao passo que problematiza as abordagens lingüísticas que se pautam numa análise meramente textual, circunscrita à descrição de fatos sintagmáticos do texto original e sua tradução.

Por conseguinte, Vasconcellos identifica a necessidade de uma abordagem lingüística para a tradução que não somente privilegie o textual, mas que se preocupe com a constituição de significados expressos no texto e sua relação com os contextos social, cultural e político mais amplos nos quais se insere o texto sob análise. Neste sentido, Vasconcellos explora a teoria Sistêmico-Funcional hallidayana aplicando-a à tradução. Segundo a autora, há sete critérios que identificam na LSF um arcabouço teórico, metodológico e prático para os Estudos da Tradução: (i) a ênfase na análise semântica e não sintática; (ii) o casamento ideal entre gramática e significado; (iii) a análise lingüística de textos como base de construção de significados; (iv) a visão do texto enquanto unidade lingüística fundamental; (v) a observação do papel das estruturas lingüísticas para a elaboração do texto como unidade semântica; (vi) a ênfase no texto como realização de escolhas lingüísticas em meio a uma variedade de escolhas léxico-gramaticais disponíveis; e (vii) a base puramente paradigmática de investigação da linguagem.

¹² Minha tradução de: *Of which linguistics do they speak?*

Dentro dessa perspectiva, Vasconcellos (1997) sublinha o papel central do(a) tradutor(a), uma vez que será ele(a) quem fará as *escolhas* léxico-gramaticais conforme seu conhecimento enciclopédico tanto da cultura de origem, ou cultura do texto original, quanto da cultura receptora, ou cultura do texto traduzido. Vasconcellos, pois, destaca o papel dos significados ideacional e interpessoal na prática tradutória, visto que o(a) tradutor(a) será o(a) mediador(a) entre as duas culturas, decidindo “o *que* e para *quem* re-textualizar”¹³ (1997: 32, *itálicos no original*). Essas reflexões nos remetem aos apontamentos discutidos em seguida.

Em um artigo recente sobre avaliação de traduções sob a ótica do tradutor e do lingüista, Halliday (2001) esclarece que, ao investigarmos traduções, estamos, na verdade, contrastando dois *sistemas*: o da cultura de origem e o da cultura receptora. No entanto, Halliday aponta duas direções distintas entre tradutor e lingüista: enquanto este último vê a tradução como um *sistema*, aquele a interpreta como *instância textual*. Para o tradutor, segundo Halliday, a equivalência tradutória deve ser percebida por meio do texto, ao passo que para o lingüista a equivalência se dá a partir de uma identificação adequada entre os *registros*, ou *subsistemas*, das duas culturas. Mais especificamente, Halliday (2001) afirma que são nos registros das duas culturas que se encontram as partes do sistema (cultural) que lidam com a constituição da *experiência humana* por meio das relações sociais para a criação de *discurso*. Assim, Halliday sublinha a importância de se investigar o *conteúdo ideacional* do texto como produto nos Estudos da Tradução e, sobretudo, o papel do *conteúdo ideacional* na *constituição discursiva* de realidades sociais, culturais e políticas pertinentes a ambas as culturas. Conforme Halliday (1994: xv),

... a análise lingüística pode nos dar condições de afirmar porque o texto é ou não efetivo em seus propósitos – em que aspecto ele é bem sucedido, em que aspecto ele falha ou é menos bem sucedido. Tal objetivo é mais difícil de ser alcançado, uma vez que requer uma interpretação não apenas do texto em si, mas de seu contexto (contexto de situação, contexto de cultura) e da relação sistemática entre texto e contexto¹⁴.

¹³ Minha tradução de: “... *what* and *to whom* to retextualize.”

¹⁴ Minha tradução de: ... *the linguistic analysis may enable one to say why the text is, or not, an effective text for its own purposes - in what respects it succeeds and in what respects it fails, or is less successful. This goal is very much harder to attain. It requires an interpretation not only of the text itself but also of its context (context of situation, context of culture), and of the systematic relationship between context and text.*

Com base nessa premissa, a noção de discurso para análises de textos traduzidos abrange não somente aspectos lingüísticos ou de instância textual, mas, de igual modo, aspectos pertencentes às culturas de ambos os textos – original e tradução –, interpretando textos como produtos lingüísticos dentro de um evento comunicativo (Bloor e Bloor, 1995: 4) e traduções como re-textualizações de textos oriundos de eventos comunicativos distintos.

O que se percebe, pois, nas abordagens discursivas da tradução são aplicações de ferramentas teóricas e metodológicas da LSF em paralelo com ferramentas de análise de outras vertentes da Análise do Discurso, tais como, a pragmática, a sociolingüística interacional, a análise crítica do discurso, entre outras (cf. Baker, 1992; Blum-Kulka, 1986; Fawcett, 1997; Hatim e Mason, 1990, 1997; House, 1977, 1997). Em virtude dessa variedade de olhares e perspectivas analíticas, que muitas vezes causam problemas de aplicação de metodologias para a investigação do fenômeno tradutório, torna-se importante delimitar o campo teórico-metodológico de abordagens tradutológicas que privilegiam o discurso como lócus de análise e fundamentação das perquirições que pesquisadores em tradução realizam.

5. Comentários finais

O objetivo central deste ensaio foi apresentar e mapear as abordagens discursivas dos Estudos da Tradução, na tentativa de incluir, em um único enquadramento histórico e funcional, as discussões que têm sido levantadas nesse campo de investigação. É fato que os teóricos em tradução estão longe de definirem, com clareza suficiente, qual abordagem discursiva se lhes parece mais apropriada às suas perquirições. Talvez isso se dê pela multiplicidade de definições e aplicações do termo *discurso* no âmbito da Análise do Discurso como campo de saber. Segundo Jaworski e Coupland (1999: 3), “[e]mbora as diferenças importantes de ênfase [ao termo], discurso é inevitavelmente um conceito fundamental para se entender a sociedade e as respostas do homem a ela, bem como para se compreender a linguagem em si”¹⁵. As abordagens discursivas aplicadas à tradução, portanto, devem levar em conta não somente os aspectos lingüísticos que fundamentam análises meramente textuais, mas, sobretudo, os impactos entre as culturas dos textos originais e de suas

¹⁵ Minha tradução de: *Despite important differences of emphasis, discourse is an inescapably important concept for understanding society and human responses to it, as well as understanding language itself.*

traduções, como também a constituição de significados sociais e culturais que esses impactos freqüentemente causam. Neste sentido, a LSF revela-se bastante útil para mapear os elementos lingüísticos dos originais e seus equivalentes nas traduções, a fim de interligá-los a contextos de cultura mais amplos, por meio dos registros aos quais estejam vinculados.

6. Referências

- BAKER, M. *In Other Words*. London e New York: Routledge, 1992.
- BLOOR, T. e BLOOR, M. *The Functional Analysis of English: a Hallidayan approach*. London e New York: Arnold, 1995.
- BLUM-KULKA, S., "Shifts of Cohesion and Coherence in Translation". In: HOUSE, J. e BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, 1986. p.17-35.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, W. C. *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts: with special reference to selected texts by J. L. Borges*. Tese de Doutorado não publicada. School of English, Faculty of Arts: University of Birmingham, 1992.
- COULTHARD, M. "A Tradução e seus Problemas". In: COULTHARD, M. e CALDAS-COULTHARD, C. R. (orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1991. p. 1-16.
- CRYSTAL, D., DAVY, D. *Investigating English Style*. London: Longman, 1969.
- De SAUSSURRE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1916.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2 ed. London e New York: Continuum, 2004.
- FAWCETT, P. *Translation and Language: linguistic theories explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.
- FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934-1951*. London: Oxford University Press, 1957.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du Discours*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.
- GRICE, H. P. "Logic and Conversation". In: COLE, P. e MORGAN, J. (eds.). *Syntax and Semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. "Towards a Theory of Good Translation." In: In: STEINER, E. e YALLOP, C. (eds.). *Exploring Translation and Multilingual Text Production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.13-18.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2 ed. London e New York: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London e New York: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Language, Text and Context*. Geelong, Victoria: Deakin University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3 ed. UK: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *Exploration in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*. London e New York: Arnold, 1978.
- HATIM, B. e MASON, I. *Discourse and the Translation*. London e New York: Longman, 1990.
- HATIM, B. e MASON, I. *The Translator as Communicator*. London e New York: Routledge, 1997.
- HATIM, B. e MUNDAY, J. *Translation: an advanced resource book*. London e New York: Routledge, 2004.
- HOUSE, J. "How do we know when a translation is good?" In: STEINER, E. e YALLOP, C. (eds.). *Exploring Translation and Multilingual Text Production: beyond content*. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.127-160.
- HOUSE, J. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Gunter Narr, 1977.
- HOUSE, J. *Translation Quality Assessment: a model revisited*. Tübingen: Gunter Narr, 1997.
- JAWORSKI, A. e COUPLAND, N. "Introduction: perspectives on discourse analysis". In: JAWORSKI, A. e COUPLAND, N. (orgs.). *The Discourse Reader*. London e New York: Routledge, 1999. p. 1-44.
- KONDER, R. "Interpretação da Estrutura Temporal em *Eveline*: no original e na tradução". In: COULTHARD, M., CALDAS-COULTHARD, C. R. (orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1991. p. 89-101.
- KRESS, G. *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- MALINOWSKI, B. "The Problem of Meaning in Primitive Languages". In: OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A. (eds.). *The Meaning of Meaning*. London: Routledge e Kegan Paul, 1923. p.296-336.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. London e New York: Routledge, 2001.
- NIDA, E. *Toward a Science of Translating*. Leiden, Holland: Brill, 1964.
- PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- RODRIGUES JÚNIOR, A. S. "Gender-bend(er)ing male identity: first steps in search of a critical-discursive approach to gay literature translation", *Cadernos de Tradução*, n. XIII, 2004. p.55-79.
- SPERBER, D. *O Saber dos Antropólogos*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- SPRADLEY, J. P. *The Ethnographic Interview*. Australia: Wadsworth Group, 1979.
- TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- VAN DIJK, T. A. *Ideology: a multidisciplinary approach*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 1998.
- VASCONCELLOS, M. L. B. de. "Retextualizing Dubliners: a systemic-functional approach to translation quality assessment". Florianópolis: UFSC, 1997. (Tese de Doutorado)

VENUTI, L. (ed.) *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge, 2000.

WHORF, B. L. *Language, Thought and Reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT Press, 1956. (Organizado por J. B. Carroll)

ARTIGO ACADÊMICO: ESPAÇO DE POSICIONAMENTOS E NEGOCIAÇÕES

Cibele Gadelha Bernardino
Universidade Estadual do Ceará
Brasil
Cgbernardino@uol.com.br

Sinopse

Este artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla cuja questão central diz respeito a como os pesquisadores constroem seus posicionamentos e suas interações em artigos experimentais e artigos teóricos da área de Linguística. Os resultados apresentados advêm de um momento desta pesquisa no qual me dediquei a reconhecer, mapear e analisar os marcadores de atenuação e ênfase (Hyland, 2000) que, de forma mais relevante, constroem significados interpessoais de posicionamento e interação do pesquisador-autor na produção de exemplares de artigos experimentais e de artigos teóricos (Swales, 2004).

Palavras-chave

Linguística; Atenuação; Ênfase

Abstract

This paper presents some partial results of a larger research whose principal question deals with how researchers construct their positionings and interactions in both theoretical and experimental articles within Linguistics scientific field. The analysis stems from one moment of my research in which I sought to recognize, map and analyze hedges and boosters (Hyland, 2000), given that they construct interpersonal meanings of positioning and interaction of the researcher-author of the theoretical and experimental articles analyzed in this paper (Swales, 2004).

Key Words

Contextualizando a Pesquisa

São consideráveis os trabalhos que, de forma pontual, abordam a construção de significados interpessoais em gêneros acadêmicos. Pode-se citar, entre outros, o trabalho sobre o uso de atenuadores em escrita acadêmica (Crompton, 1997); de hedges e boosters como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar (Hyland, 1998); a discussão sobre a pragmática da polidez em textos acadêmicos (Myers, 1999); sobre o uso de atenuadores em artigos de divulgação científica na área de medicina (Varttala, 1999); e o trabalho de White (2003) sobre marcadores dialógicos no texto acadêmico. Temos ainda a importante publicação de Hyland (2000) que será tratada mais detalhadamente adiante. No cenário brasileiro, chamo a atenção para os trabalhos de Figueiredo-Silva (2001) sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica e de Balocco (2002) sobre o uso de enunciados em primeira pessoa no discurso acadêmico.

Há entre esses autores um importante ponto de interseção no que diz respeito ao discurso científico: a visão de que esse discurso é, antes de tudo, um espaço de construção e negociação de significados mais do que, simplesmente, de apresentação de dados. Para Hyland (2000), por exemplo, as diferenças entre a produção escrita de diferentes áreas disciplinares não estão apenas no conteúdo, mas, principalmente, nas diferentes formas de construir tal conteúdo, nas diferentes formas de estabelecer conhecimento partilhado, nas diferentes maneiras de engajar-se com o leitor, ou diferentes formas de avaliar e modalizar as proposições e estas diferenças são resultantes de forças sociais e institucionais. É importante salientar que o gênero textual é um espaço significativo de interação no qual os membros de uma comunidade disciplinar irão engajar-se, contribuindo para a manutenção e ao mesmo tempo para o processo de inovação dos valores, práticas e crenças dessa comunidade.

Para Myers (1999), por exemplo, o discurso científico envolve a interação entre cientistas cuja manutenção da face é essencial, visto que a constituição desse discurso passa pela construção de alianças e negociações que tendem a buscar aceitação frente à comunidade acadêmica. Hyland (2000) também nos diz que ao publicarem seus textos, cientistas engajam-se em uma rede de associações profissionais e sociais, uma vez que é,

particularmente, através de suas publicações que esses cientistas constroem a credibilidade dos conhecimentos de uma área disciplinar, estabelecem seus sistemas de hierarquia e recompensa e constroem e mantêm sua autoridade cultural. Assim, Hyland (2000) considera que, na academia, os textos produzidos incorporam as negociações sociais da área disciplinar. Sob esse ponto de vista, o autor nos diz que o conhecimento acadêmico é produzido em áreas disciplinares constituídas por normas, nomenclaturas, objetos e objetivos de pesquisa, comportamentos sociais, relações de poder, interesses políticos, constituindo uma cultura disciplinar particular que deve ser apreendida por aqueles que desejam inserir-se em tais áreas. Assim, os gêneros textuais que circulam na comunidade acadêmica constituem um espaço onde tal cultura é construída. É, pois, porque textos são escritos para serem compreendidos em um certo contexto cultural, que a análise de gêneros textuais pode fornecer importantes evidências sobre os valores e as práticas institucionais de uma cultura disciplinar, inclusive sobre as práticas de negociação e disputa de poder entre os membros da academia.

Ainda segundo Hyland (2000), o objetivo central que permeia a produção de gêneros acadêmicos é a busca de aceitação entre os pares de uma comunidade disciplinar. Ou seja, autores, ao publicarem seus artigos, resenhas, livros, etc., não buscam apenas expor suas idéias, mas também agir no sentido de colocar tais idéias em uma posição de respeitabilidade e aceitação frente a seus pares. Ao fazer isso, escritores utilizam, fundamentalmente, na construção de seus textos, recursos léxico-gramaticais vinculados aos significados metadiscursivos da linguagem.

Trabalho fundamental a esse respeito é a publicação de Hyland (2000) na qual o autor analisa o uso de vários recursos léxico-gramaticais marcadores de posicionamento e atitude dos(as) autores(as) em diferentes gêneros acadêmicos. Interessa à minha pesquisa, particularmente, a caracterização que esse autor faz das categorias realizadoras do metadiscurso interpessoal: os marcadores de atenuação (*hedges*), os marcadores de ênfase (*boosters*), os marcadores atitudinais (*attitude markers*), os marcadores relacionais (*relational markers*) e os marcadores pessoais (*person markers*), (Hyland, 2000:111).

Para Hyland, o metadiscurso interpessoal conduz o escritor a expressar sua perspectiva em direção às proposições ou aos leitores. Neste sentido, o metadiscurso está intimamente relacionado ao elemento contextual de relações (*tenor*), pondo em pauta a

proximidade ou distância do autor em relação à audiência e a expressão de atitude e comprometimento do autor em relação às suas proposições. Como já foi apontado, a realização desse metadiscurso se dá, principalmente, por meio dos marcadores de ênfase e de atenuação, dos marcadores relacionais, atitudinais e pessoais.

Os marcadores de atenuação e de ênfase são, para Hyland (1998), estratégias comunicativas utilizadas para atenuar ou ampliar a força das declarações. Sua importância no discurso acadêmico tem conexão com as relações interativas entre autores(as) e leitores(as), recobrando tanto significados epistêmicos quanto afetivos. Ou seja, essas estratégias não somente expressam o grau de compromisso do escritor com a verdade da proposição como também uma atitude em relação à audiência.

Para White (2003), o uso de marcadores modais de probabilidade como *talvez*, *possivelmente* indica que o autor está estabelecendo diálogo com proposições alternativas, ou seja, o autor mostra ao seu leitor que há proposições alternativas ao que está sendo dito no texto.

Já os marcadores de ênfase (*boosters*) como *obviamente*, *claramente*, expressam a convicção dos escritores em relação ao conteúdo da proposição, mas também expressam envolvimento e solidariedade com a audiência, sublinhando o conteúdo proposicional como informação partilhada. A construção desse *status* da proposição proporciona uma significação de pertencimento ao grupo, por parte do autor, e um conseqüente engajamento com seus pares.

Po outro lado, os marcadores de atenuação (*hedges*) como *possivelmente* e *talvez* expressam o enfraquecimento de uma declaração através de uma qualificação explícita do compromisso do(a) escritor(a), mostrando que a informação é apresentada mais como uma opinião do que como um fato. Ou segundo Myers (1989), esses marcadores podem indicar respeito e deferência à visão dos pares da academia.

É importante ressaltar, ainda, que ao limitar seu compromisso por meio do uso de atenuadores, escritores oferecem um valor ao *status* da proposição, atestando o grau de precisão e veracidade que ela carrega. Olhando por outro ângulo, isto quer dizer que o uso de atenuadores (*hedges*) implica que a proposição está baseada sobre argumentos e razões plausíveis mais do que sobre conhecimento fatural. E que, portanto, pode tornar-se objeto de embates e disputas.

Existem, ainda, os *hedges* atributivos (Hyland, 1998:362), tais como *aproximadamente, parcialmente, geralmente, largamente, tipicamente, usualmente*, que diferem dos demais tipos de atenuadores porque se referem ao relacionamento entre elementos proposicionais mais do que à relação entre escritor e proposição. Assim, tais mecanismos limitam o escopo de acompanhamento da declaração mais do que nos falam sobre o grau de certeza do(a) escritor(a).

Enquanto marcadores de atenuação e de ênfase nos mostram o grau de comprometimento, certeza e deferência que os escritores desejam sinalizar em seus textos, os marcadores atitudinais indicam uma avaliação afetiva do escritor, ou seja, se sua atitude em relação ao texto expressa surpresa, avaliação de importância, concordância, etc.

Os marcadores relacionais, por sua vez, são mecanismos que explicitamente dirigem-se aos leitores, tentando focalizar sua atenção ou incluí-los como co-participantes da teia discursiva. Hyland (2000:113) observa que, na prática, é difícil distinguir entre os marcadores relacionais e os atitudinais, uma vez que ambos apresentam implicações relacionais. A maior distinção está em que os marcadores atitudinais são explicitamente direcionados ao escritor e são sinalizados por verbos de atitudes, modalizadores de necessidade e advérbios sentenciais. Já os marcadores relacionais são direcionados à participação do leitor e são sinalizados por pronomes de segunda pessoa, modos imperativo e interrogativo, etc.

Por fim, os marcadores pessoais referem-se ao grau de presença do autor no texto, indicado, principalmente, pelo uso de pronomes de primeira pessoa e por adjetivos possessivos.

Como podemos perceber, o uso de recursos metadiscursivos interpessoais, como os marcadores de atenuação e ênfase, os marcadores atitudinais, relacionais e pessoais é uma importante ferramenta para construir as relações de interação nos gêneros acadêmicos, mas como diz Hyland :

Enquanto pode parecer óbvio que escrita é interação, não é de maneira alguma evidente o que um texto, em particular, nos diz sobre essa interação ou sobre aquelas que dela participam. O que motiva as interações em escrita acadêmica? Que traços lingüísticos realizam essas interações? Quais estratégias estão envolvidas e que

princípios são aplicados? Quais as crenças e práticas disciplinares envolvidas na interação? (Hyland, 2000:02)¹ (minha tradução)

Há, ainda, que se considerar que a análise do uso de atenuadores assim como de outros marcadores interpessoais de avaliação, posicionamento e interação poderá variar em diferentes gêneros acadêmicos e, provavelmente, em diferentes culturas disciplinares (Hyland, 2000). E que o domínio de tais recursos é extremamente importante para o trânsito da produção acadêmica de pesquisadores que desejem ser aceitos no âmbito de sua área disciplinar. Assim, são extremamente pertinentes pesquisas que incrementem tais questões .

A pesquisa aqui proposta tem, pois, como objetivo contribuir para a compreensão do funcionamento desses recursos construtores de significados metadiscursivos ao analisar comparativamente os marcadores de atenuação e ênfase em artigos experimentais e em artigos teóricos da área de Linguística escritos em português brasileiro. Para tanto, articulo a descrição retórica do gênero artigo acadêmico proposta por Swales (1990, 2004) e a proposta de categorização dos marcadores do metadiscorso interpessoal apontada por Hyland (1996;2004).

Observando os Corpora

Em primeiro lugar, é importante sublinhar que os resultados apresentados neste trabalho fazem parte de uma pesquisa mais ampla iniciada no ano de 2004 que partiu da questão *sobre como os autores de artigos acadêmicos (escritos em português brasileiro) construíam seus posicionamentos frente à sua audiência*. Para tal investigação, constitui um corpus composto por 40 exemplares do gênero artigo acadêmico a partir das edições (entre 1999 e 2004) da revista D.E.L.T.A. organizadas no site [ht://www.scielo.br](http://www.scielo.br).

O primeiro olhar sobre o corpus logo revelou que havia diferenças retóricas entre os artigos cujos objetivos eram de investigação experimental e os artigos cujos objetivos estavam mais voltados para o debate teórico. Assim, a pergunta de pesquisa foi revestindo-se de novas e necessárias especificações a saber: há diferenças em como autores

¹ *While it might be obvious that writing is interaction, it is not at all evident just what a particular text tells us about that interaction or about those who participate in it. What motivates interactions in academic writing? What linguistic features realise these interactions? What strategies are involved and what principles are employed? What do these tell us about the beliefs and practices of the disciplines?*

de artigos experimentais e teóricos (Swales, 2004) da área de Lingüística constroem seus posicionamentos frente à sua audiência?

O primeiro passo para dar continuidade à investigação foi, então, analisar exemplar a exemplar, observando, a partir da caracterização proposta por Swales (2004), quais os artigos do corpus cujos objetivos eram experimentais ou teóricos. Este momento resultou na organização de dois novos corpora: o *corpus 1* formado por 10 artigos experimentais e o *corpus 2* composto por 10 artigos teóricos.

É importante sublinhar que chamei aqui de artigo experimental (AE), com base em Swales (2004), aqueles artigos que apresentaram como objetivo central a análise de dados de qualquer natureza e, portanto, apresentaram necessariamente a unidade retórica de Análise e Discussão dos Dados. Observemos, na figura abaixo, a explicitação desses objetivos a partir de trechos retirados da unidade retórica de Introdução de exemplares do corpus1.

Este artigo tem por objetivo problematizar as relações entre teoria e prática em dois momentos complementares: o primeiro, no âmbito da Lingüística Aplicada e sua relação com os professores; e o segundo, no âmbito da escola na relação entre a apropriação dos conhecimentos e a prática de sala de aula. Para isso, foram estudados artigos e livros de autoria de lingüistas aplicados do Brasil e do exterior, além de aulas de leitura e escrita, em língua materna e estrangeira, gravadas em áudio, no 1º e 2º graus da rede estadual de São Paulo e Campinas. (*Corpus 1 – Art. 1*).

Este trabalho trata da relação entre sintaxe e fonologia no que diz respeito a regras rítmicas. Nosso objetivo é mostrar que categorias sintáticas foneticamente não realizadas podem interferir na organização rítmica dos enunciados; mais precisamente, que um pronome foneticamente nulo (pro) pode impedir a retração de acento nos casos de encontro acentual entre verbo e advérbio. Por exemplo, em (1a) é possível que o encontro acentual seja desfeito movendo-se o primeiro dos dois acentos para a sílaba anterior, enquanto que em (1b) esse movimento de acento não é possível: 1,2

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. Nas duas primeiras seções definimos o que entendemos por choque acentual dentro da proposta da fonologia prosódica por nós adotada e apresentamos alguns estudos em fonologia que discutem a influência de categorias sintáticas foneticamente vazias, detalhando o problema a ser discutido neste trabalho. A seção 3 trata da discussão sintática sobre as categorias vazias. Na seção 4 analisamos nossos dados, envolvendo categorias sintáticas vazias e aplicação de regras rítmicas. Finalmente, na seção 5 resumimos nossas observações e apontamos algumas questões que passam a merecer atenção, tanto por teorias fonológicas quanto por teorias sintáticas. (*Corpus 1 – Art. 2*).

FIGURA 1 - Trechos do *corpus 1* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Experimentais (AE).

Vejamos, agora, como se mostraram os 10 artigos experimentais analisados quanto à distribuição de suas unidades retóricas:

QUADRO 1
Unidades retóricas dos artigos experimentais do *corpus* 1

Artigo Experimental	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AE1	X	X	-	X	X
AE2	X	X	-	X	X
AE3	X	X	-	X	X
AE4	X	X	X	X	X
AE5	X	-	X	X	X
AE6	X	X	X	X	X
AE7	X	-	-	X	X
AE8	X	X	X	X	X
AE9	X	-	-	X	X
AE10	X	X	X	X	X

Como é possível perceber por meio do QUADRO 1, todos os exemplares do *corpus* apresentaram unidades destacadas para análise de dados. Os artigos AE5, AE7 e AE9 não apresentaram uma unidade destacada para Revisão de Literatura, uma vez que os pressupostos teóricos estão ou na unidade de Introdução e/ou inseridos na unidade retórica de Resultados e Discussão dos Dados. Este fato, provavelmente, deve-se a dois fatores: (i) a unidade retórica Introdução de AE, segundo Swales (1990), tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de conhecimento a partir do qual os (as) autores(as) podem construir suas proposições e a partir do qual os(as) leitores(as) podem interpretá-las. Podemos perceber, então, que alguns autores preferem inserir a discussão teórica na seção de introdução dos artigos, não destacando uma seção específica para tal propósito; (ii) na unidade retórica Resultados e Discussão dos Dados, encontramos uma subunidade retórica, apontada por Silva (1999), cujo objetivo é *comparar as descobertas com a literatura já existente*, ou seja, estabelecer um diálogo comparativo com a produção teórica já estabelecida. Esta subunidade possibilita aos autores trazer à tona elementos da revisão de literatura que, provavelmente, já foram apontados na seção de introdução dos artigos.

Os artigos AE1, AE2, AE3, AE7 e AE9 não apresentaram tópico destacado para Metodologia, uma vez que informações metodológicas foram apresentadas na unidade retórica Introdução. Mais uma vez isso deve-se aos objetivos da seção de introdução dos

artigos acadêmicos que no movimento 3 (*ocupando o nicho*), descrito por Swales (1990;141) prevê a possibilidade que têm os autores de apresentar a pesquisa: o tema abordado (aqui já é possível fazer referência ao objeto de estudo); os objetivos da pesquisa, assim como o percurso realizado para cumprir tais objetivos. Assim, como podemos perceber, todos os AE apresentaram informações teóricas; metodológicas e resultados de análise, mas metade desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas unidades retóricas, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do protótipo.

Em geral, podemos dizer que o artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada. Vejamos, agora, a caracterização do corpus 2.

O corpus 2 aqui constituído foi aquele composto por artigos cujo objetivo central consistiu em realizar uma discussão, prioritariamente, teórica sem, necessariamente, recorrer à análise de dados. Isto pode ser mais facilmente percebido na FIGURA 2 através dos trechos retirados das Introduções de exemplares do corpus:

“O presente artigo pretende, dado o panorama acima exposto, retomar a reflexão sobre o tipo de texto como esquema cognitivo a partir dessa discussão recente sobre o assunto. O objetivo do artigo, desta forma, é esboçar um conceito psicolinguístico de tipo de texto a partir da contraposição das teorias recentes sobre o tema, principalmente com relação à questão esquema cognitivo de texto versus processo social de convencionalização.” (Corpus 2 – Art.12)

“Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é propor uma possível interface entre a semântica e a lingüística textual a partir da relação entre dois de seus principais conceitos, respectivamente: a sinonímia, baseado no significado denotativo, e a referência, que define e é definida pelo significado textual. Serão feitas também considerações acerca da função expressiva da referência, normalmente vista a partir de sua função referencial no âmbito do texto. Uma análise sucinta de exemplos retirados de um texto servirá de ilustração para as questões a serem aqui tratadas.” (Corpus 2 – Art.11)

“Assim, o objetivo deste artigo é explorar as divergências entre duas teorias sócio-pragmáticas do discurso no tocante à indeterminação do significado. Para tal, na primeira parte do trabalho, contrapomos as pragmáticas (de Grice e de Searle) com a tradição sócio-interacional de análise do discurso (resultante dos trabalhos de Bateson e Goffman e representada pela obra de Gumperz). Na segunda parte, relacionamos tais oposições com o tratamento da indeterminação, no que diz respeito às divergências sobre as motivações e sobre o escopo do fenômeno.” (Corpus 2 – Art.16)

FIGURA 2 - Trechos do *corpus 2* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Teóricos (AT).

Com exceção do AT11 que apresenta um tópico destacado no qual o autor faz uma análise de um texto a título de exemplificação da discussão teórica, nos demais exemplares analisados não houve uma unidade de Análise e Discussão de Dados destacada. Não considerei o AT11 como artigo experimental porque o objetivo central do artigo não consistia na análise de dados, não havia *corpus* constituído. O texto analisado nesse artigo foi utilizado somente para exemplificar os elementos da discussão teórica proposta, não havendo, pois, um objetivo de investigação de dados propriamente ditos. Vejamos, então, a distribuição das unidades retóricas dos exemplares que compuseram o *corpus 2*:

QUADRO 2

Unidades retóricas dos artigos teóricos do *corpus 2*

Artigo Teórico	Introdução	Discussão Teórica	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AT11	X	X	-	X	X
AT12	X	X	-	-	X
AT13	X	X	-	-	X
AT14	X	X	-	-	X
AT15	X	X	-	-	X
AT16	X	X	-	-	X
AT17	X	X	-	-	X
AT18	X	X	-	-	X
AT19	X	X	-	-	X
AT20	X	X	-	-	X

É importante salientar, ainda, que a unidade retórica, geralmente, identificada como Revisão de Literatura, na verdade cumpriu objetivos distintos nos exemplares do *corpus 2* aqui analisados, uma vez que, em alguns exemplares, discutiu-se a adequação de conceitos; em outros, controvérsias entre campos teóricos, ou, ainda, o repensar de determinadas concepções teóricas. Por este motivo, substituí a expressão *Revisão de Literatura* por *Discussão Teórica*. Parece, pois que esta variação está intimamente ligada aos objetivos dos artigos teóricos, como pode ser percebido na FIGURA 2.

Vale ressaltar, ainda, que em dois dos exemplares (AT13 e AT19), os autores valeram-se de exemplos para ilustrar a discussão teórica, sem, no entanto, destacá-los em uma unidade retórica dirigida somente à análise. Os exemplos são discutidos à medida que

a discussão teórica se desenrola. Outra observação relevante diz respeito ao fato de que tais exemplos não constituem um *corpus* de análise, tratam-se de exemplos avulsos.

Observando os quadros 1 e 2, podemos perceber alguns indicadores:

- O artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada.
- Os artigos teóricos, diferentemente dos artigos experimentais, não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados, uma vez que não se propõem à investigação de um corpus de análise.

É certo que tais afirmações são hipóteses lançadas a partir de um número de exemplares ainda restrito e carecem de uma observação a partir de uma amostragem mais ampla. No entanto, este não é o objetivo desta pesquisa.

Foi neste momento da análise que a pesquisa deparou-se com a seguinte questão: se parece haver diferentes propósitos e uma diferente organização retórica entre artigos experimentais e teóricos, a forma como autores constroem recursos metadiscursivos de posicionamento e interação também é ou não distinta nestes artigos? Assim, para tentar responder a esta questão, passei ao mapeamento dos marcadores metadiscursivos de atenuação e ênfase nos *corpora* 1 e 2.

Este momento da análise requisitou uma nova decisão metodológica a saber: quais os elementos léxico-gramaticais que de forma mais relevante construíam os significados de atenuação e ênfase nos corpora? Optei por desenvolver a análise a partir do levantamento dos advérbios simples utilizados pelos autores para construir estes significados. Os corpora foram, então, submetidos ao ambiente do programa *WordSmith Tools* no qual a partir da ferramenta chamada *WordList* pude realizar um levantamento quantitativo de todas as palavras de cada um dos corpora e da incidência percentual destas palavras e, portanto, pude levantar a lista de todos os advérbios encontrados nos corpora. O passo seguinte foi verificar, caso a caso, quais desses advérbios realizavam os significados metadiscursivos de atenuação e ênfase. Para este momento de análise dispus da ferramenta *Concord* a partir da qual podemos visualizar todas as ocorrências nos respectivos co-textos

de realização. Uma vez identificado o advérbio como marcador metadiscursivo, inseri no corpo do texto ao lado do item analisado as etiquetas <MA> para marcador de atenuação e <ME> para marcador de ênfase como podemos ver nos exemplos abaixo:

Ex. 1:

Proponho, portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (adepto, talvez <MA> o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga - Leite 1990:35) de que a oposição fonológica fundamental entre as consoantes no sistema fonológico do Português seja entre obstruintes e soantes, e de suas possíveis conseqüências. (corpus 1 –Art.3)

Ex.2:

Assim, desta perspectiva não se entende a língua enquanto código (códigos são explícitos) mas enquanto estrutura verbal simbólica, cujas marcas formais ganham sentido ao se realizarem em processos discursivos, historicamente determinados, e determinantes na constituição do sujeito. Portanto, como já disse, operar-se com a noção de formação discursiva **certamente** <ME> possibilitará superar a mera descrição de realizações lingüísticas e levará a formular hipóteses explicativas sobre jogos de implícitos e efeitos de sentido no processo de produção em L2, entendido como processo de inscrição do sujeito de enunciação em discursividades da língua alvo. (Corpus 2- Art.20)

Terminado o etiquetamento, realizei, novamente por meio da ferramenta *WordList*, o levantamento das etiquetas <MA> e <ME> para saber qual o total de marcadores de ênfase e de atenuação que foram utilizados em cada um dos corpora. A tabela abaixo revela os resultados encontrados:

TABELA 1
Quadro comparativo dos marcadores de ênfase e atenuação (Hyland, 2000)
presentes nos *corpora* 1 e 2

Marcadores metadiscursivos	Corpus1– 10 artigos experimentais	Corpus 2- 10 artigos teóricos	Principais advérbios que realizaram os marcadores
Marcadores de atenuação (MA)	47	18	Talvez, provavelmente, possivelmente, supostamente, aparentemente.
Marcadores de ênfase (ME)	44	50	Certamente, claramente, realmente, evidentemente, obviamente, absolutamente, exatamente.

Os resultados acima apresentados representam o total de marcadores distribuídos em todos os exemplares dos corpora 1 e 2. Chama a atenção, primeiramente, o fato de que o número de marcadores de atenuação é bastante superior no corpus de artigos experimentais do que no corpus de artigos teóricos. Penso que este fato está intimamente relacionado aos objetivos que norteiam a construção dos artigos experimentais. Ou seja, uma vez que esses artigos prestam-se à apresentação de resultados de uma investigação, na maioria das vezes, nova para a comunidade disciplinar, os pesquisadores-autores têm uma

forte preocupação em ganhar a adesão de seus pares nesta comunidade. A análise do corpus 1, mostrou dois principais motivos pelos quais os autores de artigos experimentais usaram atenuadores : (i) apresentar os resultados de pesquisa como parciais; resultantes da construção de hipóteses plausíveis, mais do que da constatação da realidade e (ii) manter o diálogo aberto com os pares da comunidade disciplinar, buscando minimizar o risco de rejeição por parte desses pares, uma vez que o artigo experimental apresenta conhecimento novo a ser avaliado e aceito por esses pares.

Assim, os autores usam esses marcadores para atenuar o grau de exatidão/asseveração de suas proposições e ao fazerem isso, apresentam-se mais explicitamente como fonte de suas proposições e, portanto, como mais responsáveis por elas. Por outro lado, esta atenuação do conteúdo proposicional também localiza a autoria em um lugar de diálogo aberto com sua audiência, posto que ao atenuar o grau de certeza de suas proposições, os pesquisadores-autores posicionam-se em um terreno favorável à polêmica e necessitam construir, pois, margens para negociação.

Se, por um lado, os marcadores de atenuação explicitam maior grau de agentividade e cooperação, por outro lado, diminuem o grau de verificação das proposições ao lançarem o conteúdo proposicional como algo resultante de probabilidades/possibilidades advindas da interpretação da autoria, o que indica também que o uso desse recurso pode expressar a visão que o autor tem sobre o *status* do conhecimento científico como uma construção, uma leitura da autoria e não como uma mera constatação de achados.

É importante sublinhar que os marcadores de atenuação no corpus de artigos teóricos (corpus 2) foram utilizados, principalmente, quando os autores realizaram algum comentário sobre as teorias de outros autores. Isto claramente demonstra, como aponta Myers (1999), uma preocupação em manter bom relacionamento com os pares da área disciplinar, construindo uma posição de respeito frente a esses pares. Vale salientar que essa posição de respeito se estende, na verdade, ao conjunto da produção científica da área disciplinar, ou seja, ao conjunto do conhecimento já construído e aceito por esta comunidade.

Como podemos perceber, autores de artigos experimentais não só usam mais marcadores de atenuação do que autores de artigos teóricos, como também o fazem por motivos distintos.

Quanto ao uso dos marcadores de ênfase, percebemos um relativo equilíbrio entre artigos experimentais e teóricos, embora seja importante sublinhar que estes marcadores foram utilizados em maior quantidade por autores de artigos teóricos.

Ao observarmos as ocorrências dos marcadores de ênfase em artigos experimentais, percebemos que tais marcadores foram utilizados para:

- construir o conteúdo proposicional como conhecimento partilhado e, portanto, já aceito pela comunidade disciplinar. Desta feita, mesmo que o leitor seja um membro iniciante nesta comunidade e, portanto, não compartilhe a informação apresentada, ele a tomará como conteúdo já consolidado pelos membros experientes da comunidade e, portanto, como conteúdo a ser assimilado e aceito e, como resultado disto, dificilmente estabelecerá polêmica com o autor acerca do conteúdo proposicional. Na verdade, aqui, o leitor é convidado a corroborar este conteúdo que é apresentado como já aceito pela comunidade disciplinar. Podemos perceber este objetivo no exemplo que segue: “O gênero em construção é *claramente* <ME> aquele que Bakhtin (1979) designa como gêneros (primários) cotidianos e familiares. [...]” (Corpus 1 – Art. 10)

São utilizados, ainda, para:

- Demonstrar convicção e compromisso em relação ao conteúdo proposicional. Para tanto, os autores constroem o conteúdo proposicional como resultado natural dos fatos (*naturalmente*); como resultado de uma evidência (*evidentemente*), como resultado de argumentos plausíveis e lógicos (*obviamente*). A título de ilustração: “A tradução interlingual se processa entre dois complexos língua/cultura e a efetiva condução do ato tradutório envolve, *evidentemente*, <ME> não apenas o léxico e a sintaxe, mas a totalidade do texto, texto esse que incorpora em si uma determinada concepção da realidade e, para além do texto, as culturas, ideologias e realidades psico-sociais lato sensu.” (Corpus 1- Art.8)

De uma forma geral, podemos dizer que autores de artigos experimentais utilizam marcadores de ênfase, predominantemente, para imprimir um alto grau de verificação/confiabilidade (Hyland, 2004) ao conteúdo proposicional, assim como para

emprestar objetividade ao texto, ocultando, na maioria das vezes, a responsabilidade da autoria sobre o conteúdo proposicional.

Quanto ao grau de cooperação, também percebi uma maior tendência à construção das proposições de tal forma que se torne mais difícil para o leitor questioná-la e, principalmente, refutá-la. É notório, no entanto, que na maioria dos casos, os autores escolhem determinados recursos metadiscursivos com vistas a angariar aceitação de seus pares na comunidade disciplinar. Assim, mesmo quando utilizam recursos que deixam pouca margem para negociação, o fazem porque consideram que a audiência irá aceitar, irá reconhecer a veracidade do dito.

Passemos, agora, aos marcadores de ênfase em exemplares de artigos teóricos. Em primeiro lugar é importante sublinhar que foi considerável o número de marcadores de ênfase utilizados para apresentar o posicionamento de autores citados. Como em “A crítica Wittgensteiniana consiste *justamente* <ME> em elevar este aspecto a nível primário.” (Corpus 2 – Art.18).

É interessante perceber que esses marcadores constroem, por um lado, um valor asseverativo para a proposição e, ao mesmo tempo, agregado a esse significado asseverativo, constroem um valor focalizador. Assim temos :

Justamente/ Exatamente	}	significado asseverativo – é certo que; é confiável que...
		significado focalizador - é X e não outra coisa diferente de X

Ao construir tais significações, os autores optam por proposições com alto valor de verificação/confiabilidade e, por isso mesmo, com pouco espaço para negociar divergências.

Outra importante ocorrência de marcadores de ênfase em exemplares de artigos teóricos está associada ao uso de advérbios asseverativos afirmativos (Neves, 2000) que apresentam o conteúdo proposicional como uma evidência. Desta feita, há uma tentativa por parte dos autores em angariar a confiabilidade dos leitores e minimizar uma possível tensão polêmica. É interessante, ainda, notar que foram muitos os casos nos quais este

sentido é fortemente intensificado pelo uso temático que os autores fazem desses marcadores. Este uso temático conduz o leitor a antes mesmo de apropriar-se do conteúdo proposicional, já tomá-lo como resultado de uma evidência e, portanto, como confiável. É o que podemos perceber no exemplo: “*Evidentemente*, <ME> é uma concepção tradicional do ritmo (que o iguala a metro) que possibilita ao autor estabelecer esse tipo de distinção.” (Corpus 2 – Art. 14).

Tecendo Considerações Finais

Voltemos agora à pergunta que fizemos anteriormente: *se parece haver diferentes propósitos e uma diferente organização retórica entre artigos experimentais e teóricos, a forma como autores constroem recursos metadiscursivos de posicionamento e interação também é ou não distinta nestes artigos?* Após a análise dos marcadores metadiscursivos de atenuação e de ênfase utilizados nos corpora, sugerimos que a resposta é sim: autores de artigos experimentais e de artigos teóricos constroem diferentes significados metadiscursivos de posicionamento e interação com seus pares na comunidade disciplinar e o fazem por conta dos distintos objetivos que norteiam a construção desses artigos.

Primeiramente porque autores de artigos experimentais atenuam muito mais suas proposições do que autores de artigos teóricos, uma vez que, objetivando apresentar resultados de uma pesquisa, necessitam construir argumentos plausíveis em torno de análises e hipóteses para as quais é necessário constituir um espaço de aceitação frente à comunidade disciplinar. Por outro lado, autores de artigos teóricos utilizam em menor escala tais atenuadores e o fazem, principalmente, para estabelecer uma relação de respeito ao apresentarem e comentarem as teorias de outros autores que são citados no texto. Isto ocorre uma vez que esses artigos têm como objetivo central dialogar com diferentes autores em seus respectivos campos teóricos. Assim, é possível perceber que o diferente uso de marcadores metadiscursivos de atenuação parece estar estreitamente ligado aos objetivos que norteiam a construção de artigos experimentais e teóricos.

Isto também nos indica que nos artigos experimentais, os autores se responsabilizam mais pelo conteúdo proposicional do que nos artigos teóricos, posto que os marcadores de atenuação, geralmente, apontam para a agentividade por trás da proposição, ou seja, para a fonte responsável pelo dito.

Em segundo lugar, é fundamental salientar que os autores de artigos teóricos utilizaram muito mais marcadores de ênfase do que marcadores de atenuação, enquanto nos artigos experimentais o uso desses marcadores foi bastante equilibrado. Isto parece sugerir que em artigos teóricos o diálogo é menos aberto à polêmica do que em artigos experimentais uma vez que os marcadores de ênfase cumprem o papel de, ao construírem o conteúdo proposicional como dado e já aceito pela comunidade disciplinar, convidarem o leitor a aceitá-lo.

É importante mostrar, ainda, que se considerarmos a soma dos marcadores metadiscursivos de atenuação e ênfase, verificaremos que os autores de artigos experimentais usaram muito mais metadiscorso (95 marcadores) que os autores de artigos teóricos (68 marcadores). Isto parece demonstrar que ao construírem exemplares de artigos experimentais, os autores da área de Linguística estão mais preocupados em estabelecer diálogo e angariar adesão da audiência do que quando constroem artigos com objetivos puramente teóricos.

Por fim, é fundamental sublinhar que, de um modo geral, o uso desses marcadores é efetivado em pontos dos textos nos quais os autores não se sentem à vontade para construir declarativas não modalizadas que se impõem como verdades inegociáveis. Como diz McCabe (2004), o uso de qualquer marcador de modalidade coloca o conteúdo da proposição como objeto de negociação entre escritor e leitor ao passo que o uso de declarativas não modalizadas simula uma relação consensual entre os mesmos.

Assim, o uso desses marcadores metadiscursivos, em maior ou menor grau, abre as proposições a interpretações variadas, sugerindo, pois o diálogo entre autores e sua audiência e pondo em questão a responsabilidade sobre as proposições.

REFERÊNCIAS

BALLOCO, A. E. Identity academic discourse: constructing an insider's ethos in prose about literature. *Trab. Ling. Aplic.* Campinas, n. 40, 2002. P. 17-28.

CROMPTON, P. Hedging in academic writing: some theoretical problems. *English for Specific Purpose*, vol. 16, n. 04, 1997. P. 271-287.

FIGUEIREDO-SILVA, M. I. R. de. *Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging*. Texto apresentado para conferência no Departamento de Linguística Aplicada e Teórica da Universidade de Edinburgh. 2001.

HYLAND, K. Writing without conviction? Hedging in science research articles. *Applied Linguistics*, V. 17, n° 4, 1996

_____. Boosting, hedging and negotiation of academic knowledge. *Text*, 18(3).. 1998. P.349-382

_____. *Disciplinary discourse: social interactions in academic writing*. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

_____. Options of identity in academic writing. *ELT Journal*. V. 56/4. Oxford University Press. October, 2002.

HYLAND, K.; TSE, P. Metadiscourse in academic writing : a reappraisal. *Applied Linguistics*. V. 25. Nº 2. junho,2004.

McCABE, A. Mood and modality in Spanish and English history textbooks: the construction of authority. *Text*. 24(1), 2004. P. 1-29.

MYERS, G. The pragmatics of politeness in scientific articles. *Applied Linguistics*, v.10, n.1, 1999. P.1-33.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: University Press, 1990.

_____. *Research genres: explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VARTALLA, T. Remarks on the communicative functions of hedging in popular scientific and specialist research articles on medicine. *English for Especific Purpose*, v. 18, n. 2., 1999. P.177-200.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, v. 23, n. 2., 2003. P. 259-284.

FIN DE PARTIE: L'INFINI RECOMMENCEMENT DE RIEN

Lúcia Margarida Pinho Lucas de Freitas de Carvalho Pedrosa

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

lpedrosa@iscap.ipp.pt

Sinopse

Dans *Fin de partie*, Beckett se révèle de nouveau un maître du théâtre de l'âme, mais d'une façon pas du tout conventionnelle. On doit classer cette pièce dans l'*antithéâtre* parce qu'elle manque d'intrigue, il n'y a que de situations cycliques toujours répétées, le temps ne veut pas passer, c'est plutôt un moment éternel, les personnages manquent de consistance et d'individualité : ils sont davantage des incarnations d'attitudes humaines, et ils parlent un langage décousu, un bourdonnement dépourvu de sens. Bien que tous ces aspects contribuent à l'ambiguïté de la pièce, rien n'y est laissé au hasard : tout sert à communiquer l'incommunicable.

La scène se passe dans un lieu clos, avec une lumière crépusculaire qui suggère la fin du jour. Les personnages et les objets se trouvent dans des poubelles (Nagg et Nell) ou couverts par des draps : peu à peu, les objets et les personnages se dévoilent d'une façon fragmentée. C'est Clov qui nous dit qu'il s'agit de la fin de quelque chose, mais déjà le décor, la lumière, la déchéance physique des personnages et les dialogues à peine esquissés suggèrent un stage final qui n'en finit plus, qui devient un moment éternel, car la mort, elle non plus, ne se présente pas comme une solution pour le problème de notre existence absurde. Et nous voilà de nouveau face à face avec l'absurdité de la condition humaine, où l'homme se sent privé de toute certitude et incapable de découvrir un sens à son existence.

Le tragique de la condition humaine, et le désir de lui mettre fin est le fil conducteur de *Fin de partie*. Les personnages montrent tout au long de la pièce que la condition humaine est intolérable et qu'ils sont écrasés par la routine et l'ennui. Ils se sentent perdus et abandonnés par un dieu quiconque, un monstre qui a créé la nature humaine. La vie est une pile de moments infernaux ; tout le monde est dans l'attente de quelqu'un ou d'un événement qui puisse changer son cours. Mais rien ne change,

les personnages sont trop passifs – Clov se prépare pour son voyage, cependant, au lieu de partir, il reste là, immobile, jusqu’à la fin. Mais c’est juste pour ce danger que Beckett veut nous alerter : si nous ne faisons pas usage de notre liberté en nous recréant par une succession de choix, nous serons damnés, c’est-à-dire, condamnés à vivre dans le désespoir, le néant, l’absurde – la vie sera toujours un infini recommencement de rien.

Mots-clés

Absurde, Beckett, Condition Humaine, Mort, Théâtre

Sinopse

Em *Fin de partie*, Beckett revela-se novamente um mestre do teatro da alma, mas de um modo nada convencional. Por isso, deve-se considerar esta peça como um exemplo de *anti-teatro*, porque não tem uma intriga bem definida, há meramente situações cíclicas frequentemente repetidas, o tempo teima em não passar, parece reduzido a um momento eterno, as personagens não têm consistência nem individualidade: são mais propriamente encarnações de atitudes humanas, falando uma linguagem incoerente, isto é, um burburinho desprovido de sentido. Embora todos estes aspectos contribuam para criar ambiguidade na peça, nada disto é deixado ao acaso: tudo serve para comunicar o incomunicável.

A cena decorre num lugar fechado, iluminado por uma luz crepuscular que sugere o entardecer. As personagens e os objectos encontram-se fechados em baldes do lixo (Nagg e Nell) ou então cobertos com panos, revelando-se pouco a pouco ao público, de uma forma fragmentada. É Clov que nos diz que se trata do fim de alguma coisa, mas já o cenário, a luz, a decadência física das personagens e os diálogos pouco delineados sugerem por si só um estádio final que nunca mais termina, que se transforma num momento eterno, porque nem a própria morte se apresenta como a solução para o problema da nossa existência absurda. E cá estamos de novo perante o absurdo da condição humana, na qual o homem se vê privado de toda e qualquer certeza, e incapaz de descobrir um sentido para a sua existência.

O trágico da condição humana e o desejo de lhe pôr fim é o fio condutor de *Fin de partie*. As personagens mostram ao longo da peça que são esmagadas pela rotina e pelo tédio e que a condição humana é intolerável. Sentem-se perdidas e abandonadas

por um deus qualquer, um monstro que criou a natureza humana. A vida é uma pilha de momentos infernais e vive-se na expectativa de que alguém ou de que algum acontecimento possa mudar o seu curso. Mas nada muda e até as personagens são demasiado passivas – Clov prepara-se para a sua viagem, no entanto, em vez de partir permanece imóvel até ao fim. Todavia, é exactamente para este perigo que Beckett nos quer alertar: se não usarmos a nossa liberdade, recreando-nos através de uma sucessão de escolhas, estamos condenados a viver na angústia, no vazio e no absurdo – a vida será sempre um eterno recomeço de nada.

Palavras-chave

Absurdo, Beckett, Condição Humana, Morte, Teatro

FIN DE PARTIE: L'INFINI RECOMMENCEMENT DE RIEN

Martin Esslin, dans son oeuvre *The Theatre of the Absurd*, dit que Beckett attache *une attention inquiétante au problème de l'être et de l'identité du moi* (120). En effet, Beckett se révèle un maître du théâtre de l'âme en extériorisant son obsession par la complexité de l'individu devant la vie. Il la regarde dans sa réalité essentielle et nue et met en relief l'absurdité de la condition humaine dans un monde où l'homme est privé de toute certitude. Comme ses pièces ne racontent pas d'histoire, il est presque impossible de trouver la clé ou de dire dans de termes exacts ce qu'elles signifient, car tout est ambigu. Elles ont un but essentiel de transmettre l'impression de mystère, d'angoisse, de désespoir, d'incapacité de découvrir un sens à l'existence.

Dans *Fin de partie*, Beckett analyse de nouveau le mystère de l'existence. Cette pièce est l'expression du tragique de la condition humaine. Elle manque d'intrigue et les personnages ne sont pas conventionnels. Il n'est pas question d'êtres humains individualisés, mais d'incarnations d'attitudes humaines. On n'y trouve pas d'événements avec un début et une fin, seulement des situations cycliques toujours répétées.

Fin de partie présente un monde en état de décomposition. Tous les personnages sont mutilés et on s'aperçoit que la mort est une présence permanente,

puisque *toute la maison pue le cadavre* (65). Cette pièce traite du jeu final à l'heure de la mort. Il n'y a pas de limites entre la vie et la mort. Les personnages sont des morts-vivants. Ils se trouvent dans un stage final qui n'en finit plus, mais qui devient un moment éternel, un infini recommencement, parce que même la mort ne se présente pas comme une solution pour le problème de la vie.

La pièce s'ouvre sur une longue didascalie d'une extrême importance, révélatrice d'une tonalité sombre et comique en même temps. La scène est vide et la lumière est grisâtre. Cet interminable crépuscule est présent jusqu'à la fin. Il n'est jamais question d'une lumière chaude, de la lumière du jour. C'est toujours le soir, la détresse, qui suggère un purgatoire, zone intermédiaire entre le jour et la nuit, entre le paradis et l'enfer. Le jour est épuisé et il ne reste que la promesse d'une existence crépusculaire éternelle. Cette lumière grisâtre suggère que tout est dans un stage final dès le lever du rideau.

La scène se passe dans un lieu clos qui crée la sensation d'une terrible claustrophobie. C'est un lieu de nulle part, très isolé avec *deux petites fenêtres, rideaux fermés ... aux murs de droite et de gauche* (Fin, 13). Toute la pièce est fondée sur des images d'emprisonnement – le monde se trouve enfermé. Cette idée de clôture est poussée à l'extrême dans le cas des parents de Hamm, qui sont enfermés dans des poubelles. Dans cette didascalie tout est immobile, inanimé, sauf Clov qui fait une étrange pantomime silencieuse. Ses mouvements sont rapides, cependant il a des difficultés à se mouvoir. Sa démarche est *raide et vacillante* (13), presque somnambule. Il dévoile les deux fenêtres en tirant les rideaux, et enlève de manière rituelle les draps qui couvrent les deux poubelles où sont enfoncés Nagg et Nell et celui qui couvre Hamm. *Il va vers Hamm, enlève le drap qui le recouvre, le plie soigneusement et le met sur le bras.* (14) Tout est couvert comme s'il fallait se protéger de la poussière. Les gestes de Clov sont très calculés comme dans un jeu. *Il descend de l'escabeau, fait six pas vers la fenêtre à droite ... Il descend de l'escabeau fait trois pas vers la fenêtre à gauche ...* (14)

On assiste à une exhibition dramatique souvent répétée. L'attention et la curiosité du spectateur (lecteur) sont attirées par un jeu d'apparitions : au début, on n'a pas une idée globale de la scène, mais peu à peu les objets se dévoilent d'une façon fragmentée. Ce jeu de mouvements est souvent interrompu par un rire bref et macabre qui donne un ton tragi-comique à la pièce. Clov prépare la scène pour le début du

spectacle qui semble commencer au moment où il enlève le mouchoir du visage de Hamm, un symbole du rideau du théâtre.

Clov est le premier personnage qui parle. C'est lui qui introduit l'idée de la fin de quelque chose. Mais cette conception de fin est très ambiguë, on ne sait pas exactement si la fin va arriver, parce que Clov passe de la certitude à l'hypothèse dans la même phrase : *Fini, c'est fini, ça va peut-être finir* (15). On est seulement sûr qu'il y a quelque chose de trop dans sa vie (peut-être la vie même), qu'il ne peut plus supporter. *Les grains s'ajoutent aux grains, un à un, et un jour, soudain, c'est un tas, un petit tas, l'impossible tas* (16).

La première tirade de Hamm renforce les thèmes déjà lancés par Clov. Lui aussi, il sent qu'il fait partie d'un jeu, *A moi. (Un temps) De jouer* (16), et que c'est à lui de faire *que cela finisse* (17), puisqu'il est fatigué de la souffrance et du vide : *Peut-il y a – bâillements – y avoir misère plus ... plus haute que la mienne ?* (17) Il montre qu'il est le maître, *Il donne un coup de sifflet* (17), et parle à Clov dans un ton autoritaire et très sec, *Tu empestes l'air! (Un temps) Prépare-moi, je vais me coucher.* (18)

Ces personnages montrent dès le début que la condition humaine est intolérable. Ils se sentent perdus, abandonnés, par un dieu quiconque, un monstre qui a créé la nature humaine. Les personnages sont des êtres très passifs et ils ont le sentiment d'être enfermés dans un système de damnation et de rachat. Dans ce point, les théories de Beckett et de Sartre sont très proches, car Beckett essaye de nous montrer qu'on doit faire usage de notre liberté en nous recréant par une succession de choix. Selon Sartre, *l'acte premier de mauvaise foi est pour fuir ce qu'on ne peut pas fuir, pour fuir ce qu'on est.* (The Theatre of the Absurd, 58) A un moment donné, Hamm, dans l'espoir du salut, dit *Prions Dieu* (75). Il prend des attitudes de prière, mais après il se décourage, car il se rend compte que *Le salaud! Il n'existe pas!* (76) Dieu a abandonné l'Humanité : la souffrance est insupportable et le désir de mettre fin à cette existence absurde est le fil conducteur de toute la pièce.

L'ennui et la routine rendent ces personnages cruels. Ils sont groupés en paires symétriques et complémentaires. Hamm est âgé et aveugle, il est paralysé et ne peut pas se lever de son fauteuil à roulettes. Par contre, Clov est incapable de s'asseoir, son corps est voûté et sa marche est vacillante. Hamm est un tyran égoïste et sensuel qui ne peut pas se passer de Clov. C'est un homme faible et puéril qui joue encore avec un

chien à trois pattes en peluche. Il s'apitoie souvent sur lui-même, mais malgré sa déchéance physique, il est obsédé par le pouvoir. Il se conduit comme un vieux roi décadent sans royaume, qui veut être toujours et rigoureusement au centre.

Hamm – Je suis bien au centre?

Clov – Je vais mesurer.

Hamm – Je me sens un peu trop sur la gauche. (Clov déplace insensiblement le fauteuil. Un temps). Maintenant je me sens un peu trop sur la droite. (Même jeu.) Je me sens un peu trop en avant. (Même jeu.) Maintenant je me sens un peu trop en arrière. (42-43)

Hamm est un maître sadique qui aime exercer son pouvoir sur les autres. Il fait souffrir ses parents et les traite de turcs à mores. Il les réveille pour qu'ils écoutent ses histoires et donne des biscuits durs à ces vieillards sans dents. Il se sent maître et père de Clov à la fois. *Hamm (fièrement) - Sans moi (geste vers soi), pas de père. Sans Hamm (geste circulaire), pas de home. (56)* Clov dénonce la cruauté de Hamm. *J'ai pleuré pour avoir une (bicyclette). Je suis traîné à tes pieds. Tu m'as envoyé promener. (22)* Maintenant, dans ce monde sans bicyclettes il le maîtrise avec la nourriture: *Hamm – Je ne te donnerai plus rien à manger. (...) Je te donnerai juste assez pour t'empêcher de mourir. Tu auras tout le temps faim. (20)* Hamm est raisonneur et lucide. Il y a un profond sens de culpabilité chez lui qui rend sa vie un enfer.

Clov ressemble à un automate. Il est l'esclave, le chien parfait qui obéit toujours, et c'est un fanatique de l'ordre. *J'aime l'ordre. C'est mon rêve. Un monde où tout serait silencieux et immobile et chaque chose à sa place dernière, sous la dernière poussière. (78)*

Cependant, Clov hait son maître. Il veut trouver la force qui lui permettra de le quitter. La tension dramatique de la pièce réside dans la question: est-ce que Clov quittera Hamm? Si Clov part, Hamm meurt parce qu'il est incapable de se nourrir. Mais Clov mourra aussi, parce que dehors il n'y a pas de nourriture.

Nagg et Nell, les parents de Hamm, sont des culs-de-jatte qui vivent côte à côte dans deux poubelles et qui ressemblent à des fantômes en faisant des apparitions et disparitions constantes. Ils sont l'incarnation du passé et essaient de tromper l'ennui avec des fragments d'histoires passées et de souvenirs. Ces personnages sont des êtres imbéciles et grotesquement sentimentaux : Nagg raconte à plusieurs reprises les

mêmes histoires qui auparavant faisaient rire sa jeune femme. Pour eux, le présent n'est qu'une farce.

Hamm a besoin d'eux pour qu'ils écoutent son récit. Ils sont des spectateurs qui essaient de comprendre et d'interpréter ce qu'il dit. *Nagg – Tu as entendu?* (20) Hamm, à son tour, devient aussi spectateur, l'auditeur des histoires de Nagg et de Nell: *Hamm – Quoi? Qu'est-ce qu'elle raconte?* (39) On passe, tout d'un coup, des dialogues longs entre Nell et Nagg aux dialogues entre Hamm et Clov, comme s'il s'agissait d'une pièce dans la pièce.

Ces personnages sont des héros tragiques. Ils montrent, dans des tirades philosophiques, qu'ils ont conscience de leur situation mais ils se révèlent incapables de surmonter leur problème. Ils ne savent pas s'aimer ni se haïr tout à fait, se tourmentent et se répudient à la fois, mais ils sont toujours inséparables. La peur de la solitude les rend unis. On ne voit pas de moments de tendresse entre eux, seulement de cruauté et d'angoisse. Ces personnages vont aux limites de la souffrance et du désespoir, sentiments qui dominent toute la pièce. Ils se trouvent tous dans une sorte de purgatoire qui est plutôt proche de l'enfer et qui nous fait penser à la pièce *Huis Clos* de Sartre. On voit la mort, la fin, partout dans la scène : la déchéance physique des personnages, l'immobilité, l'automatisme sont des indications de mort. Dans le refuge il n'y a presque pas de vie et dehors c'est zéro.

Clov – (Il monte sur l'escabeau, braque la lunette sur le dehors.) Voyons voir ... (Il regarde, en promenant la lunette.) Zéro ... (il regarde) ... zéro ... (il regarde) ... zéro.

Hamm – Rien ne bouge. Tout est ...

Clov – Zéro. (45-46)

Dans la pièce, on se confronte avec deux espaces : il y a l'espace intérieur (une salle vide) qui est devant nos yeux et l'espace extérieur, que le spectateur et Hamm voient à travers les yeux de Clov. Entre les deux il y a un mur et deux fenêtres, deux yeux sur le monde.

Hamm – (... Hamm pose la main contre le mur. Un temps.) - Vieux mur! (Un temps.) Au-delà c'est l'autre enfer. (Un temps. Avec violence.) Plus près! Plus près! tout contre! (41)

Le vide est une caractéristique commune à ces deux espaces. Le monde est mort et les quatre personnages de la pièce sont présentés comme les seuls survivants, des

restes de l'Humanité qui ont perdu leur identité et qui ne savent quoi faire de cette existence absurde et sans âme. Clov est chargé de surveiller le monde extérieur avec la lunette. Il regarde par la fenêtre de droite qui donne sur la terre et par celle de gauche qui donne sur la mer. Il y cherche des signes de vie. On ne sait rien de très précis à propos de la calamité qui a réduit le monde à zéro. Mais Hamm, en s'imaginant écrivain, fait le récit d'une catastrophe qui a causé la mort de plusieurs gens et où il exprime sa culpabilité. Il souffre, parce qu'il a été cruel et maintenant sa conscience est trop lourde. Il a été très égoïste et méchant envers ses voisins au moment de la calamité. Hamm aurait pu sauver plusieurs personnes qui avaient fait appel à lui, comme par exemple la mère Pegg qui est morte d'obscurité, de manque d'humanité. C'est Clov qui souligne sa cruauté:

– Quand la mère Pegg te demandait de l'huile pour sa lampe et que tu l'envoyais paître, à ce moment-là tu savais ce qui se passait non? (un temps.) Tu sais de quoi elle est morte, la Mère Pegg? D'obscurité. (98-99).

Dans son histoire, il parle aussi d'un homme qui a un petit enfant affamé et qui lui demande de le prendre. Hamm l'accepte, pas pour charité, mais pour intérêt car cet enfant pourrait devenir plus tard son serviteur. Il se peut que Clov soit cet enfant. C'est pourquoi il dit qu'il essaye de quitter Hamm dès qu'il est né.

Hamm évoque un épisode prophétique de sa vie qui est un symbole de la situation qui a lieu dans *Fin de Partie*. Les sentiments de catastrophe et de vide y sont frappants. Le peintre fou est l'image fidèle de Hamm.

J'ai connu un fou qui croyait que la fin du monde était arrivée. Il faisait de la peinture (...) Je le prenais par la main et le traînait devant la fenêtre. Mais regarde! Là! Tout ce blé qui se lève! Eh là! Regarde! (...) toute cette beauté! (Un temps.) Il m'arrachait sa main et retournait dans son coin épouvanté. Il n'avait vu que des cendres. (Un temps.) Lui seul avait été épargné. (62-63)

La façon dont le temps est traité dans la pièce montre que les personnages sont complètement perdus dans le vide et qu'ils n'ont pas de but. Ils vivent obsédés par l'idée du temps. *Clov avise le tableau, le décroche, l'appuie par terre toujours retourné contre la mer, accroche le réveil à sa place. (95)* Mais le temps est très complexe, il est circulaire et semble fréquemment qu'il ne coule pas – le réveil-matin symbolise l'immobilité du temps.

Clov – Pourquoi ne marche-t-il pas?

Hamm – D'avoir trop marché.

Clov – Mais il n'a presque pas marché.

Hamm – (Avec colère) Alors d'avoir trop peu marché. (67)

Tout le monde est dans l'attente de quelque événement. Hamm attend anxieusement et éternellement l'heure de son calmant; Nagg attend sa bouillie et le changement du sable; Clov attend qu'Hamm meure. On a pris l'habitude d'attendre et on a perdu la notion du temps. Passé, présent et futur se mêlent dans un seul moment à cause de la routine:

Hamm – Hier! Qu'est-ce que ça veut dire? Hier! (62)

Clov – Pourquoi cette comédie, tous les jours?

Hamm – La routine. (69)

Pour Clov, le temps n'est pas linéaire mais une pile de moments infernaux. L'habitude et la routine rongent le temps qui perd sa signification, *l'heure est la même que d'habitude* (18), il fait le même temps que d'habitude, les personnages font toujours les mêmes actes grotesques, *toute la vie les mêmes questions, les mêmes réponses* (32). C'est toujours une fin de journée comme les autres, très grisâtre:

Hamm (sursautant) – Gris? Tu as dit gris?

Clov – Noir clair. Dans tout l'univers. (48)

Cette fin de journée est la seule indication temporelle qu'on trouve dans la pièce. Comme il n'y a pas de cycle du jour et de la nuit, les personnages créent leurs propres points de référence. Le moment pour le sédatif, l'heure des histoires, l'heure de dormir... Ces quatre personnages prisonniers de l'espace et du temps s'ennuient terriblement, ils tuent le temps d'une façon tragi-comique avec de vaines spéculations, des souvenirs vagues, des anecdotes égocentriques, des silences longs et vides.

Le langage reflète le néant et on se rend compte de la faillibilité du langage en tant que moyen de communication. Le besoin de parler est une caractéristique commune à tous les personnages, mais ici ils n'arrivent pas à communiquer, ce qui rend leur existence un enfer. Le monde a perdu la signification et leur langage devient un bourdonnement dépourvu de sens. La désintégration du langage est exprimée à travers des clichés, des répétitions de synonymes, un style télégraphique et l'incapacité de trouver le mot juste. Il y a plusieurs dialogues bizarres où l'on saute tout d'un coup d'un sujet à l'autre.

Hamm – Regarde la terre.

Clov – Encore?

Hamm – Puisqu'elle t'appelle.

Clov – Tu as mal à la gorge? (un temps.) Tu veux une pâte de guimauve. (Un temps.) Non? (Un temps.) Dommage. (95)

Ces dialogues sont très limités et peu explicatifs. C'est un pur jeu de questions et de réponses qui servent à tromper l'ennui. *Clov – A quoi est-ce que je sers? / Hamm – A me donner la réplique. (79-80)* Les attitudes des personnages ne correspondent pas à ce qu'ils disent. L'immobilité de Clov à la fin de la pièce contredit son désir de partir : *Je te quitte. (106)*

Dans la pièce tout est communication, tout est symbolique. Le dialogue est souvent interrompu par de lourds silences et des pauses qui sont le langage de la tristesse et de l'angoisse. Le monde n'a pas de but et le langage verbal non plus. *Puis parler, vite, des mots, comme l'enfant solitaire qui se met en plusieurs, deux, trois, pour être ensemble, et parler ensemble, dans la nuit. (Un temps.) Instants sur instants, plouff, plouff, comme les grains de mil de ... (il cherche) (92, 93)* le mot juste qu'il n'arrive jamais à trouver. Il y a une tension entre immobilité et mouvement et aussi entre silence et parole. La parole naît du silence et y retourne. Le mouvement, lui aussi naît de l'immobilité et y retourne.

Hamm – Je serai là, dans le vieux refuge, seul contre le silence et ... (il hésite) ... l'inertie. Si je peux me taire, et rester tranquille, c'en sera fait, du son, et du mouvement. (92)

Les postures et attitudes des personnages sont aussi langage : Clov a le corps voûté comme un animal. Nell renifle et suce comme un chien son biscuit à plusieurs reprises. Il n'y a pas de frontières entre homme et animal. Beckett ajoute une nouvelle dimension au langage pour essayer de communiquer l'incommunicable.

Mais il y a une partie de la pièce où on s'aperçoit que le temps coule, quoique très lentement. L'heure du calmant finalement arrive, Clov dit *Il n'y a plus de calmant. Tu n'auras jamais plus de calmant. (94)* La petite boîte ronde était pleine, *Oui, mais maintenant elle est vide. (94)* *Hamm – Mais nous respirons, nous changeons! Nous perdons nos cheveux, nos dents! Notre fraîcheur! Nos idéaux! (25)* Clov et Hamm, vers la fin de la pièce se demandent à plusieurs reprises.

Hamm – Qu'est-ce qui se passe?

Clov – *Quelque chose suit son cours.*

Hamm – *Je suis mon cours.* (60)

Ils sont conscients du fait qu'ils changent et que quelque chose est en train de se passer. Peut-être sont-ils *en train de... de... signifier quelque chose?* (48) Au moins on remarque que Clov change. Il commence à révéler un esprit d'indépendance vis-à-vis Hamm. Il n'est plus le chien fidèle qui disait *Fais ceci, fais cela, et je le fais. Je ne refuse jamais.* (61) Maintenant il désobéit à son maître et montre une forte personnalité.

Hamm – *Tu veux écouter mon histoire?*

Clov – *Non.* (67-68)

Hamm – *Embrasse-moi. (Un temps.) Tu ne veux pas m'embrasser?*

Clov – *Non.* (89)

Il refuse aussi de couvrir Hamm avec le mouchoir. A ce moment, son maître commence à croire que Clov aura le courage de le quitter.

La fin s'approche. Les provisions commencent à manquer et Hamm sent que la mort va arriver. *C'est fini, Clov, nous avons fini. Je n'ai plus besoin de toi.* (105) L'idée de la fin est très marquée dans la pièce. Au moment où Hamm répudie la vie, il demande à Clov de surveiller l'extérieur pour la dernière fois. Il voit un môme. Mais on n'est même pas sûr de ce fait, car Clov dit *on dirait un môme.* (104) Le garçon est immobile. Son rôle dans la pièce est très ambigu, il se peut qu'il soit une hallucination de Clov qui a encore un peu d'espoir dans la vie. Il est très content quand il le voit – *Quelqu'un! C'est quelqu'un!* (103) – et il a envie d'aller à sa rencontre. Ce garçon pour Clov est une source de vie, *un procréateur en puissance* (105), un dieu qui vient sauver l'Humanité. C'est un symbole de la vie hors du cercle fermé. Cette vision pousse Clov à se décider à partir, mais Hamm, par contre, a désisté de jouer : pour lui c'est la fin de partie.

Clov se libère et a envie de tout recommencer. Jusqu'à ce moment il avait vu la vie selon l'optique de Hamm, maintenant c'est à lui de *jouer, c'est ce que nous appelons gagner la sortie* (109).

Cette fin n'est qu'un jeu très ambigu. Le temps coule lentement, sans jamais atteindre le point d'arrêt total. Les personnages attendent la nuit qui ne vient pas et qui apporterait la fin. Mais il faut vivre, supporter la souffrance *plouff...plouff.* C'est le

rideau qui tombe et pas la nuit. Et rien n'est fini. Les personnages sont encore sur le point de mourir ou de partir. Clov se prépare pour son voyage, *Panama, veston de tweed, imperméable sur le bras, parapluie, valise* (110), mais il reste là immobile jusqu'à la fin. Hamm se sépare de son sifflet et de son chien, désire la mort mais il est toujours sur le point d'échapper à l'existence. Ses parents continuent à vivre interminablement dans les poubelles, mais ils sont plus silencieux. Le rideau pourrait se lever à nouveau et tout recommencer avec une scène semblable à celle du début.

Le début et la fin se rejoignent dans un instant éternel. Les personnages se trouvent dans une situation angoissante: une vie terminée mais qui se continue désespérément. C'est une fin sans conclusion, condamnée à une temporalité sans limite. C'est un infini recommencement de rien, comme dit Hamm: *La fin est dans le commencement et cependant on continue.* (91)

Bibliographie

CHAMBERS, Ross. "Beckett, Homme des Situations Limites." *Cahiers Renaud-Barrault* 44(1963): 37-62.

CHABERT, Pierre. "Samuel Beckett: Lieu Physique, théâtre du corps." *Cahiers Renaud-Barrault* 106(1984): 80-97.

COE, Richard N. "Le Dieu de Samuel Beckett." *Cahiers Renaud-Barrault* 44(1963): 6-35.

ESSLIN, Martin. *The Theatre of the Absurd*. New York: Doubleday, 1961.

- - -. "Voix, Schémas, Voix." *Cahiers Renaud-Barrault* 93(1977): 9-21.

HOMAN, Sidney. *Beckett's Theatres*. Lewisburg: Bucknell University Press, 1984.

KNOWLSON, James. "Beckett et Jonh Millington Synge" *Cahiers Renaud-Barrault* 43(1963): 67-77.

MAGNY, Olivier de. "Samuel Beckett et la Farce Métaphysique." *Cahiers Renaud-Barrault* 43(1963): 67-77.

NADEAU, Maurice. "Le Chemin de la Parole au Silence" *Cahiers Renaud-Barrault* 43(1963): 63-66.

WEBB, Eugene. *The Plays of Samuel Beckett*. Seattle: University of Washington Press, 1972.

FINNISH KULLERVO AND CHINESE KUNGFU

Chapman Chen

Project funded by Finnish Literature Information Center

Hong Kong

kivilonnrot@yahoo.com

Abstract

Introduction: There are many important Finnish plays but, due to language barrier, Finnish drama is seldom exported, particularly to Hong Kong and China..

Objective: To find out differences in mentality between the Finnish and Chinese peoples by comparing the partially localized Chinese translation of Aleksis Kivi's tragedy, *Kullervo*, with genuine Chinese martial arts literature.

Methodology:

1. Chapman Chen has translated the Finnish classic, *Kullervo*, directly from Finnish into Chinese and published it in 2005.
2. In Chen's Chinese translation, cultural markers are domesticated. On the other hand, values, characterization, plot, and rhythm remain unchanged.
3. According to Gideon Tory, the translator has to strike a golden mean between the norms of the source language and the target language.
4. Lau Tingci lists and explicates the essential components of martial arts drama.
5. According to Ehrnrooth's "Mentality", equality is the most important value in Finnish culture.

Findings:

- i. Finland emphasizes independence while China emphasizes bilateral relationships.

- ii. The Finnish people loves freedom, but Gai Sizung argues that the Chinese people is slavish.
- iii. Finns are mature while many Chinese are, according to Sun Lung-kee (“The Deep Structure of Chinese Culture”; “The Deep Structure of Chinese Sexuality”), fixated at the oral and anal stages.
- iv. Finnish society highly values equality while Chinese interpersonal relationships are extremely complicated and hierachical. If *Kullervo* were a genuine Chinese kungfu story, the plot would be much more convoluted.

Conclusion:

The differences between Finnish and Chinese mentalities are so significant that partially localized or adapted Chinese translations of Finnish drama may still be able to introduce Finnish culture to the Chinese audience.

Key Words

Finnish Culture, Chinese Martial Arts Fiction, Aleksis Kivi, *Kullervo*, Drama Translation

Hakusanat

Suomalainen Kulttuuri, Kiinalainen Kungfu Kaunokirjallisuus, Aleksis Kivi, *Kullervo*, Näytelmän Käännös

Introduction: There are a lot of important Finnish plays but just as noted by Hanele Koivunen, due to language barrier, Finnish drama is seldom exported, in particular, to Hong Kong and China. Besides Aleksis Kivi’s¹ tragedy, *Kullervo*², only three

¹ Aleksis Kivi (1834-1872) is arguably the greatest Finnish national author. He was born into a humble tailor's family in 1834. His first play, *Kullervo* (1859) won a competition held by the Finnish Literature Society. During his short lifetime, Kivi published twelve plays, a collection of poems, and *Seitsemän Veljestä* (Seven Brothers), a novel which he wrote for ten years. Kivi died of sickness and poverty at the age of 38 on the last day of December in 1872. In much the same way as Shakespeare’s plays standardized the English language, Kivi’s body of work laid the foundation for standard Finnish

Finnish plays have been translated into Chinese, and no academic research has been done on Finnish-Chinese comparative drama.

Objective: To find out differences in mentality between the Finnish and Chinese peoples by comparing the partially localized Chinese translation of Aleksis Kivi's classic, *Kullervo*, with genuine Chinese martial arts literature.

Methodology:

1. Chapman Chen has translated *Kullervo* directly from Finnish into Chinese and published it in 2005. The Chinese title of the book is *Wuhoi Jansau Luk* [Love and hate around the lake and the sea]. This is the first time when Aleksis Kivi's drama has ever been translated into Chinese.
2. Because of huge differences between Finnish and Chinese cultures, cultural markers in Chen's translation are localized in order to make it acceptable to the Chinese audience. The world of *Kullervo* is partly relocated to the ancient world of Chinese martial arts fiction, where top swordsmen fight and love. Characters' names are sinologized so that they carry ancient Chinese kungfu associations.

and contributed to the creation of a national identity for the Finnish people.

2 *Kullervo* is about the extreme misfortune of its title character, a victim of the feud between his father, Kalervo and his uncle, Unto. At the beginning of the play, Unto has ravaged his brother's house and killed many people. Kullervo, the only son of Kalervo and a boy-servant known as Kimmo are the only survivors of the attack. Both of these young boys are taken as slaves by Unto. Kullervo's only joy in life is to think of revenge. When he grows up, Kullervo is sold as a slave to his friend Ilmarinen whose wife he subsequently kills for insulting him. Running away from the household into a forest, he finds out that his parents are still alive.

Failing to fit himself into this newly found family, he wanders around, and seduces a young virgin whom he meets in the woods. However, this girl turns out to be his sister, and when she realizes her shameful act, she commits suicide by throwing herself into a river. Joined by other enemies (Tiera, Käpsä, Wiksari, Tiimanen) of Unto, Kullervo burns down Unto's house and kills all the people there. He then runs back to his parents' place, only to find that they have already perished out of grief for their dead daughter, and that the only survivor, Kimmo, has become mad. At the end of the play, Kullervo kills himself with his own sword in front of Ilmarinen and the latter's two righteous and kind-hearted friends, Väinämöisen and Lemminkäinen, the three of whom are on their way to the Northland to snatch back a treasure known as Sampo. They bury Kullervo's body below a tree next to the rapids.

For example, “Kullervo” is translated as Gu Gimhon, “gim” meaning sword and “hon” meaning cold. “Ajatar,” a forest evil spirit, is translated as Hungfa Gwaimou (red flower ghost mother), a bad character in Loeng Jyusang’s (1957) famous martial arts novel, *Baakfaat Moleoi Zyun* (The legend of the white-haired monstress). Finnish idioms and expressions are translated as their Chinese dynamic equivalents, for example, “*nopeasti, kuin pinokärppä pieni* [as quickly as an ermine]” is translated as “as quickly as an arrow” (Act 2, Sc. 3). Finnish religious and mythological allusions are translated as their dynamic equivalents. For example, the Finnish hell, *Tuonela*, is translated either as *Wongzyun* [yellow river] or *mingfu* [the dark mansion]. Finnish swearwords are also rendered as their Chinese dynamic equivalents. For example, “*havitys ja kuolema* [destruction and death]” is translated as *haamгаа caan* [eradicate the entire family with a spade]. On the other hand, values, characterization, plot, and rhythm in the original text remain unchanged. In this way, *Kullervo* is partially localized.

3. According to Gideon Toury, the translator has to strike a balance between the norms of the source language and the target language. Thus the Chinese translation of *Kullervo* sacrifices part of the original form in order to get across its contents.
4. Lau Tingci’s *Mouhap Pinkek Beikap* [An esoteric book on the writing of martial arts drama] lists and explicates the essential components of Chinese martial arts drama.
6. Sun Lung-Kee’s “The Deep Structure of Chinese Culture”, using Freudian theories, argues that the Chinese are fixated on the oral and anal phases of personality development and have not yet attained the phallic/Oedipal phase.
7. According to Zacharias Topelius, the Finnish people love freedom. According to Jari Ehrnrooth, equality is the most important Finnish cultural value

(208-210).

Findings

- i. Finland stresses individuality, self-sufficiency, and independence (cf. Salonen ja Lehtinen), while China stresses collectivity and bilateral relationships (cf. Sun Lung-kee, “The Deep Structure of Chinese Culture” 32). Chinese culture is so moralistic that the heroes of Chinese martial arts fiction are almost without exception benevolent, loyal, propertious, righteous, and filial (cf. Lau Tingci 46-50), for example, Gwok Jing in Gam Jung’s (Louis Cha) *Sediu Jinghung Zyun* [The legend of eagle-shooting heroes], and Syun Bouji in Gu Lung’s *Wunfaa Saaigim Luk* [Watering flowers and rinsing swords]. Contrastively, Kullervo is an impetuous and independent anti-hero, who kills the wife of his master, has sex with his own sister, fights with his father, and does not bother to bury his parent when they die.
- ii. The Finnish people love freedom, while the Chinese people, as argued by Gai Sizung, a high-ranking contemporary Chinese official and scholar, are slavish. For example, Kullervo kills his master’s wife because the woman calls him a slave, whereas the Chinese are accustomed to the master-slave relationship. In fact, during the Qing Dynasty (1644-1911), Chinese officials actually called themselves slave in front of the emperor in both reality and fiction.
- iii. The Finns are mature, while many Chinese, according to Muensterbergin, Weaklandin, Solomonin³, and Sun Lung-keen (“The Deep Structure of

³ According to Solomonin (1971: 54, 125-126), the Chinese in general have not achieved the Oedipal stage. Whenever there is a conflict between the Chinese boy and his father, he always seeks refuge behind his mother. The typical Chinese father-son relationship is one of “master-slave.” And this is the prototype for every Chinese relationship. Equality is an underdeveloped area in Chinese culture.

Chinese Culture”; “The Deep Structure of Chinese Sexuality”), are fixated on the oral and anal stages. The Chinese eat any kind of animal. The breakout of SARS in 2003 was precisely due to Mainland Chinese killing and eating civet cats indiscriminately (cf. Hsiao). In one of the most important Chinese martial arts fiction writers, Gu Lung (1938-1985)’s martial arts novel, *Cytdoi Soenggiu* [The Talented Twins] (1967), there is a character known as Big Mouth Lee, who is addicted to eating human flesh. In Gu Lung’s *Tinngai Mingjyt Dou* [The Remotest Corner of the World, A Bright Moon, and A Knife] (1975), the chef Gwok is good at cooking human meat. The Chinese mother regards her children as small children, even when they are already grown-ups, always sticking food into their mouths. Chinese toilet-training is also too loose. Young children are always allowed to wear split-pants in rural areas (and even in cities before fifteen years ago) so that they may excrete any time and anywhere they like, with the help of the grandmother or the mother, though. As a result, Chinese children are over-dependent on their mother-environment, and many Mainland Chinese lavatories are terribly dirty and many Chinese often throw rubbish around without any sense of shame. Because the Chinese are fixated on the oral and anal stages, they have not yet attained the phallic stage psychologically. So the typical Chinese do not dare to rise against their father or the authority both spiritually and physically; instead, Chinese fathers often symbolically or even physically stifle and kill their sons. This kind of view is, however, controversial. Weston La Barre (375-379) and Julia Kristeva even admire the Chinese for their oral indulgence and lenient toilet-training as an alternative to Western monotheism in religion and genital primacy in sex.

The Finnish people have attained the phallic stage. In order to become

independent, human beings need to fight with the father symbolically (cf. Sun Lung-kee, *The Chinese National Character* 209), just like Kullervo. Although according to Jari Ehrnrooth ("*Heijastuksia Kansallisesta Minästä* [Reflections upon the national ego]" ; "Mentality"), the Finnish superego is over strong⁴, the Finnish mentality values individuality and independence most and Finnish children are encouraged to be independent starting from early childhood, according to Salosen ja Lehtisen.

- iv. The Finns are in general honest and straightforward (cf. Swallow), whereas the Chinese mentality is convoluted and indirect. (For instance, before Kullervo attacks Unto's house, he says to his allies, "Wake them up first; we are not coming to slaughter swines".) Finnish society highly values equality while Chinese interpersonal relationships are extremely complicated and hierarchical. Finnish society is straightforward and simple while, according to the prominent Taiwanese essayist, Paak Joeng (25-28), the Chinese are keen on internal strifes.

If Chen's Chinese translation of *Kullervo* were a genuine Chinese martial arts story, then the plot would be infinitely more complicated. In other words, Kalevala would be territory of Sung (960-1279)- or Ming (1368-1644)-dynasty; the Northern country Pohja would be Tartar territory⁵; Ilmari's wife would be a Tartar princess; Unto would be a running dog of the Chinese dynasty; Kalervo would be Unto's kungfu schoolmate; Sampo would be a secret book of martial arts or a precious sword, for which all kungfu heroes yearn and strive; Sinipiika and Ajatar would be top kungfu masters, who struggle for the love of Ilmari; Unto would frame up Kalervo and Kimmu with

⁴ Actually, Ehrnrooth is talking about Finland after 1918

⁵ In Chinese history, Tartar tribes often attacked the Han empire from the North.

the accusation of treason before the Sung or Ming government. Väinämöinen would be a Han-Tartar hybrid, who suffers due to the conflict between the Han and Tartar races, just like Kiu Fung in Gam Jung's (Louis Cha) *Tinglung Baatbou* [Demigods and semidevils]; Lemminkäinen would be a monk falling in love with a Tartar princess, just like the monk Hoei Zuk in *Demigods and Semidevils*. Tiera, Käpsä, Wiksari, Tiimanen, and Nyyrikki would be kungfumen from different schools and each and every one of them covets Sampo. They struggle among themselves either covertly or overtly, just like characters in Gam Jung's *Smiling Proudly among Lakes and Rivers*. Chinese conspiracies and plots are darksome or full of darkness, darkness as mystery, darkness as confusion; darkness as evil. Gu Lung often writes in his works, "The most dangerous enemy is the friends closest to you."

- v. According to Lau Tingcin (118-145), in the ancient world of martial arts, there are really many different kungfu schools and gangs, and the boundaries among them are strict and clear-cut. In addition, in the world of ancient martial arts, kungfu teachers are as despotic as Chinese fathers. No wonder throughout Chinese history, there have been countless civil wars and internal massacres, while in Finnish history there has only been one major civil war⁶ (National War, 1918).

In contrast to what would happen in Chinese culture, Kullervo and his allies

⁶ Although the National War is not the only war in Finnish war, the other major wars were not among Finns themselves. For instance, the Club War (Finnish *Nuijasota*) was a 1596 Finnish peasant uprising against the exploitation by the Swedish nobility and military. The War of Great Hate (*Isoviha*) (1713-1721) took place when the Russians invaded Finland, which was then ruled by Sweden. Local government officials fled from Finland to Sweden and the Russian soldiers were extremely violent. The Finnish War (*Suomen sota*) (1808-1809) was again a war between Sweden and Russia.

do not quarrel and fight with each other until they have killed their common enemy, Unto. And then only due to drunkenness, not for profits. Although Kullervo is a marvelous fighter, he does not have a kungfu master, nor does he belong to any kungfu school. Väinämöinen and Lemminkäinen have not attended any kungfu school either. Everyone of them is a free person.

Significance

The mentality differences between Finland and China are so significant that plays like *Kullervo* had better be domesticated rather than translated straightforward. Partially adapted and localized Finnish drama can still introduce Finnish audience to the Chinese audience.

References

- Apo, Satu and Jari Ehrnrooth, ed. *Millaisis Olemme? Puheenvuoroja suomalaisista mentaliteeteista* [What are we? Talks about the Finnish mentality]. Helsinki: Kunnallisalan Kehittämissäätiö, 1996.
- Barme, Geremie and John Minford, ed. *Seeds of Fire*. New York: Hill and Wong, 1988
- Chen, Chapman, tr. *Wuhoi Jansau Luk* [Love and hate around the lake and the sea]/*Kullervo*. By Aleksis Kivi. Hong Kong: International Association of Theatre Critics (HK), 2005.
- Ehrnrooth, Jari. "Heijastuksia Kansallisesta Minästä [Reflections upon the national ego]" . Apo ja Ehrnrooth, 38-63.
- Ehrnrooth, Jari. "Mentality" . *Finland: A Cultural Encyclopedia*. Ed. Olli Alho et. Al. Helsinki: Finnish Literature Society, 1999. 208-210.
- Gai, Sizungin. *Gwokman Souzat Jausi Luk* [Kansalaisten laatusa huolestuneet

- ajatuksien ennätys]. Beijing: Zuokaa Cutban Se, 1997. *Hui-Wen Hsiao*
- Hsiao, Hui-Wen. "Identification of the Receptors and their Respective binding-domains of SARS Coronavirus Spike Protein". International Conference on SARS – One Year after the (First) Outbreak, Institut für Biochemie – Universität zur Lübeck. Lübeck, 8-11 May 2004.
- Koivunen, Hannele. *Staying Power to Finnish Cultural Exports - The Cultural Exportation Project of the Ministry of Education, the Ministry for Foreign Affairs and the Ministry of Trade and Industry*. Helsinki: Ministry of Education, 2005.
- Kristeva, Julia. *About Chinese Women*. Trans. Anita Barrows. New York: Boyars, 1977.
- La Barre, Weston. "Some Observations on Character Structure in the Orient, II. The Chinese, Part Two". *Psychiatry* 19.4(1946): 375-395.
- Lau, Tingci. *Mouhap Pinkek Beikap* [An esoteric book on writing martial arts drama]. Hong Kong: Subculture, 1996.
- Muensterberger, Warner. "Orality and Dependence: Characteristics of Southern Chinese" . *Psychoanalysis and the Social Sciences*, v.3. New York: International University Press, 1951. 37-69.
- Paak, Joeng. *Zaaulau dik Zunggwok Jan* [The ugly Chinese]. Taipei: Singgong Publishing Co., 1992
- Pye, Lucian. *The Spirit of Chinese Politics: A Psychocultural Study of the Authority Crisis in Political Development*. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1969.
- Salonen, Nina and Sini Lehtinen "What Makes a Finn a Finn?" Available: http://www.zorlim.net/finnish_mentality/. 2003. Consulted 18 April 2006.
- Sun, Lung-kee (Longji). *The Chinese National Character*. New York: M.E. Sharpe, 2002.
- Sun, Lung-Lee. "The Deep Structure of Chinese Culture". Barme and Minford,

1988. 30-36.
- Sun, Lung-kee. "The Deep Structure of Chinese Sexuality". Barme and Minford, 1988. 226-231.
- Sun, Lung-kee. "The Long March to Man". Barme and Minford, 1988. 163-165.
- Solomon, Richard H. *Mao's Revolution and the Chinese Political Culture*. Berkeley: University of California Press, 1971.
- Swallow, Deborah. *Culture Shock! Finland: A Guide to Customs and Etiquette*. Portland: Graphic Arts Center Publishing Company, 2001.
- Toury, Gideon. "The Nature and Role of Norms in Literary Translation". Ed. J.S. Holmes et al. *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1978. 83-100.
- Topelius, Zacharias. *Maamme Kirja* [Book about our country]. Trans. Joh. Bäckwall. Helsingissä : Edlund, 1876.
- Weakland, John H. "Orality in Chinese Conceptions of Male Genital Sexuality". *Psychiatry* 19.3 (1956): 237-47.

GRAPHEME-TO-PHONETRANSSCRIPTION ALGORITHM FOR TEXT-TO-SPEECH SYSTEMS IN EUROPEAN PORTUGUESE

Daniela Braga

Facultade de Filoloxía da Universidade da Coruña

España

daielabraga@udc.es

Abstract

In this paper, a linguistically rule-based grapheme-to-phone (G2P) transcription algorithm is described for European Portuguese (EP). A G2P, together with the stress determination and the syllable division, is an essential tool in the general architecture of a Text-to-Speech (TTS) system. The G2P is part of the text pre-processing module of the TTS system and its purpose is to convert text into a phonetic transcription that is interpreted by the synthesis engine.

A complete set of phonological and phonetic transcription rules regarding the European Portuguese standard variety is presented. This algorithm was implemented under the C++ framework and tested by using online newspaper articles. The obtained experimental results gave rise to 98,80% of accuracy rate. Future developments in order to increase this value are foreseen. Our purpose with this work is to develop a module/tool that can improve synthetic speech naturalness in European Portuguese. Other applications of this system can be expected like language teaching/learning. These results, together with our perspectives of future improvements, have proved the dramatic importance of linguistic knowledge on the development of TTS.

The present paper is organized as follows: in section 1, it is made the state-of-the-art on this subject and the justification of our approach; in section 2, the annotation conventions are described, the G2P algorithm is presented and some details on the implementation are shown; in section 3, results are discussed and in section 4 some conclusions and future work are presented.

Key Words

Grapheme-to-phone Conversion, Phonological Rules, Speech Processing, Text-to-speech Systems.

Palavras-Chave

Conversão Grafema-fone, Regras Fonológicas, Processamento da Fala, Sistemas de Conversão Texto-fala.

1. Introduction

Several frameworks have been proposed to tackle the grapheme-to-phone transcription module of a Text-to-Speech system, among which: information theoretic systems such as decision trees [1], [2] table look-up models [3], dictionary-based approaches [4], [5], linguistically rule-based modules [6], [7], hybrid systems [8], [9], neural networks approaches [10] Finite State Transducers (FST) [11] and statistical approaches [12]. One of the most preferred approaches is dictionary-based, which uses a large dictionary containing the phonetic transcription of a given number of words. This technique has been widely applied to languages whose orthography is roughly phonetically-based, such as English or French. But this approach fails when new words that are not in the dictionary come up.

For European Portuguese language (EP), some synthesizers have been proposed since the early 90's, based on different synthesis techniques, such as the formant-based synthesizer DIXI [13] and the Multivox [14], the articulatory-based synthesizer [15] or the concatenative-based synthesizer [16]. In every case, the G2P is an independent module of the TTS architecture and it is mostly built by using a rule-based approach [14], [17], [18] and a Finite State Transducers approach [19], [20]. However, regarding the rule-based approaches, there seem to be no publication of the complete set of rules for EP available.

There is a large tradition of phonological and phonetic studies in European Portuguese with recognized theoretical and experimental results [21], [22], [23]. However, when regarding the application of this knowledge to TTS systems in EP, a big gap remains to be filled, specifically in what concerns practical rules that allow building a G2P module. As far as we know through publications, this phonological knowledge is only being applied to Brazilian Portuguese (BP) TTS systems [24]. The good stability of EP standard variety helped a lot when deciding the output for each grapheme.

We justify our rule-based approach mainly because: Portuguese is a language

with much phonological regularity; a rule approach is more economic than a phonetic dictionary in terms of space required to store the function; a rule approach is always able to read a new word; a good set of rules based in a linguistic description can cover almost any transcription problem; our rule approach has a very good rate of accuracy and many rules can be adapted to other varieties of Portuguese, such as Brazilian Portuguese and Galician (the language spoken by around 3 million speakers in the north-western province of Spain).

For our algorithm construction, studies on recent EP phonology and phonetics were considered [25], [26], [27] and some of the co-articulation phenomena were already included. Sandhi phenomena are expected to be included in future developments of the system.

2. The Transcription Algorithm

2.1. Annotation Conventions

In Table I, the writing conventions used in the G2P algorithm proposed in section 2.1.2 are presented. Some cases were defined previously in the system, such as the Greek and Latin words and the Masculine and Feminine Pronouns. These phonetic transcriptions that occur in these groups of words also happen in BP standard variety, helping this way to reduce error rates in G2P rule-based modules.

For phonetic annotation, we followed SAMPA transcription symbols [28] with one extension ([l*] to represent the velar lateral consonant which occurs in the EP articulation of the word <sal>, “*salt*”).

2.1.1. *The Transcription Rules*

In the following Tables II to XII, a complete set of transcription rules for every grapheme used in EP is proposed and some examples of occurrence are given. All graphical patterns were considered, including foreign graphemes (such as <k>, <y>, <w>, <ü>), as they may occur in foreign words. Raising and falling diphthongs were also beard in mind, although some of them are incorporated in the rules of graphemes <i> and <u>. Most of the rules presented are stated in literature (e.g. the 26th or 31st rules of grapheme <e>), according to the widely known description of the

phonological rules for the EP standard variety [21], [23]. Many others are stated in normative linguistic literature [25], [29], [30]. Every phonetic output was confirmed by a native Portuguese linguist, this way assuring the correct transcription of all graphic patterns.

#	Symbol	Meaning
1	...	Any grapheme
2	< x >	Grapheme or set of graphemes x
3	[y]	Phone or set of phones y
4	,	Separates options
5	{ x ₁ , x ₂ , x ₃ }	Set of graphemes
6	< x ₁ {x ₂ , x ₃ } >	< x ₁ x ₂ > or < x ₁ x ₃ >
7	< C / y >	Consonant except <y>
8	< C / {w, z} >	Consonant except <w> and <z>
9	V	Any graphic vowel (e.g. a, e, i, o, u)
10	C	Any graphic consonant (e.g. p, t, k, b, d, g...)
11	Pont	Punctuation mark (e.g. , . ! ? () - ; sp)
12	Ltr	Characters that are letters (e.g. a, b, c, ...)
13	SP	Space between words
14	Hf	Hyphen
15	<(case) x >	Certain case that modifies the grapheme <x>
16	<(C) x>	<x> is a consonant
17	<(V) x>	<x> is a vowel
18	<(UV) x>	<x> is unvoiced
19	<(VO) x>	<x> is voiced
20	<(US) x>	<x> is an unstressed vowel
21	<(S) x>	<x> is a stressed vowel
22	<(W_bgn) x>	<x> is in word beginning
23	<(Rad_G) x>	<x> is part of a Greek or a Latin root list (e.g. cardio, homo, macro, meso, micro, ofthalm, hiper, etc.)
24	<(Prn_M) x>	Grapheme <x> in Masculine Pronoun and composed words (e.g. este(s), esse(s), aquele(s), neste(s), etc.)
25	<(Prn_F) x>	Grapheme <x> in Feminine Pronoun and composed words (e.g. esta(s), essa(s), aquela(s), ela(s), etc.)

TABLE I: Annotation symbols and conventions used in the G2P transcription for EP.

When conceiving these rules, we tried to design them, as much as possible,

according to graphic patterns, this way reducing their dependence from other modules of text processing, such as the tonic syllable marker and the syllable divisor. Main exceptions to some of the rules are listed below on footnotes.

The transcription of the 26 graphemes that are likely to appear in Portuguese texts is performed by a total amount of 146 rules.

#	Graphical pattern <a>	Phone	Example
1	...<(Rad_G) a>...	[a]	ra <u>di</u> oterapia
2	... < á, à >...	[a]	rá <u>p</u> ido
3	... <ão>...	[6~w~]	ch <u>ã</u> o, leil <u>ã</u> o
4	...<ã>...	[6~]	rom <u>ã</u> , irm <u>ã</u>
5	...<â {m,n}><C/h>...	[6~]	l <u>â</u> mpada
6	... <â> <C>...	[6]	c <u>â</u> mara
7	... <am><Pont> ...	[6~w~]	sej <u>a</u> m, and <u>a</u> m
8	...<a (m,n)><C/h>...	[6~]	c <u>a</u> mpo, c <u>a</u> nto
9	...<a><l><C/h>...	[a]	c <u>a</u> lmo, p <u>a</u> lco
10	...<a><i,u,o><C,Pont>...	[a]	p <u>a</u> isagem, <u>a</u> o
11	...<(S) a> <r><Pont>...	[a]	mat <u>a</u> r, and <u>a</u> r
12	...<(S) a><m,n>...	[6]	ra <u>m</u> o, ba <u>n</u> ha
13	...<(S) a>...	[a] ¹	ca <u>c</u> to, ga <u>t</u> o
14	... < a >...	[6]	ama <u>a</u> dor

TABLE II: Transcription rules for grapheme <a>.

#	Graphical pattern 	Phone	Example
1	[b]	al <u>b</u> atroz
#	Graphical pattern <c>	Phone	Example
1	...<c><t,ç>...	[] ³	ca <u>c</u> to, aç <u>ç</u> ão
2	... < c > < e, i >...	[s]	aç <u>e</u> itar
3	...<cc>...	[ks]	oc <u>cc</u> itano
4	... < ç >...	[s]	almoç <u>ç</u> o
5	... < ch >...	[S]	aç <u>h</u> o
6	... <c>...	[k]	clar <u>c</u> o

TABLE III: Transcription rules for graphemes and <c> .

¹ The preposition <para> is an exception to this rule.

² Exception to this rule: in some words <c> in this context is articulated as [k] (e.g. *bráctea, dicção, facção, facto, ficção, fictício, pictórico, secção, sucção*).

³ [] is a phone that is not pronounced.

#	Graphical pattern <d>	Phone	Example
1	... <d>...	[d]	dote
#	Graphical pattern <e>	Phone	Example
1	... <SP> <e> <SP>...	[i]	Zé <u>e</u> Ana
2	... <(Prn_M) (S) e >...	[e]	ele, <u>e</u> ste
3	... <(Prn_F)(S) e >...	[E]	ela, <u>e</u> sta
4	... <(Rad_G) e >...	[E]	hipertrofia
5	... <ô, ã> <e>...	[j~]	pô <u>e</u> s, mã <u>e</u> s
6	... <a> <e>...	[j]	Ca <u>e</u> tano
7	... <ém, em> <Pont>...	[6~j~]	algu <u>e</u> m
8	... <en> <s> <Pont>...	[6~j~]	imag <u>e</u> ns
9	... < é >...	[E]	época
10	... < ê, e > <x> <C>....	[6j]	êxtase
11	... <êm > <Pont>...	[6~j~6~j~]	t <u>e</u> m, v <u>e</u> m
12	... <ê {m,n}> < C /h >...	[e~]	ci <u>e</u> ncia
13	... < ê >...	[e]	portugu <u>e</u> s
14	... <e> <i>...	[6]	ace <u>i</u> tar
15	... <e> <(ct, çç, cc, gn, pç, pt)>...	[E]	diale <u>e</u> cto dire <u>e</u> ção
16	... <e> <n> <Pont>...	[E]	líqu <u>e</u> n
17	... <e> <m,n> <e> <Pont>..	[E]	g <u>e</u> ne, l <u>e</u> me
18	... <e {m,n}> < C/h >...	[e~]	l <u>e</u> nto
19	... <e> <sa, se, ssa, za> <s, Pont>...	[e]	ch <u>e</u> nsa
20	... <e> <la> <Pont>...	[E] ⁴	vel <u>a</u> , bel <u>a</u>
21	... <e> <l> <C/h, Pont>...	[E]	sensív <u>e</u> l
22	... <(W_bgn) e > <s> <C>....	[@]	estrada, <u>e</u> sperto
23	... <(W_bgn) e > <C, rr, ss> <V>...	[i]	exacto, <u>e</u> rrado
24	... <(W_bgn) he > <C> ...	[i]	herói <u>h</u> erança
25	... <(S) e > <m, n > <V>...	[e]	t <u>e</u> ma, p <u>e</u> na
26	... <(S) e > <lh, nh, ch, j >...	[6]	vel <u>h</u> o, len <u>h</u> a
27	... <(S) e > <r> <Pont>...	[e] ⁵	ser, man <u>ter</u>
28	... <(S) e > <u>....	[e]	me <u>u</u> , de <u>u</u>

⁴ The contraction between <por> and the definite article <a> is an exception to this rule. Due to the high frequency of this word and its variations (pelo/a/s) it was implemented as an exception.

⁵ This rule is working for verbs, e.g. <colher>[e] (*to harvest*), but not for the homographic nouns, e.g. <colher> [E](*spoon*). Morphological analysis is needed to solve most of these cases.

29	... <(S) e>...	[E]	quero
30	...<(US) e> <o, a>...	[j]	área
31	... <(US) e>...	[@]	índice

TABLE IV: Transcription rules for graphemes <d> and <e>.

#	Graphical pattern <f>	Phone	Example
1	... <f>...	[f]	faca, afiar
#	Graphical pattern <g>	Phone	Example
1	... <g> <e, i>...	[Z]	gelo, giro
2	... <g u> <e, i>...	[g] ^o	guindaste
3	... <g>...	[g]	garoto, agora
#	Graphical pattern <h>	Phone	Example
1	... <h>...	[]	hoje, <u>h</u> ospital

TABLE V: Transcription rules for graphemes <f>, <g> and <h>.

#	Graphical pattern <i>	Phone	Example
1	...<Ltr><i><C/t><i>...	[@]'	vizinho
2	...<i {m,n}><C/h, Pont>...	[i~]	<u>l</u> imbo, <u>s</u> into, <u>f</u> im
3	...<i {m,n}><C/h>...	[i~]	<u>s</u> ímbolo
4	... <V/{i, u}> <i>...	[j]	coisa, sai
5	...<i e><Pont>...	[i]	superfíc <u>i</u> e
6	... <i, í>...	[i]	líquido, saí
#	Graphical pattern <j>	Phone	Example
1	... <j>...	[Z]	jovem
#	Graphical pattern <k>	Phone	Example
1	... <k>...	[k]	ketchup

TABLE VI: Transcription rules for graphemes <i>, <j> and <k>.

#	Graphical pattern <l>	Phone	Example
1	... <l> <C/h, Pont>...	[l*]	calma, vogal
2	... <l SP> <V>...	[l]	sol <u>a</u> sol
3	... <lh>...	[L]	al <u>h</u> o, col <u>h</u> er

⁶ Exceptions to this transcription can be found in the following words where <gu> is pronounced [gw]: *aguentar, antiguidade, arguente, arguição, arguido, consanguinidade, contíguo, contiguidade, ensanguentar, exiguidade, exíguo, lingueta, língua, linguista, pinguim, sagui, saguim, sanguírio, sanguinolento, unguento, unguiforme*

⁷ In some words (e.g. *notícia, emitir*) this transcription doesn't occur and <i> is articulated as [i]. A complete list is being built.

4	...<l>...	[l]	ali
#	Graphical pattern <m>	Phone	Example
1	... < m >...	[m]	mamã
#	Graphical pattern <n>	Phone	Example
1	... <n h>...	[J]	ganho
2	... <n>...	[n]	nata, líquen

TABLE VII: Transcription rules for graphemes <l>, <m> and <n>.

#	Graphical pattern <o>	Phone	Example
1	<Pont><o><Pont>	[u]	o bolo é bom
2	...<(Rad_G) o>...	[O]	hemoglobina
3	...<ó>...	[O]	código, avó
4	... < õ >...	[o~]	corações, pões
5	...<o {m,n}><C/h, Pont>...	[o~]	compor, conde, som
6	... <ô n><C/h>...	[o~]	gôndola
7	... < ô >...	[o]	sôfrego, pôr
8	...<ou>...	[o]	ouvir, couve
9	...<o><i>...	[o]	dois, oito
10	...<(S) o><r><es, Pont>...	[o] ⁸	compor, dor, sabor, sabores
11	...<o><z><Pont>...	[O] ⁹	vóz, atroz
12	...<o><so><Pont>...	[o]	saudoso, caprichoso
13	...<o><sa, sos, sas> <Pont>...	[O]	saudosa, virtuosa
14	...<(W_bgn) o><l>...	[O]	olá, olhar
15	...<Ltr><o><l><C/h>...	[o]	soltar, voltar
16	...<o><l><Pont>...	[O]	futebol
17	...<(W_bgn) h> <o> <r, s, t>...	[O]	hortelã, hora, hostil, hotel
18	... <(S) o > <m, n>...	[o]	soma, sono
19	...<(S) o><a>...	[o]	perdoa, canoa
20	...<(S) o><o><Pont>...	[o]	voo, enjoo
21	...<a><o><C/n, Pont>...	[w]	ao, caos
22	...<(W_bgn)o><C><C>...	[O]	oclusão, obtuso

⁸ Exceptions to this rule occur in the following words and their variations in which <o> is pronounced [O]: *maior, menor, melhor, pior, suor, sénior, junior*.

⁹ The word <arroz> is an exception: <o> is articulated as [o].

23	... <(US) o >...	[u]	carros, <u>o</u> por
24	... <(S) o >...	[O]	emb <u>o</u> ra, ag <u>o</u> ra

TABLE VIII: Transcription rules for grapheme <o>.

#	Graphical pattern <p>	Phone	Example
1	...<ph>...	[f]	orp <u>h</u> eu
2	...<p><t, ç>...	[] ¹⁰	óptimo
3	... < p >...	[p]	pato
#	Graphical pattern <q>	Phone	Example
1	... < q u >< i, e > ...	[k] ¹¹	quilo, <u>q</u> uente
2	... < q >...	[k]	qual, <u>q</u> uorum
#	Graphical pattern <r>	Phone	Example
1	... < r r > ...	[R]	car <u>r</u> o, ar <u>r</u> endar
2	...<(W_bgn) r>...	[R]	rua, rio, rocha
3	... < r >...	[r]	mar, cara

TABLE IX: Transcription rules for graphemes <p>, <q> and <r>.

#	Graphical pattern <s>	Phone	Example
1	... <s h>...	[S]	shiatsu
2	...<(W_bgn) s>...	[s]	saúde, sim
3	... <V> <s> <V>...	[z]	asa
4	...<s><SP><C_VO>...	[Z]	olhos verdes
5	...<s><SP><C_UV>...	[S]	olhos <u>s</u> castanhos
6	...<s><SP><V, h>...	[z]	os olhos
7	... < s s > ...	[s]	ass <u>s</u> ar
8	... <s><C_VO>...	[Z]	rasgar
9	... <s><C_UV, Pont/SP>...	[S]	rasca, olhos
10	... <tr(a, â) n> <s> <V>...	[z]	transitar
11	... <ob> <s> <éq>...	[z]	obs <u>s</u> équio
12	...<s>...	[s]	cansado

TABLE X: Transcription rules for grapheme <s>.

¹⁰ A complete list of exceptions to this rule in which <p> is pronounced (e.g. *helicóptero*, *aptidão*) is ongoing work.

¹¹ Exceptions to this transcription can be found in the following words where <qu> is pronounced [qw]: *aquícola*, *aquista*, *cinquenta*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *deliquescência*, *eloquência*, *eloquente*, *equestre*, *equidade*, *equídio*, *equidistante*, *equitativo*, *exequível*, *frequência*, *frequente*, *obliquidade*, *quercó*, *quercite*, *quingentésimo*, *quinquagenário*, *quiquagésimo*, *quiproquó*, *sequela*, *tranquilo*, *tranquilidade*, *ubiquidade*.

#	Graphical pattern <t>	Phone	Example
1	... <t h>...	[t]	Ar <u>th</u> ur
2	... <t>...	[t]	tact <u>o</u>
#	Graphical pattern <u>	Phone	Example
1	...<m><ui><t>...	[u~j~]	m <u>u</u> ito
2	... <ü > ...	[w]	ling <u>ü</u> ística
3	... <g, q> <u><a, o>...	[w]	qu <u>a</u> l, qu <u>o</u> rum
4	... <u {m, n} > <C /h, Pont>...	[u~]	abu <u>n</u> dante, ret <u>u</u> mbante
5	... <é, e, a, i><u >...	[w]	c <u>e</u> u, se <u>u</u> , cau <u>d</u> al
6	... <ú, u >...	[u]	ac <u>ú</u> stica
#	Graphical pattern <v>	Phone	Example
1	... <v >...	[v]	vo <u>o</u> ndo
#	Graphical pattern <w>	Phone	Example
1	... <w>...	[w] ¹²	Watt, <u>w</u> orkshop

TABLE XI: Transcription rules for graphemes <t>, <u>, <v> and <w>.

#	Graphical pattern <x>	Phone	Example
1	... <(e,ê)> <x> <C_UV>...	[S]	ê <u>x</u> tase, te <u>x</u> to
2	...<(W_bgn) ine> <x><V>...	[z]	in <u>e</u> xorável, in <u>e</u> xistente
3	... <(W_bgn) e><x><V>...	[z]	ex <u>e</u> crar, ex <u>a</u> me, ex <u>a</u> gero
4	... <(W_bgn) e> <x> <Hf> <C_VO>...	[Z] ¹⁵	ex <u>z</u> -marido
5	...<(W_bgn)e> <x> <Hf><C_UV>...	[S]	ex <u>s</u> -padre
6	... <(W_bgn) e> <x> <Hf> <V>...	[z]	ex <u>z</u> -aluno
7	... <(W_bgn) x>...	[S]	x <u>s</u> adres, x <u>s</u> aile
8	...<trou><x>...	[s]	trou <u>s</u> e
9	...<m, pr><o, ó, a, á><x><im>...	[s]	má <u>s</u> imo, prox <u>s</u> imidade
10	...<au><x><íl, il>...	[s]	au <u>s</u> ílio
11<fl><e,u><x>...	[ks] ¹⁴	flex <u>ks</u> ão, reflex <u>ks</u> o
12	...<ne, fi, se><x>...	[ks] ¹⁵	an <u>ks</u> o, fix <u>ks</u> ar
13	...<x> <Pont>...	[ks] ¹⁶	ino <u>ks</u> , dupl <u>ks</u> e
14	... <x>...	[S] ¹⁷	en <u>s</u> ofre

¹² In words of German origin <w> is [v] (e.g. *wagner*, *wagneriano*, *wálchia*).

¹³ Exception to this rule is found in the Latin expression “*ex-libris*” [ks].

¹⁴ Exception to this rule is found in the word <reflexksão> articulated with [s].

¹⁵ Exception to this rule is found in the word <fixkse> articulated with [S].

¹⁶ Exception to this rule is found in the word <cóccks> articulated with [S].

#	Graphical pattern <y>	Phone	Example
1	... <y> <C> ...	[i]	Yguaçu
2	... <y> ...	[j]	yankee
#	Graphical pattern <z>	Phone	Example
1	... <z SP> <C_UV>...	[S]	faz_favor
2	... <z SP> <C_VO>...	[Z]	faz_bem
3	... <z SP> <V, h>...	[z]	faz_anos
4	... <z> <Pont/ SP>...	[S]	arroz, faz
5	... <z>...	[z]	zumbido

TABLE XII: Transcription rules for graphemes <x>, <y> and <z>.

2.1.2. Implementation of the Transcription Rules

The time needed to generate an acoustic utterance from a text input should be as short as possible. In order to achieve the best performance in the implementation process, we tried to group the rules/patterns according to the type of logical test and common characters. The several tests performed by the system along the decision tree were ordered by the graphemes' frequency of occurrence in the language, which means that it starts by testing the most frequent, leaving the less frequent to the end. Just for reference the following order was considered: <a>, <e>, <o>, <s>, <i>, <r>, <d>, <n>, <t>, <c>, <u>, <m>, <p>, <l>, <v>, <q>, <g>, <h>, <f>, , <j>, <z>, <x>, <k>, <w>, <y>. This order is derived from the analysis of around 1 million characters from the FEUP IPB database [31]. More information and details about graphemes and phones frequencies (and sets of graphemes and phones) in EP can be found in [32]. The frequency of grapheme pairs was also considered. By this way, the system can find a compatible pattern with fewer evaluations. In our system, an average of three tree nodes evaluations is needed for reaching the output pattern.

As much as possible, the rules that were leading to the default output were not implemented. The default output is chosen to be the most frequent among the total outputs for a given grapheme. With this procedure, from the total 146 presented rules only nearly 100 are needed. Temporal performance tests with other G2Ps systems are

¹⁷ Exceptions to this transcription can be found in the following words where <x> is pronounced [ks] in the middle of word: *abnóxio, apoplexia, axial, axila, axiologia, axioma, bissexual, circunflexo, complexão, complexo, conexo, convexão, convexo, crucifixo, filoxera, fixação, fixar, fixo, fluxo, galáxia, hererodoxo, indexação, infixo, inoxidável, intoxicar, íxia, léxico, lexicografia, marxismo, maxilar, maximizar, nexo, nóxio, obnóxio, ortodoxo, oxalato, oxidação, oxidar, oxigénio, oxítono, oxiúro, parodoxo, paralaxe, paroxismo, paroxítono, perplexo, praxis, prefixo, prolixo, proparoxítono, saxofone, sexagésimo, sexagenário.*

foreseen.

Compared with the dictionary based approach, our system requires less memory space and can cope with any new word which makes it a better option for large vocabulary EP TTS. Statistical approaches devise transcription rules from a given set of training utterances, but this usually leads to scattered and complex conditions that should be re-organized. This is a good and universal option when little or no knowledge of the language exists. In our case, the rules were developed using EP linguistic knowledge and 20% of the rules cover 76% of the cases.

3. Results And Discussion

The proposed algorithm was implemented and tested using texts from the daily newspaper *Público* [33] available online. Six articles containing a total number of 10884 characters distributed among 1802 words were used as the text input of our system. The phones originated by our system were manually checked and 98.80% were correctly converted.

Type of error	# occur.	% occur.
Homographs with <e>	21	0.19
Mistake in <a> transcription	1	0.01
Mistake in <e> transcription	26	0.24
Mistake in <o> transcription	31	0.28
Mistake in <u> transcription	2	0.02
Portuguese proper names	2	0.02
Foreign proper names	13	0.12
Foreign words	3	0.03
Toponyms	3	0.03
Words with sub-morphemic alternation	8	0.07
Non implemented exceptions	17	0.16
Acronyms	3	0.03
Total	130	1.19

TABLE XIII: Errors in absolute frequency and percentage relative to total grapheme number.

The errors were marked and classified as shown on Table XIII. From a total of 1.19% of errors (130 wrongly transcribed graphemes), 0.16% are exceptions that were still not implemented for lack of time. Most of the errors come from <e> and <o> grapheme transcription, since these graphemes have a high variability in EP. Many of them occur in homographs (e.g. noun <apelo> [e]/ verb <apelo> [E]) and words with sub-morphemic alternation such as (<lobos> [o]/ <esposos> [O]).

Other mistakes in <e> and <o> grapheme's transcription are due to vocalic alternations which occur along the conjugation of the verbs (e.g. <morreram> [e]/ <fizeram> [E]). This alternation is well known and can also be predicted by using linguistic information.

Foreign words, proper names and toponyms do represent a problem to be considered, since they sum up a total of 21 mistaken phones.

Comparisons with other G2P modules for Portuguese TTS systems seem to confirm the good performance of our rule-based approach. Besides, our system is more optimized when compared with other similar frameworks, since we only deal with 146 rules, when others need around 600 rules, as stated in [14].

Our good results are very comparable to the G2P for a Brazilian Portuguese TTS system [24], with an accuracy rate of 98.43%. Other rule-based frameworks don't mention accuracy rates [14], [17], [34].

4. Conclusion

In this paper, we described a G2P transcriber linguistically rule-based that is perfectly able to be applied to any EP TTS system. The proposed rules were implemented and tested using newspaper articles from *Público* online. Evaluation of our system resulted in 98.80% of correct transcribed graphemes. Most of the errors were found in homographs, verbal conjugations, foreign words, proper names and toponyms.

From the obtained results, it is our belief that morphological decision in terms of verb/noun will drastically improve the efficiency of our G2P system. This study is already ongoing. Phonological information regarding the verbal flexion of the verbs can also be included in future developments. A careful research on the phonological behavior of the foreign words in EP is also foreseen.

The proposed algorithm can be very useful for other varieties of Portuguese,

and due to this it was adapted and implemented for Brazilian Portuguese as can be seen in another paper also published in the proceedings of this conference [35]. From the overall set of rules presented, 70.5% are fully applicable, 21.9% have the same input pattern but a different output. This means that we have 92.5% of pattern compatibility. We also intend to evaluate the compatibility of our patterns with other varieties of Portuguese.

A comparison of our system with another one using automatically-generated rules obtained by decision trees, for instance, is foreseen.

REFERENCES

- [1] Lucassen, J. M.; Mercer, R. L. "Discovering phonemic based forms automatically: an information theoretic approach" in *IEEE International Conference on Acoustics, Speech and Signal Processing*, 1984, pp. 42.5.1-42.5.4.
- [2] Lucassen, J. M. *Discovering phonemic base forms automatically: an information theoretic approach. Technical Report RC 9833 (#43527)*, IBM T.J., Watson Research Center, February, 1983.
- [3] Bosch, A. and Daelemans, W. "Data-oriented methods for grapheme-to-phoneme conversion". in *Sixth Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics (EACL'93)*, 1993, pp. 45-53.
- [4] Coker, Cecil H.; Kenneth, W. Church and Liberman, Mark Y. "Morphology and rhyming: Two powerful alternatives to letter-to-sound rules for speech synthesis". in *Conference on Speech Synthesis. European Speech Communication Association*, 1990.
- [5] Laporte, E. *Phonetique et transducteurs. Technical report*, Université Paris 7, June, 1993.
- [6] Allen, J., Hunnicutt, S. and Klatt, D. *From text to speech : the MITalk system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- [7] Kaplan, R. M. and Kay, M. "Regular models of phonological rule systems", in *Computational Linguistics 20(3)*, 1994, pp. 331-378.
- [8] Meng, H. M., Seneff, S. and Zue, V. "Phonological parsing for bi-directional letter-to-sound/sound-to-letter generation", in *ARPA Human Language Technology Workshop*, Princeton, USA, 1994.

- [9] Huang, C. B., Son-Belt, M. A. and Baggett, D. M. "Generation of pronunciation from orthographies using transformation-based error-driven learning". in *ICSLP94*, Yokohama, Japan, September 1994.
- [10] Sejnowski, T. J. and Rosenberg, C. R. "Parallel networks that learn to pronounce English Text". In *Complex Systems, 1*, 1987, pp. 145-168.
- [11] Roche, E. and Schabes, Y. *Exact Generalization of Finite-State Transductions: Application to Grapheme-to-Phoneme Transcription*. Technical Report TR-95-08, Mitsubishi Electric Research Laboratories, Cambridge, USA, March 1995.
- [12] Chotimongkol, A. and Black, A. "Statistically trained orthographic to sound models for Thai", in *ICSLP2000*, Beijing, China, 2000.
- [13] Oliveira, L. C. *Síntese de Fala a Partir de Texto*, Ph.D. dissertation, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 1996. Available: <http://www.inesc-id.pt/ficheiros/publicacoes/3041.pdf>
- [14] Teixeira, J. P., Freitas, D., Gouveia, P., Olaszy, G., Németh, G. "Multivox: Conversor Texto-Fala para Português", in *Proceedings of PROPOR'98*, Porto Alegre, Brazil, November 1998.
- [15] Teixeira, A. J. S. *Síntese Articulatoria das vogais nasais do Português Europeu*, Ph.D. dissertation, Universidade de Aveiro, 2000.
- [16] Barros, M. J. *Estudo comparativo e técnicas de geração de sinal para a síntese da fala*, M.S. thesis, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2001.
- [17] Oliveira, L. C., Viana, M. C., Trancoso, I. M. "DIXI - Portuguese Text-to-Speech System", *Proc. EUROSPEECH'91 - 2nd European Conference on Speech Communication and Technology*, Genoa, Italy, September 1991.
- [18] Oliveira, L. C.; Viana, M. C.; Trancoso, I. M. "A Rule-Based Text-to-Speech System for Portuguese", in *Proc. ICASSP'92 - Int. Conf. on Acoustics, Speech, and Signal Processing*, San Francisco, U.S.A., March 1992.
- [19] Caseiro, D. A., Trancoso, I. "Grapheme-to-Phone Using Finite-State Transducers", in *2002 IEEE Workshop on Speech Synthesis*, September, 2002.
- [20] Caseiro, D. A.; Trancoso, I.; Viana, M. Céu; Barros, M. "A Comparative Description of GtoP modules for Portuguese and Mirandese using Finite State Transducers", in *ICPhS'2003 - 15th International Congress of Phonetic Sciences*, August, 2003.

- [21] Mateus, M. H. M.; Andrade, A.; Viana, M. C.; Villalva, A. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- [22] Martins, M. R. D. *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português* Caminho: Lisboa, 1998.
- [23] Mateus, M. H. M. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975 (2ª ed. revista, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1980).
- [24] Barbosa, F. P.; Resende, F. G.; Gonçalves, C. A., Monserrat, R.; Rosa, M. C. “Grapheme-Phone Transcription Algorithm for a Brazilian Portuguese TTS”, in *Proceedings of PROPOR 2003*, June 2003, Faro, Portugal
- [25] Cuesta, P.; Luz, M. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971, pp. 281-331.
- [26] Rodrigues, M. C. *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: FCT/MCT, 2003.
- [27] Mateus, M.; Andrade, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- [28] Cf. <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/sampa/portug.htm>
- [29] Estrela, E.; Soares, M. A.; Leitão, M. J. *Saber Escrever, Saber Falar*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- [30] Casteleiro, J. M.(coord.) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- [31] Braga, D.; Freitas, D.; Teixeira, J. P.; Barros, M. J.; Latsh, V. “Phonetic Events from the Labeling the European Portuguese Database for Speech Synthesis, FEUP/IPB-DB”, in *Proceedings of Eurospeech 2001 – Scandinavia*, Denmark, September 2001.
- [32] Coelho, L. *Etiquetagem Automática de Sinais de Fala – Anotação e Segmentação*, M.S. thesis, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2005.
- [33] Available: <http://www.publico.clix.pt>
- [34] Oliveira, C.; Moutinho, L.; Teixeira, A. “Um novo sistema de conversão grafema-fone para PE baseado em transdutores”, in *Actas do II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia*, Maranhão, Brazil, 2004, accepted for publication.
- [35] Silva, D.; Lima, A.; Maia, R.; Braga, D.; Moraes, J. F.; Moraes, J. A.; Resende Jr., F. “A rule-based grapheme-phone converter and stress determination for Brazilian

Portuguese natural language processing”, in *VI International Telecommunications Symposium (ITS2006)*, September, 2006, Fortaleza-CE, Brazil.

MAD ABOUT YOU
DA TRADUÇÃO À LEGENDAGEM DE AUDIOVISUAIS

Paula Ramalho Almeida e Pedro Duarte
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Instituto Politécnico do Porto
Portugal

palmeida@iscap.ipp.pt

pduarte@iscap.ipp.pt

Sinopse

A partir de um trabalho de um aluno realizado no âmbito do Seminário de Tradução e Legendagem, da Licenciatura em Línguas e Secretariado- Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas, no Instituto Superior de Contabilidade de Administração do Porto, são apresentadas soluções de tradução e de legendagem para um episódio da *sitcom* americana *Mad About You*. Esta reflexão é contextualizada por um breve historial do seminário e uma apresentação sucinta de formas de trabalho adoptadas ao longo das sessões, com o objectivo de integrar as perspectivas de professora e aluno.

Palavras-chave

Tradução Audiovisual, Legendagem, Comunicação, Educação,

Key words

Audiovisual Translation, Subtitling, Communication, Education

1. Introdução

No seminário, onde impera a construção de saber mais do que a transmissão de conhecimento, a colaboração entre professor e aluno é fundamental. Esta colaboração está patente no regime de ensino-aprendizagem adoptado no Seminário de Tradução e Legendagem, dando-se primazia ao trabalho individual e de grupo, à discussão de temas e questões fundamentais e à realização de projectos com a participação de toda a turma. No

final do semestre, os alunos completam a sua formação através de um trabalho individual, enquanto soma dos exercícios práticos e raciocínios desenvolvidos ao longo do seminário, onde os alunos aplicam técnicas e reflectem sobre questões abordadas nas várias sessões. O ensaio que agora apresentamos em regime colaborativo foi desenvolvido a partir de um trabalho final entregue no 2º semestre do ano lectivo 2003-2004, circunscrito à tradução e legendagem de um episódio da série “Mad About You”. Com base neste trabalho, aluno e professora intentam, por um lado, pôr a descoberto práticas de ensino e aprendizagem e, por outro, incidir sobre as dificuldades inerentes à tradução e legendagem de audiovisuais numa perspectiva pedagógica. Esperamos contribuir com uma visão particular sobre esta área, sem ter a pretensão de aflorar as problemáticas da recepção e da qualidade do produto audiovisual legendado, que hoje em dia constituem o cerne das investigações neste domínio. Ao esboçar uma prática tradutiva integrada numa perspectiva pedagógica, pretendemos, sobretudo, levantar questões e estabelecer algumas premissas que incentivem futuros trabalhos desta natureza.

Assim, com este artigo pretende-se focar algumas das especificidades deste tipo de tradução, com exemplos de uma auto-análise do processo de legendagem de um episódio de uma *sitcom* americana. Visa, igualmente, apresentar os principais aspectos do processo de produção de uma legendagem bem como algumas soluções para os desafios colocados ao tradutor de audiovisuais, nomeadamente ao nível da criatividade que é exigida pela tradução de humor para televisão. A escolha de uma série de humor não foi casual. Julgamos ser uma área onde o tradutor é mais exposto e mais facilmente criticável do que em qualquer outra área, mesmo da tradução audiovisual. Além das dificuldades normais de qualquer tradução e legendagem, o humor apresenta uma série de condicionantes que mais à frente apresentaremos.

2. Contextualização

2.1 Historial do seminário

Hoje em dia, as chamadas novas tecnologias dominam o trabalho do docente e do discente, sobretudo em cursos com intenção profissionalizante e de evidente cariz prático. Se por um lado estas novas ferramentas enriquecem o espaço de aula, por outro elas

sobrecarregam o docente com, pelo menos, o dobro de horas de trabalho na preparação das suas aulas. Não é suficiente conhecer de forma aprofundada a matéria, é também necessário transformar essa matéria em *material* compatível com os meios tecnológicos ao dispor e de acordo com fundamentos pedagógicos claros.

A criação e o desenvolvimento do Seminário de Tradução e Legendagem, em construção desde 2001/2002 mas tornando-se realidade apenas em 2002/2003, surgiu na sequência da aquisição do Laboratório Multimédia de Línguas 1, seguido do Laboratório Multimédia de Línguas 2. Inicialmente, o processo de legendagem foi ensinado e praticado como módulo específico dentro do seminário «Tradução e Novas Tecnologias»¹, com a ajuda da aplicação informática de origem, e incluída no pacote Tandberg, que permitia a sincronização de texto e imagem. Ao longo de várias experiências, algumas realizadas durante a hora lectiva, concluiu-se que: 1) a aplicação em causa não facilitava, ou até mesmo impedia, a utilização de ficheiros de vídeo volumosos, pelo que a legendagem de um filme na íntegra, por exemplo, se tornava incomportável; 2) a *interface* da referida aplicação deixava muito a desejar; 3) os filmes e vídeos legendados nunca poderiam ser vistos a não ser com essa mesma aplicação, o que significava ficarmos reduzidos ao visionamento e à correcção dos ficheiros em laboratório; 4) os próprios ficheiros das legendas não eram independentes do ficheiro de vídeo, o que constituía um impedimento ao seu transporte para fora do Laboratório.

Para além destes quatro pontos, a decisão de procurar uma alternativa viável dependeu de uma certeza: faltava à Licenciatura em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas a componente de tradução audiovisual. De facto, tratava-se de uma licenciatura em tradução «especializada», pelo que se tornava premente a existência de uma disciplina autónoma de Tradução Audiovisual². Esta área dos estudos de tradução tem vindo a adquirir projecção, e é certo que irá crescer progressivamente. A verdade é que o mundo onde vivemos é dominado pela imagem visual, e sê-lo-á cada vez mais, por isso, já é inconcebível criar-se um curso superior na área da tradução sem o

¹ Este seminário foi criado no 2º Semestre do ano lectivo 2002/2003.

² É de referir a existência de outras disciplinas relacionadas com as novas tecnologias, uma das quais, «Tradução Assistida por Computador», leccionada pela Dra. Alexandra Albuquerque e o Dr. Manuel Moreira da Silva, já integra a estrutura curricular do Curso Superior de Assessoria e Tradução, enquanto opção. O seminário de «Tradução e Novas Tecnologias», da responsabilidade do Dr. Manuel Moreira da Silva, também foi oferecido este ano, com especial enfoque na TAC e em aplicações informáticas como o Systran e o Trados.

desenvolvimento adequado da componente audiovisual. Mesmo noutras disciplinas, como a Interpretação Simultânea, o audiovisual é já um *sine qua non* da boa formação do tradutor e intérprete profissional³.

2.2 Formas de trabalho no seminário

As primeiras sessões do Seminário são preenchidas com apresentações teóricas incidindo sobre: 1) a tradução audiovisual em geral, os seus diferentes modos e modalidades, desde a dobragem, voice-over e narração, até à legendagem para surdos e interpretação simultânea; 2) os recursos multimédia de que depende o trabalho do tradutor nesta área, tais como conversores de vídeo e programas de legendagem; e, já de forma mais detalhada, 3) semiótica e pragmática da comunicação no domínio da legendagem. É feita uma incursão pelos teóricos fundamentais, de modo a serem apreendidos os conceitos basilares que enformam a área da tradução audiovisual e da legendagem em particular. Nas sessões seguintes, os alunos familiarizam-se com ferramentas como o Subtitle Workshop e o Spot e aprendem a utilizar outras recursos disponíveis em linha. À medida que se tornam mais competentes na utilização dos recursos, é realizado um exercício por cada sessão de duas horas, com vista a pôr em prática normas de legendagem e reflectir sobre conceitos já abordados. Dois destes exercícios prendem-se especificamente com a tradução de humor para cinema, um tendo por base o filme *Lost in Translation*, de Sofia Coppola, o outro *Annie Hall*, de Woody Allen. No primeiro caso, reflecte-se sobre a tradução ou transferência de referências culturais, no segundo é consciencializado o processo de passagem da tradução escrita para a legenda, sem, no entanto, descurar aspectos como o público alvo, a relação texto/imagem e a sincronização.

3. O episódio

³ Também no ISCAP se tem vindo a pôr em prática novas estratégias de ensino com recurso ao suporte audiovisual, nomeadamente nas disciplinas de Interpretação Simultânea e Consecutiva I-III, nas três línguas nucleares, Inglês, Francês e Alemão. Cf. igualmente Suzana Noronha Cunha e Paula Ramalho Almeida, «Imagem com Som ou Som sem Imagem: Uma Experiência Laboratorial em Interpretação Simultânea», *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, n. 14, pp. 119-147, Setembro 2005.

A série "Mad About you", conhecida em Portugal como "Doido por ti", tenta apresentar o casamento de um jovem casal, Paul e Jamie, e os problemas que se lhe deparam na sociedade dos anos 90. Esta série, que foi mostrando toda a vida deste casal no trabalho, na rua e em família, foi reconhecida como uma das mais bem escritas e mais engraçadas do género. Trata-se de uma série que recebeu dois globos de ouro, um prémio Peabody, um prémio Génesis, tendo sido nomeada para cinco Emmys e recebido o título de comédia de Melhor Qualidade atribuído pelos espectadores da "Quality Television". A série foi criada por Paul Reiser e Danny Jacobson e produzida pelos dois criadores e ainda por Victor Levin e Helen Hunt.

A história do episódio analisado, "Paul in the family", centra-se numa visita dos pais de Jamie e nas reacções nervosas provocadas por estes na filha. Sucede-se uma série de situações caricatas.

4. O processo de transcrição

O acesso à transcrição, ou à lista de diálogos, será a situação ideal para se iniciar uma boa legendagem. Embora não seja o habitual no mercado de trabalho, Jorge Diaz Cintas descreve que numa situação ideal o tradutor de audiovisuais deveria ter acesso a uma lista de diálogos completa.

Such a list is supplied by the film distributor or producer and in its ideal format it offers, besides all the dialogue, metatextual information on the implicit socio-cultural connotations, explains punning, Word play and possible double entendre, explains the meaning of colloquialisms and dialectalisms, elucidates the origin and the usage in context of certain terms that may be obscure at first sight, gives the correct spelling of all proper names, advises on the convenience of using particular font type for some words in the subtitled version, clarifies implicit as well as explicit allusions to geographical realities, etc. Cintas (2001:200)

Este tipo de informação, que pode ser fornecida por quem produz o material a legendar, afigura-se essencial para se produzir uma legendagem de qualidade no espaço de tempo exigido que é, normalmente, extremamente reduzido não permitindo o nível de pesquisa que o trabalho pode exigir.

A legendagem em análise foi facilitada pela obtenção de uma transcrição do episódio, embora tenha havido necessidade de efectuar bastantes correcções, pois o texto apresentava alguns erros ortográficos e não indicava a personagem relativa a cada uma das falas. Foi possível confirmar a utilidade da transcrição encontrada, sobretudo no que concerne os momentos onde as personagens utilizam vocabulário específico relativo a termos como carne ou ferramentas, por exemplo.

5 . Problemas e dificuldades

Os problemas e dificuldades que podem surgir ao realizar uma tarefa deste tipo serão, essencialmente, de dois tipos: por um lado os problemas de tradução, por outro, no que diz respeito à parte mais técnica, os problemas de sincronização. Por vezes, podemos encontrar na mesma fala problemas de tradução que, devido à extensão, podem obrigar a alterações na legenda.

A Film or TV Programme is a combination of visual images and an áudio soundtrack including dialogue. The transformation of the dialogue into written subtitles must be carried out with respect to the relations between all these components. As well as a spatial balance between subtitle and image, there must also be a precise synchronization of image and subtitle; a procedure which is more than a matter of approximate timing as both systems are semiotically related. This relationship is perhaps best illustrated in comic situations where linguistic expressions must coordinate with the visual image. (Linde & Kay, 1999:7)

5.1 Legendagem

A legendagem continua a ser, em Portugal, o modo de tradução de audiovisuais por excelência. No entanto, esta realidade tem atraído pouca atenção por parte de estudiosos e da comunidade académica, sendo poucos os estudos e pesquisas relevantes efectuados neste campo. As especificidades deste tipo de tradução são de variada ordem, desde a adaptação social, política, económica ou cultural até às limitações de espaço e tempo na apresentação da legenda.

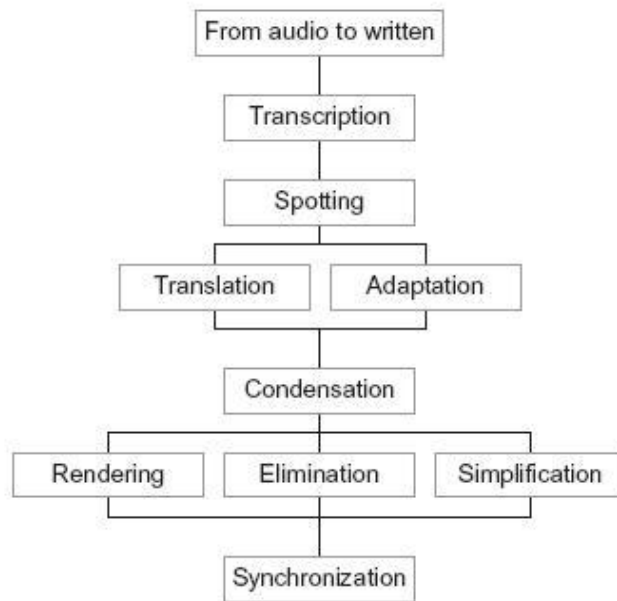


Figura 1

O trabalho do tradutor de audiovisuais segundo R. Antonini

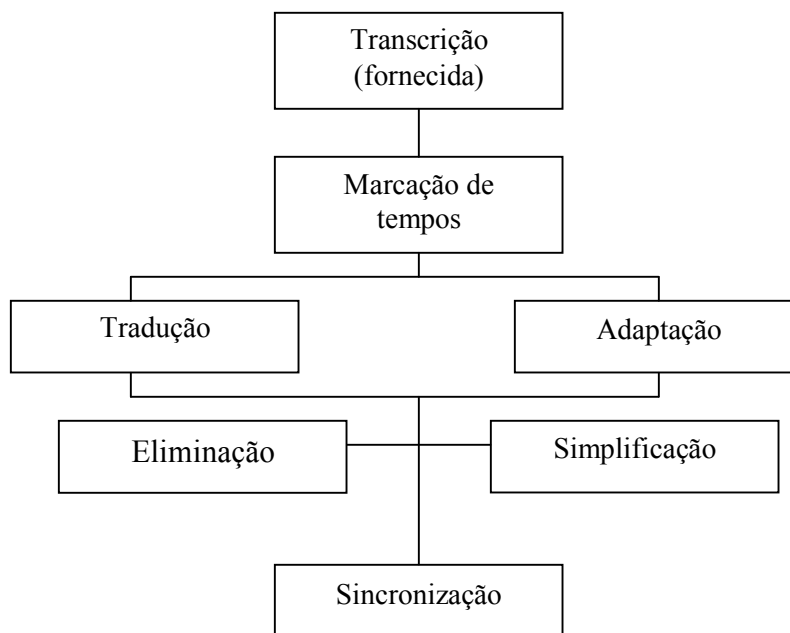


Figura 2

O processo de legendagem de “Mad About You – Paul in the Family”

De acordo com Christopher Taylor (2000), a legendagem implica a passagem para linguagem escrita de características inerentes à linguagem oral. Há que ter consciência, ao efectuar esta transferência, que a dinâmica destas duas linguagens é diferente, quer a nível gramatical, quer a nível lexical. No entanto, não podemos descurar o facto de que os diálogos legendados não são de origem oral, seguem um texto previamente escrito, exceptuando o caso de entrevistas ou *reality shows* e concursos.

Embora não se possa falar actualmente numa norma padrão universal, Fotios Karamitroglou (1997) propõe normas relativas às limitações deste tempo e espaço, entre outras características que devem estar presentes na legendagem. Estas são normas cujo objectivo é proporcionar sempre a melhor apreciação possível do filme legendado, permitindo uma boa legibilidade e tentando não retirar nada ao espectáculo original.

Quando se trata de legendagem interlingual para adultos, os principais problemas prendem-se com o espaço máximo de 2 linhas com 35 caracteres cada e com o tempo limitado, geralmente, entre 3 a 6 segundos. Esta imposição leva, necessariamente, a uma condensação considerável do conteúdo a legendar. Esta redução (condensação) é realizada, segundo R. Antonini (2005:214), de três formas (conforme apresentado na figura 1): eliminação, transformação e simplificação. A primeira consiste na eliminação de tudo aquilo que não altere a mensagem original mas apenas a sua forma: pleonasmos, onomatopeias, interjeições assim como de elementos visualmente perceptíveis. As outras duas formas passam pela transformação elaborada em situações de uso de calão, piadas ou linguagem obscura, bem como a simplificação da estrutura sintáctica de forma a reduzir sempre o tamanho da legenda.

A figura 2 mostra uma adaptação do esquema de R. Antonini para a análise em questão. Neste caso o processo iniciou-se através da obtenção de uma transcrição já realizada, passando posteriormente a uma primeira marcação de tempos, de forma a permitir uma noção prévia do tempo e do espaço disponíveis para as legendas. Posteriormente, foi realizada a tradução do texto que, ao mesmo tempo, obrigou à realização de diversas adaptações, algumas das quais implicaram alterações do texto original de modo a produzir o efeito humorístico na língua de chegada. Antes de se realizar a sincronização final das legendas, procedeu-se à eliminação de termos ou expressões que possam ser perceptíveis com o decorrer da cena, como por exemplo interjeições, bem como a uma simplificação do texto de modo a poder cumprir os requisitos de tempo e espaço de cada legenda.

Transcrição

Legenda

Paul: ...Now, half mushroom, half meatball.	4 00:00:11,524 --> 00:00:13,924 Metade cogumelos e metade carne picada.
Jamie: Well, What did you order? Paul: Half mushroom, half meatball.	10 00:00:26,072 --> 00:00:29,166 - Mas pediste o quê? - Meia cogumelos, meia carne picada.
No, no. I was telling my wife. No I didn't want another one. Just one pizza, right. Jamie: Get half mushroom and half pepperoni.	11 00:00:29,242 --> 00:00:32,336 Não, não. Estava a dizer à minha mulher. Não, não quero outra.
	12 00:00:32,412 --> 00:00:36,212 - Só uma pizza, exacto. - Pede cogumelos e pepperoni.

Tabela 1

Como é possível constatar (tabela 1), a expressão "half...half...", utilizada três vezes da mesma forma em inglês, foi traduzida e adaptada de três formas diferentes. No primeiro caso a conjugação de espaço/tempo permite a utilização da expressão completa, enquanto nos outros dois casos a necessidade de colocar mais texto no mesmo espaço de tempo obriga à redução do número de caracteres de legenda.

Numa outra passagem, a substituição da expressão "mom and dad" por "pais" em português ou "fazer de conta" por "fingir" permite um ganho considerável de caracteres. Ao longo da legendagem este ganho de caracteres é muito importante, uma vez que proporciona ao espectador uma boa visualização do filme e da legenda. De uma forma geral, as interjeições como "Hey", "Oh", "Well", entre outras, foram omitidas, dado que

são facilmente perceptíveis pelo espectador ao serem complementadas por expressões corporais e/ou faciais dos actores. Estas omissões são também muito importantes nos ganhos de caracteres nas respectivas legendas, dando lugar a outras informações essenciais.

5.2 Tradução

5.2.1 Tradução de humor para televisão

O humor que nos é apresentado em televisão, mais especificamente nas séries ou *sitcoms*, ao contrário das situações diárias, é construído de acordo com o contexto e tem um carácter intencional. Quando um espectador vê uma *sitcom* tem como expectativa que as situações retratadas provoquem a gargalhada. Como refere Susanna Jaskanen (1999: 32), as expectativas do espectador mudam sempre consoante a cultura, ou seja, o que é considerado humorístico numa dada cultura pode não o ser noutra. Mesmo numa situação de uma simples conversa, o humor pode ser induzido através do contexto apresentado pela imagem e pelo decorrer da cena.

Transcrição	Legenda
Paul: I am. Yes, I am. I'm kidding.	40 00:03:04,030 --> 00:03:06,521
Jamie: What are you doing?	- E estou. A sério estou a brincar. - Que estás a fazer?
Paul: You're getting very tense.	41 00:03:06,599 --> 00:03:08,931
Jamie: I'm not getting tense.	- Estás a ficar muito tensa - Não estou nada.
Paul: Whatever you're getting, it scares me because they'll only be here an hour.	42 00:03:09,291 --> 00:03:11,250 Seja o que for que estejas a ficar está-me a assustar

	43
	00:03:11,402 --> 00:03:12,837
	eles só cá vão estar uma hora.
Jamie: I know, and I want to enjoy it. I've been looking forward to this hour.	44
	00:03:13,555 --> 00:03:16,017
	Eu sei e quero desfrutá-la.
	Esperei toda a semana por ela.
Paul: If I were you, I'd hide under the bed. Save me a space.	45
	00:03:16,576 --> 00:03:18,544
	Eu, se fosse a ti,
	escondia-me debaixo da cama.
	46
	00:03:20,379 --> 00:03:21,744
	Guarda-me um lugar.
Jamie: What is that supposed to mean? You think I'm making too much of this?	47
	00:03:21,814 --> 00:03:25,409
	O que queres dizer com isso?
	Achas que estou a exagerar?
Paul: Give me a second. Let me think of the exact right answer. I'm dancin' through land mines here.	48
	00:03:27,386 --> 00:03:30,514
	Espera um bocadinho. Deixa-me pensar na resposta exacta.
	49
Jamie: Why are you making me nuts?	00:03:32,314 --> 00:03:35,118
	- Isto aqui está complicado.
	- Porque é que me estás a pôr doida?

Tabela 2

O excerto apresentado na tabela 2 do episódio em análise, quando visto apenas na sua forma escrita, não possui conteúdo explicitamente humorístico, no entanto o diálogo

produzido pelas personagens, quando enquadrado pelas expressões e reacções corporais dos actores, produz uma cena de humor.

5.2.2 A pesquisa: diversos métodos

Qualquer tradutor sabe que uma das fases fundamentais é a de pesquisa. O tradutor de audiovisuais também precisa de realizar muita pesquisa de modo a conseguir produzir uma boa legenda, para que o espectador possa captar a mensagem correcta do filme original.

Um problema que se coloca ao tradutor de audiovisuais prende-se com o tempo de que dispõe para realizar essa pesquisa. As informações dizem-nos que as legendagens são pedidas com prazos curtíssimos, especialmente quando se trata, como é o caso, de legendagem para televisão. Desta forma, e com as exigências que lhe são colocadas, o tradutor por vezes não consegue realizar o volume de pesquisa necessário para obter certezas quanto à sua tradução. Neste caso em particular não foi tida em conta qualquer imposição de tempo, foi realizada a pesquisa absolutamente necessária de modo a apresentar uma legendagem com a melhora qualidade possível. Desta forma, foi possível obter uma noção das dificuldades que um tradutor pode encontrar para realizar essa pesquisa e de que forma poderá contorná-las.

A metodologia de investigação varia consoante o grau de dificuldade da pesquisa a efectuar. Na análise em questão, particularmente no que diz respeito aos termos mais técnicos, a pesquisa foi particularmente exaustiva. Um dos casos em que o método utilizado implicou, além dos recursos habituais de pesquisa, a consulta directa a técnicos especializados da área em questão foi a necessidade de traduzir termos referentes a carne e instrumentos de cutelaria e talhante.

Transcrição	Legenda
Gus: It's no bother. What's a few steaks?	155 00:08:40,533 --> 00:08:42,467 Não é incómodo, são só alguns bifés.
Theresa: Did you forget the rib roast?	156

Gus: I didn't forget the rib roast.	00:08:42,858 --> 00:08:45,611 - Esqueceste-te do costoletão? - Não me esqueci do costoletão.
Gus: For flavour, you always want a rib steak	163 00:09:03,236 --> 00:09:06,500 O melhor sabor está no bife do vazio, aqui nesta área.
Gus: You should see my peanut wield this cleaver.	166 00:09:11,558 --> 00:09:13,400 Devias ver a minha nozita com o cutelo.

O primeiro problema neste excerto surge com os termos “rib roast” e “rib steak”, cuja tradução não foi possível encontrar em qualquer dicionário, quer em formato papel quer em formato electrónico, tendo sido encontradas apenas descrições nos dicionários unilingues. Quanto ao termo “cleaver”, embora tenha sido encontrada a tradução “cutelo”, foi impossível validar em contexto se seria de facto, ou não, a tradução correcta para esta ferramenta. Assim, para validar possíveis traduções, foi necessário consultar especialistas da área, neste caso talhantes, que confirmaram as traduções apresentadas através das descrições (em inglês) encontradas em dicionários.

As expressões idiomáticas são sempre um problema para qualquer tradutor, sendo que na maioria das vezes a dificuldade está não só na procura de um equivalente mas também em conseguir compreender o significado da expressão. Foi o que aconteceu com as expressões “to cut your teeth” e “cut corners”, cujo significado era desconhecido. Neste caso, recorreu-se mais uma vez à *Internet*, ao sítio www.clichesite.com, que se revelou muito útil na resolução destes problemas. Aqui foi possível obter descrições quanto ao significado destas expressões, podendo-se, assim, procurar facilmente o equivalente mais apropriado em português.

5.2.3 Alguns exemplos de soluções tradutivas

O primeiro problema a resolver na legendagem deste episódio é a questão relativa ao título. “Paul in the family” é uma clara alusão a outra *sitcom* americana muito conhecida, “All in the family”. Um espectador americano facilmente se apercebe do

trocadilho e, com o decorrer do episódio, consegue associar algumas cenas à *sitcom* clássica. No entanto, e tendo em conta que "All in the family" se tornou conhecida em Portugal como "Uma família às direitas", o trocadilho não funciona em português. Uma solução possível para tentar manter o efeito cómico será traduzir o título pelo nome da série a que faz alusão "Uma família às direitas". Por outro lado, a opção por uma tradução mais literal "Paul em família", embora perdendo a alusão pretendida no original, consegue ser um bom título para o episódio, dado que transmite a ideia central do episódio. Uma vez que não se consegue transferir por completo o efeito cómico e o trocadilho, a segunda hipótese poderá ser a melhor solução.

Uma expressão utilizada ao longo de todo este episódio é "daddy". Neste caso a dificuldade surgiu em encontrar a forma de tratamento em português correspondente ao original em termos de familiaridade; a tradução mais correcta seria "paizinho", mas em termos de legenda significaria um número muito grande de caracteres e, por vezes, dada a extensão das falas, seria impossível utilizar esta expressão. Já o termo "pai" oferece grandes vantagens para o tamanho de legenda mas não consegue o nível afectivo presente em "daddy". Assim, o termo "papá" será a melhor opção por ser aceitável a dois níveis: não ocupa muito espaço e consegue transmitir a afectividade entre as personagens.

Também em termos de familiaridade o termo "Peanut" (forma utilizada por uma personagem para se referir à filha) apresenta um problema. Traduzido à letra, "amendoim" seria a opção, no entanto iria prejudicar as legendas devido ao número de caracteres ao mesmo tempo que se trata de um termo que não transmite a mesma ideia de carinho que está presente no termo original. Daí uma opção possível é o termo "nozita" que consegue uma aproximação ao termo original (é também um fruto seco) e, com a utilização do diminutivo, consegue-se a afectividade que lhe poderia faltar.

A mesma personagem da série trata a outra filha por "sweetpea"; mais uma vez a solução poderá passar pela utilização de um diminutivo para resolver a falta de afectividade da tradução literal "ervilha". Assim, "ervilhita" consegue esse objectivo sem prejudicar o tamanho da legenda. No entanto, e apesar de se conseguir manter alguma da afectividade presente no original, pode-se constatar que o termo ervilhita não é tão usual em português como o é "sweetpea" em inglês.

Ao trabalhar com a tradução e legendagem de filmes, séries, e programas, está-se a trabalhar com duas realidades que podem ser completamente distintas. Neste caso, estando a transmitir para a realidade portuguesa uma série americana, há diversas situações quotidianas que podem surgir durante o episódio que obriguem a uma adaptação ou explicação de modo a que o espectador possa compreender a cena que está a decorrer, ou mesmo toda a história do episódio.

Num primeiro exemplo do episódio em análise uma das personagens começa a criticar "entidades" que designa como "Major Medical" e "Blue Cross". "Major Medical" refere-se a um seguro de saúde e "Blue Cross" a seguradora que presta o serviço em questão. Tendo em conta que a importância e implantação dos seguros de saúde é muito diferente nas realidades americana e portuguesa, haverá uma necessidade de contextualizar a situação. Manter o nome original estará fora de questão dado que, por muito conhecidas que sejam estas seguradoras, um espectador português não associará de imediato a ideia destas expressões respectivamente ao seguro e seguradora. Assim, uma solução possível é apresentar mesmo a expressão "seguro de saúde" para designar o seguro de saúde "Major Medical" da empresa "Blue Cross".

"Multibanco" será uma solução apropriada para a tradução da expressão "cash machine". Fazendo uma análise rigorosa desta expressão, conclui-se que se trata de uma máquina específica que cada banco possui para os seus clientes, como acontece também em Portugal, por exemplo. No entanto, na realidade portuguesa, o conceito deste tipo de máquina tornou-se um pouco ultrapassado dado o crescimento e as potencialidades da rede Multibanco. Assim, impõe-se aqui uma adaptação do termo, para que o espectador consiga apreender o conteúdo da cena, sem que se perca a mensagem original.

6. Conclusão

Conforme já foi referido, o objectivo desta análise era apresentar uma pequena contribuição para uma área que, embora não sendo muito debatida, é muito importante nos estudos de tradução. Mais significativa ainda se torna num país como Portugal onde será, talvez, a forma de tradução com que os "leitores" têm mais contacto. O processo de tradução e legendagem de audiovisuais, sendo diferente dos demais tipos de tradução,

apresenta toda uma série de particularidades e especificidades das quais algumas foram focadas neste trabalho. Apesar da existência de outras dificuldades no processo, como é o caso da importância da transcrição ou da especificidade da tradução em humor focados neste artigo, podemos daqui concluir que os grandes desafios para o tradutor de audiovisuais serão sempre de dois níveis: o espaço/tempo ocupado por cada legenda, e as especificidades culturais que necessitem de contextualização para o espectador.

A análise deste episódio da série “Doido Por Ti” apresenta apenas alguns exemplos de problemas e como estes foram superados. São exemplos que podem ajudar a compreender melhor este tipo de tradução e ajudar a perceber como contornar os obstáculos apresentados através das diversas adaptações. A tradução e legendagem de audiovisuais constitui um desafio constante à criatividade e capacidade de improvisação do tradutor, sobretudo quando se trata de traduzir humor, uma área tão particular, onde as componentes culturais têm uma influência decisiva.

Referências

Antonini, Rachele. “The Perception of Subtitled Humor in Italy”. *Humor - International Journal of Humor Research*. Volume 18:2 (Junho 2005). 209-225. Consultado em 17 de Junho de 2006 [ht://www.extenza-eps.com/WDG/doi/pdf/10.1515/humr.2005.18.2.209](http://www.extenza-eps.com/WDG/doi/pdf/10.1515/humr.2005.18.2.209)

Cintas, Jorge Diaz. “Striving For Quality In Subtitling: The Role of a Good Dialogue List”. *(Multi)Media Translation Concepts Practices, and Research*. Editado por Yves Gambier, Henrik Gottlieb. Amsterdão/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. 199 - 211.

Jaskanen, Susanna. “On the inside track to Loserville, USA : Strategies Used in Translating Humour in Two Finnish Versions of *Reality Bites*”. Dissertação, Universidade de Helsinquia. Consultado em 19 de Junho de 2006 <http://ethesis.helsinki.fi/julkaisut/hum/engla/pg/jaskanen/ontheins.pdf>. 1999.

Linde, Zoé de, and Kay, Neil. *The semiotics of Subtitling*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1999.

Rosa, Alexandra Assis. "Features of Oral and Written Communication in Subtitling". *(Multi)Media Translation Concepts Practices, and Research*. Editado por Yves Gambier, Henrik Gottlieb. Amsterdão/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

213 -
221.

Taylor, Christopher. "The Subtitling of Film: Reaching Another Community". *Discourse and Community: Doing Functional Linguistics*, ed. por E. Ventola. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2000.

Karamitroglou, Fotios. "A Proposed Set of Subtitling Standards in Europe". *Translation Journal*, 1997.
www accurapid.com/journal

THE PICTURE OF DORIAN GRAY: BELEZA, ARTE , REPRESENTAÇÃO

Teresa Alexandra Azevedo Pataco
Escola Superior de Tecnologia e Gestão
Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Portugal
tpataco@estg.ipv.pt

Sinopse

A escolha da obra *The Picture of Dorian Gray* para objecto de uma análise literária de pendor retórico-estilístico é, acima de tudo, fruto de um gosto muito pessoal. Partindo da leitura rigorosa da obra em questão, concentrámo-nos inicialmente no particular de forma a tentar chegar a características distintivas da produção literária de Wilde. Esta afigurou-se-nos como a melhor estratégia para atingir o objectivo que nos propúnhamos: reconhecer a existência de um padrão específico na escrita do autor e estabelecer a forma como esse padrão exemplifica uma determinada época literária. E assim foi possível descortinar que Oscar Wilde dá ao mundo um único romance onde são profundamente explorados os ideais da Arte recriada, da Beleza reabilitada e das suas Representações teatrais. *The Picture of Dorian Gray* abre vários precedentes literários, de entre os quais se destaca a coragem de assumir na forma os preceitos convencionados pelos estetas para a vida quotidiana. Os leitores conquistados por tais técnicas são recompensados com a sensação por vezes indefinível de terem apreciado o mais recôndito da alma humana.

Palavras-chave

Estilística; Retórica; Estetismo.

Key Words

Stylistics, Rhetoric, Aestheticism.

A escolha da obra *The Picture of Dorian Gray* para objecto de uma análise literária de pendor eminentemente retórico-estilístico é, antes de mais, determinada por um gosto muito pessoal. No nosso entender, o rigor exigido a qualquer trabalho de carácter científico não será de todo um meio de impedir o prazer que se poderá retirar de tal actividade, de tal modo que o exame crítico que a seguir se apresenta é o resultado de uma predilecção antiga e de uma enorme vontade de aprender sempre mais sobre a personalidade exuberante de Oscar Wilde.

Decidimos iniciar a nossa tarefa por uma leitura rigorosa da obra em questão, tentando assim partir do particular para o geral. Esta afigurou-se-nos como a melhor estratégia para se atingir o objectivo que nos propúnhamos: reconhecer a existência de um padrão específico na escrita de Oscar Wilde e estabelecer a forma como esse padrão exemplifica uma determinada época literária. Tendo como base esta problematização, a nossa tarefa ficou mais clara e o trabalho pareceu estruturar-se e desenvolver-se de forma quase espontânea: numa primeira fase preocupámo-nos em definir parâmetros de individualização para algumas das impressões de natureza conceptual que a obra parecia sugerir, avançando de seguida para a contextualização dos trabalhos de Oscar Wilde num plano de generalização estilística e retórica, o que pareceu indicar um caminho seguro para a análise específica que pretendíamos retirar de *The Picture of Dorian Gray*.

A pesquisa bibliográfica revelou-se inicialmente algo frustrante, não só pelo reduzido número de artigos críticos que pareciam disponíveis no mercado português, mas também porque aqueles a que tivemos acesso pareciam negar qualquer tipo de valor à obra de Wilde, mesmo enquanto prova de mudanças fundamentais no plano da temática e forma artísticas. No entanto, se algumas dúvidas concernentes à pertinência do nosso exercício se instalaram por influência dos escritos menos favoráveis a Wilde, estas depressa se dissiparam quando finalmente pudemos avaliar os sentimentos de admiração que o instinto criativo desse escritor parecia suscitar em críticos literários tão exigentes como Jean Pierrot, o que para nós representou como que uma aprovação ao mais alto nível do que até aí ameaçara não ser senão a produção de uma mera inclinação pessoal.

II. Beleza, Arte, Representação

A aurora de uma nova Arte, enformada segundo princípios e ideais que na época alimentaram muita polémica, é o principal legado de um escritor que teve tanto de apaixonante como de apaixonado. Afirmar que Oscar Wilde se nos apresenta como expoente máximo da inovação, do arrojo e da liberdade artística de um período literário que quis tornar obsoleta uma determinada estética vigente até esse *fin de siècle*, pode tomar a forma de quase lugar comum e negar até afirmações feitas por grandes nomes da crítica literária, mas não deixa por isso de nos parecer um ponto de partida válido para um trabalho como aquele que aqui se apresenta.¹

Apesar de mais de cem anos terem passado desde a sua publicação, *The Picture of Dorian Gray* continua a revelar noções de vida e de arte que se mostram por vezes tão provocadoras e inesperadas como o foram para muitos daqueles que o leram na última década do século XIX. A sua temática repleta de fantástico é fruto de uma tentativa de distanciamento de uma sociedade vitoriana fechada, quase claustrofóbica, que parecia esmagar a individualidade do ser e transformá-lo num manual de comportamentos sociais previsíveis e indeferenciados entre si. A Arte, pela mão de um punhado de mentes privilegiadas (onde poderemos referir Walter Pater, William Butler Yeats, Théophile Gautier e, evidentemente, Oscar Wilde) passa a reagir a este estado de coisas e, por consequência, a seguir um caminho oposto ao do Naturalismo e da Estética Clássica, que preconizavam a observação da Natureza como fonte de inspiração temática, avançando antes na direcção de um imaginário de lendas, da criatividade e do mito da decadência.²

Dorian Gray, enquanto protagonista de uma vivência aparentemente inverosímil, é o resultado final da recusa veemente do caminhar impiedoso da Mãe-Natureza, uma tentativa de reverter os efeitos inexoráveis do Tempo, de manter uma beleza física da qual só se apercebe quando a vê materializada em obra de arte:

*When he saw it he drew back, and his cheeks flushed for a moment with pleasure. A look of joy came into his eyes, as if he had recognised himself for the first time. (...) The sense of his own beauty came on him like a revelation. He had never felt it before.*³

¹ Vide PRAZ, Mario. *The Romantic Agony*. London and New York: Oxford University Press, 1970, pág. 358.

² Vide GERTHOFFERT, Claude. “Le Mythe de la Décadence.” *Dictionnaire des Mythes Littéraires*. Paris: Éditions du Rocher, 1988, pp. 401-404.

³ WILDE, Oscar. “The Picture of Dorian Gray.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: Harper Collins, 1991, cap. 3, pág. 33.

Sob a influência de Oscar Wilde, este ideal da Beleza torna-se a base da estética decadente que, embora rejeitando qualquer inspiração transcendental para a sua arte, via no Estetismo⁴ a possibilidade de apresentar ao Homem todo um novo leque de valores suficientemente determinantes para porem em causa a velha ordem tradicionalista. Este é não só um modelo para a Arte, mas também para diversos aspectos da vida quotidiana, como fica claro pela importância dada à decoração de interiores e à arte de bem-vestir:

*Fashion, by which what is really fantastic becomes for a moment universal, and Dandyism, which, in its own way, is an attempt to assert the absolute modernity of beauty, had, of course, their fascination for him.*⁵

*One should either be a work of art, or wear a work of art.*⁶

*How exquisite life had once been! How gorgeous in its pomp and decoration!*⁷

No entanto, será na literatura que os efeitos do Estetismo se darão mais nitidamente a observar. Os escritores passam a adoptar meios de expressão “invulgares”, audaciosos, de forma a transporem para o papel a sua crença na “*art for art’s sake*”, onde o que importa é o divórcio do Naturalismo, originando o extremo de uma visão multicolor do mundo para onde o artista se podia evadir. Será então possível falar-se de um estilo característico desta fase da literatura europeia (também norte-americana, dada a importância de Edgar Allan Poe), estilo esse que será ao mesmo tempo uma forma de distinção de outros métodos anteriormente praticados nas artes e de caracterização de elementos comuns a um determinado número de homens de letras? É legítima a apreciação de determinadas figuras de retórica emergentes na obra de Oscar Wilde como provas de um fenómeno específico do discurso típico da corrente literária onde se inserem?

Depois de uma leitura cuidadosa da obra que aqui se pretende analisar, a resposta a tais interrogações mostrou-se, a nossos olhos, positiva. A organização textual, a escolha de sociolectos como forma de caracterizar determinados estratos sociais, a recorrência de esquemas retóricos como a aliteração e de tropos como o paradoxo e a ironia contribuem para o elevado nível estilístico e retórico do texto de Oscar Wilde. As escolhas feitas por um qualquer escritor consciente das

⁴ O termo “*Estetismo*” é aqui utilizado segundo a definição apresentada por: *Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro*, na página 916.

⁵ *Op. cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap.11, pág. 103.

⁶ WILDE, Oscar. “Phrases and Philosophies for the Use of the Young.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: Harper Collins, 1991, pág. 1206.

⁷ *Op. cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap. 11, pág.109.

potencialidades da linguagem humana no seu geral nunca poderão ser fruto do acaso, e tal muito menos poderá ser verdade de uma obra onde todo o processo de criação obedece a rigorosos cânones de envolvimento na procura de uma nova filosofia de vida e de arte, *a sort of a new birth of the spirit of man (...)*.⁸

Um trabalho de análise textual obrigará, por regra, à desmontagem do texto literário em questão, de modo a possibilitar novas e interessantes interpretações. Foi deste processo que nos surgiram elementos tão importantes na escrita de Wilde como a criação dos campos semânticos perfeitamente delineados de *Art* e *Youth*. O vocabulário nuclear gira em torno dos conceitos acima referidos, criando áreas de comparação e símile, ao mesmo tempo que abre as portas ao aparecimento de construções frásicas ricas em adjectivação e de estrutura sintáctica complexa:

*All the candour of youth was there, as well as all youth's passionate purity.*⁹

*Youth! Youth! There is absolutely nothing in the world but youth!*¹⁰

*Eternal youth, infinite passion, pleasures subtle and secret, wild joys and wilder sins(...)*¹¹

*He recalled the stainless purity of his boyish life, (...)*¹²

*They wondered how one so charming and graceful has he was could have escaped the stain of an age that was at once sordid and sensual.*¹³

*Youth! There is nothing like it. It's absurd to talk of the ignorance of youth.*¹⁴

revelando um mundo onde a Beleza é o único caminho para a felicidade, que contrasta em termos absolutos com as marcas deixadas pelo passar do tempo e a agonia que passa a ser sua companheira. A Arte, por sua vez, caminha lado a lado com a expressividade emotiva que resulta da ausência do uso do artigo definido e/ou indefinido, com substantivos pertencentes a registos de cariz filosófico e verbos que exprimirão a concepção da Arte como força unitária e abrangente:

*An artist should create beautiful things, but should put nothing of his own life into them.*¹⁵

*Art is always more abstract than we fancy.*¹⁶

⁸ WARNER, Eric e Hough Graham, eds. Vol. II de *Strangeness and Beauty: An Anthology of Aesthetic Criticism: 1840-1910*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pág. 125.

⁹ *Op. cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap. 2, pág.27.

¹⁰ *Ibidem*, cap. 2, pág. 32.

¹¹ *Ibidem*, cap. 8, pág. 87.

¹² *Ibidem*, cap. 10, pág. 99.

¹³ *Ibidem*, cap. 11, pág. 102.

¹⁴ *Ibidem*, cap. 19, pág. 162.

¹⁵ *Ibidem*, cap. 1, pág. 25.

¹⁶ *Ibidem*, cap. 9, pág. 94.

Yes: there was to be, as Lord Henry had prophesied, a new Hedonism that was to recreate life, and to save it from that harsh, uncomely puritanism that is having, in our own day, its curious revival.¹⁷

*For the canons of good society are, or should be, the same as the canons of art.¹⁸
Romance lives by repetition, and repetition converts an appetite into an art.¹⁹*

Nos exemplos acima referidos não passará por certo despercebida a estrutura epigramática de algumas das frases, onde o paradoxo que encerram em si mesmas e que conduz o leitor por um mundo de aparentes contradições nos remete ao processo da criação da dualidade de Dorian. O modo como as estruturas sintácticas bipartidas acabam por significar a escolha que Dorian fez em favor de um mundo onde a subjectividade da Arte passa a vivência concreta através da perenidade do Belo na personagem principal, é muito esclarecedor da grande atenção dada pelo escritor não só a noções conteudísticas inovadoras mas também à realização de tais noções na forma textual. Senão, vejamos ainda o recurso a esquemas de repetição fonéticos, que artisticamente aliam a eufonia natural a tais dispositivos ao tema da clivagem do Eu e que realçam o determinismo da Beleza na vida de Dorian:

Lord Henry looked at him. Yes, he was certainly wonderfully handsome, with his finely-curved scarlet lips, his frank blue eyes, his crisp gold hair. There was something in his face that made one trust him at once.²⁰

You, Mr. Gray, you yourself, with your rose-red youth and your rose-white boyhood, you have had passions that have made you afraid, thoughts that have filled you with terror, day-dreams and sleeping dreams whose mere memory might stain your cheek with shame..²¹

O carácter maneirista da aliteração poderá parecer redutor da qualidade de uma obra de arte, mas a verdade é que aqui a repetição morfológica de pronomes pessoais, possessivos e reflexivos (é deveras interessante o facto de serem foneticamente muito próximos de *youth*) nos parece mais do que justificada pela criação consequente de um ambiente de cumplicidade e mistério entre Lord Henry e Dorian Gray e da reiteração de noções fundamentais ao desenvolvimento do romance. A realização dos modelos literários preconizados pela Estética Decadentista tem expressão ainda na riqueza de pormenor ambiental, na descrição detalhada de locais que apontam desde logo para a tentativa de *recriar* pela intervenção artística os elementos do mundo externo, quer eles se apresentem em formas do mundo natural, quer do meio humano. Estes momentos de pausa “*na progressão textual da acção diegética*” dão uma contribuição determinante para a

¹⁷ *Ibidem*, cap. 11, pág. 104.

¹⁸ *Ibidem*, cap. 11, pág. 112.

¹⁹ *Ibidem*, cap. 17, pág. 149.

²⁰ *Ibidem*, cap. 2, pág. 27.

construção quase palpável de um universo romanesco de valores formais muito acentuados, perfeitamente distinto da realidade que nos cerca.²² Desta necessidade de distinção e de distanciação surge uma linguagem de grande profusão adjectival, onde cada detalhe merece honras de destaque, ganhando uma nova identidade por meio de cores e de formas que até esse momento pareciam não existir no original: é a Arte a criar para a Natureza imitar.

The studio was filled with the rich odour of roses, and when the light summer wind stirred amidst the trees of the garden, there came through the open door the heavy scent of the lilac, or the more delicate perfume of the pink-flowering thorn.

From the corner of the divan of Persian saddle-bags on which he was lying, smoking, as was his custom, innumerable cigarettes, Lord Henry Wotton could just catch the gleam of the honey-sweet and honey-coloured blossoms of a laburnum, whose tremulous branches seemed hardly able to bear the burden of a beauty so flame-like as theirs;(...)²³

As cores e os cheiros ganham um brilho próprio, não são (porque nunca o poderiam ser) meros decalques ou impressões realistas, o artista cria tudo de novo, tenta mostrar à Natureza todos os pormenores que ela parece não notar, num acto de protesto e de contestação pelo aparente desrespeito da Estética Mimética:

What Art really reveals to us is Nature's lack of design, her curious crudities, her extraordinary monotony, her absolutely unfinished condition.²⁴

As imagens assim criadas tornam-se poderosos e impressionantes meios de comunicação, os sentidos são despertados e vibram com os premeditados desvios do significado primeiro de um adjectivo ou de um verbo. A metáfora, a personificação e a comparação ganham lugar de destaque enquanto o artista se envolve com a *recriação* de um espaço até aí inexistente, uma fuga à realidade exterior por vezes assustadora mas que em termos sociais não poderá ser melhorada pela intervenção directa do artista:

The dim roar of London was like the bourdon note of a distant organ.²⁵

At another time he devoted himself entirely to music, and in a long latticed room, with a vermillion-and-gold ceiling and walls of olive-green lacquer, he used to give curious concerts, in which mad gypsies tore wild music from little zithers, or grave yellow-shawled Tunisians plucked at the strained strings of monstrous lutes...²⁶

²¹ *Ibidem*, cap. 2, pág. 29.

²² AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1990, pág. 741.

²³ *Op. cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap. 1, pág. 18.

²⁴ WILDE, Oscar. “The Decay of Lying.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: Harper Collins, 1991, pág. 970.

²⁵ *Op. cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap. 1, pág. 18.

²⁶ *Ibidem*, cap. 11, pág. 106.

Para além dos exemplos já aqui referidos de oposição às atitudes vigentes à época da publicação de *The Picture of Dorian*, nomeadamente ao realismo e ao conceito de Arte auto-expressiva, não podemos deixar de fazer notar outro aspecto da rejeição dos modelos de arte canónicos: a ideia do moralismo utilitário da obra de arte. De facto, Wilde encetou uma luta (ao que parece na altura inglória) pela desmistificação da Arte como veículo de princípios morais superiores que regenerassem a sociedade. O seu amoralismo cabe dentro de uma estética que pretende fugir à banalidade da vida, que vê qualquer tentativa de guiar os comportamentos humanos através do que a Arte possa mostrar não só como perda de tempo, mas também, e acima de tudo, como uma intromissão num campo que não lhe diz absolutamente respeito, uma vez que

*Art finds her own perfection within, and not outside of, herself. She is not to be judged by any external standard of resemblance. She is a veil, rather than a mirror.*²⁷

Na nossa opinião, se alguma justificação é necessária para o amoralismo que Wilde professa, é nestas palavras que a devemos procurar e por elas que devemos entender que o autor não tinha, obviamente, o objectivo de subverter mentes impressionáveis ou de construir qualquer tipo de herói maléfico. A sua escrita deve ser entendida sempre dentro dos parâmetros que o autor preconizava para a Arte contemporânea, onde a imaginação é dever fundamental e a sublimidade da beleza helénica um ideal a reconquistar. Porque a Arte tem de criar o seu próprio espaço, inventar novas formas, fugir ao determinismo da evolução, ao mesmo tempo que se liberta de princípios moralistas atrofiantes, é que Wilde não tenta revestir a realização do pedido professado por Dorian por uma capa de fundamentação científica.

Como já foi por nós sugerido, o carácter fantástico da temática é reforçado pelos métodos de construção textual repassados de técnicas retóricas e estilísticas muitas vezes inopinadas, factor que sugere um desvelo no acto de criação literária que só poderá ter paralelo com a necessidade premente de fazer corresponder a inovação da proposição a formas inesperadas, mas perfeitas, no romance:

For it is not enough that a work of art should conform to the aesthetic demands of its age: there must be also about it, if it is to affect us with any permanent delight, the impress of a distinct individuality, an individuality remote from that of ordinary men, and coming

²⁷ *Op. cit.*, “The Decay of Lying:”, pág. 982.

*near to us only by virtue of a certain newness and wonder in the work, and through channels whose very strangeness makes us more ready to give them welcome.*²⁸

Será dentro do âmbito de tais afirmações que se tornará relevante salientar o pequeno discurso proferido por Lord Henry no segundo capítulo da obra e inseri-lo dentro de um espaço de análise retórica clássica, uma vez que “*classical rethoric was associated primarily with persuasive discourse.*”²⁹ De facto, a forma que o autor atribui às afirmações de Lord Henry (sobretudo a partir da página 31 da edição a que esta análise se reporta) é de molde a atribuir-lhes características argumentativas, dado que o objectivo primeiro daquela personagem parece ser o de convencer Dorian da importância e determinismo da Beleza na vida do ser humano. De entre as várias frases que constituem o diálogo que as personagens mantêm durante boa parte do capítulo, gostaríamos de centrar a nossa avaliação especialmente na fase em que Lord Henry passa a organizar a sua exposição em função do *Why?* de Gray, isto porque nos parece que é aqui possível distinguir uma série de estratégias organizativas de discurso muito próximas das idealizadas pela Retórica Clássica.

Lord Henry exprime-se, por regra, com um estilo dissertativo, próprio de quem tenta conquistar aliados para uma causa, num processo de construção de ideais enigmáticos e sedutores que quase por si só agem sobre as mentes premeáveis à tentação da mudança. Neste espírito, envolve o seu interlocutor pela lisonja e pelo carácter epigramático de uma afirmação como «*Because you have the most marvellous youth, and youth is the one thing worth having.*», um *exordium* que é um apelo claro às emoções de quem o ouve, não deixando no entanto de fazer uso de uma estrutura sintáctica na qual se estabelece uma relação paratática entre as duas orações que a compõe, de forma a que a segunda parte, apesar de surgir na sequência da primeira, não veja por isso diminuído o seu valor expressivo. Lord Henry tem agora toda a atenção de Dorian, e através de uma descrição minuciosa dos efeitos da velhice sobre a aparência física tão perfeita deste consegue trazê-lo para mais perto do momento em que concordará em absoluto com os princípios de vida que lhe são apresentados.

²⁸ WILDE, Oscar. “The English Renaissance of Art.” In Vol. II of *Strangeness and Beauty: An Anthology of Aesthetic Criticism: 1840-1910*. Eds. Eric Warner and Hough Graham. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pág. 124.

²⁹ Vide CORBETT, Eward P. J. *Classical Rethoric for the Modern Student*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1990.

A ordenação dos elementos segundo uma lógica de resposta às objecções que Dorian apresenta, resulta na vivacidade, objectividade e verosimilhança tão necessárias à economia do discurso e à sua efectividade, o que lembra em muito os princípios expostos para a *narratio* da tradição clássica. Senão vejamos:

*You smile? Ah! when you have lost it you won't smile. ...People say sometimes that Beauty is only superficial. That may be so. But at least it is not so superficial as Thought is. To me Beauty is the wonder of wonders. It is only shallow people who do not judge by appearances. The true mystery of the world is the visible, not the invisible...Yes, Mr. Gray, the gods have been good to you. But what the gods give they quickly take away.*³⁰

Estas técnicas de *confutatio* (com interpelações directas a Dorian) aparecem lado a lado com outras de *confirmatio*, de modo que Lord Henry reage sempre habilmente à linguagem corporal e falada de quem deseja “*docere*”. As interjeições, as frases do tipo imperativo, e o uso do futuro criam um todo deveras expressivo: o ouvinte é lentamente conduzido pelas certezas do discursista, envolvido pela emotividade da argumentação muitas vezes baseada no horror do envelhecimento

*Every month as it wanes it brings you nearer to something dreadful. Time is jealous of you, and wars against your lilies and your roses. You will become sallow, and hollow-cheeked, and dull-eyed. You will suffer horribly...*³¹

e finalmente conquistado por uma conclusão arrebatadora na sua emotividade (à qual não será estranho o sentimento de empatia criado por Lord Henry ao passar a utilizar a primeira pessoa do plural como sujeito das suas frases finais), onde a força dos argumentos é amplificada de tal modo que se alcança um efeito de clímax muito próximo das técnicas teatrais e o desejado sucesso persuasivo:

*But we never get back our youth. The pulse of joy that beats in us at twenty, becomes sluggish. Our limbs fail, our senses rot. We degenerate into hideous puppets, aunted by the memory of the passions of which we were too much afraid, and the exquisite temptations that we had not the courage to yield to. Youth! Youth! There is absolutely nothing in the world but youth!*³²

A qualidade expressiva do texto permitir-nos-à mencionar ainda uma outra técnica de construção do discurso muito importante para se atingir um elevado grau retórico-estilístico: o estranhamento. Este efeito anímico fruto do inesperado das impressões exteriores sobre o sujeito (o alvo do discurso) é a forma clássica de combate ao tédio e à monotonia. Através do acréscimo de temáticas e afirmações de natureza inopinada o promotor do discurso consegue toda a atenção de quem o ouve,

³⁰ *Op.cit.*, “The Picture of Dorian Gray.”, cap. 2, pág. 31.

³¹ *Ibidem*, cap. 2, pág. 32.

porque ultrapassou a barreira do esperado, encetou por um caminho até aí desconhecido, com todas as vantagens que tal estratégia trará por certo ao valor afectivo das palavras proferidas:

*Dorian Gray listened, open-eyed and wondering.(...) He watched it with that strange interest in trivial things that we try to develop when things of high import make us afraid, or when we are stirred by some new emotion for which we cannot find expression, or when some thought that terrifies us lays sudden siege to the brain and calls on us to yield.*³³

O culto do inesperado será a consequência lógica das novas formas que a Arte procura assumir e que com Oscar Wilde são levadas ao seu expoente máximo. A necessidade de impressionar e agir sobre os outros nunca é desmentida, talvez por isso as personagens assumam, em situações consideradas fulcrais, comportamentos dignos dos melhores actores de palco. O êxito alcançado pelas suas peças forneceu-lhe o indicador apropriado para a medição das expectativas de um público aqui leitor, que fica enredado pelas malhas da construção cénica da obra da mesma forma que Dorian é subjugado pela fina arte de representação de Lord Henry:

*Wilde's point of view, in fact, is always scenic; he sees things as in stage-perspective; he is all the time arranging his characters, his landscapes, his events, and making them pose.*³⁴

Apesar desta afirmação de Mario Praz não pretender de todo assumir um carácter de elogio, a nosso ver as capacidades teatrais de Wilde são distintivas de uma época e de uma literatura que ele pretendia arrojada e dinâmica e, por conseguinte, ousamos afirmar que tais especificidades nunca poderão ser prova da inferior qualidade que alguns críticos pretendem atribuir à escrita de Oscar Wilde, mas sim de uma coragem artística que nunca recebeu assumir.

A representatividade do romance *The Picture of Dorian Gray* é reforçada pela recorrência do discurso directo, onde o narrador liberta o espaço diegético para a actuação directa da personagem que chama a si a responsabilidade das suas afirmações, ao mesmo tempo que aproxima o leitor do tempo da diegese.³⁵ Ao socorrer-se desta forma de apresentação do texto, o autor possibilita que a personagem seja mais real para quem lê, amplia o quadro situacional da acção, ao mesmo tempo que o leitor se permite imaginar fisicamente perto de quem fala.

³² *Ibidem*, cap. 2, pág. 32.

³³ *Ibidem*, cap. 2, pág. 32.

³⁴ *Op. cit.*, *The Romantic Agony*, pág. 359.

³⁵ Vide AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1990, pág. 745.

Torna-se claramente mais simples caracterizar as personagens (o vasto leque de verbos *dicendi* adianta o tipo de atitude e comportamento de quem se pronuncia), sem que seja necessário descrições minuciosas e fatalmente repetitivas para o evoluir do texto: as frases curtas, sincopadas características da comunicação teatral que Wilde engenhosamente recria nesta obra.

*The woman gave a bitter laugh. "Little more than a boy!" she sneered. "Why, man, it's nigh on eighteen years since Prince Charming made me what I am."*³⁶

« <i>"Still, we have done great things."</i>
<i>"Great things have been thrust on us, Gladys."</i>
<i>"We have carried their burden."</i>
<i>"Only as far as the Stock Exchange."</i>
<i>"She shook her head. "I believe in the race," she cried."</i>
<i>"It represents the survival of the pushing."</i>
<i>"It has development."</i>
<i>"Decay fascinates me more."</i>
<i>"What of Art?" she asked.</i>
<i>"It is a malady."</i>
<i>"Love?"</i>
<i>"An illusion."</i>
<i>"Religion?"</i>
<i>"The fashionable substitute for Belief."</i>
<i>"You are a skeptic."</i>
<i>"Never! Skepticism is the beginning of Faith."»</i> ³⁷

A expressividade e emotividade do tipo de linguagem usado é um meio tão eficaz para determinar a classe social a que as personagens pertencem, como as descrições do narrador acerca do tipo de vestuário e de ambiente (mais uma vez saliente-se a importância da decoração) que as cerca, em mais uma técnica que nos transporta às indicações cénicas do teatro, que surgem de forma inequívoca no início dos dois primeiros capítulos da obra.

Contudo, não devemos ser levados a pensar que, pelo exposto, o autor cai na tentação de uma escrita imediatista que vive de emoções baratas. Para além das técnicas anteriormente descritas que Oscar Wilde sabe explorar nas devidas proporções, a obra também é enformada por variadas incursões ao mundo da interioridade das personagens, aumentando ainda mais o efeito de proximidade leitor/personagem. A reprodução dos enunciados passa então a fazer-se segundo os esquemas de materialização do discurso indirecto livre, esbatendo-se as identidades do narrador e da personagem:

³⁶ *Op. cit.*, "The Picture of Dorian Gray.", cap. 16, pág. 146.

*Music had stirred him like that. Music had troubled him many times. But music was not articulate. It was not a new world, but rather another chaos, that it created in us. Words! Mere words! How terrible they were! How clear, and vivid, and cruel! One could not escape from them. And yet what a subtle magic there was in them! They seemed to be able to give a plastic form to formless things, and to have a music of their own as sweet as that of viol or of lute. Mere words! Was there anything so real as words?*³⁸

A ausência de indicadores gráficos e de verbos *dicendi* do discurso directo traduz-se numa grande liberdade de estruturação sintáctica, o que resultará por sua vez num estilo mais fluente, sem quebras rítmicas, por vezes só com as pausas naturais da respiração. Sobre o contexto recai a responsabilidade de mostrar ao leitor quem diz/pensa o quê, já que é bastante difícil determinar se o que estamos a ler é da autoria do narrador ou da responsabilidade da personagem, o que no caso específico de *The Picture of Doran Gray* acaba por ser uma óptima instrumentalização da temática da dualidade e da busca do Eu verdadeiro³⁹.

III. CONCLUSÃO

A Arte recriada, a Beleza reabilitada e a Representação destes princípios em formas teatrais que abalaram um sistema caduco e retrógrado não serão com certeza um contributo desprezível para um novo ideal que se queria de cultura e de sociedade. Oscar Wilde dá ao mundo um único romance onde aqueles ideais são profundamente explorados, e cuja raiz se encontra precisamente na ideia já anteriormente apresentada em forma de livro (como vários críticos cedo demonstraram), do duplo, da multiplicidade de imagens do Eu e da consequente procura do equilíbrio desses diferentes reflexos.⁴⁰ Mas se o tema não se destaca pela total originalidade, a verdade é que seria deveras injusto não reconhecer a tentativa bem sucedida de Wilde de lhe acrescentar algo de novo. E a novidade estará precisamente na forma da obra de arte; o autor empresta grande sensualidade às suas personagens e o cerne da questão literária já não é a mera escolha entre o bem e o mal. O simplicismo destes conceitos mostra-se demasiado redutor para uma época que tentava adaptar-se às exigências de um novo século e à nova vaga de

³⁷ *Ibidem*, cap. 17, pág. 148.

³⁸ *Ibidem*, cap. 2, pág. 30.

³⁹ Vide PIRES, Maria João. “A Fragmentação do Eu: The Picture of Dorian Gray.”
Revista da Faculdade de Letras do Porto, 1987, II Série, Vol. IV.

industrialização, a qual parecia querer sufocar o Homem através da rigidez das imposições sociais e do determinismo dos princípios evolutivos.

The Picture of Dorian Gray abre vários precedentes literários, de entre os quais se destaca a coragem de assumir na forma os preceitos convencionados pelos estetas para a vida quotidiana. É a fuga ao marasmo e à monotonia de uma era receosa da originalidade, a criação de um universo onde as mentes podem encontrar um esconderijo seguro contra a fealdade e a ignorância. Os ideais preconizados pela Arte saem reforçados pela recorrência de novos termos, pela visualização multicolor de uma Natureza outrora fonte de inspiração mas agora cópia esbatida da riqueza artística. Os campos semânticos criam áreas linguísticas repassadas de contrastes e oposições, a expressividade sintáctica ganha novo fôlego com diálogos epigramáticos que trazem à memória outras emotividades teatrais e o crescendo de tom e força narrativa revelam um quadro final tão poderoso, que muitas vezes não se revela numa primeira leitura. Os leitores conquistados por tais técnicas são recompensados com a sensação por vezes indefinível de terem apreciado o mais recôndito da alma humana.

IV. BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1990.
- BOOTH, Wayne C. *The Rethoric of Fiction*. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- COMBE, Dominique. *La Pensée et le Style*. Paris: Editions Universitaires, 1991.
- CORBETT, Edward P. J. *Classical Rethoric for the Modern Student*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- GAUNT, William. *The Aesthetic Adventure*. Oxford: The Alden Press, 1946.
- GERTHOFFERT, Claude. “Le Mythe de la Décadence.” *Dictionnaire des Mythes Littéraires*. Paris: Éditions du Rocher, 1988, pp. 401-404.
- JOHNSON, R. V. “A estheticism.” *The Critical Idiom*. 3rd series. Ed. John D. Dump. London: Methuen & Co Ltd, 1969.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LAVER, James. “Oscar Wilde.” *Writers and Their Work*. nº 53. General Ed. T. O. Beachcroft. London: Longmans, Green & CO, 1954.
- *Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. II Volumes. Ed. José Lello e Edgar Lello. Porto: Lello & Irmãos, 1976.
- PIERROT, Jean. *The Decadent Imagination*. Trans. by Derek Coltman. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1981.

⁴⁰ Vide PRAZ, Mario. *The Romantic Agony*. London: O. U. P., 1983, pág. 358.

- PIRES, Maria João. “A Fragmentação do Eu: The Picture of Dorian Gray.” *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 1987, II Série, Vol. IV.
- PRAZ, Mario. *The Romantic Agony*. London and New York: Oxford University Press, 1970.
- STOKES, John. “Aestheticism.” *Encyclopedia of Literature and Criticism*. Ed. Martin Coyle et al. London: Routledge, 1991.
- WARNER, Eric e Hough Graham, eds. Vol. II of *Strangeness and Beauty: An Anthology of Aesthetic Criticism: 1840-1910*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- WILDE, Oscar. “The Picture of Dorian Gray.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: Harper Collins, 1991, pp.17-167.
- WILDE, Oscar. “The Decay of Lying.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. B. Foreman. 1948; rpt. London: HarperCollins, 1991, pp. 970-992.
- WILDE, Oscar. “Pen, Pencil and Poison.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: HarperCollins, 1991, pp. 993-1008.
- WILDE, Oscar. “The Critic as Artist.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: HarperCollins, 1991, pp.1009-1059.
- WILDE, Oscar. “The English Renaissance of Art.” In Vol. II of *Strangeness and Beauty: An Anthology of Aesthetic Criticism: 1840-1910*. Eds. Eric Warner and Hough Graham. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- WILDE, Oscar. “A Few Maxims for the Instruction of the Over-Educated.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: HarperCollins, 1991, pp.1203-1204.
- WILDE, Oscar. “Phrases and Philosophies for the Use of the Young.” In *The Complete Works of Oscar Wilde*. Ed. J. B. Foreman. 1948; rpt. London: HarperCollins, 1991, pp.1205-1206.
- WILDE, Oscar. “The English Renaissance of Art.” In Vol. II of *Strangeness and Beauty: An Anthology of Aesthetic Criticism 1840-1910*. Eds. Eric Warner and Graham Hough. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

SOCIAL GENDER STEREOTYPES AND THEIR IMPLICATIONS IN HINDI

Anjali Pande

Jawaharlal Nehru University, New Delhi

India

anj_p@rediffmail.com

Summary:

This essay looks at the subtle ways in which gender identities are constructed and reinforced in India through social norms of language use. Language itself becomes a medium for perpetuating gender stereotypes, forcing its speakers to conform to socially defined gender roles. Using examples from a classroom discussion about a film, this essay will highlight the underlying rigid male-female stereotypes in Indian society with their more obvious expressions in language. For the urban woman in India globalisation meant increased economic equality and exposure to changed lifestyles. On an individual level it also meant redefining gender relations and changing the hierarchy in man-woman relationships. With the economic independence there is a heightened sense of liberation in all spheres of social life, a confidence to fudge the rigid boundaries of gender roles. With the new films and media celebrating this liberated woman, who is ready to assert her sexual needs, who is ready to explode those long held notions of morality, one would expect that the changes are not just superficial. But as it soon became obvious in the course of a classroom discussion about relationships and stereotypes related to age, the surface changes can not become part of the common vocabulary, for the obvious reason that there is still a vast gap between the screen image of this new woman and the ground reality. Social considerations define the limits of this assertiveness of women, whereas men are happy to be liberal within the larger frame of social sanctions. The educated urban woman in India speaks in favour of change and the educated urban male supports her, but one just needs to scratch the surface to see the time tested formulae of gender roles firmly in place. The way the urban woman happily balances this emerging promise of independence with her gendered social identity, makes it

necessary to rethink some aspects of looking at gender in a gradually changing, traditional society like India.

Palavras-Chave

Género; Índia; Estereótipo; Língua; Sala de Aula

Key Words

Gender; India; Stereotype, Language; Classroom

1. Introduction

As member of a particular language community the speaker is more often than not negotiating the space prescribed to her believing that she is using the language as a neutral means of expressing the Self. Through this process of using a particular language for giving voice to her subjectivity, she becomes party to the agreement to abide by the norms laid down by that language community. This tacit alignment with the socially sanctioned norms of linguistic behaviour serves to strengthen the role of discourse as a site for construction of gender stereotypes. Research on gender and language structures as well as studies on language and construction of social identities have clearly shown that language cannot be a neutral medium for expression of Self (cf. Cameron 1995, Eckert/McConnell-Ginet 2003, Mills 1995, Romaine 1999, Thorne/Kramarae/Henley 1983). Meanings are created and imparted in the process of language use. Language comes with its social, cultural and historical baggage and is to say the least as loaded as any other system of symbols. But it is in the context specific discourse that the individuals interpret meanings and views from these symbols. This paper thus, considers language as a two pronged device, on the one hand giving voice to identities but on the other hand constructing identities suited to the social palate. One is not denying that language could become a medium to transcend gender dichotomy, to break out of hierarchical social structures or to subvert the enterprise of social differentiation itself. However, it must be made clear that examining the cultural roots of language use calls for an awareness of the role that language plays in perpetuating established stereotypes. As Marlis Hellinger points out “contrary to the assumption that language merely reflects social patterns such as sex-role stereotypes, research in linguistics and social psychology has shown that

these are in fact facilitated and reinforced by language” (cf. Hellinger 1984: 136). It is in this broader frame of looking at the interplay between language as manipulated and manipulating and its speaker as a product of that particular linguistic environment that this paper sets out to analyse gender in language.

In the context of this paper the term ‘speech norms’ stands for socially accepted ways of language use, especially those which regulate the social behavioural aspect of language use in spoken interactions. For other language related social norms the broad term ‘linguistic norms’ is used. It is not possible to speak of Indian women as a uniform entity since the economic, social, regional, religious and linguistic differences in India are too wide to allow such a generalisation. The reference here will be specifically to urban, educated, middle class, Hindi speaking Indian women as the language being described here is Hindi, spoken mainly in North India.

Many of the major Indian languages like Hindi and Punjabi which belong to the Indo-Aryan language family identify two grammatical genders – masculine and feminine – while some languages from the same language family like Marathi and Gujarati have a third neuter gender. The differentiation based on biological gender works at different levels in a language, for one within the grammar of that language the biological gender is marked morphologically, secondly at the lexical level, and thirdly outside this grammatical frame it is marked through norms of language use. As Hall and O’Donovan point out, in Hindi “the habitual, progressive and intransitive perfective verb forms (...) show gender concord with the subject” (cf. Hall/O’Donovan 1996: 236). This is true of many Indian languages, which means even while using a first person singular pronoun the biological gender identity needs to be clearly stated for the subject in the sentence. The Hindi speaker has to identify her biological gender through the addition of biological gender specific markers to the verb stem or through different suffixes and verbal auxiliaries. Adjectives are inflected depending on the grammatical gender of the nouns and inflecting postpositions mark out the grammatical gender of the main noun, for example, inflecting postpositions that function as genitive, locative, and ablative markers agree with the gender of the main noun. The feminine and masculine self reference in Hindi thus becomes a constant reaffirmation of the biological gender identity of the speaker. The focus in this paper is, however, on the gendered norms of language use.

In Hindi, the masculine noun *aadmi*, which means ‘man’ is used generically to refer to all human beings. The other alternative is the masculine noun *insaan*, which

means 'human being', but in non-generic usage this noun is not used to denote female human beings. Recently there have been attempts to replace the generic 'he' in some textbooks by introducing feminine verb-endings in a generic sense as a linguistic norm. For example following sentences from the Civics textbook for class 7, published in Hindi for the new elementary school curriculum prepared by State Council for Educational Research and Training in Delhi: "Every citizen has the right to express her thoughts, cast her vote or contest elections" ; "In a modern democracy, a citizen has rights, through which she can participate in the formation of the government, in its smooth functioning, or in its removal". These efforts provoked protests and allegations of feminisation of the citizens of India and questions about the linguistic skills of the authors (cf. Bhog 2004).

2. Normative social expectations in language use

It is vital for the members of a speech community to conform to the prescribed linguistic behaviour to establish their social identity. Speech, including gestures and body language represents a special act, the first signal going out to the society constructing the gendered identity of the individual. In their study on the so called "third gender", the *hijra* community of India, Hall and O'Donovan (1996) discuss how the *hijras* switch between their male and female identities (see also Hall 2002). *Hijras* or 'eunuchs' as they are termed by many researchers are raised as boys but eventually go on to live as women, in most cases in ghettoised, socially marginalised communities. The way they define their femaleness through both language and body language is of significance to understand social markedness of female linguistic behaviour. The most obvious difference that is observed as 'deviance' in these boys is their linguistic behaviour which sets them apart as effeminate. They are termed as *baiylo* meaning girlish, where it is mainly the linguistic performance that is judged to be deviating from "the sex-roles, norms and values expected of men in Indian society" (cf. Hall/O'Donovan 1996: 235). Then in the *hijra* community there is a conscious effort to acquire the 'female way of speaking' and the initiates are termed 'ill behaved or ill mannered' if they fail to acquire this female verbal behaviour. Irrespective of their linguistic variety speech communities in India show a certain level of uniformity with regard to the definitions of and differentiation between male and female linguistic behaviour. Female body language is deemed to express the delicate

femaleness through harmonious movements devoid of abruptness, devoid of any unpredictable attempts at appropriation of the floor in a conversation. In fact, the rules prescribed for a subordinate body language like not trying to establish a direct eye contact are touted as ideal behaviour for women. Of course, when it comes to legitimisation of social hierarchies, language and speech norms are only one of the many other complex social control mechanisms at play. Socially marked linguistic behaviour expected of women concurs with the general stereotype notion that a docile and demure woman is virtuous. A woman who expresses her wishes, her ambitions is seen as being too self-centred. The voice of the ideal self-sacrificing Indian woman is one of silence. Girls are told to keep their voices low while speaking and not to smile or laugh too much. A smile can get interpreted as sexual innuendo or as a sign of frivolity in a girl.

As it will become clear in the discussion in section 10.5, the body language of women is generally subject to closer scrutiny than that of men. Stereotypes are used to draw conclusions about her morality based on features like the way she looks at the partner or her hand gestures etc. The male body language differs from the female body language even in the way a man occupies physical space. A woman is expected to sit with her legs drawn together whereas the man is expected to ‘spread out’ occupying in most cases more physical space than a female speaker. Looking at gender specific norms related to linguistic behaviour as part of the whole social power relations could help understand why imposition of these stereotypes becomes so important in every speech community. At different points, for different purposes a speaker has to negotiate her gender identity in conversations and depending on the power equation she manages to use features of both stereotypical elements; a woman police officer uses more ‘masculine’ features in her work interactions in this sense and is more ‘feminine’ when talking with her family. As Hall and O’Donovan state, “(...) women and men of many communities manipulate linguistic expectations of femininity and masculinity in order to establish varying positions of solidarity and power” (cf. Hall/O’Donovan 1996: 258).

Gender stereotypes affect the expectations of a particular linguistic behaviour placed on women but they do not spare the males either. It is this stigma of a lower social status attached to a ‘female way of speaking’ in a man which teaches men to conform to the prescribed norms. Violation of these norms of speaking marks out the *hijras* as social outcasts even before they start forming their gender identity. A subject

in the Hall/O'Donovan study reveals that she views "gender as something to be put on in the way one would put on a *sāri* (a dress traditionally worn by Indian women), an investiture which eventually leads to the acquisition of what she calls *aurat ki bāat* ('women's speech') (cf. Hall/O'Donovan 1996: 240). Similar transgression of norms of language use on the part of a girl invites immediate repudiation in the form of an allegation of being 'mannerless' (an expression commonly used in India) or of trying to be like a man or it invites corrective measures in the form of parental scolding. The term *aurat ki baat* or 'the female linguistic behaviour' is complex, mostly constituted by context and other social hierarchical considerations like age and social status.

But there is a broad consensus in India on what can not be accepted as a female way of using language. The specific areas forbidden to 'cultured' female Hindi speakers are curse words for obvious reasons but interestingly also uttering the name of the husband is taboo for a 'good' wife. The wife is not allowed to utter her husband's name, perpetuating the socially higher position of the husband. Rajeswari Sundar Rajan (1993: 98) points out that the motive behind such prohibitions is to mystify and exalt the signified. Response to such exalted mystification is an immense respect for the husband and being a society where respect is equated with submission to subordinate status it is easy to understand why words like *patidevta* (literally meaning 'Husband God') and *pativrata* (a woman devoted to her husband) are still in currency in India.

3. The needle and thread syndrome

If one were to look at the use of Hindi as a medium of expression in written form, one finds that, as in most other Indian languages, women writers in Hindi have generally felt limited by socio-cultural norms and linguistic implications of these norms. Restrictions are felt in terms of contents or themes that they are allowed to deal with as well as the kind of language a woman writer is expected to use. But right from the celebrated writers like Mahadevi Varma or Krishna Sobti to young writers like Alaka Saravagi or Jaya Jadhvani many women authors have gone beyond those limited 'female' issues and they have been writing about everyday issues faced by people. Modern writers have succeeded in breaking the limited view of equating women's writing with women centric themes. They are no longer eulogizing pains or trauma of womanhood nor are they glorifying the sufferings and sacrifices related to

it. The new women writers in Hindi are writing with a sensitivity which tackles the social issues head on, articulating the challenges faced by the modern woman. They are using 'bold' language raising questions which were considered taboo especially in small towns or semi urban India, from where many of these authors come. Themes like women's sexual desires, their bodies or adultery are spoken of as normal facts of life without their being judged on the social parameters of morality. For example in the novel *Samay Sargam* by Krishna Sobti the main character is an independent single woman in search of her identity. She does not indulge in self-pity nor does she have any remorse about her struggles in life as a single woman. These strong characters reflect gradual changes in Indian women's need for independence. Female characters have graduated from begging for a place in the society or from the other extreme of 'rebel feminist' to a more positive image of women as constituents of the family units, as integral part of the society. They are no more helpless victims; they are articulating their rights as a natural process of self-expression by a human being.

But written language as a means of expression in public spheres remained inaccessible to female members of the society in India for a long time. Women's writing in some Indian languages essentially started as a statement against social oppression and female social reformists were the ones who broke the 'silence' imposed by social norms. Later a gradual change in social power structures was seen taking place through social reforms, women's education and women's participation in the struggle for independence. Early women writers in some other Indian languages in late 19th century – like Tarabai Shinde and Pandita Ramabai, who wrote in 1880s in Marathi or Kailashbhashini Debi in 1860s writing in Bengali – were openly questioning imbalance in gender relations and portraying subjection of women in the traditional Indian society. Today women writers in India are using their varied languages as freely and as effectively as their male counterparts creating their own spaces to bring out gender biases inherent in social norms, in traditions or in religious practices.

Even so they talk of an invisible censorship at work when it comes to writing about relationships, sexuality, politics or about religion. In the 70s, the Hindi writer Mridula Garg faced court case for her novel *Chitkobra*, when she dared to write that the sexual act was devoid of pleasure for her heroin. Such indirect censorship on written language is imposed on women who dare to write in Indian languages about issues considered out of bounds for respectable women. As some participants in a

workshop – organised in 2003 by an organisation Asmita to study, discuss and publicize the odds facing women writers in India – put it, “Oppressed by respectability women Hindi writers avoid sexuality, religion, politics, even social issues. To write honestly, they agreed, was almost impossible and to write about the family was the most difficult. Many have avoided writing their autobiographies” (cf. Asmita 2003). Hindi poet Anamika speaks of a Needle and Thread Syndrome in women’s lives, which manifests as a ‘self imposed silence’ in the works of women writers. She points out that, “family honour, the compulsion to be a good daughter, a good wife and a good mother” all constituted a societal pressure which locked her into a ‘good girl syndrome’ (cf. Asmita 2003). In one of her poems she laments this ‘being silenced’ by social restrictions:

Scissors to cut with,
a needle and thread to sew my lips with.
If I write my subconscious,
the earth will be covered with paper.
(cf. Asmita 2003)

Although women’s writing today does not encounter the social rigidity prevalent some decades ago, notions of obscenity and propriety imposed through language do limit the canvas on which women writers can paint their lives, portray their ideas, or colour their world. One of the participants highlights how language forces these authors to make socially appropriate choices on which words to use, citing example of swear words in Hindi. According to her, “there is no way a woman can use swear words in Hindi, because they are specifically and abusively anti-women; to use them would be to deliberately endorse their derogatory intent” (cf. Asmita 2003).

4. Reflection of stereotypical gender notions in matrimonial advertisements

Marriage marks an important change in the identity of a woman in India, at two levels. On a concrete or more obvious level it imparts her a new name, she becomes part of a new family and enters a new place of residence since mostly

women go to live in their husbands houses. At the same time, at the social level this woman acquires a new identity, a changed social position, a different social role, that of a wife of Mr. Xyz or daughter-in-law of family Xyz. She ceases to be the daughter of Mr. Abc. This change in the social status from 'daughter' to 'wife' is brought out in the word describing the main ceremony in Hindu marriages. The word used is *kanyadaan*, a composite of two words *kanya* meaning daughter and *daan* meaning 'to give away'. So the ceremony is primarily a change of ownership. The father gives away his daughter to the husband, who from then on owns this woman. The word and the ceremony are integral to Hindu weddings and in the social conscience it is hardly perceived as problematic. It is in the context of this passive acceptance of ownership that Kalyanamalini Sahoo says, "A woman's life is always constrained by particular social rules. Before marriage she is in the custody of her parents. After marriage, she is in the custody of her husband and in-laws. In old age, she is in the custody of her son" (cf Sahoo 2003: 245). While looking for a wife then the decisive qualities are mostly those which would make this transition smoother for both the families. The stereotype of an ideal bride is thus a girl who obeys her father without questioning and is ready to mould herself according to the expectations of the new family.

Though it is a rather simplistic argument that language or linguistic behaviour reflects social processes, the fact remains that the terms a society devises to define women reflect the social place accorded or denied to them. Interestingly enough, the denial of social space is sometimes realised by means of attributes which in normal case would designate a positive trait, for example, one just needs to pick up any Indian newspaper and look at the advertisements for matrimonial alliances. The common adjectives used to describe brides are *sophisticated, down-to-earth, with good etiquette, disciplined, soft-spoken, simple, compassionate, sincere, hard-working, adorable, smart, beautiful, takes interest in household work and possesses excellent cooking skills* etc. Clearly, the qualities highlighted through such advertisements reflect social expectations aimed at denying these young women any independent aspirations, portraying them as perfect 'material' out of which to mould a wife. The gender stereotype of an ideal woman is reinforced by employing seemingly harmless vocabulary. In similar advertisements from bridegrooms one comes across adjectives like *serious, ambitious, driven to prove himself, aggressive, decision maker, realistic, moderate, open minded, optimistic with broad vision* etc. Thus, the picture is complete, of a docile, homely female in a supportive role, and the

‘achiever’, the ‘provider’ male in the role of the decision maker. In fact the social role theory does trace back gender stereotypes to the social sex-role expectations and shared beliefs about appropriate behaviour. Wood and Rhodes point out that “Women are expected to be friendly, unselfish, concerned with others, and emotionally expressive. Men are expected to be independent, masterful, assertive, and instrumentally competitive” (cf. Wood/Rhodes 1992: 106). The underlying message conveyed in such texts is powerful not only because they reflect the social expectations, but also because they provide an attractive self-image for the women, an ideal, which when achieved guarantees them a place in the social hierarchy. Placing this creation of a social definition of ‘woman’ in a broader context by looking at it in terms of dialectics of power, it can be argued that here language and social reality become cause and effect at the same time. Language reflects social reality about the position of women while the social identity of women is in turn performed through the language. Indeed, social reality is itself a social construct and not a given. It needs to be pointed out that the whole linguistic gender stereotyping is a socially constructed way of classifying and categorising members of the society. Discussing the power wielded through language use, O’Barr points out that “In attempting to understand the relations between language and power, it is important to keep in mind that there is no simple, single way in which the two are connected, nor is the connection limited to particular portions of the spectrum of social organisation. Rather, the evidence points to the conclusion that language is both a mirror of society and a major factor influencing, affecting, and even transforming social relationships” (cf. O’Barr 1984: 265). In skewed power relationships the meaning of ‘supportive’ can easily change to ‘subordinate’. If there is mutuality in playing the supportive role, the power relation gets balanced, but in case of gender relations in India the supportive role is permanently assigned to women turning it into an unconscious submission to authority. While the male counterpart in a mixed conversation can be ‘ambitious, aggressive and decision maker’ the female speaker in India is generally expected to play a supportive role, to follow the compassionate, understanding stereotype.

5. Goddess or Doormat

There is no doubt about the exclusion of women from languages of power in institutional domains like religion and politics in India. Just a few years back women legislators voicing their frustration at the failure to pass the bill enabling women to have a certain percentage of representation in the parliament were shouted down and labelled *par katy* by male parliamentarians meaning ‘women whose wings are cut’, an extremely base comment associating short hair with the socially unacceptable behaviour assigned to ‘feminists’. Viewing women who dare to challenge social sanctions as a threat to the set order is not new nor is it exclusive to Indian society. Deborah Cameron cites a study by Penelope Harvey in Peruvian Andes where “Andean women who abandoned tradition, symbolised by dress as well as the Quechua language, risked slurs on their sexual reputation, which could lead to social ostracism and violence” (cf. Cameron 1992: 201). In India, in a tradition where the birth of a girl child is equated to an eclipse or to a curse on the family¹, where women are expected to suffer without complaint, one is hardly surprised to find that women challenging this social order do ruffle a few feathers.

On a different note, exalting women to a goddess is common in Hindi colloquial usage. A daughter is often referred to as *Laxmi* (the goddess of wealth) or a daughter-in-law is called *ghar ki Laxmi* (‘goddess *Laxmi* of the house’). The fierce goddess *Durga* or *Kali* or *Chandi* is conceptually a way of sanctioning the female members of the society some space to avenge the wrongs perpetrated against them or to punish the perpetrator. In a recent article questioning the ‘manliness’ of an opposition party and praising Indira Gandhi (ex prime minister of India) one columnist in a leading magazine comments, “the country is still paying for that insult to the woman who was once described even by her detractors in the opposition (...) as Durga Mata, and by others as ‘the only man in India’s Parliament’” (cf. Gill 2004). So depending on the context any act of courage or valour is seen either as ‘manly’ or as coming from a goddess *Durga*, *Kali* or *Chandi*.

In such fluid use of mythological figures in everyday language a normal human identity of women can fluctuate between the extremes of the status of a goddess and a *paer ki juti* (footwear). Highlighting the dictum “it is good to swim in the waters of tradition but to sink in them is suicidal” Gandhi and Shah (1991: 325) suggest the strategy of finding a middle path, of using tradition to change mind sets. Here again the pivotal role of language in establishing dominant discourse as the given and therefore true becomes important.

6. Stereotypes in Media: *Behenji* vs. *Aajki Nari*

Words when associated with certain images for a long time change into labels or categories defining those particular images and their characteristics. Through these associations of words with images which have social contexts, a hitherto simple word acquires new meanings. In the vocabulary of urban young Hindi speakers a simple word *behenji*, where *behen* means ‘sister’ and *ji* is an added honorific suffix, has come to be used to mean a woman who is not modern in the way she dresses and who is conservative in her thinking. It is difficult to say when exactly this meaning developed but this pejorative use became accepted in normal vocabulary through its use in visual and print media.

In television serials *behenji* stereotypes are usually the ‘good, obedient, traditional’ women facing the ‘bad, westernised, skimpily dressed’ vamp characters. Jaidev Taneja outlines these two stereotypical depictions of women, where “The first image shows her as the embodiment of beauty, modesty, sacrifice, mercy, forgiveness, and dedication, qualities that enable her to win over men. The second image is that of the woman who is driven by ambition, pride, sexual frustration and the desire to dominate, all of which lead her to evil ways” (cf. Taneja 2002: 77). Although in real life young girls make every effort not to get categorised as *behenji*. Here is an example of images and labels getting created through media, especially the visual media and these then turning into social parameters to judge women’s moral conduct. In television soaps a *behenji* type of character is imparted all virtues, since she conforms to social norms. She holds on to the traditional values of the Indian society, respects institutions like family and marriage and thereby lives up to the expectations that the society has from her as woman. Other terms used in media to describe such a woman are *aadarsh nari*, the ideal woman, or *bharatiya nari*, the Indian woman. Invariably such a woman is a conformist, a non-rebel, who upholds the social values and derives her strength from her being ‘good’ and ‘chaste’. Naturally she emerges victorious at the end.

Strangely enough the image of this traditional ideal woman created in films and television serials holds less charm for modern urban young women in their everyday lives. It is seen as a nice definition of womanhood, but one which does not necessarily need to be followed in reality. The more appealing image is that of the

liberated, independent, modern and intelligent *aajki nari* or 'today's woman'. This term evolved more through advertisements, where consumer products targeted the urban middle-class working woman labelling her the new woman, who is aware of facts like which cooking oil is healthy for her family or why a particular brand of drinking chocolate is good for her children. She takes decisions about which brand of soap, washing powder or tea to buy, she is careful about her looks and uses cosmetics. She is young, works hard and does not hesitate to have fun. She is mobile, drives two-wheelers, uses technology, be it a washing machine, a microwave or a mobile phone. She works so hard for the family that her back aches and the progressive husband promptly applies this pain relieving balm. Gender equality for the modern woman. She is a multi-tasking working mother, wife and daughter-in-law. She is clever and knows how to please all in the family using tasty instant food instead of cooking herself.

She is a rebel only as a young unmarried girl. As a young college student she goes for parties, flirts with men and sneaks in her room through the window when she is late. She listens to loud music, colours her hair pink, and paints her nails in different shades. But come marriage, she uses fairness creams to attract the 'foreign returned engineer' chosen by her parents as her bridegroom. Wearing a *sari*, vermilion on forehead, with a shy expression and downcast eyes this rebel turns into a perfect wife. As a daughter-in-law, wife and mother she is the most successful ideal woman, modern and happy within the limits prescribed to her. The husbands, brothers or fathers in the family of this *aajki nari* have absolute understanding for her need to be modern and independent, but interestingly one never sees them washing clothes, cleaning toilets, changing nappies or buying cooking oil.

This image however does manage to offer a compromise between the extremes of being a *behenji* and a 'feminist rebel'. To a large extent it also reflects the way Indian women are managing to strike a balance between modernity and tradition. Rajeswari Sunder Rajan (1993: 138) calls this the "relative freedom" of women which is encoded on the one hand as an 'absence of conflict', for example in commercial advertisements, where the modern woman is also at the same time the traditional woman and on the other hand as the 'resolution of conflict' in favour of the traditional woman as in television serials. The Hinglish speaking, modern, working woman can recite devotional songs with equal ease when she has to win her mother-in-law's heart. She sees no contradiction between being emancipated and being traditional or

religious. In this sense, the perception of gender equality in India is evolving with a realisation that without destroying the basic social institutions like family and marriage it is possible to create a liberal society.

7. Image of an old woman

In India, stereotypes related to old women vary slightly depending upon their marital status. Socially, old age is viewed as a phase in life when one turns to god or to spiritual pursuits rather than enjoying material comforts or pleasures of senses. This notion of old age as a period of renunciation is applied to both male and female individuals, but in case of female members of social groups it is used as a general criteria to judge whether or not a woman is living up to that ideal image of revered mother or grandmother. As in all stages of her life, a woman receives respect in her old age if she remains within the social definition of good moral conduct. For a widow the chastity and morality aspect becomes even more important since she is expected to lead an exemplary austere life, dedicating herself to other-worldly thoughts and religious activities. With the great reverence attached to motherhood in Indian tradition, a woman in her old age acquires an image of a wise, experienced grandmother, who should be respected almost like a mother goddess. She has nurtured the family and now the younger generation has to pay her back with gratitude. She has been a mother, a wife and has fulfilled all her duties in life. So she deserves respect. She can not be a normal woman with wishes and desires. She can not be lonely and she can not have need for companionship, especially male companionship. Women who have no children or those who are not married can hope to achieve that legitimate place of a 'respected grandmother' only if they give up their individual identity, become part of brother's or brother-in-law's families and spend time in spiritual and religious pursuits.

Since age is equated with wisdom, generally an old woman wields some power in decision making at family level. Even outside her own family she is addressed as *maaji*, *daadi* or *naani* meaning mother or grandmother. Children, especially sons, are taught that '*maa ke charanon main swarg hai*', heaven lies in mother's feet.

The other side of this 'respected grandmother' stereotype is the negative image of the old woman who does not follow social norms, for whom it is said '*budhiya sathiya gayi*' meaning 'the old one has gone insane'. The most disturbing aspect of

the otherwise very positive tradition of respecting the elderly is that, in many cases people tend to overlook the fact that an old woman is also a normal human being with physical needs and desires. An old man showing sexual desires or romantic inclinations is laughed at and is considered naughty, having *rangeen mijaj* or 'colourful tastes' and is generally tolerated as being normal. But an old woman who in any ways shows any need for male companionship is condemned as a fallen woman. For an average Indian old woman, especially if she is a widow, it is next to impossible to express her sexual needs or to think of a relationship or marriage. There is almost zero tolerance for a woman's desires or wishes once she has been categorised as 'grandmother'. Even the way she dresses herself makes her vulnerable to criticism with proverbs like, '*shaukin budhiya chataii ka lehenga*', where *shaukin* means someone who has taste for good things in life. So, such a *shaukin* old woman, who goes to the extent of wearing a skirt made of straws, just to look young, needs to be condemned. Here this expression is used to mean this old woman, who should now be thinking of the 'other world' but is instead still enjoying life. Another similar proverb is '*buddhi ghodi laal lagam*', meaning 'old mare with a red rein', used in a derogatory sense to speak of an old woman who does not behave as she should in her age (see also Section 10.3). An old woman's need for a companion is socially unacceptable since it falls into that area of taboo themes, namely women's sexuality. Whether as a young woman or as an old grandmother, this particular aspect of women's life is strongly controlled by imposing strict definitions of chastity and purity and by severe social condemnation for any deviation in women's behaviour.

8. The problem of giving a name to the man-woman relationship

A man-woman relationship is a subject on which one reads in magazines and newspapers, particularly of the urban cosmopolitan English press variety in India. Of course it is an important topic in many a familial conversation, or among friends and relatives since as in any other society gender relations are an integral part of the social life in India. But man-woman relations before marriage or outside of the marital sanctions are not encouraged. There is less social acceptance of a man-woman friendship. The socially accepted relationship between unrelated male and female members of the same age is mainly that of a brother and sister. So in some

universities, a male student from a senior class becomes a *Bhaiya* ('brother') and a female student from a senior class becomes *Didi* ('elder sister'). Amongst urban youth the word *dost* ('friend') is generally used to refer to both male and female friends. But there is still no semantically equivalent word for girlfriend or boyfriend in Hindi. Instead both these English words have been readily included in the urban vocabulary, since changing lifestyles and social relations demanded words to describe a type of male-female relationship which was taboo earlier. Now giving this relationship a name is also problematic in Hindi for the simple reason that there is no commonly accepted word for a live-in relationship. It is possible to say *woh saath rahte hai* ('they live together') but then this expression could just as well mean the simple living together of anyone, so it needs an elaboration by specifying that the said two persons are living together without marriage. Mentioning that they are living together without marriage gives the whole situation and its expression a tone of breaking the social norms, or of doing something immoral. Most of the vocabulary referring to male-female friendship in Hindi is negative. The equivalent for love, *pyar*, is one alternative that can be used without much negative hidden meaning, but it has a history of being a favourite word in Hindi movies mostly denoting love between a young man and a young woman. So what does one do to talk about a relationship or a feeling which belongs to the banned areas in a speech community? Something which can only be described in negative terms since the social taboo leaves space only for negative lexica.

9. Two ways of overcoming social normative restrictions of Hindi

In my view, there are two ways of getting around limitations imposed by a language.

a) Subverting the meaning

On one of those rare occasion when I hired a *rikshaw*² to reach the university, the *rikshaw-puller*, a man much older to me, addressed me with *Saab* a word loaded with colonial legacy, a word replete with rigid social class differentiation, a word denoting nothing but absolute dichotomy of high versus low social status, a word used to address masters. And most importantly a word used to address only men in such positions. The female equivalent for *Saab* from the colonial times is *Memsaab*, which

is already out of the current vocabulary except for depicting a servant-master relation or is used with pejorative intention to belittle a woman, meaning ‘a haughty little miss’. Now this use of *Saab* made me acutely aware of the way language plays into the hands of its speakers defining territories in social interactions, assigning roles to the language users. Appropriating a gendered word this man had turned it into a gender neutral denotation of social class hierarchy. The word had acquired a new meaning in this context through its use. Whether one reacts to this subversion positively welcoming it as a strategy to overcome the handicap imposed by language or whether one takes it as a negation of the female identity as something that basically can not be in a socially higher position, is debatable. What becomes obvious is the fact that it is the social assumptions behind the language which impart meanings to words depending on the context. The word-meaning congruence is indeed not a one-to-one fixed relation. The final outcome is definitely more than the sum of the parts.

b) Code mixing

The second way of dealing with limitations of a language is the widely studied phenomenon of code mixing, common among fluent bilingual speakers. It can be a part of the broader bilingual conversation strategy of switching between languages in the same speech situation, which is termed as code switching. Code mixing mainly includes mixing two languages or language styles in one utterance, using grammatical conventions of one language on to the other, or just mixing words from another language in specific contexts. In urban north India, English is mixed with Hindi to get the mixed form called Hinglish, which is widely used by educated, urban social groups. Kachru (1984: 186) points out the case of the word *mond* (‘widow’) in Kashmiri language which has traditional negative connotations of a use restricted to abuses and curses. To neutralise such loaded terms speakers employ code mixing as a strategy, as shown later in the examples from transcripts in this paper (cf. Examples 4 and 5, Section 10.3).

10. Some examples showing stereotyped notions on gender

In view of the preceding discussion this section will highlight how gender stereotypes in India get reflected in normal conversations. I will be presenting few examples from the transcripts from audio data collected in 2003 for my research on

oral communication in German as foreign language, in two universities viz. Jawaharlal Nehru University and Delhi University in New Delhi, India. It must be made clear that the aim of this data collection was not a study of stereotypical gender notions. The students belonged to the age group 18 to 20, were in their second year of the Bachelor of Arts course, and came from urban, educated, middle class families. The languages they used are English, Hindi, Hinglish and partly German.

10.1 Purpose behind showing the film

Two groups of these Indian undergraduate students studying German language in the two universities mentioned earlier were separately shown a short film portraying the loneliness in the life of the elderly and their need for companionship. One was an all female group, the other one was a mixed group. The aim was to document how a conversation based on a specific theme would develop if the socio-cultural context is foreign to the students. The focus of this data collection was thus purely on oral communication and use of the foreign language (German) and a gender aspect was not involved at any level. But while analysing these transcripts it became obvious that since the topic of discussion happened to be such, the stereotypical gender notions got expressed in these conversations. During the discussion of more than 90 minutes, students talked about gender stereotypes, old age related stereotypes and the societal pressures at work in India. Although each one of these students was well aware of the double standards used in judging women, through many of their comments they proved to be the products of the same gendered socialisation which they were criticising. In the following section these two aspects will be discussed using the transcripts:

- At the discourse level the speakers use code mixing as strategy to overcome linguistic restrictions of Hindi.
- The views expressed by these students reflect gender stereotyping.

10.2 Context of the film

There were no dialogues in the film, only background music. The film is set in Germany; and the only characters are an old white couple. The story starts with this lady who is very lonely. In the house across the street one old man moves in and the woman starts observing him most of the time from behind the curtains. She then tries

to attract his attention and he seems not to notice it. The woman buys a new dress and gets a new hairstyle. The story develops through a chance encounter in a supermarket, where the man realises that there could be a friendship. In the final scene he goes over to her apartment with flowers, rings the door bell and waits. She hesitantly opens the door just as he sadly turns to go back. The film ends with the protagonists smiling at each other. Most of the scenes in the film depict the woman's loneliness. Both the protagonists are quite old and shown to be leading a secluded life without family or friends.

10.3 Presentation of a few examples

In the course of the discussion the participants found it difficult to express themselves adequately when it came to talking positively about a love relationship using Hindi. The topic of the film did provoke an involved discussion in Hindi, English, Hinglish and a few utterances even in German. For them the situation in the film was quite new and they readily imparted a romantic angle to the story in their interpretation. That precisely was then the most foreign aspect of the film, a romantic relationship between an old woman and an old man.

(In the transcripts: F = female speaker and M = male speaker Overlap with the next speaker is shown with // Commonly used transliteration is used for Hindi and loose translations in English are provided).

(Example:1)

F1: Short and cute love story (laughs)
F2: Es ist ein fantastisch Film...
F3: Es war gut...aber.... es ist nicht so in Indien

So the reaction was: "It is nice, but it is not so in India". Calling the woman *verrückt* (mad) the students decided that the old woman was just waiting to 'catch the man'.

(Example:2)

F4: Die eine Dame...ist.sehr sehr verrückt...(all laugh) Sie will alte Mann lieben.
F5: Die alte Dame war...hinter dem Mann (laughs)

Throughout the discussion the common refrain was how she being a woman could take initiative in starting ‘something like this’. Students used a proverb *buddhi ghodi laal lagaam* (‘old mare with red reins’) to show how Indian society reacts if an old woman tries to act young (see also Section 7).

(Example:3)

F1: usko dar tha ki shayad main jo kar raha hun woh thik nahin hain //isliye..	F1: He was scared, thinking, maybe what I am doing is not right//so..
F3:to usko dar nahi tha? Woh bahot besharam thi? (laughs)	F3: You mean she was not scared?[as if] She was shameless?
F6: Woh sharif tha	F6: He was sharif
F2: woh sharif nahi // thi?	F2: She was not sharif?
F4:Woh bhi sharif thi	F4: She was also sharif

In the above conversation, F3 tries to defend the old woman but uses a word *besharam* (‘shameless’) implying that a woman who is not scared of the society is shameless. The reply to this rhetorical question ‘she was shameless?’ is very interesting. F6 replies saying that the man was *sharif*, a word meaning ‘of good moral character’. It becomes clear here that in the students’ interpretation the old woman’s behaviour is judged as a deviation from the social norms of good moral conduct prescribed for women, whereas the old man is judged positively because he seemed to be scared of society.

Code mixing was used as a strategy whenever the speakers had to mention the love relationship. In the following example the Hindi expression *line maarne lag gayi* is a pejorative phrase used to describe flirtatious activities of young people, meaning something like ‘trying to hook’. But then the same relationship gains some respectability back when expressed in English or German.

(Example:4)

F6:woh akela mila to Line// maarne lag gayi	F6: knowing that he is alone
F5:.....To hua kya? Dono	she started ‘to put a bait to

akele the F1: line kaha....woh....woh //she was in love with him F2:.....Sie war verlobt mit ihm	catch him' F5: So what? Both were alone F1: she was in love with him F2: She was engaged to him
--	--

The German verb form *verlobt* has apparently been confused with *verliebt* since the speakers clearly were talking about 'being in love'. The way students here avoided using Hindi whenever they had to talk in favour of the woman is a continuous pattern through out the transcript of about two hours. One typical interaction was:

(Example:5)

M2: Da sind zwei verliebt (laughs) M1:(laughs) they are falling in love (laughs)

Code mixing was extensively used to replace Hindi expressions during this discussion. Although code mixing is very common in spoken language of university students, in this particular discussion it appears to have been used consciously as a strategy to overcome the restraints of one language. Studies on code mixing focusing on the use of English in Indian languages have shown that "English is (being) used to *neutralize* identities one is reluctant to express by the use of native languages or dialects" (cf. Kachru 1984: 186, emphasis original).

10.4 Stereotypes are here to stay

Every reference in Hindi was either a negative expression like *fasaana*, *chakkar*, *pataana*, etc. (all more or less meaning 'to hook') or some vague wording like *yeh sabkucch*, *yeh jo kaarna us lady ka* ('all this, all these doings of the lady'), where instead of a direct reference just an indirect hint was used to get as semantically close as possible to the expression 'relationship'. But even such efforts had an undercurrent of negative judgement of the lady's conduct.

(Example:6)

M3: they are living alone they need	M3: They are living alone they need
-------------------------------------	-------------------------------------

<p>support</p> <p>M1: yah</p> <p>M4: who will prepare the tea for the old man (laughs)</p> <p>M2: (laughs) you are thinking of old man//</p> <p>M1:woh rahi hogi na//wife to rahi hogi na?</p> <p>M2:.....amm? No, now he is alone</p> <p>M3: ya, he is dead...//he is dead and she is dead</p> <p>M1:.....to isse kya alone hai to //alone hai to/</p> <p>M2:...koi to chahiya ki uske kapde kapde dhoye (laughs)</p> <p>M1: matlab tum vichar kar rahe ho ki koi kaam karne ke liya chahiye //kaam karne ke liye chahiye</p> <p>M3:he was saying ki //nahi nahi... its basically to basically to support each other</p> <p>F1: but why did you interpret that she was looking for a boyfriend, she could have ..amm..//been looking to make a friend, that's it!</p> <p>M3: ...yah a company</p> <p>F2: Everybody wants companionship</p>	<p>support</p> <p>M1: Yah</p> <p>M4: Who will prepare tea for the old man</p> <p>M2: You are thinking of the old man</p> <p>M1: He must be having a wife, or?</p> <p>M2: amm? No, now he is alone</p> <p>M3: Ya, he is dead, he is dead and she is dead</p> <p>M1: So what if alone//...if alone..</p> <p>M2: someone's got to be there to wash his clothes</p> <p>M1: you mean there should be someone to do house work</p> <p>M3: He was saying that its basically to support each other</p> <p>F1: but why did you interpret that she was looking for a boyfriend, she could have ..amm..//been looking to make a friend, that's it!</p> <p>M3: ...yah a company</p> <p>F2: Everybody wants companionship</p>
---	--

In the above conversational piece the female speaker F1 is able to make a differentiation between a boyfriend and a friend, whereas for the male speaker M1 the idea of a woman as a friend can only be related to being a wife, who is supposed to do the 'house work'. The stereotype of wife merely as someone taking care of the man and his needs is criticised at every possible level in India and one would have

assumed this particular notion to have at least become a little milder. But as is obvious from the above exchange, the male speakers reflected the mindset still prevalent when they sympathised with the old man’s need of having someone to take care of him with a blunt observation that “if his wife is dead, he needs someone to wash his clothes, to make tea for him”. This comment coming from urban university students brings out the hollowness of the belief that the urban educated Indian male is gender sensitised. One just needs to scratch the surface for the deep rooted traditional attitudes to become obvious.

10.5 Interpreting motives

The body language and gestures of the woman in the film were interpreted by male students as her efforts to attract the ‘decent old man’. In the film the woman goes to have a hair cut and buys a nice red dress which she then wears, when she knows that the old man will see her from his balcony. There were three interpretations of this behaviour and her body language. One as mentioned above was by the male students and two by female students. Male students read into the behaviour an ulterior motive since they felt that a woman who tries to attract a man can not be looking for a genuine friendship. They specifically mentioned that from her gestures one could judge that she had other intentions.

(Example:7)

M1: thik hai friend banana ke liye kya jarurat tha bal katane ka accha dress karne ka aise friend nahi banneka, jisko friend banna hai woh aisehi banega	M1: alright, to make friends was it necessary to have hair cut, wear nice dress, you can’t make friends like that, one who wants to be friends will become friend without all this
M2: Hmmm this is to attract//	M2: Hmmm this is to attract//
M4:.....to attract...good	M4: to attract...good
M3:.....to attract friendship nahi thi	M3: to attract not for friendship

The first interpretation of a female student also reflects the notion that the partner should be presentable. This student justifies the protagonist’s actions by arguing that everyone wants to be presentable and everyone wishes to have a partner who is presentable. This argument coming from a female student again confirms the

hold of social image on the thinking of these young people. The image of a smart, pleasant, fair, well dressed woman as the ideal, desired by men is created and sold as socially sanctioned mainly through Hindi movies, television and advertising in different media.

(Example:8)

F3: I also feel ki friend banana hota hain to appearance itni matter nahi karti but kahi na kahin we have that feeling that our friend should be a decent girl//	F3: I also feel that appearance does not matter in making friends but somewhere we have that feeling that our friend should be a decent girl//
M1: Wah, amm koi dekhne main kharab ho to uska friend nahi hoga?	M1: You mean someone who is not good looking will not get friends?
M2: I am going to do the same	M2: I am going to do the same
F3: to a certain extent aata hai... chahe matlab he should be at least a...ki presentable probably isiliye she got a haircut ki she should be presentable// that's why	F3: to a certain extent it does matter, may be...I mean he should be at least a...presentable, probably that's why she got a haircut that she should be presentable//that's why

One interesting point in the first sentence of F3 above is that she refers to a common wish that 'our friend should be a decent girl'. Why does she express this wish as common ideal in spite of being a girl herself? The conditioning that the young urban Indian women undergo is so strong that the ideals imposed by the society are unconsciously acquired and accepted as their own ideals. Language and related social norms only help in this process of internalising given images and meanings.

The other interpretation given by another female speaker could be an example of a gender neutral explanation and it was heartening that it came from a female speaker.

(Example:9)

F1: she started enjoying her life you know, in a way she has this incentive to live otherwise she was bored there was no way to live her life anymore .
M3. Is it like entertainment?

M2: She was bored with her life because when she was eating//

F1: Yah, because this man...not only because he is a man...listen, not only because he is a man or the opposite sex that it will drive her crazy or that I have to fall in love or something like that, he came as something... you know some incentive into her life, you know... it brought happiness into her life you know... she wanted to live more and then do... you know... do anything

F2: like a normal person

M2: Yah she was bored with her life//

F1: and its very natural

11. Women as language users

As language users women are said to be less adventurous, preferring to use the prestige varieties and correct language. However such differentiation can not solely be called a gender different language variety; there are other factors involved in such developments, like the social status attached to different pronunciations or to the use of certain sounds. It is true that women are subjected to social pressures to ensure that they use the 'better' language. This pressure is at work to make them abide by the norms of language use. Normally for an effective communicative act, the speakers are supposed to follow Gricean maxims of quantity, quality, relation and manner, but for women the standard parameters seem to change. A woman is expected to talk less than necessary, talk in a softer voice, talk only when absolutely necessary and at best not talk at all. Cameron points at this imposition of feminine linguistic norms "For any woman who talks too much, too loudly, too frankly, too authoritatively, the epithet 'unfeminine' is waiting on someone's lips" (cf. Cameron 1992: 210).

The prescriptions of this normative behaviour are imparted to a girl even as she is learning to use a language, in the form of proverbs or phrases. Indian girls are advised not to laugh showing all the teeth, not to let their voices be heard by a neighbour, not to answer back, not to argue, not to ask questions. Remaining within the socially accepted norms sometimes women tend to be using language in a different but positive way than men. The basic premise in this paper remains that the observed gender related differences in the style of language use appear to be more constructs of social contexts and vary depending on other social variables. A female speaker in a socially powerful position would have more similarities with the so called

male style than a socially less powerful male speaker. But having said that there are some common features, which can be ascribed to a more “cooperative” style of speaking (cf. Graddol/Swann 1989: 82). More women seem to be using it than men, which Tannen terms as “rapport speaking”, where the “phatic function seems to override the informational” (cf. Tannen 1994: 210). Women speakers tend to function in a more democratic manner and conversations in all-female groups develop as a combined activity rather than as ‘competing for the floor’ found commonly in an all-male group. Characteristic female strategies are said to be indirectness and politeness, both results of a socialisation which discourages open display of frank, challenging behaviour in women.

Based on earlier researches, Jennifer Coates summarises eight factors mostly found in all-female group interactions. The basic principle identified by Coates (1986: 189) is “more than one speaker may speak at a time, with speakers working collaboratively to produce talk” which portrays the cooperative nature of such exchanges. The eight factors discussed by Coates are: Minimal Responses, Questions, Links between speaker turns, Topic shifts, Self Disclosure, Verbal Aggressiveness, Listening and Simultaneous speech (cf. Coates 1986). Although different culture-specific aspects can change the way these factors are realised in natural conversations, they do outline a basic minimum structure which can be applied to other data as well.

In the discussions amongst university students mentioned above, most of these features were found to be present in women’s speech. Minimal responses of the ‘I am listening’ variety were used extensively in the all-women group, for e.g.:

(Example:10)

F3: because if the family is taking care of them then they// won’t be lonely.
 F2: they won’t be lonely (pause) hmmm...you think so?

while in the mixed group the typical minimal responses of male speakers were of the ‘I agree with you’ type, e.g.:

(Example:11)

M2: Hmmm this is to attract// M4:.....to	M2: Hmmm..this is to attract M4: to attract....good
---	--

attract...good M3:.....to attract friendship nahi thi M2: Hammm Friendship ke liye to itna woh//	M3: to attract...not for friendship M2: Hmmm..for friendship not so much//
--	--

There were few instances of questions being used as a strategy to maintain conversation but they occurred almost equally in both groups. There was no marked variance in this respect between male and female speakers. Links between speaker turns were smoother in the all-female group, compared to the mixed group where typically the female speakers got the turn only at the end or they had to try and squeeze in to get the turn, for e.g.:

(Example:12)

M3: But she can she can directly talk with him M2: She has some hesitation F1: she is trying to but he was// M2:Hesitation F1:Yah she tried to
--

According to earlier research findings topic shifts are slow in all-female conversations (cf. Tannen 1994, Coates 1993). In case of the two student groups, the all-women group did stay on longer on one topic and the next topic often evolved out of the discussion, unlike in the mixed group where the topic shifts were more frequent and more abrupt. Conversation in the mixed group thus developed in bits and pieces, lacking the flow of the all-women group. The all-women group managed to discuss the same topic longer, for example one topic lasted for about more than 25 turns in this group as against most topics lasting not more than 15 turns in the mixed group. There were four instances of self disclosure, all of which came from female speakers. On verbal aggressiveness and listening, the data from these transcripts is not sufficient. There were many instances of simultaneous speech; in fact there were all the three varieties of supportive simultaneous speech, e.g.:

- 1) Completing the utterance of the partner

(Example:13)

F3: Aur jaisa ki usme dikhaya gaya tha, woh Supermarket ka//	F3: And as shown in it, that one in supermarket//
F2:.....Hmm	F2:Hmm
F3:.....usme usme to usko...	F3: In that ..in that, seeing him...
F4:.....usko to dekh ke hi dar gayi	F4: ...seeing him she got scared

2) Contrapuntal talk to support the partner's utterance

(Example:14)

F2: lekin woh thoda ghabrati thi ki samajwale kya kahenge// isliye thoda	F2: But she was a little scared about what community will say// that's why a little
F1:...Society	F1: Society
F4: Society ki parwa thi	F4: Society was the point of concern

3) Repeating part of the sentence

(Example:15)

F4:Hamare yaha bhi hota hai lekin khule main nahi hota	F4: It happens here also but not openly
F6: Khule main nahi hota	F6: Not openly

11.1 Trying to seem less aggressive by using 'we'

In addition to the features mentioned above, in the mixed group the female speakers' participation in discourses featured a fine act of balancing between arguing or self expression and trying not to seem aggressive. They often used generalising statements or tried to create face saving opportunities for other speakers. They were more sensitive to loss of face not only their own but also of the partner. One strategy was the intentional use of 'we' in arguments, shifting the burden of responsibility of the subject to this inclusive 'we' rather than the 'I', which would be considered

impolite or aggressive in Hindi. Of course, one could also just trace this use of ‘we’ as subject to the use of Hindi first person plural ‘hum’ as singular self reference. But if that was the case, then this feature should have been present in the utterances of male speakers as well. Citing an example from a study by Goodwin where organisation of talk in single sex groups of children was analysed, Graddol and Swann observe that, “(...) the girls group was not organized hierarchically and there was minimal negotiation of status. Directives took the form of proposals for a future activity rather than an explicit command. A ‘we’ form was often used, which included the speaker in the proposed activity” (cf. Graddol/Swann 1989: 81). That the ‘we’ was used by female speakers especially in utterances in face threatening situations points to the fact that female speakers were more concerned about playing a ‘mature’ and ‘supportive’ partner. But it was clear that through these supportive arguments female speakers managed to round off many topics very decisively in their favour.

(Example:16)

F1: I think why we found it very strange was because we live in a very different set up and we can not accept that in such a age people are//trying to be friends	F1: I think why we found it very strange was because we live in a very different set up and we can not accept that in such an age people are//trying to be friends
M2: Hmmm wahi baat hai	M2: Hmmm that’s the point
M1: Yah, apne hi context mai maine bola	M1: Yah, I also meant it in our context

Looking at the different styles of collaboration in a conversation event is one way of figuring out in what way gender could affect verbal interactions, but this also calls for caution against reading into such examples to find an exclusive gender related pattern of behaviour. The extension of the social expectation on women’s linguistic behaviour is in tune with the fact that women in India are generally socialized to play a supportive role. There are subtle and not-so-subtle ways of imposing these linguistic norms, which become that much more rigid in case of female language users. In the case of Hindi, notions like women talk too much, or that women cannot be trusted with secrets are common, putting restrictions on linguistic behaviour of women.

12 Conclusion

In sum, language is not a gender neutral instrument of expression nor is it free from socio-cultural prejudices. It contributes to the process of shaping and reshaping of identities by virtue of its own dynamic nature and thereby gets used creatively or gets manipulated to create social distinctions. In theory the two approaches of 'difference' and 'dominance' have brought out the role of language in creating social gender differentiation. It is through using the language that we become gendered members of the speech community. In studying the intertwined relationship between language and construction of gender, the agency remains a point of debate. But looking at language use as one of the varied social practices, it becomes possible to understand the social factors underlying each speech act. As Thorne argues, "Larger structures are instantiated, reproduced, and challenged through the daily practices of social actors, who in turn are constrained and enabled by social structures" (cf. Thorne 2001: 11). The language user as social actor conforms to as well as deviates from the social norms of speaking. She constructs, destroys and redefines her territories and her identity. Gender is one such social identity, "a complexity whose totality is permanently deferred, never fully what it is at any given juncture in time" (cf. Butler 1990: 16). However, societies have tried to fix this ambivalence in gender identity by using compartmentalised instructions for language use separately for men and women. A child internalises her gender identity and in performing it she conforms to the gender stereotype. As literature on gender and languages shows, there is hardly any language in the world that is completely gender neutral and efforts at creating such a language have not borne fruit. That leaves us with the alternative of using whatever languages we have in a best possible way to subvert linguistic gender discrimination. As highlighted in the discussion earlier, the strategies could include using the same language or using code mixing.

For the urban women in India, globalisation meant increased economic equality and exposure to changed lifestyles. On an individual level it also meant redefining gender relations and changing the hierarchy in man-woman relationships. With the economic independence there is a heightened sense of liberation in all spheres of social life, a confidence to fuzz the rigid boundaries of gender roles. With the new films and media celebrating this liberated woman, who is ready to assert her sexual needs, who is ready to explode those long held notions of morality, one would

expect that the changes are not just superficial. But as it soon became obvious in the course of the classroom discussion, the surface changes can not become part of the common vocabulary, for the obvious reason that there is still a vast gap between the screen image of this new woman and the ground reality. Social considerations define the limits of this assertiveness of the women, whereas men are happy to be liberal within the larger frame of the social sanctions. The educated urban woman in India speaks in favour of change and the educated urban male supports her, but one just needs to scratch the surface to see the time tested formulae of gender roles firmly in place. The way the urban woman happily balances this emerging promise of independence with her gendered social identity, makes it necessary to rethink some aspects of looking at gender in a gradually changing, traditional society like India. Although here gender stereotypes are deeply anchored in the social psyche and they remain a valid form of establishing social hierarchies, finding their justification through religion and traditions, challenging the existing notions of linguistic femininity or masculinity will go a long way towards displacing these gender stereotypes.

1 For a discussion on depiction of the death wish for a girl child see: Death Wish for Daughters – Son Preference and Daughter Aversion in Bihari Folk Songs, by Sangeeta Krishna <http://free.freepreach.org/manushi/131/deathwish.html>

2 A tricycle pulled by a man, which can be hired to cover short distances. A common mode of transport in many Indian cities.

References

- Asmita (2003): <http://www.wacc.org.uk/modules.php?name=News&file=print&sid=1330>
- Bhog, Dipta (2004): Her Mind Her Country <http://www.indiatogether.org/2004/oct/wom-civics.htm>
- Butler, Judith (1990): *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge.
- Cameron, Deborah (1992): *Feminism and Linguistic Theory*. London: Macmillan Press.
- Cameron, Deborah (1995): *Verbal Hygiene*. London: Routledge.
- Coates, Jennifer (1993): *Women, Men and Language*. London: Longman.
- Eckert, Penelope/McConnell-Ginet, Sally (2003): *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gandhi, Nandita/Shah, Nandita (1991): *The Issues at Stake – Theory and Practice in the Contemporary Women's Movement in India*. New Delhi: Kali for Women.
- Gill, KPS (2004): “Plumbing the Depths”. In: *Outlook*, Issue Sept 10 <http://www.outlookindia.com/full.asp?fodname=20040910&fname=kps&sid=1>

-
- Graddol, David/Swann, Joan (1989): *Gender Voices*. Oxford: Blackwell.
- Hall, Kira/O'Donovan, Veronica (1996): "Shifting Gender Positions among Hindi-speaking Hijras". In: Bergvall, Victoria/ Bing, Janet/ Freed, Alice (eds.) *Rethinking Language and Gender Research Theory and Practice*. London, Longman: 228-266.
- Hall, Kira (2002): "'Unnatural' Gender in Hindi". In: Hellinger, Marlis/ Bussman, Hadumod (eds.) *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Amsterdam, Benjamins: 133-162.
- Hellinger, Marlis (1984): "Effecting Social Change through Group Action, Feminine Occupational Titles in Transition". In: Kramarae, Cheris/ Schulz, Muriel/ O'Barr, William (eds.) *Language and Power*. New Delhi, Sage Publications: 136-153.
- Kachru, Braj (1984): "The Alchemy of English-Social and Functional Power of Non-Native Varieties". In: Kramarae, Cheris/ Schulz, Muriel/ O'Barr, William (eds.) *Language and Power*. New Delhi, Sage Publications: 176-193.
- Mills, Sara (ed.) (1995): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London: Longman.
- O'Barr, William (1984): "Asking the Right Questions About Language and Power". In: Kramarae, Cheris/ Schulz, Muriel/ O'Barr, William (eds.) *Language and Power*. New Delhi, Sage Publications: 260-280.
- Romaine, Suzanne (1999): *Communicating Gender*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sahoo, Kalyanamalini (2003): "Linguistic and Socio-Cultural Implications of Gendered Structures in Oriya". In: Hellinger, Marlis/ Bußmann, Hadumod (eds.) *Gender Across Languages*. Amsterdam, John Benjamin Publishing Company: 239-257.
- Sundar Rajan, Rajeswari (1993): *Real and Imagined Women-Gender, Culture and Postcolonialism*. London: Routledge.
- Taneja, Jaidev (2002): "Contradictions and Complexities: Women in Modern Hindi Drama". In: Subramanyam, Lakshmi (Ed.) *Muffled Voices – Women in Modern Indian Theatre*. New Delhi, Shakti Books: 76-90.
- Tannen, Deborah (1994): *Gender and Discourse*. Oxford: Oxford University Press.
- Thorne, Barrie (2001): "Gender and Interaction – Widening the Conceptual Scope". In: Baron, Bettina/ Kotthoff, Helga (eds.) *Gender in Interaction*. Amsterdam, Benjamins: 3-18.
- Thorne, Barrie/Kramarae, Cheris/Henley, Nancy (1983): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newberry.
- Wood, Wendy/Rhodes, Nancy (1992): "Sex Differences in Interaction Style in Task Groups". In: Ridgeway, Cecilia (ed.) *Gender, Interaction, and Inequality*. New York, Springer-Verlag: 97-121.

THE LINGUISTIC DIMENSION OF GENDER EQUALITY: A HUMAN RIGHTS PERSPECTIVE

Alissa V. Tolstokorova

Kiev Centre for Gender Information and Education

Ukraine

alicetol@yahoo.com

Summary :

The subject-matter of this essay is gender justice in language which, as I argue, may be achieved through the development of a gender-related approach to linguistic human rights. The last decades of the 20th century, globally marked by a “gender shift” in attitudes to language policy, gave impetus to the social movement for promoting linguistic gender equality. It was initiated in Western Europe and nowadays is moving eastwards, as ideas of gender democracy progress into developing countries. But, while in western societies gender discrimination through language, or linguistic sexism, was an issue of concern for over three decades, in developing countries efforts to promote gender justice in language are only in their infancy. My argument is that to promote gender justice in language internationally it is necessary to acknowledge the rights of women and men to equal representation of their gender in language and speech and, therefore, raise a question of *linguistic rights of the sexes*. My understanding is that the adoption of the Universal Declaration of Linguistic Rights in 1996 provided this opportunity to address the problem of gender justice in language as a human rights issue, specifically as a gender dimension of linguistic human rights.

Palavras-chave

Género ; Língua; Direitos; Igualdade; Ucrânia; Europa

Key Words

Gender; Language; Rights; Equality; Ukraine; Europe

Introduction

The Movement for women's liberation is one of the most influential social movements of the century, whose purpose is to eliminate gender inequalities at an international level, to increase women's participation in all aspects of societal life, and to achieve greater influence on its current development. In the last decades of the 20th century, it affected the major areas of life worldwide and encouraged great improvements in the absolute status of women: their educational level, life expectancy, and position in the labour market, as well as their income rates have increased considerably, while illiteracy, maternal mortality, and total fertility are beginning to fall (*Toward Gender Equality* 1995: vii). However, despite the convincing progress in this area, achieving comprehensive gender equality still remains one of the major problems of the international women's movement. Significant gender asymmetries in the promotion of human rights, access to resources, decision-making, health-status, and schooling persist worldwide, but especially in developing countries.

The current work is devoted to the analysis of one of the many impacts women's movement is having on society, particularly, its influence on language as a powerful means of structuring public consciousness. It addresses the problem of the negative gender effect of an *androcentric language*, claiming that it should be regarded as a violation of human rights and outlawed by means of a *gender-sensitive approach to linguistic rights*.

The influence of the women's movement for language change may be traced in recent developments concerning problematic usages in the language of international official documents, for example, the text of the Charter of Fundamental Rights of the European Union. A gender-sensitive linguistic expertise of this text does not provide any grounds for criticism. However, the history of this document shows that its draft contained language patterns that were qualified by European women's organizations as a manifestation of linguistic discrimination. It was not until the press release of the European Women's Lobby (EWL), condemning the sexist language of this document, was issued on 3 August 2000, that gender-sensitive amendments were introduced into the final text. In the English version of the draft Charter, linguistic sexism occurred several times, for example in article 3 (1) which initially read: "Everyone has the right to the respect of *his* physical and mental integrity". The EWL press release focused on the use of sexist language in the Charter as a tool for women's exclusion from its provisions. It qualified linguistic sexism as a form of gender discrimination, which "although sometimes unintentional, is nonetheless damaging in excluding women and in

rendering our reality and our experience invisible” (European Women’s Lobby 2000). After the EWL protest, the language of the document underwent gender-sensitive corrections and today it can be identified as gender-fair. Therefore, the political correctness of language of the Charter resulted from the pressure of European women’s organizations, particularly, from members of the European Women’s Lobby, as the largest coordinating body of national and European non-governmental women’s organizations in the European Union (EU).

But at the same time, the attitude of the women’s movement towards unequal linguistic representation of women and men in countries outside the EU does not provide equal grounds for optimism. Particularly in Central and Eastern Europe (CEE) and especially in the countries of the Former Soviet Union (FSU), the necessity to encourage gender correct language usage in political discourse is not recognized as a serious problem by women’s organizations. Research showed numerous cases where documents of national significance and even clauses on gender equality contained terminology perpetuating gender stereotyping, and reflected commonly accepted sexist practices in official languages. For example, the New Constitution of Ukraine contains the following articles:

Article 28. Everyone has the right to be respected in his dignity;

Article 32. No one may be subjected to intrusions into his private and family life;

Article 43. Everyone has the right to work, which includes the possibility of earning one’s living by the work that he is free to choose (*Nova Konstytucia Ukrainy* 1997).

The implicit message conveyed by these fragments of the Constitution of Ukraine is that the Fundamental Law of the country addresses only men, because women are grammatically excluded. Especially challenging from this point of view is the Article 24, which declares gender equality in the Ukrainian society by using formulations that are discriminatory towards women as citizens. It states: “The equality of men and women is ensured by giving women opportunities in civil, political, and cultural activity, which are equal to men’s”. According to this article, while men have their own rights, women should be given their rights. Besides, women’s rights are to be measured by those of men, the latter being the norm that defines legislative standards for other groups in society. In other words, men can share their social opportunities with women and women have to receive them from men, as if women were socially disabled individuals, incapable of obtaining their rights by themselves, and in constant need for masculine guidance. The cited articles of the Constitution of Ukraine contain examples

of gender-biased language, or linguistic gender discrimination, through which the social status of Ukrainian women is verbally undermined in the Fundamental Law of society, which eventually results in the inferiority of their social image. The goal of the current paper is to show that the wording of these articles represents a violation of women's rights for equality in linguistic self-representation, and correspondingly of their linguistic rights, as acknowledged by the Universal Declaration of Linguistic Rights in 1996.

Gender Bias in Language as a Socio-Linguistic Phenomenon

The central concept of this paper is that gender-biased language is a manifestation of inequality between female and male-referring terms (Swann 1992: 35), which leads to gender discrimination by means of language, to women's linguistic exclusion from the public awareness, and eventually to women's social marginalization. Some radical authors identify it as a form of "linguistic genocide" of women (*die sprachliche Vernichtung der Frau*) (Hellinger 1986), as a "patriarchal imperialism in the area of language", and as a "linguistic colonization with masculine terms taking over feminine territory" (Wodak 1989: 273-4).

The opinion accepted by many researchers of language and gender is that linguistic sexism is a part, as well as an indicator, of societal sexism, i.e., of sexism as a social phenomenon *per se*. Sexist language is a manifestation of the presence of sexist tendencies in a society at large, and at the same time it is a mechanism for the establishment of gender asymmetries. Therefore, the challenging of gender-bias in language is viewed by scholars as an important feminist strategy to engender social order and to eliminate sexism in society (Wheatherall 2002: 10).

As far as language conveys attitudes, sexist attitudes stereotype a person according to her/his gender, rather than by judging that person on individual merits (Holmes 2001: 305). Decades of empirical research support the claims of feminist scholars that "language can have negative real-world consequences, especially for women and girls" (Frank 1989: 2), because it fails to reflect adequately their presence in society. The research of the linguistic portrayal of women and men in texts and discourses across languages has revealed many common discriminatory practices, conveyed by sexist language (Casey, Miller 1977: 122-38; Graddol, Swann 1985: 112-

13; Hellinger 1980; Mills 1995; Pauwels 1998: 34-5; Richardson 1997; Schulz 1975; Thomas, Wareing 1999: 70-4; Weatherall 2002: 12-31; Wodak 1989):

- It marginalizes women, excludes them from the area of language functioning, and makes them linguistically invisible;
- It reinforces stereotypical gender roles, i.e., perpetuates stereotypes about the “correct” way for a man or a woman to behave;
- It can be patronizing, deprecating, and derogatory;
- It defines women narrowly, mostly in terms of their marital status, thus reinforcing the attitude towards women only as marriage material;
- It represents masculine forms as the norm for language, and feminine forms as marked, derivative, secondary, and subordinate, thus creating linguistic asymmetries in the presentation of sexes.

The linguistic manifestations of sexism, criticized by feminist linguistic scholarship, enlist a clear over-use of masculine generic nouns and of gender-specific pronouns (Barron 1986; Hellinger, Bussman 2001: 7-8; Martyna 1980), of gender-exclusive job titles (Decamps 2001; Gervais 2001; Doyle 1995: 63-4; Powels 1987), and of honorifics and forms of address to women (Doyle 1995: 39-40; Pauwels 1987; Smith 1985: 42-5), among others.

The notion of gender-discriminatory language as a component part of a wider concept of gender discrimination was emphasized by the international women’s liberation movement in the 1970s, when the active entrance of women into the labour market made them insecure and unprotected, under socio-economic conditions counted predominantly for men. Women’s position within the economic space was not identified in national legislations, which provided employers with the possibility of both covert and overt gender discrimination. This situation defined the necessity of legitimising the new position of women in the economic structure of society. In response to this development, many countries started to work on special measures, which could regulate the rights of the sexes in the labour relations system. In turn, this process gave rise to the international discourse about women’s human rights and encouraged the necessity to develop legislation that could protect women’s rights in the labour market. In the period between 1960 and 1980, non-discrimination laws were introduced in the national legislation of the industrially developed countries of the world. These laws included

clauses concerning the language of official job vacancy announcements, a necessary means to promote employment equality in the labour market. This regulation was based on research findings, which convincingly proved that gender-biased language in employment advertising and job interviewing resulted in the restriction of women's presence in the labour force.

In academic literature, the problem of gender-unfair language is usually approached by the feminist linguistic tradition in terms of its social and ethical consequences. But nowadays it is imperative to emphasize the economic effect of gender-exclusive language on women's lives. It is particularly relevant in Central and Eastern Europe (CEE), where women are economically vulnerable and unprotected, partly as a result of their invisibility in the language of law and important state documents, as demonstrated in the fragments from the Constitution of Ukraine cited above. The issue of political correctness in language acquires particular significance in the context of the Eastern enlargement of the European Union, in the course of which eight CEE states joined EU in May 2004¹; two more countries were enlisted as candidates for EU entry², and a number of others are willing to join EU in the nearest possible future.

According to the Treaty of Amsterdam of 1999, one of the prerequisites for EU candidate countries is the introduction of gender mainstreaming policy, and the adoption of gender-sensitive legislation. As mentioned above, EU older member-states integrated gender equality laws into their national legal framework decades ago, with a special emphasis on the linguistic aspect of gender justice. At the same time, in CEE accessing countries, the principle of linguistic gender equality and its socio-economic consequences for the sexes is not yet viewed as a significant legislative issue. Even in the states that have already adopted gender equality laws, the issue of gender-inclusive language has still not been incorporated into equality legislation. The exception is Slovenia, where the Article 25 of the Employment Relationship Act determines that gender-specific job advertising is illegal. In 2002, the National Assembly of Slovenia adopted a special provision, which guarantees the non-sexist use of language in legislation³. Meanwhile, international advocacy organizations have found evidence of a

¹ The Czech Republic, Estonia, Hungary, Latvia, Lithuania, Poland, Slovakia and Slovenia.

² Bulgaria and Romania.

³ See: Ob obravnavi II. in III. periodičnega poročila Slovenije o uresničevanju CEDAW 2003, and *Third Periodical Report of Slovenia on the Realization of the Convention about Forms of Discrimination Against Women* 2003: 13.

direct correlation between linguistic strategies of recruitment policies and women's employment possibilities in Central and Eastern Europe. For example, the Human Rights Watch Report on Ukraine for 2003 provides evidence of gender discrimination in the language of job advertising and interviews, resulting in women's exclusion from the work force. It informs that job advertisements in the Ukrainian media specify "man" among the requirements for working in business and government agencies, and employers often deny women employment based on age and marital or family status (Ukraine: Women Facing Job Discrimination, 2003). In this way, women's access to the labour market and career opportunities are linguistically restricted. As a result, the labour rights of women from Central and Eastern Europe are less protected in what concerns job recruitment, and their career opportunities are lower than those of their western sisters. Therefore, it is possible to speak about particular linguistic causes of higher economic vulnerability, lower competitiveness, and a less secure position of women from post-communist countries, within the European Union joint economic space.

The resolution of the European conference on gender equality and democracy, held under the auspices of the Council of Europe in Strasbourg in 1995, emphasized that the language that society uses reflects its commitment to the equality between women and men. The recognition that sexist stereotypes and discrimination continue, through the use of a gender-biased vocabulary, is an important step towards the achievement of genuine democracy. Since language structures social thinking, it is through the development of a non-sexist vocabulary that awareness can be broadened and users empowered without prejudice (Council of Europe, 1995). This is why the awareness of society of the existence of sexist tendencies in its language practices is one of the major conditions for the success of a policy aimed at the promotion of linguistic gender equality.

A Gender-Sensitive Linguistic Reform: Feminist Perspectives

In the last decades of the 20th century, verbal harassment and abuse on the grounds of gender were increasingly recognized as a form of linguistic discrimination. Sexist language was acknowledged as a powerful tool of social deprivation, undermining women's status in society. Increased public awareness of the social effect of gender-biased language triggered campaigns for political correctness in language,

leading to a linguistic reform on feminist principles. Initiated by scholars and activists of second-wave feminist linguistics, the gender-sensitive approach to language policy and planning was implemented in United States of America, Canada, United Kingdom, West and East Germany, Austria, France, Australia, New Zealand, Spain, Italy, Belgium, Switzerland, the Netherlands, and the Nordic countries, mainly in Sweden, Norway and Denmark. Quite recently, the documentation of linguistic gender bias has spread to Oriental and African languages, such as Chinese (Tan 1990; Ettner 2001), Japanese (Shibamoto-Smith 2001), Thai (Pauwels 1998: 16-17), Hebrew (Spolsky 1998: 38; Tobin 2001), Greek (Pavlidou 2001), Joruba (Yusuf 2002), and Ube (Chukwukere 2000). The necessity of overcoming the linguistic androcentricity of discourse is emphasized by researchers of Slavic languages, such as Polish (Koniuszaniec, Blaszkowska 2001), Czech (Cmejrkova 2001), Romanian (Maurice 2001; Miroiu 1998), Russian (Doleshal 2001), Ukrainian (Tolstokorova 2004), and Lithuanian (Kaledaite 1995).

Taking into account the universal tradition of neglecting women's linguistic personality, shaped within the linguistic context of a patriarchal society, the gender-sensitive approach to language planning highlighted as its priority the task of reforming and enriching language resources with linguistic realities, capable of reflecting a specifically female vision and perception of the world. But at the same time, the methodology and approaches to gender-sensitive language planning are viewed differently in different societies. The proponents of a feminist reform in language have divergent views regarding either the scope of the suggested innovations or their directions, methods, and strategies. The proposed options vary widely, ranging from coining special "women-specific" and epicene grammatical forms – like the personal pronouns "E" or "IR" (Eade 1970), or words and word-forms such as *femocrat* (for democrat), *herstory* (for history), *womyn* or *wimmin* (for woman) (Romaine 1989: 29; Pauwels 2003: 555) – to the construction of entirely new, specifically female languages, as the Láádan (Elgin 1988).

As S. Ehrlich and R. King rightly observe, a language reform requires primarily institutional changes, i.e., the implementation of language reforms in agencies, companies and organizations, in the form of policy statements, guidelines and the insurance of compliance with those guidelines (Ehrlich and King 1998: 186). During the last three decades, a large number of different institutions, such as educational establishments, publishing houses, and all types of public organizations have developed

gender-free or anti-sexist language policies, which advocate that care must be taken to avoid sexist usage in documents (Mills 1995: 87). The main sections of society, viewed by feminists as the target areas of the gender-sensitive language reformation, include legislation (primarily in the area of employment policies and in texts of official documents), education and academia (e.g. in educational and reference materials, naming of courses, and university equality policies), mass media (e.g. in editorial policies and style guidelines), publishing practices and advertising (e.g. in official employment announcements), clerical procedures (in the text of bibles, books of prayers and hymns, sermons, and in all denominational publications), governmental and non-governmental organizations, trade unions, professional councils, associations, and learned societies (e.g. in corporate codes of ethics and policies).

The necessity of promoting the gender-accurate language of official documents has also been a matter of concern in major international and supranational organizations. The first attempts to challenge the patriarchal social paradigm through language were undertaken within the wider perspective of anti-discrimination legislation. Regulations regarding employment equality, as exemplified by the 1976 guidelines of the *European Community* (now EU), made gender discrimination in the area of professional life illegal and provided an important background for the development and dissemination of a non-sexist language.

In the *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), gender-justice in language was first addressed by representatives of Canada and the Scandinavian countries in 1987, at the 24th session of the General Conference, which made a call to avoid gender-biased language in this organization. The UNESCO General Conference developed a special resolution dealing with this issue. It contained an appeal to the Director-General to “adopt a policy related to the drafting of all the organization’s working documents aimed at avoiding, to the possible extent, the use of language which refers explicitly or implicitly to only one sex” (UNESCO 1987, p. 4). The General Conference went on to adopt an increasingly firm stance on sexist language at its 25th (1989), 26th (1991), and 27th (1995) sessions. In later issues, three editions of UNESCO guidelines on gender-neutral language in English, French, and later German and Spanish were published.

In 1990, the *Council of Europe* (CE) adopted a special document which acknowledged that sexist linguistic usage in CE member states “is hindering the establishment of equality between women and men since it obscures the existence of

women as half of humanity, while denying the equality of women and men” (Council of Europe 1990: 1). Having admitted the connection between language and the social order in society, this document recommended the governments of member states to: 1) take all the measures they considered appropriate in order to encourage the use of non-sexist language, taking into account the presence, status and role of women in society, as the current linguistic practice does for men; 2) bring the terminology used in legal drafting, public administration, and education into line with the principles of gender equality; 3) encourage the use of non-sexist language in the media.

In July 1998, the *United Nations Organization* (UN) issued an editorial directive on gender-neutral language (*United Nations editorial directive on gender-neutral language* 1998). More recently, on 28 January 2003, the Committee on Women’s Rights and Equal Opportunities of the *European Parliament* published a document emphasizing the necessity of taking measures against the sexist practices reflected in male-biased language, as an obstacle to the equality between men and women (European Parliament 2003). The international advocacy organization *Amnesty International*, which has a presence in many countries of the world, has adopted a non-sexist language policy, mandatory for all its members (Amnesty International 1998).

At the same time, as S. Mills correctly observes, the problem of gender-discriminatory language persists because whilst significant changes have happened in the type of language used to describe women or the relative merits of either sex within these institutions, it is clear that their non-sexist policies are not always being put into practice in many documents and interactions (Mills 2003).

Today, the issue of gender-fair language usage attracts the public commitment as well as the attention of the international academia and mass media, and its geography is gradually expanding east and southwards, as the movement for gender democracy develops in this direction (Cameron 1995: 3). The international legacy of the collective actions of women’s rights advocates for the promotion of linguistic gender justice provides grounds to qualify their struggle as a separate trend within the women’s movement, with its own history and geography, ideology and methodology, strategies and tactics.

The Challenges of a Gender-Sensitive Language Reformation

Anti-sexist language campaigns, like the women's movement that inspired them, have had a varying scope of success in achieving their ambitious goals in different countries. However, their results convincingly demonstrated considerable transformations in the public gender awareness and sensitivity, in the period that followed the introduction of linguistic strategies in the gender legislation of the countries where gender-sensitive language reformation was implemented. Specifically, there was a considerable decrease in the use of gender-marked forms in the media, and primarily in youth editions (Pauwels 1998). As Ch. Ettner rightly points out:

Elsewhere in the world, no movement or campaign has yet effected the total elimination of sexist language among its subject people. And yet, success in each instance exists not merely in the resulting reduced usage of sexist language forms, but also in the people's newly increased awareness and heightened sensitivity to sexist language, and especially in the irrevocable seeds of language change and reform that are planted (Ettner 2001: 51).

At the same time, despite the many advances in the elimination of gender-biased language witnessed worldwide over the past twenty years, there is still a number of problems which remain unresolved and therefore have to be addressed. It is true, that despite a considerable progress in the gender purification of language since the 1970s, it will probably take another generation for these changes to be fully incorporated into the language. As emphasised by J. Markowitz, unless the new linguistic regulations are actually reinforced, institutional compliance tends to be minimal (Markowitz 1984).

First, although the problem of gender-discriminatory language is global, each state addresses it in the framework of its own domestic policies, facing the necessity to develop national strategies for the eradication of linguistic forms of gender discrimination. There are no international legal frameworks, which could codify standards of linguistic political correctness conceptually, and provide the possibility to combat linguistic sexism worldwide on the basis of a unified, coordinated and coherent approach.

Second, while in industrially developed societies the problem of sexist language usage has been actively debated and researched for over three decades, and was eventually outlawed, in developing countries it is hardly publicly articulated, or addressed legislatively. Changes towards a gender-fair language are conditioned there, on the efforts of individual women's movement activists and organisations, often in need of a well-developed theoretical foundation or a program of public action. Feminist

linguistic scholarship faces similar problems as Women's Studies in general: the lack of concrete data, the sexist bias of the available data, the necessity of generating new perspectives "from nowhere" – mainly from women's own experience and intuition (Jones 1980).

Third, campaigns against androcentric language are largely confined to conscience-raising techniques: guidelines developed by feminist pressure groups in the form of self-regulating principles, to be adopted by sympathetic individuals, for example, editors and publishing houses (Cirillo 2002). Otherwise speaking, the current achievements of the movement for the promotion of linguistic gender justice are limited to the administrative sphere, as they consist of the dissemination and implementation of recommendations on non-sexist language use, which are only voluntary (Cameron 1985: 89; Pauwels 1987: 24).

Fourth, even in countries that have had some success in feminist linguistic reformation, one real problem is the absence of juridical regulations that could make gender-sensitive language a norm of language functioning, and guarantee its mandatory use in every spheres of life and not only in recruitment policies. This legislative lacuna allows those who do not want to acknowledge the necessity of linguistic gender equality and are opposed to gender-fair language to avoid rules of gender correctness in language, without any serious consequences for themselves.

Fifth, although many researches claim that there is a decrease of sexist usage in the public discourse of "post-reform countries", other commentators doubt the fruitfulness of a gender-sensitive language reformation, suggesting that today linguistic sexism is simply acquiring new forms, becoming more covert, implicit, indirect and therefore more difficult to identify and to counteract (Mills 2003).

Sixth, in those countries which are progressive in issues of equal opportunities policy, especially in Scandinavia, the discussion about feminist language has been marked by stagnation. The linguistic debate generally indicates an adherence to the ideology that the problem of linguistic inequality is solved and that gender-fair language usage has already been achieved, instead of bringing up for discussion the still existing asymmetries and inconsistencies in the language system, usage and perception (Hornscheidt 2001: 362; Gomard, Kunoe 2001: 82).

Seventh, many language users perceive the feminist attempt at language gender reformation as a pointless and unnecessary undertaking. Strong resistance to reformation efforts is a universal tendency, both from the general public and from

scholars, and, on top of that, from decision making bodies and gatekeepers of language, as reflected in the debates in the press “where anti-sexist language is often ridiculed and scorned” (Romaine 1999: 297).

These arguments lead to the conclusion that linguistic forms of gender inequality are a global problem, requiring a universal, coherent and coordinated solution. It can not any longer be treated as an issue of domestic language policies within a group of legislatively advanced societies, but it must be addressed at the level of international legislation and policy-making. It is necessary to address linguistic sexism not only as a breach of ethical norms and rules of political correctness in different languages, but also as a violation of human rights worldwide.

The Gender Dimension of Linguistic Rights

Bearing in mind that societal sexism *per se* is generally acknowledged as a form of discrimination and as a violation of human rights, linguistic sexism should also be regarded as a human rights issue. In the framework of this approach, the development of effective legislative measures for the eradication of gender-unfair language usage requires, first of all, the identification of the civil rights and freedoms that are violated by this form of discrimination. Until recently, the juridical solution for this problem was problematic, due to the absence of a corresponding human rights provision which could be claimed as having been violated, in a case of gender-based linguistic discrimination. A legal mechanism that provides the possibility to address gender-based linguistic discrimination as a human rights issue appeared in 1996, when the concept of Linguistic Human Rights (LHR) was legitimised by the Universal Declaration of Linguistic Rights (UDLR)⁴, approved on 6 June 1996, by the World Conference on Linguistic Rights. This World Conference was an initiative of the Committee for Translation and Linguistic Rights (International PEN) and the International Escarre Center for Ethnic Minorities and Nations (CIEMEN), with the moral and technical support of the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO). The Declaration recommended and promoted the institution of the World Commission on Linguistic Rights (WCLR), a non-official, consultative body, incorporating representatives of non-

⁴ Universal Declaration of Linguistic Rights, prepared at the World Conference on Linguistic Rights in Barcelona, published by International PEN (Committee for Translation and Linguistic Rights) and CIEMEN (Escarre International Center for Ethnic Minorities), 1996. See also: <http://www.linguistic-declaration.org/index-gb.htm> (accessed 20.03.2004).

governmental and other organizations working in the field of linguistic legislation. The goal of the WCLR was to develop the Declaration into an International Convention of the United Nations.

The problem is that the UDLR treats the concept of linguistic rights in a very narrow way, restricted to the rights of linguistic minorities. Therefore, in their current definition, LHR cannot be used to address the problem of gender-unfair language usage. For this purpose, the content of the notion of LHR has to be reconsidered and expanded, primarily in terms of its social dimension. Such understanding of LHR will ensure a legal basis for the promotion of gender-fair language internationally, and will encourage the gender purification of language in societies that are experiencing a deficit of linguistic democracy.

It should be taken into account that linguistic human rights scholarship is not yet a fully institutionalised research field. The concept of linguistic human rights has a complicated and somewhat contradictory history. This notion was the fruit of a long process of reflection and its official recognition became possible only after a long international debate. Much remains to be done in terms of both theory and practice of LHR protection and promotion. Researchers in this field are still confronted with considerable challenges in clarifying the nature and scope of linguistic human rights.

One of the major problems is that the effort to implement linguistic human rights has been focused on the protection of the languages of ethnic minorities, but it has ignored the problems of many other linguistic groups and communities, whose rights to the use of language are also unprotected, as for example deaf communities, users of sign and man-made languages (e.g. Esperantians), etc. There is a legislative void in what concerns the linguistic rights of interpreters, the women's rights to linguistic identity (e.g. the right to maintain the maiden name) (Pauwels 1987: 131), the right to be protected against discriminatory language on grounds of race, age, sex and physical abilities, etc. There is a large amount of literature about challenging issues on Linguistics, which are theoretically connected with the concept of LHR and can be conceptually embraced by it, but which are still not covered by linguistic legislation⁵.

Another problem is that the terms "language rights", "linguistic rights" and "linguistic human rights" are interchangeably used in scholarly works, all the three

⁵ Such as: "a right to a language identity" (D. Crystal); "communicative rights and responsibilities" (F. G. De Matos); "interactional rights" in communication (D. Zimmerman and C. West); "conversational rights and obligations" (H. Sacks); "linguistic rights of talk, topic control and turn-taking" (A. Goddar); "pronunciation rights" (F. G. De Matos), etc.

being understood as a part of the ethnic minorities rights and as a derivative from them. As a result, different ways of thinking about the rights to language use have blended within the international human rights system. Historically, the notion of linguistic rights and, later, of linguistic human rights merely replaced an earlier concept of language rights, highlighting the right of speakers to resist global pressures and to use, maintain, and develop their local languages (Dor 2003: 97), without changing its semantic implications. The founders of the linguistic human rights theory identify the conceptual correlation between these notions with a formula: “language rights + human rights = linguistic human rights” (Skutnabb-Kangas 2000: 484). At the same time, it is emphasized that the concept of language rights (not strictly identified) is obviously much broader, as far as “there are many language rights which, while important, cannot (and should not) be seen as linguistic human rights” because “if the scope is extended too much, linguistic human rights become meaningless” (Skutnabb-Kangas 2000: 496). In practical terms, in the international debate about linguistic (human) rights⁶, these three terms are used interchangeably, all the three referring to ethnic minority groups, but ignoring other social groups and communities.

The synonymic use of the three above-mentioned terms is an unjustified restriction of the concept of LHR, resulting in the narrowing of its sphere of application and functioning. The semantic connotations of the term “language rights” suggest its interpretation as the “right to a language”, i.e., the “right to have, maintain, use and develop one’s language”, which is naturally associated with linguistic minorities, whose access to their native languages is often denied in the context of globalisation and, therefore, whose right to their languages is endangered. At the same time, the semantic connotations of the term “linguistic rights” allow for a much broader interpretation of this notion. In the first place, it allows us to embrace a significantly wider audience, because there are no reasons why human rights in the area of Linguistics should be a monopoly of linguistic minorities, and not belong to every language user. Logically speaking, linguistic rights should not focus only on ethnicity, nationality or the geographical reference of speakers, but must also encompass their major socially relevant characteristics, primarily race, gender and age. Therefore, they should be guaranteed to each and everyone, but first of all to those who are deprived of the possibility of fully enjoying the linguistic resources of their culture, i.e., to all those

⁶ See: Skutnabb-Kangas, Phillipson, Rannut 1995; Kibbee 1996; Kontra et al. 1999; Tollefson 1991; Phillipson 2000; Skutnabb-Kangas 2000; Schmid 2001.

linguistically endangered individuals and groups whose identity is defined not only by ethnical and national, but also by social parameters.

Besides, it is not only linguistic minorities who are challenged in exercising their right to language use – this may also be a problem of linguistic communities and individuals, who may formally belong to statistic majorities. For example, according to the last census in Ukraine, the speakers of Russian statistically represent the majority of the population of the country. However, they were officially assigned the status of a linguistic minority. One of such linguistically deprived groups are women, whose possibilities for linguistic self-representation are questioned by the feminist linguistic tradition and viewed as being restricted and threatened by the patriarchal system of social relations. Although women make the majority of the world's population, in a male-centred society their linguistic manifestation is either excluded from the language repertoire, or displaced to the periphery of language practices and, correspondingly, of linguistic consciousness. Women's life experiences, world visions and perceptions are invisible in the androcentric language, which leads to women's self-perception as secondary, insignificant and as having no value of their own.

Gender-Sensitive Linguistic Rights and Women's Linguistic Rights

The recognition of linguistic gender discrimination as a human rights issue leads to the necessity of raising a question about the linguistic rights of women and men, i.e., about gender-sensitive linguistic rights. These may be defined as the rights of both women and men for an equal representation of their linguistic qualities in language, speech and communication. If LHR are treated in a wider sense as the one offered above, including its social dimension, there is an opportunity to regard linguistic sexism as a form of *violation of linguistic human rights through gender parameter*. Given that women and men are regarded as equal subjects under the law, they should be guaranteed equal rights for their representation in language, as in any other sphere of life.

Many linguists agree that, although linguistic sexism affects both women and men, in practice discrimination against women is seen as being more serious, and has most concerned those who oppose gender-biased language (Graddol, Swann 1989: 96; Thomas, Wareign 1999: 66). In other words, it is the women's linguistic rights that are more often unprotected and, correspondingly, women should be acknowledged as the

major sufferers of linguistic gender discrimination. This requires the development of legislative standards for the protection of linguistic rights specifically for women, as a necessary tool for the observance of non-discriminatory language practices. Therefore, a gender-sensitive approach to LHR should promote women's linguistic rights by singling them out as a separate category of linguistic legislation. These rights are critically important for women, as a means of visualizing their presence in society, raising their social status, and promoting their socio-economic position. Women's organizations have to prioritise this problem as one of their central goals in advancing the position of women in society, and to incorporate LHR in the international agenda of women's rights.

Conclusion

Feminist linguistic scholarship convincingly proved that the introduction of legal steps in the change towards a more gender-fair usage – particularly the adoption of laws which forbid gender-biased advertising in the recruitment of personnel and prescribe the gender correctness of the language of official documents; the introduction of a gender-fair naming policy, etc. – may have a considerable impact on language usage and language change. Therefore, it is imperative to develop international mechanisms to address linguistic sexism legislatively. One of the possible approaches to this problem is to acknowledge linguistic forms of gender discrimination as a breach of linguistic human rights, and to introduce the notion of 'gender-sensitive linguistic rights' or of 'linguistic rights of the sexes' in the Universal Declaration of Linguistic Rights. This, in turn, demands a careful theoretical elaboration of the issue, its dissemination through the mass media, its bringing to the public discussion, and lobbying at the international decision-making level. The solution for this task requires the consolidation of the efforts of society as a whole: of researchers, women's rights advocates, the mass media, NGOs, government structures, and of all those who are concerned about a worldwide democratic development.

References:

Amnesty International (1998) "Qu'y a-t-il dans un mot ?" Document publié à l'occasion de la journée de femme internationale et du cinquantième anniversaire de la Déclaration Universelle des droits de l'homme.

Barron D. (1986) *Grammar and Gender*. New Haven and London: Yale University Press.

Cameron D. (1995) *Feminism and Linguistic Theory*. London: Macmillan.

Charter of the Fundamental Rights of the European Union (2000). *Official Journal of the European Communities*.

Chukwukere F. N. (2000) Ube, Language and Cognition: A Critical Discourse Analysis of Gender. *JONLAC Internet Page 4. News Articles*. Online documents at URL: <http://www.apnilac.4t.com/custom3.html> (accessed 05.05.2005).

Cirillo Ch. (2002) Sexism and Gender Issues in the Italian Language. *Multilingualism in Italy. Past and Present*. Lepschy A. L., Tossi A. (Eds.). Oxford: Legenda, 141-9.

Cmejrkova S. (2001) Communicating gender in Czech. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V.3, 27-57.

Council of Europe (1990) *Recommendation No R (90) 4 of the Committee of Ministers to member states on the elimination of sexism from language and explanatory memorandum* (adopted by the Committee of Ministers on 21 February 1990, at the 434th meeting of the Ministers' Deputies).

Council of Europe (1995) *Materials of the European Conference "Equality and Democracy: Utopia or Challenges?"*.

Decamps S. (2001) Faut-il féminiser les termes de profession? L'interprétation des offres d'emploi. *La langue Française au féminin. Le sexe et le genre affectent-ils la variation linguistique?* Armstrong N., Bauvois C., Beeching K., Bruyn M. (Eds.). Paris: L'Harmattan, 189-204.

Doleshal U. (2001) Doing Gender in Russian: Structure and Perspective. *Gender Across Languages: The Linguistic Presentation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 1, 253-82.

Dor D. (2003) From Englishization to Imposed Multilingualism: Globalization, the Internet, and the Political Economy of the Linguistic Code. *Public Culture*, 18, 97-118.

Doyle M. (1995) *The A-Z of Non-Sexist Language*. London: Women's Press.

Eade A. J. (1979) Words and politics: To each Their (?) Own. *ETC. A review of general Semantics*. N° 36, V. 3, 230-3.

Ehrlich S., King R. (1998) Gender-based language reform and the (de)politicization of the lexicon. *The Sociolinguistic Reader. V. 2. Gender and Discourse*. Cheshire J., Trudgill P. (Eds.). London/New York/Sydney/Auckland, 178-94.

Elgin S. H. (1988) *A First Dictionary and Grammar of Lááde(a)n*. Madison, WI: Society for the Furtherance and Study of Fantasy and Science Fiction (revised edition).

Ettner C. (2001) In Chinese, men and women are equal – or – women and men are equal? Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 2, 29-55.

European Women's Lobby (2000) *Women's Exclusion from the EU Charter of Fundamental Rights: Gender Gap and Sexist Language*. Press release, 3rd of August.

Frank F. (1989) *Language, Gender, and Professional Writing: Theoretical Approaches and Guidelines for Nonsexist Usage*. Frank F., Treichler P. (Eds.). New York: Modern Language Association of America.

Gerritsen M. (2001) Towards a more gender-fair usage in Netherlands Dutch. *Gender across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 81-108.

Gervais M. M. (2001) «Le Monde» et la féminisation des titres: étude comparative 1997-98. *La langue Française au féminin. Le sexe et le genre affectent-ils la variation linguistique?* Armstrong N., Bauvois C., Beeching K., Bruyn M. (Eds.). Paris: L'Harmattan, 189-204.

Gomard K., Kunoe M. (2001) Equal before the law – unequal in language. *Gender across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 3, 59-86.

- Graddol, D., Swann, J. (1985) *Gender Voices*. Oxford, Cambridge: Basil Blackwell.
- Hellinger M. (1980) "For men must work, and women must weep": sexism in English language textbooks used in German schools. *Women's Studies International Quarterly*, V. 3, N° 2/3, 267-83.
- Hellinger M. (1986) Review of L. F. Pusch *Das Deutsche als Mannersprache: Ausafitze und Glossen zur feministischen Linguistik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp. *Linguistics. An Interdisciplinary Journal of Language Sciences* 24/1 (281), 459-61.
- Hellinger M., Bussmann H. (Eds.) (2001) *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Holmes J. (2001) *An Introduction to Sociolinguistics*. Second edition. Harlow: Longman.
- Hornscheidt A. (2001) Linguistic and public attitudes towards gender in Swedish. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 3, 339-68.
- Jones D. (1980) Gossip: Notes on Women's Oral Culture. *Women's Studies International Quarterly* 2 (2/3), 193-8.
- Kaledaite V. (1995) Language and gender in Lithuania: past and present. *Nordlyd*, № 23, 62-9.
- Kibbee D. A. (Ed.) (1996) *Language Legislation and Linguistic Rights*. Selected Proceeding of the Language Legislation and Linguistic Rights Conference, the University of Illinois at Urbana-Champaign, March 1996, Amsterdam/Philadelphia.
- Koniuszaniec G., Blaszkowska H. (2001) Language and Gender in Polish. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, Vol. 3, 259-85.
- Kontra M., Phillipson R., Skutnabb-Kangasb T., Varady, T. (Eds.) (1999) *Language, a right and a resource: Approaching linguistic human rights*. Budapest/New York.
- Markowitz J. (1984) The Impact of the Sexist-Language Controversy and Regulation on language in university documents. *Psychology of Women Quarterly*, 1984, N° 8 (4), 337-47.
- Martyna W. (1980) The Psychology of the Generic Masculine. *Women and Language in Literature and Society*. McConnel-Ginet S., Borker R., Furman N. (Eds.). Westpot/Connecticut/London, 69-78.
- Maurice F. (2001) Deconstructing gender – The case of Romanian. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, Vol. 1, 229-52.
- Miller C., Swift K. (1980) *The Handbook of Non-sexist Writing. For Writers, Editors and Speakers*. London: Women's Press.
- Miller C., Swift K. (1977) *Words and Women*. Garden City, N.Y.: Anchor Press.
- Mills S. (1995) *Feminist Stylistics*. London & New York: Routledge.
- Mills S. (2003) Third Wave Feminism and the Analysis of Sexism. *Discourse Analysis online*. Online documents at URL: <http://www.shu.ac.uk/schools/cs/teaching/slm/mills/third.html> (accessed 20.3.2004).
- Miroiu M. (1998) Dimensiunea de gen a educatiei, *Inevista*, № 22 /8, 19-25.
- Nova Konstytucia Ukrainy: Ohlyad, komentari i tekst osnovnovogo zakonu* [New Constitution of Ukraine: Survey, Commentaries and the text of the Fundamental Law] (1997) Kyiv: Naukova Dumka.
- Ob obravnavi II. in III. periodičnega poročila Slovenije o uresničevanju CEDAW. Govor ge. Mire Olup Umek, vodje delegacije (angleško besedilo, New York, 10. julij 2003. Online documents at URL: <http://www.gov.si/mzz/dkp/mny/slo/cedaw.html> (accessed 05.05.2005).
- Pavlidou Th. S. (2001) Women, gender and modern Greek. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 3. 175-99.
- Pauwels A. (1987) Language in transition: a study of the title "Ms" in contemporary Australian society. *Women and Language in Australian and New Zealand Society*. Pauwels A. (Ed.). Sydney: Australian Professional Publications, 129-54.
- Pauwels A. (1998) Feminist Language Planning: Has it been Worthwhile? *Linguistik online*, N° 1/1. Online documents at URL: <http://viadrina.euv-frankfurt-de/~wjournal/> (accessed 17.1.2004).

- Pauwels A. (2003) Linguistic Sexism and Feminist Linguistic Activism. *The Handbook of Language and Gender*. Holmes J., Meyerhoff M. (Eds.). Malden, MA: Blackwell, 550- 70.
- Phillipson R. (Ed.) (2000) *Right to Language: Equity, power and education*. Mahwan/NJ.
- Richardson L. (1997) Gender Stereotyping in the English Language. *Feminist frontiers IV*, compiled by Richardson L., Taylor V., Whittier N. New York: McGraw-Hill, 115-21.
- Romaine, S. (1999) *Communicating Gender*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Schmid C. L. (2001) *The Politics of Language: Conflict, identity and cultural pluralism in comparative perspective*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Schultz M. R. (1975) The semantic derogation of women. *Language and Sex: Difference and Dominance*. Thorne B., Henley N. (Eds.). Rowley/Massachusetts: Newbury House, 64-75.
- Shibamoto-Smith J. S. (2001) Gendered structures in Japanese. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 3, 201-25.
- Skutnabb-Kangas T., Phillipson R. in collaboration with Rannut M. (Eds.) (1995) *Linguistic Human Rights. Overcoming Linguistic Discrimination*. Berlin/New York.
- Skutnabb-Kangas, T. (2000) *Linguistic Genocide in Education – or Worldwide Diversity and Human Rights*. Mahwah, N.J.: Erlbaum Associates.
- Smith Ph. M. (1985) *Language, the Sexes and Society*. Oxford: Blackwell.
- Spolsky B. (1998) *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- Swann J. (1992) *Girls, Boys and Language*. Oxford: Blackwell.
- Tan Dali (1990) Sexism in the Chinese language. *Journal of the National Women's Studies Association*, N° 2, 635-9.
- Third Periodical Report of Slovenia on the Realization of the Convention about Forms of Discrimination Against Women* (2003). New York.
- Thomas L., Wareing, Sh. (1999) *Language, Society and Power*. London: Routledge.
- Tobin E. (2001) Gender Switch in Modern Hebrew. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Hellinger M., Bussmann H. (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, V. 1, 177-98.
- Tollefson, J. W. (1991) *Planning language, planning inequality: language policy in the community*. London: Longman.
- Tolstokorova A. (2004) Feminist Approach to Language Policy in Post-Soviet Countries and Linguistic Human Rights. *Contemporary Women's / Feminist Movements in Post Communist Countries – 10 Years After*. Branimira Mrak, Mirta Bogdanić, Sanja Kajinić, Jadranka Ivančić (Eds.) Zagreb: Zenska infoteka, 111-16 (in Croatian), 223-9 (in English), 343-9 (in German).
- Toward Gender Equality: The Role of Public Policy* (1995). Washington, D.C.: World Bank.
- UNESCO (1987) *Guidelines on non-sexist language*. Paris: Office of Conferences and Documents (COL).
- UNESCO (1990) *Recomendaciones para un uso no sexista del lenguaje*. Paris: UNESCO.
- United Nations editorial directive on gender-neutral language*, July 1998.
- Weatherall A. (2002) *Gender, Language and Discourse*. Routledge: Taylor and Francis Group.
- Wodak R. (1989) Introduction. *Language, power and ideology. Studies in Political Discourse*. Wodak R. (Ed.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 272-88.
- Women's Work: Discrimination Against Women in the Ukrainian Labor Force*. Ukraine.
- Women Facing Job Discrimination* (2003) Human Rights Watch Report on Ukraine. New York.
- Online documents at URL:
<http://www.hrw.org/press/2003/08/ukraine082703.htm> (accessed 29.11.2004).
- Yusuf Y. K. (2002) Sexism, English and Yoruba. *Linguistik online*, N° 11

CONSTRUCTION OF WOMANHOOD IN THE BENGALI LANGUAGE OF BANGLADESH

Raasheed Mahmood
University of New South Wales, Sydney
Bangladesh
raasheed1@yahoo.com

Summary:

The present essay attempts to explore the role of gender-based language differences and of certain markers that reveal the status accorded to women in Bangladesh. Discrimination against women, in its various forms, is endemic in communities and countries around the world, cutting across class, race, age, and religious and national boundaries. One cannot understand the problems of gender discrimination solely by referring to the relationship of power or authority between men and women. Rather one needs to consider the problem by relating it to the specific social formation in which the image of masculinity and femininity is constructed and reconstructed. Following such line of reasoning this essay will examine the nature of gender bias in the Bengali language of Bangladesh, holding the conviction that as a product of social reality language reflects the socio-cultural behaviour of the community who speaks it. This essay will also attempt to shed some light on the processes through which gender based language differences produce actual consequences for women, who become exposed to low self-esteem, depression and systematic exclusion from public discourse.

“Nobody is born as a woman but becomes a woman afterwards”

Simone de Beauvoir

“What it is to be a woman is culturally and historically variable
and gender itself is a social invention”

Henrietta Moore

Palavras-chave

Género; Bangladesh; Língua; Representação; Práticas

Key Words

Gender; Bangladesh; Language; Representation; Practices

Prelude: Concepts of Gender in Bangladesh

Although the distinction between female and male is one common to all known human cultures, the ways in which male and female bodies are distinguished; the role each one is considered to play in reproduction; local understandings of the biological basis of difference; cultural attributes assigned to the masculine and the feminine; the importance attached to these differences; all these vary enormously from culture to culture. Unlike sex, which is determined at birth, gender identities of men and women are socially and culturally determined. Men and women are produced by culture and from the study and understanding of their cultural ideas and values we can easily decipher the constructive relation between the two genders. The cultural representation of sexes has a clear bearing upon the status and position of women in society. Most human societies have so far been characterized by varying degrees and forms of male dominance, which is not the same as saying that in all cultures women are equally oppressed or dominated by men.

In an utterly patriarchal society like Bangladesh, traditional cultural, social, and religious values and practices have reinforced the lower status accorded to women and have limited their opportunities for education, employment, resources, self-expression, among other rights, though women have always made a significant contribution to society.

After centuries of colonialism under the Mughals (from the sixteenth century to 1757), the British (1757-1947) and the Pakistanis (1947-1971), Bangladesh became an independent state in 1971. The state of Bangladesh's approach to gender has been opportunistic and contradictory, but with several constant underlying themes. The first of these themes is the primary identification of women as mothers and thus their association

with biological reproduction. The major thrust of economic planning is still male oriented. Allocations targeting women's development still amount to less than 0.3 percent of the total public sector development budget, and women are primarily related to social and welfare sectors. Even in the 1980s, 55 percent of the projects directed towards women were in the area of population control.

Another trend in the use of gender imagery in state discourse is the increasing significance of Islam. The second president of the state introduced Islam and declared his commitment to foster the international Islamic brotherhood into the Constitution of Bangladesh. His successor, between 1982 and 1990, declared Islam to be the state religion in 1988. Women's organizations were foremost in opposition to this move. While debates over the true interpretation of gender in Islam continue, there is no doubt that its political expression in present day Bangladesh acts profoundly to curtail women's room for maneuver. Over this period of time, Islamic values along with Islamic-minded ruling parties paved the way for orthodox male dominance and female subordination. As a consequence, we have the institution of *Purdah*¹, as well as the restricted mobility of women, segregation of roles, and division of labor (public/private sphere) between men and women.

Moreover, in Bangladesh, as in many other countries, the 'natural' association of women with children and family provides an additional level of categorization. Since women are confined to the domestic context, their main sphere of activity is the intra and inter-family relations, as opposed to men, who operate in the political and public domain of social life. Men thus become identified with society and public interest, while women remain associated with family.

The Dichotomy of Self and Other

With the help of the socialization process, men have made them the 'self' and women the 'other'. They have turned women into an object, and never allowed them to become subjects. So women exist as 'natural', 'mysterious', 'inhuman', 'unnecessary', 'worst', with no value as human beings. To explain this situation Simone de Beauvoir

¹ Purdah is a relative term that applies to the Muslim and Hindu system. To state briefly, for Muslim women, Purdah – in the sense of complete veiling – seems to operate after puberty in relation to all male, except to specific male categories, such as father, uncle, brother, etc.

(1949) said that, “nobody is born as a woman but becomes a woman afterwards” – which means that patriarchy produced an enjoyable thing: women. She also said that, to explain men and women, patriarchy has produced a set of antagonistic perceptions, of which one is positive or necessary or subject; and another is negative or unnecessary or object. For example: masculine and feminine; culture and nature; human and beast; production and reproduction; active and passive. Of these, the first one is good and the second one is bad and patriarchy has opted for the first one. Famous philosophers like Plato and Aristotle also contributed to strengthen the perception of women as ‘others’. For example, Plato thanked God for making him a free man rather than a slave and for making him in the form of a man instead of a woman’s. Aristotle said in his *Nicomachean Ethics* (translated version: 1908) that the younger one should love the elder more than the elder loves the younger; and that wife, children and citizen should love husband, father and king more, but not in the reverse order.

Religious ideas influence women’s position in different societies. When Jewish men in the Morning Prayer praise God by saying that “All the praises go to God, Who has not created me as a woman”, then their wives say without any protest “All the praises go to God, Who has created me according to His will”. This means that men are the masters of creation and women are born to fulfill the will of their masters.

If we look at the formal education system of Bangladesh, we will find out that it helps to enrich the cultural or social construction of femininity. In educational institutions it is usually thought that a girl’s performance is based on hard work and rule-following rather than in brains or brilliance. In the younger age groups, it is common for teachers to talk about boys as having potential, a term often used to explain their poor performance. Quite the contrary, if a girl is performing poorly there will be no way she can be considered as good. While boys, no matter how poorly they are performing, seem to be thought to have hidden qualities.

From the discussion outlined above, we can hold the proposition that women are constructed both for and by the male order. Their selves and self-perception, as well as the meaning of their actions, are defined within that order, largely without the women’s consent. Following such line of understanding, this paper analyzes the gender bias in language from the standpoint of the Bengali language and, by doing that, attempts to

define the relationship between gender and language. The linguistic and textual analysis will show how gender identity is both constructed and reflected through language in Bengali culture and society, because, in order to state facts, we first need language. If one takes a closer look over the usage of vernacular in Bangladesh, one can easily find out that language is arranged in such a way that men are identified with glorified and exalted positions, while women are identified with more service-oriented positions, in which they are being dominated and instructed by men.

Gender as a Parameter of Language Variation

A society is an organized group of persons functioning in different socio-cultural environments. The socio-cultural environment includes customs, traditions, religious beliefs, tastes and preferences, social institutions, etc. All these aspects have a bearing on the behaviour of people. As a product of social reality, language reflects the socio-cultural behaviour of the community who speaks it. In other words, language reflects the thoughts, opinions, attitudes, and culture of its users.

Differences within the use of a language are natural in all human societies and these linguistic differences are explained by Socio-Linguistics as variations, referring to social variables such as class, age, ethnicity, and sex/gender.

In the past few years, under the impact of feminist movements, a number of studies have appeared in the West, identifying gender as a major parameter of language variation. When we say 'gender bias' in language, we mean the superior-inferior paradigm involved, because of the distinction in gender. We therefore search for their language correlates.

In order to understand gender-based language differences clearly, one should know the social structure in which the (social) position of male and female groups is designed. McLennan (1865), a Scottish lawyer, and Bachofen (1861), a German evolutionist, observed that the human social organization began, to a large extent, as a matriarchal system, which, later on, gradually shifted to the male-dominated patriarchal system. If you study the old Bengali society or, in a broader sense, the then Indian sub-continent, as discussed by A.S. Altekar (1959), Azizah Al-Hibri (1982), Meredith Borthwick (1984) or in the famous Monushanghita literature (Sensastris: 1985), you will

immediately conclude that the Bengali society, like most other societies, was a strongly male-oriented culture, revealing the unquestionable super-ordinate position of men.

Bengali languages, both classical and current, exhibit certain markers that reveal the status accorded to women in Bengali society. Different people may interpret some of these markers differently, but the nuances in vocabulary certainly show the status we accord to our women in our society.

There is no age in Bengali language that could be treated as an exception to this rule. Sometimes the enthusiasts and the traditionalists may claim that the status of women in the by-gone ages was equal to that of men, or that women had great educational opportunities and that they excelled in many fields. While it is true that there were several women poets, statespersons and intellectuals in the past, the status accorded to women as a group was indeed inferior to that of men. Humayun Azad, a maverick Bengali writer, being more critical opined that “like other subalterns/minorities a few women are being conferred higher prestige. But it doesn’t make any sense since, being recognized by the patriarchal dominant ideology, these women ultimately serve patriarchy. These women deceptively accept the hegemonic construction of womanhood and the responsibility for upholding male dominance as well” (Azad: 1998). We all desire to prove that we had a golden age in the past during which everything was all right and milk and honey flowed. But the present reality could not come about in a day nor was it a degradation of the past.

In this paper I propose to present some linguistic insight into Bengali, the language that I know best (since it is my mother tongue!), and discuss how this linguistic material reflects the status of women in Bengali society. What I am saying here can be easily attested in any language. So, do not think that Bengali society ill-treats women worse than others. In reality, no society is free from the overall features that I am discussing in this paper. The West might be seen as place where women are accorded the same status as men. But if you take a closer look over the English language you will find how it also functions as an instrument of gender discrimination. According to the 3rd *New International Webster Dictionary* (1966) ‘manly’ means “having qualities appropriate to a man: not effeminate or timorous; bold, resolute, open in conduct or bearing, belonging or appropriate in character to a man, of undaunted courage: gallant, bold”. The same dictionary denotes ‘womanly’ as “marked by qualities characteristic of a woman,

possessed of the character or behaviour befitting a grown woman, characteristic of, belonging to, or suitable to a woman's nature and attitudes rather than to a man's".

Some Dark Sides of Women Status in Bengali Literature

Patriarchal civilization does not produce women but it has produced the construction of the concept of womanhood. Men have denominated women with various words; defined them; explained the existing definitions; located them; enacted regulations for them; and employed them as mating-partners and housekeepers. For example, Alfred Lord Tennyson, the Victorian English poet, in his famous poem 'The Princess: A Medley' (1847) wrote that "[...] but this is fixt; As are the roots of earth and base of all; Man for the field and woman for the hearth; Man for the sword and for the needle she; Man with the head and woman with the heart; Man to command and woman to obey; All else confusion". These stereotypical images of womanhood have vividly been reflected in Bengali literature. As a representative of male personhood, the great noble laureate Bengali poet and writer Rabindranath Tagore (1974) said, "Women are not the sole creation of God/ It is men who put beauty into her formless matter" (*Shudhu Bidhatar srishti naho tumi nari/ Purush gareche tore shoundarja shanchari*). Like a romantic, to whom women are only signified as appealing or lovely, Tagore could only sense the complexion, colour and smell through which men intend to construct the image of women. He feels a male chauvinistic piety for his womenfolk, as well as pride for having been born as a man. He shares the belief that both men and God created women, a belief that ultimately projects men as 'self' and women as 'other'. While discarding the full existential reality of women, he builds up the characteristic notion of womanhood as half-being and half-imagination (*Ordhek manobi tumi, ordhek kalpona*). Another great Bengali poet and writer, the National Poet of Bangladesh Kazi Nazrul Islam (1993), wanted to demonstrate the extraordinary strength of women by saying that "the king is reigning over the kingdom while the queen over the king" (*Raja koriteche rajya shashon, rajare shashiche rani*). But unfortunately he could not understand that ruling the king does not imply her strength, rather it connotes her destituteness. Nazrul, apparently out of sympathy, actually bore the voice of patriarchy and depicted women as the prey of patriarchal ideology. Patriarchy feels a surreptitious and romantic pleasure in finding the

queen reigning over the king, but it holds vehement objection to be ruled by women. Patriarchy, by allowing women to rule over the king or husband, has eventually imprisoned them as an ever-remaining mistress/caretaker/concubine. Another face of the patriarchal indoctrination system can be found in its attempt to converge the idea of God with that of the shape of man. According to the religious belief, God/Allah/Brahma is considered as being shapeless. But the patriarchal ideology and its indoctrination system have placed the image of God in the background of the husband (*shwami*), that is to say, of the man. The notion of God in the shape of man has been sustained by the famous Bengali poet Gulam Mustafa (1971). In his poem ‘Munajat’ (act of supplication after the prayer), he makes an analogy between God and husband (*shwami*) and writes: “Oh! Eternal and Infinite Lovely God, you are the judge of the final judgment” (*Ananta Asheem Premomoy Tumi Bichar Diner Shwami*). In this way, classical literatures clearly portray the power structure or the social position of men and women in society. There has always been a male-oriented approach in all these records.

Differences in Gender Role

Differences in gender role are important in our culture. When we see the role played by a man as depicted in classical literature, he is a scholar in the educated assembly, he is a warrior in the battlefield, and he is a trader when he is involved in earning money. And he uses to leave his home in order to accomplish higher studies, a military expedition or an embassy. During this time of separation (*bicched*), the woman who is confined to her home is patiently waiting (*opekkha*) and lamenting (*ha-hutash*). A woman’s work is naturally confined to her home and family, while men live in a larger world. In this culture, men are defined in terms of what they do in the world, while women are defined in terms of the men with whom they are associated.

Traditional Societies, Language, and Women

In traditional societies, specific traits are assigned to men and women. These cultures set up rigid social norms for the sexes. Any violation of these norms will be viewed seriously. A comparison of the qualities ascribed to both sexes in Bengali will reveal actual values put on males and females in society. *Gyan* ‘knowledge’, *shokti*

'strength', and *prottoy* 'confidence' are ascribed to males. *Lajja* 'shyness', *aggata* 'ignorance', *viruta* 'timidity', and *durbalata* 'weakness' are the qualities ascribed to females. In other words, men are entitled to get wisdom and strength whereas women lack wisdom (hence they are foolish) and strength (hence they are weak), thus indicating the superior and inferior status of men and women respectively.

There are several terms used to denote a woman. Of these, the general statement '*narir buddhi kom-e hoi*' has the meaning of 'foolish person'. On the other hand, in various Bengali dictionaries (Samsad Bangla Abhidhan: 1991), the word *birja* concurrently signifies the male semen/sperm and valour, boldness or heroism. In fact, patriarchy, being very tactful, affixes courage and bravery to the image of men. He who possesses *birja* eventually can be treated as a hero. And presumably for this reason we glorify the heroic representation of the male with the word *birpurush* (brave man), while there is no feminine term in this regard. The word *shittitya*, meaning 'chastity', is associated only with women. Another praiseworthy quality attributed to women is *dhairja*, 'patience', which means to bear the faulty behaviour of a husband. All these illustrations indicate the inferior status attributed to women by society. The terms *gharer lakkhi* (fortune of the household) and *gharkanna* (*ghar* corresponds to the English term household and *kanna* stands for woman), among others, associate women with the house.

Language and Male Superiority

In any society where the male plays a superior role and commands greater respect, it is quite natural for the members of that society to put a higher value on the male child. *Bangsher bati* connotes the urge for a male child to look after the property and/or to lead the funeral mortuary of his parents. Religious ideas also influence the demeaning of women's position in different societies. For example in Bangladesh, particularly in rural settings, the birth of a male child is declared with the ritual of announcing *azan* (an official call to Muslims to attend a prayer meeting in a mosque), while that of a female child remains ignored. In a family, a woman's suggestions are considered faulty and thus also ignored. The proverbs *maia manush aktu derite bujhe* (women understand quite late) and *maia manusher buddhi-te kan dite nai* (don't listen to a woman's advice) or the fact

that a man who listens to his wife will be referred too badly as *stroina* (henpecked) illustrate this point.

As her suggestions are not taken into account, a woman observes silence in many matters, including in her decisions regarding her own marriage. Marriage is the most important social transition in a woman's life. Cultural expectations allow the boy, but not the girl, to express an opinion about the match before betrothal takes place. Her silence continues even at her wedding. A bride should be beautiful, but a bride should also be submissive and silent.

Another remarkable word that signifies male supremacy is *jat*. In the *Samsad Bengali Dictionary* (Samsad Banglad Abhidhan: 1991), the word *jat* stands for various meanings. For example, while it exerts senses like producing, variety, and ethos, in one aspect, it concurrently invokes meanings like storage, storehouse or storeroom. This dual meaning helps us to decipher the materialistic inner meaning of the apparently idealistic word *jat*. In Bangladesh, along with the influence of modernism and capitalism, the word *jati* (nation, e.g., the Bengali Nation) etymologically derives from the word *jat*, which excludes women, despite the fact that women are indeed the producers of the nation. French Marxist Anthropologist Claude Meillassoux (1978) analyses these facts in a very lucid way. According to Meillassoux, with the Neolithic revolution, human beings became more expedient in their struggle with nature, due to the invention of new tools and skills. And this paved the way to a more sedentary life, characterized by a self-sufficient village economy:

In these agriculture based simple societies production, circulation and distribution of foodstuffs followed a social hierarchy centered on the notion of seniority. It means the seniors held much authority over the juniors since the juniors were dependent on the seniors to learn necessary production techniques. And among the seniors the eldest one had been conferred upon the highest authority. Having such an endowment he collected the product of the juniors' activities, stored the product and redistributed it among the community members. But this authority of the seniors could be challenged at any juncture since the quantity of vital technical production knowledge in this kind of society was limited and could be mastered in a relatively short time. Moreover the seniors were not only numerically but also physically the weakest category. So, in order to perpetuate their authority, the seniors must extend their knowledge beyond fundamental subsistence skills to new fields (social learning, knowledge of customs, genealogies, history) and even further to artificial fields (magic, divination, religious rituals, etc.). It indicates that the seniors transformed their physical age into social age by setting barriers to regulate the transmission of these new branches of knowledge. Among such customs were the rules governing marriage, i.e., the establishment of marriage relationships between homologous

groups, exogamy and prohibition of incest, etc. And to persuade the juniors to follow these rules there appeared the system of bride wealth. Out of the goods produced by the community and handed over to the seniors as prestation, some portions were kept over at the level of the seniors to make the juniors dependent on them for having access to bride wealth at the time of marriage. (Meillassoux: 1978)

In this way, the natural right of making conjugal unions has turned out to be an economic phenomenon. More significantly, it ensured the seniors' authority over the reproductive capacity of the nubile women of the community. And this control over the nubile women eventually guaranteed the seniors' authority over the reproducers of the producers. Women, being exchanged in marriage, became the object to build inter-tribal alliances. Treated only as an object of exchange, they lost their social identity. The male became the possessor of the lineage/clan/community/society/nation, grabbed the means of production and there started the notion of patrilineal descent, at least in most societies. And presumably for this reason we call fellow community members *jatbhai* (agnatic brothers) but never use the term *jatbon* (agnatic sisters). Similarly, while commemorating our ancestors, we never say *purba-nari* (foremother), instead we always use the term *purba-purush* (forefather).

Women as Commodities

As Vasanthakumari (1991) points out, language is mixed with expressions that reflect the status of a woman as a commodity. Consider the following phrase denoting the action of performing the marriage of a girl: *bie deoa* refers to the process of giving away a girl in marriage. Let me describe a real-life fact. On one of my journeys by launch, I found a guy asking his friend about the physiognomy/appearance of a prospective bride. And the friend, shrugging his shoulders, expressionlessly replied *bajarjat ache*, which means that the bride's physiognomic beauty had been valued as her advantage in the market, or more particularly in the market of potential brides.

Language and the Married Status of Women

Tradition usually does not allow a woman to remarry or break the marriage but allows a husband to abandon his wife. This concept of matrimonial bondage, which ultimately makes the male spouse superior, is found to be backed by Islamic sanction.

According to the Islamic principle, if a couple gets divorced and afterwards wants to remarry, the divorced wife must be married off to someone else (*hilla bie*) for the interim period. Moreover, very often, on the death of a newly married man, the widow is accused of being the bearer of evil or of a malevolent spirit. She is condemned as *bhatar khagi* (someone who has eaten up her husband). The usage of the term *bandha*, sterile woman, also indicates that a woman is blamed for everything. The description of human qualities is based, for instance, on this double standard. A bold man is courageous (*shahoshi*) but a bold woman is aggressive (*ugra*). The notion of *adar* (ways of making love) is also marked by male traits. In Abul Mansur's famous novel *Jibon Khudha*, we find Halima, on her husband's departure, requesting her husband to treat her with *adar*. It indicates the husband as love giver (active) and the wife as taker (passive). Simone de Beauvoir, in her attempts to unfold the masculine construction of sexual affairs, says that male hegemony can easily be revealed through the position taken at the time of copulation. For most of the species, while copulating, the female lies down underneath the male (de Beauvoir: 1949).

Lack of Parallel Terms for Women

Many of the terms referring to women are derived from the corresponding terms for men, and this seems to be taken as the norm, not only for linguistic derivation but also for meaning derivation. However, for some terms there are no female corresponding terms. Consider the following examples:

Shati	Chaste
Emam	Religious leader
Dakter	Doctor
Montri	Minister
Kobi	Poet
Hajji	Pilgrim

Language Change in a Free Democratic Country

When Bangladesh became a Republic, many changes in the social status of women had already been initiated. The Constitution of Bangladesh intended to give equal rights to women. In the public domain, women are allowed to practice all the professions men practice. However, language has not much changed the attitude of society. Perhaps language is a good reflection of how society views women, despite constitutional provisions in the contrary. Previously, many occupational terms such as doctor or police readily evoked the image of a man rather than that of a woman. By adding certain feminine forms to these professional terms, new feminine forms have been developed. For example *mohila dakter* ‘lady doctor’, and *mohila pulish* ‘lady police’.

Similar differences in vocabulary based on gender bias exist in all dialects of Bengali language. These differences are the result of the differences in position and status of the two genders in a given society. When these conditions change, the differences are bound to modify too.

Non-Reciprocal Usage

The inferior status of a woman is further revealed in the non-reciprocal usage of the forms of address. A husband generally addresses his wife by her name or with less or non-honorific terms. On the contrary, in a Muslim society like Bangladesh, while being socialized, women are expected to believe that God has created women to please their husbands, parents and children. Otherwise women are remarked as guilty or sinners. The wife must be fully loyal and dutiful to her husband as well as to her family. Wives do not address their husbands by mentioning their names. Especially in front of others, they address their husbands as the father of their children (*Faruk-er bap*, ‘Faruk’s father’) or my man, ‘*amar uni*’. The belief that heaven lies at the feet of the husband (*shwamir pa-er niche stri-er behesht*) makes it even more difficult for a wife to perceive herself as an equal to her husband.

While a husband uses a non-honorific or less honorific reference pronoun *o* ‘she’ to refer to his wife, she refers to him by an honorific pronoun *uni* ‘he’, with respect. As non-naming denotes respect in many cases, she follows this pattern of address as well as of reference. By assuming a superior status in society, a man commands his wife by using non-honorific singular imperatives like *asho* ‘come’, and *jao* ‘go’. However, a woman

uses the tag questions as substitutes for commands and this is considered to be a polite way of requesting a person to do a thing: *Aktu oshudh kina anba/anben?* or “Would you please buy some medicine?”.

The above discussed linguistic differences in women’s and men’s speech is interpreted as a reflection of male dominance and female subordination. Though a few changes in the status of women are apparent now, old practices still persist. The nature of gender differences in the Bengali language clearly reflects the social and cultural factors prevalent in Bangladesh. If there is one message that echoes forth from the recently held international women conference in Beijing, it is that human rights are women’s rights and women’s rights are human rights. If this message is properly understood, many forms of gender discriminations will finally disappear.

REFERENCES

- Al-Hibri, Azizah, (ed.) 1982: *Women and Islam*, Oxford: Pergamon Press.
- Altekar, A.S., 1959: *Position of Women in Hindu Civilization*. Reprinted 1983. Delhi: Motilal Banarsidas.
- Aristotle, 350 BC: *The Nicomachean Ethics*. Translated by William David Ross and published by the Clarendon Press in 1908.
- Azad, Humayun, 1998: *Ditio Lingo*. Dhaka: Agami Prokashoni.
- Bachofen, J.J., 1861: *Das Mutterrecht* (Mother Right). Basel: Beno Schwabe.
- Borthwick, Meredith, 1984: *The Changing Role of Women in Bengal 1849-1905*. Princeton: Princeton University Press.
- de Beauvoir, Simone, 1949: *The Second Sex*. Translated and Edited by H M Parshley. Reprinted 1974. London: Penguin.
- Islam, Kazi Nazrul, 1993: ‘Nari’. ShammyaBadi (Anthology) in *Nazrul Rachonaboli* (1st volume). Dhaka: Bangla Academy.
- McLennan, J.F., 1865: *Primitive Marriage*. Edinburgh: Adem and Charles Black.
- Meillassoux, Claude, 1978: ‘The Social Organization of the Peasantry: The Economic Basis of Kinship’ in Devid Seddon (ed.) *Relations of Production: Marxist Approaches to Economic Anthropology*. London: Frank Cass and Company.
- Mustafa, Gulam, 1971: ‘Munajat’. *Gulam Mostafa Kabbya Granthaboli* (Anthology, 1st volume). Dhaka: Ahmed Publishing House.

Samsad Bangla Abhidhan, 1991: *Samsad Bengali Dictionary*. Dhaka: Pallab Publishers.

Sensastri, Murarimohan, 1985: *Monushanghita*. Calcutta: Dipali Book House.

Tagore, Rabindranath, 1974: 'Manoshi'. Choitali (Anthology) in *Rabindra Rachonaboli* (5th volume). Calcutta: Visva Bharati.

Tennyson, Alfred Lord, 1847: *The Princess: A Medley*. London: E. Moxen.

Vasanthakumari, T., 1991: *Language of Women*. IJDL.

THE REBIRTH OF AN OLD LANGUAGE: ISSUES OF GENDER EQUALITY IN KAZAKHSTAN

Maria Helena Guimarães

Instituto Superior de Contabilidade e Administração,

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

mop88770@mail.telepac.pt

Summary:

The existing language situation in Kazakhstan, while peaceful, is not without some tension. We propose to analyze here some questions we consider relevant in the frame of cultural globalization and gender equality, such as: free from Russian imperialism, could Kazakhstan become an easy prey of Turkey's "imperialist dream"? Could these traditionally Muslim people be soon facing the end of religious tolerance and gender equality, becoming this *new* old language an easy instrument for the infiltration in the country of fundamentalism (it has already crossed the borders of Uzbekistan), leading to a gradual deterioration of its rich multicultural relations? The present structure of the language is still very fragile: there are three main dialects and many academics defend the re-introduction of the Latin alphabet, thus enlarging the possibility of cultural "contamination" by making the transmission of fundamentalist ideas still easier through neighbour countries like Azerbaijan, Uzbekistan and Turkmenistan (their languages belong to the same sub-group of Common Turkic), where the Latin alphabet is already in use, and where the ground for such ideas shown itself very fruitful.

Palavras-chave

Língua; Género; Igualdade; Cazaquistão; Multiculturalidade; Fundamentalismo.

Key Words

Language; Gender; Equality; Kasakhstan; Multiculturality; Fundamentalism.

1. Introduction

It is quite difficult to speak about issues of gender equality in Kazakhstan, since there is not much literature about the development of this state throughout the centuries, due to reasons connected, in my opinion, with the Western mostly ethnocentric approaches to all. The goals and values that have

been central to Western civilization can no longer be considered universal. While a student of Modern and Contemporary History at the University of St. Petersburg, I became aware, for the first time in my life, of how true this statement is. In fact only then did I really understand that the Middle Ages were not to be considered just as a period in Western History but that this period had been much richer and more flourishing in some countries of Asia and Africa. The concept of “difference”, negatively used to define only borders and divisions of all kinds, as it happens in any ethnocentric approach to History, was the main reason for my ignorance.

The present analysis of gender issues in Kazakhstan was mainly based upon information found in official and non-official sites of Kazakhstan and Russia, on information of organizations such as the CIA, the FSB, the Amnesty International, the Human Rights Watch Organization and the Soros Foundation, as well as upon Western literature on gender studies and Arabic literature about Islam.

To complete this brief approach to the problems of fundamentalism in this region of the world and its potential influence on the social situation and role of women in the countries of Central Asia, I have taken some interviews with Kazakh citizens, women and men, working in Portugal, mainly of Kazakh, Russian and Tartar nationality, Orthodox and Muslims by religion. Though they knew me and though I was accompanied by a Kazakh citizen during the interviews, they did not feel as free as to state, for instance, their whole identity or where exactly they came from, and they did not quite believe that the information given to me would be used just as a source for a research on the issue of gender equality and potential development of fundamentalism in their country. They were very careful and cautious in their answers, a fact that I explain as a sign of fear towards the present situation in their country, as well as towards Portuguese authorities, because immigrants from Eastern countries continue to be just tolerated and seen by most people as second-hand citizens, much more than Portuguese-speaking Africans or Brazilians. I hope, I was able to hear and *listen* correctly to their messages.

Apart from having visited part of this huge country, which is almost five times larger than France, I am constantly in contact with its people living in Portugal, to whom I give support in order to solve bureaucratic problems, not to mention that I follow regularly the programs of Caspionet, a Kazakh International Television Broadcasting Corporation, in order to be informed about the evolution of the situation in this country.

In order to better understand the ongoing changes in the country, which may determine decisively the present and future situation of women in society, I will begin by examining briefly some historical and social facts which, I believe, can enhance our awareness of the present economic, political and social context that allows us to infer that these transformations may mean a serious deterioration of social relations in terms of gender equality.

2. Some facts on Kazakhstan

2.1 Historical facts

For obvious reasons, this is not an exhaustive analysis of all facts connected with the formation of the state, its language and religion. By mentioning some of the main steps in the consolidation of the Kazakh state and culture, my purpose is to give a short image of the main aspects of the evolution of this Central Asian country, which saw its political and social structure change rapidly from a feudal nomadic state into a multicultural socialist republic.

Let us begin by the very name of the country: Kazakhstan. Etymologically speaking, the word *стан* means, in Russian, encampment, while in Greek, a language which has influenced Russian – one should not forget that it was Cyril, a Greek Orthodox monk, who created the Cyrillic alphabet – the word *στάνη* means sheepfold. If we think about the names of other neighbour countries, such as Kyrgyzstan, Uzbekistan, Turkmenistan, it seems to me, one may, probably, conclude that Kazakhstan means the place where Kazakhs, that is, a mainly nomadic cattle-breeding, caravan-trader group of people, used to stay for the winter. Therefore the borders of the territory were always difficult to determine.

Due to different invasions and the difficult economic and political situation, Kazakhstan decided to join Russia at the beginning of the 18th century, which implied for Kazakhstan a peaceful and military colonization and a straightforward conquest by Russia. The total incorporation of Kazakhstan in the Russian Empire happened in the mid-19th century. Till the late 19th century, the administration of the territory remained feudal. It was only at the beginning of the 20th century, especially after the establishment of Soviet power, that Kazakhstan really saw its cities, industries and secular education being developed. Suddenly, the country had to speed up from

feudalism to socialism and, for the first time, such issues like gender equality were being discussed in worker's committees and in newspapers.

At the end of the II World War, some Autonomous Republics of the USSR, such as the German Autonomous Republic of the Volga, the Tartar and the Chechen Autonomous Republics were suppressed for political reasons. In fact, the network of Gulag camps was extended to Kazakhstan. During the 40s and the 50s, many people from other nationalities (Germans from the Volga, German prisoners of war, Georgians, Chechens, Ingushis, Ukrainians, Greeks, Koreans) were deported to Kazakhstan, which turned it into a melting-pot of cultures and an example of tolerance in the USSR. After the end of the war, the situation of women and their role in society, especially in the cities, had improved greatly, partly due to mixed marriages and to their role in politics and production.

In December 1991, Kazakhstan proclaimed its independence, adopting its first Constitution in January 1993, and becoming a member of the Commonwealth of Independent States (CIS), whose main objectives are to form a common economic space grounded on the free movement of goods, services, labour force and capital; to elaborate a coordinated external economic policy; and to bring together methods of regulating economic activity, thus creating favourable conditions for the development of direct production relations.

2.2 Religion

For centuries, Kazakhstan was part of the trade route known as the Silk Road, a place where two different civilizations came onto contact, those of the East and those of the West, with their specific cultural traditions and religious beliefs. Therefore, in terms of religion, Kazakhstan suffered different influences throughout the centuries. At first, there was an effort to introduce Buddhism as the state religion. There is also evidence of some expanding of Zoroastrism and Shamanism in different periods of its history. But after the incursions of Arabs in Central Asia and Kazakhstan and the Turkic-Mongol invasions, Islam became the main religion, in spite of late attempts by the Orthodox Church to convert Kazakhs to Christianity. Thus, by tradition, Kazakhs are Sunni Muslims. The adoption of Islam was gradual, with complete conversion in the early 19th century. Today Muslims make up 57% of the population of Kazakhstan.

2.3 Ethnic groups

According to data of the official site of Kazakhstan, the present population of the country, which is over 15 million people, includes 45% of Kazakhs, 35% of Russians, and 20% of over 100 of other nationalities, such as Tartars, Ukrainians, Uzbeks, Germans, Koreans, etc¹. After independence, the number of Russians decreased substantially due to the fact that they were given the possibility, for a period of three years, to opt between the Kazakh and the Russian citizenship.

After independence, the so-called Germans of the Volga, as well as Germans descending from German prisoners of war, also began to leave the country. Nevertheless, there are still many Germans living in Kazakhstan. The Greeks were another national group whose reduction was significant after independence. In spite of these changes, the number of citizens from other nationalities is still higher than the number of Kazakhs (about 55% of the population).

2.4 Language

The Kazakh language is part of the Aralo-Caspian group, a sub-group of Common Turkic, which also includes Turkish, Azerbaijani, Tartar, Uzbek, etc. Kazakh, as it exists today, began to take shape in the 17th century, during the Modern Turkic Period, the last period of development in the Turkic languages. It possesses a rich and ancient tradition of oral poetry, but did not exist in any standard written form until the middle of the 19th century. Kazakh and the other Turkic languages are closely related to one another and there is a very high degree of mutual intelligibility among them.

Kazakh was written in the Arabic script till 1929 and with the Latin alphabet from 1929 to 1940, influenced by the changes introduced in the Turkish language by Kemal Ataturk. From 1940, and in order to facilitate the exchanges with Russia and the learning of the language by people living in Kazakhstan, the Cyrillic alphabet was adopted. Today, the Kazakh alphabet includes 33 Russian letters plus nine Kazakh additional symbols. The quite peaceful and easy change from one script to another may be explained by the people's low level of literacy at this period. This explains as well the many borrowings from Russian, but in contrast to this language, Kazakh is an agglutinative language, with no prepositions or gender categories, whose functions are substituted by the use of a large number of affixes.

Considering that languages do not simply name existing categories, that they are not plain nomenclatures for a set of universal concepts, I will try to analyse the question

of how far the reintroduction of a new alphabet and the imposing of one and only official language may in fact mean a reorganization of the country's social structure and the deterioration of the country's multiculturalism.

3. Issues of gender equality

3.1 Language and labour

In 1989, Kazakh became the official language of the country, while Russian remained as an interethnic communication language in business and, partly, in education. The existing language situation, while peaceful, is not without some tension. If the example of Finland had been followed here, perhaps many situations of discrimination cited below could have been avoided.

In the last ten years, the degradation of the social situation in the country has been quite clear. Many Russians and members of other nationalities felt themselves forced to return to Russia, Ukraine, etc., or to emigrate to countries like Portugal, since they could not find a relatively well-paid job in Kazakhstan. Many people, especially women, with or without higher education, but who do not speak and/or write well in Kazakh, even if they are Kazakhs by nationality, are excluded from many jobs where, for instance, documents have to be filled up both in Russian and Kazakh. During my interviews in Portugal, this was one of the main reasons mentioned by young people with higher education (e.g. chemical engineers and civil engineers) for leaving Kazakhstan and looking for better working chances in a foreign country. While visiting Kazakhstan, I have met many women who, because of their age and their lack of knowledge of the Kazakh language, could not find a stable, decent job, though in Article 7 of the Constitution it is possible to read that, in state institutions and local-administrative bodies, the Russian language should be officially used on equal grounds along with Kazakh². But this, unfortunately, does not concern the right to a job. For example, if a woman is over 40, she will not find a job easily, due to the new phenomenon of unemployment, unknown in Kazakhstan till 1989 and which affects about 10% of the population, and to the fact that, today, once again, preference is given to male workforce in some economic areas, such as industry, building construction, etc. According to data of the CIA, 26% of the population lives below poverty line, in a country where the inflation surpasses the rate of 7%. One of the most dramatic consequences of the present economic situation is the increasing domestic violence, an

entrenched problem across Central Asian countries, as reported by the Human Rights Watch Organization, and which victimizes specially women. As a matter of fact, unemployment and alcoholism, as well as the difficulties in finding a new place to live, are some of the reasons why people remain together in spite of constant domestic violence.

On the other hand, non-Kazakhs are discriminated in many working areas. While visiting Kazakhstan, I have not really met many non-Kazakhs in police stations, airports, army, banks or official departments. Furthermore, it was quite evident that Kazakhs do nourish a special love for 'uniforms' and 'leather briefcases', symbols of power for them. Nevertheless, we still can meet some women in these job areas, though almost all of them Kazakhs.

The more astonishing thing, however, is that most students in the primary and secondary education are still taught in Russian, though it is more and more difficult to be accepted at the University if one does not speak and write well in Kazakh, what immediately discriminates non-Kazakh speaking citizens, who have to look for a place at a private university, where fees are almost as high as in Portugal. This is one of the reasons which explains the fact that the number of non-Kazakh students, especially girls, is constantly decreasing at institutions of high-level education.

An explanation for this paradoxical situation may be the fact that, when Russians began to settle in Kazakhstan during the 50s and 60s, in order to help the development of the Republic, many schools and universities were open. Russian was the teaching language, because there were not many Kazakh-speaking teachers and even the educated Kazakhs preferred the Russian language. As a result of this effort, the degree of literacy of the population in 1989 was of 98% (99% of the men and 96% of the women).

In spite of all our criticism towards the Soviet regime, the fact is that according to article 121 of its Constitution, all citizens were entitled to the right of instruction in schools in the native language. Even Lenin, in his article "Critical notes on the national question", wrote that in Russia there were no reasons for any language to have special privileges over others³. And this was a fact. In the Armenian Republic, for instance, teaching was in Armenian at all levels of education. The reason why this was not the case in Kazakhstan was the lack of Kazakh-speaking teachers and the fact that, between the 50s and the 90s, the most part of the population was from other nationalities, what made of Russian an interethnic language.

Finally, though Article 14 of the Constitution of Kazakhstan states that “no one shall be subjected to any discrimination for reasons of origin, social and property status, occupation, sex, race, nationality, language, attitude towards religion, convictions, place of residence or any other circumstances”⁴, the fact is that there are already clear signs of discrimination in terms of nationality, sex, age and language, which are especially evident in the labour market, as explained above.

3.2 Language and religion

Could Kazakhstan be facing today the end of religious tolerance and gender equality? It is not possible to answer this question and to analyse the influence of Islam in the country without speaking about some issues linked with the language itself.

According to a study on religious tolerance laid by Vanessa Liertz, published in the German *Cicero Magazin für politische Kultur*, in August 2004, Kazakhstan appears as a country where people are discriminated according to their religious beliefs. As far as I could understand from the interviews, there is still no serious reason to speak about religious intolerance. For example, in the city of Pavlodar, all main religions have their own temples (Muslims, Orthodox and Catholic Christians, Jews and several Evangelical groups), and people are free to practice their own religion. According to data of the official site of Kazakhstan, the number of religious groups has increased approximately three times in the last ten years. There are currently, so they say, almost 2,300 religious organizations in the country, representing 46 different religious groups⁵.

The only significant difference is that the activity of the Mosque, and of Muslims in general, is much more important in social terms, that is, they have a larger number of schools, colleges, newspapers and foundations, which help their members economically and play a decisive role in the renaissance of religious traditions. This explains why they are much more conscious of their religious duties than any other group. The President of the Republic, Nursultan Nazarbaev, clearly understood this reality when he passed a law giving Kazakh Muslims the possibility of having up to four wives, if they have the economic power to maintain the same number of households. Considering that we are talking about a multi-religious and a multicultural country with secular power, this civil enactment dealing with religious matters and giving privileges to a certain religious group may have serious consequences in the future, as it can be understood by Muslims as a privilege, and as an official agreement

with their idea on women's role in society. This might become a first step to deeper changes to the detriment of gender equality.

From what has been said about the Kazakh language, it is easy to conclude that the present structure of the language is still fragile at both lexical and syntactic levels. There is an urgent need to create new terminology for specific areas like law, business, science and technology. Inês Oseki-Dépré, from the University of Aix-en-Provence, referred recently in a Conference on "Translation and Interculturalism", in Lisbon, that the renaissance of 'old' languages is quite problematic, in the sense that it is difficult to build up a written cultural capital to work upon. This is perhaps one of the reasons why Russian is still in use as far as business is concerned. But it is also one of the reasons why many important Kazakh academics, like e.g. Abduali Haidari, defend the re-introduction of the Latin alphabet, thus making it easier to borrow words from the Turkish language, which, of course, would enlarge the already strong influence of Turkey in the area. It is not a coincidence that one of the first foreign universities to be opened in Kazakhstan is a subsidiary of a Turkish University. Turkey is well aware that it is through language, a form of action that, according to Duranti, both presupposes and at the same time brings about ways of being in the world, that its power will become much stronger in Central Asia, bringing profound changes into society. In fact, Turkish Islamists consider language as an important vehicle for the transmission of their own ways of being in the world. Therefore, the question is whether Kazakhstan could be soon facing the end of multiculturalism, religious tolerance and gender equality, where language will become an instrument for the infiltration of fundamentalism in the country.

With the exodus from the country of many Russians, Germans and people from other nationalities and with the return of Kazakhs from Mongolia and Uzbekistan, the percentage of the Muslim population is now of 57%⁶. The introduction of the Latin alphabet, as defended by the academic Abduali Haidari⁷, will give the possibility to all Turkic-speaking countries in the world to get tight united and to Kazakhs the opportunity to surpass the feeling that they still depend on the Russian language. Last but not the least, it will oblige all citizens, including many Kazakhs, to speak in what was once the language of their ancestors. In 1994, a Conference of academics from all Turkic-speaking countries took place in Turkey, in order to introduce such changes, especially in the former Republics of the Soviet Union. In the last ten years, Azerbaijan,

Turkmenistan, Uzbekistan, as well as Tartarstan have already taken decisive steps in order to change into the Latin alphabet⁸.

From all these academic discussions we could perhaps conclude that Kazakhstan is at a crossroads: free from Russian imperialism, Kazakhstan is perhaps about to become an easy prey for Turkey's 'imperialistic dream'. Akbar Ahmed, in his book about the Islam, affirms that we will be the witnesses of a great transformation in the countries of Central Asia (2001: 250), where Turkey will play a great role, as well as Iran and Pakistan, and this because in Central Asia, where many Turks have their ethnic roots, Turkey is seen as a respectable leader, as an example to follow. For many people, Turkey is the heir of the Ottoman Empire, to which these Central Asian countries were tightly linked, and where the Turkish 'self' finds its own historical identity in the 'other', receiving cultural inspiration from it.

As far as women are concerned, what could be then the impact of Turkey's influence in the region? To answer to this question, let us first look closer, but briefly, at the present situation in Turkey.

Though, politically speaking, Turkey has always tried to give the image of a secular state, the truth is that, since the 90s, we have been assisting to a strong Islamic revivalism. The *adab* is being carefully followed by many young people as a way to affirm the rediscovery of their Muslim identity. Many women are wearing the *hijab*, though, according to the information of a Turkish journalist, these are mainly poor women, who are paid to do so. The approach to Central Asian countries is supported by Islamic organizations all over the world. They give money to open new mosques and *madrassahs*, thus accelerating the rhythm of penetration of the Islam in the area. It is not astonishing, therefore, that Saudi Arabia was the first country to open a bank in Almata, and that all Central Asian Republics are already part of the Organization of the Islamic Conference.

When I visited Kazakhstan, I have not seen a single woman wearing the *hijab*, but outside the cities, in quite small villages of the South, it is already possible to see it. On the other hand, and because women suffered the most with the 'perestroika' in terms of labour market, it is highly likely that, as in Turkey, they would not mind wearing the *hijab*, just in order to receive some money in exchange.

This process will be much easier if the alphabet changes into Latin, because it will make it possible to distribute by thousands books in Turkish, Uzbek or Kazakh

about the Islam, which will have an effective impact on people, since the languages are very similar⁹.

In order to understand the potential changes concerning gender equality in Kazakhstan, it is worth to have a look at the present situation in Uzbekistan.

3.2.1 The case of Uzbekistan

In spite of all persecutions against Islamic fundamentalism for state and safety reasons, the influence of Islamic groups in Uzbekistan has not stopped to grow, since the Latin alphabet was introduced in this country in 1994¹⁰. An interesting fact to mention, as well, is that these groups raise money for their cause in countries such as Saudi Arabia and Turkey. According to Akbar Ahmed, Turkey, while “carrying the Koran in one hand and a personal computer in the other” (2001: 246), is the most interesting example of development for the intellectual population of Uzbekistan. As a matter of fact, the economy of the country is underdeveloped, though its subsoil is rich in gold and gas and the quality of its cotton is worldwide known. The medium salary does not reach USD 25 per month and the unemployment among young people, especially women, surpasses 50% in some regions of the country. Due to the difficult economic situation, it was easy for the Islamic Movement to grow and for fundamentalism to cross the borders of the country. The first bomb-woman in the history of Central Asia was a nineteen-year-old Uzbek girl. Her sister disappeared because of sharing the same ideas. They converted at the age of 17 to the Islam, learned Arab and the Koran, and they wore the *hijab*. Many young people, especially women, have been recruited by a group called Islamic Djihad, an organization supported by Pakistan. In August 2004, several terror human-bombs exploded in several parts of Tashkent. Islamic proselytizers from different Islamic countries have indeed found a fruitful soil for their ideas in Uzbekistan. The results are to be seen now. It took only ten years to change a peaceful country into a barrel of dynamite. Even Imam Gafurdschon Rasakov¹¹, from the Great Mosque of Buchara, declares that the situation could become that of Afghanistan. The majority of these young people want a religious state and defend the introduction of the *shariah*.

But what could explain the fact that so many terrorists are women? The answer is not at all easy, though, if we think for a moment about the Chechen Muslim customs, we may probably find an answer. In fact, Chechens, as many other Muslim national groups, consider women as a possession of the husband or father and believe that they

should do what they are told by the male members of their family, though according to Akbar Ahmed this is a tribal, not a Muslim practice. Perhaps this is the main reason why so many human-bombs are women. Other reasons could be the high rate of unemployment among young women, the fact that they receive economic help from the organizations, or simply because they do believe fanatically in a fundamentalist interpretation of the Koran, something that is very difficult to confirm.

4. The future: is there a field for the development of fundamentalism in Kazakhstan?

On November 11th, the Russian Television Channel RTVi announced that Kazakh security forces had broken up a terrorist group in Kazakhstan with links to Al-Qaeda. Nine Kazakh citizens and four Uzbeks, as well as four Kazakh women allegedly trained to be suicide bombers were arrested. The so-called Mujahidin Group of Central Asia was linked to the Islamic Movement of Uzbekistan, a group with known Al-Qaeda ties. According to their information, the group managed to recruit 50 Uzbeks and 50 Kazakh citizens over the last two years. Weapons, large quantities of extremist propaganda and videotapes of addresses by Osama Bin-Laden were confiscated by the authorities.

Though in Article 5 of the Kazakh Constitution it is clearly stated that “activities of foreign religious associations on the territory of the Republic as well as appointment of heads of religious associations in the Republic by foreign religious centers shall be carried out in coordination with the respective state institutions of the Republic”¹², the degree of unemployment and corruption, which was the subject of a special report of the Human Rights Watch on the deterioration of human rights and civil freedom in Kazakhstan¹³; a President in power since 1991; and the ‘family-tycoon’ structure of power, which in itself is already a curious interpretation of the Constitution, does not help stopping the underground work, infiltration and flourishing of fundamentalist Islamic groups in this country.

During my interviews, most part of Russian Kazakhs were of the opinion that the introduction of Kazakh as the only official state language in the country had opened the door for Islamic groups to work in the field. They consider that, behind the national and social differences, it is especially women who are the main present and future victims of discrimination at all levels and in every field of social and political life. As they say, to destroy acquired rights is much easier than to get them. As for Kazakh and

Tartar Muslims I have interviewed, they were more cautious about their statements. First of all, they consider Kazakhs to be quite different from Uzbeks, Afghans or Azerbaijanis. They were all of the opinion that the role of women in society will not suffer big changes, though they were all in favour of the law allowing Muslim men to have up to four women, a law they interpret as a kind of 'help' to women and to society in general. Nevertheless, some, especially women, were of the opinion that fundamentalism could become a problem not for their generation but for that of their children.

Teresa Mosquete, in her essay about "La Geografía de Género: Aportación a los Estudios", is of the opinion that the changes caused by the end of the communist regime in countries like the USSR affected particularly women. According to this author, women in these new countries have more than anyone else to carry the heavy burden resulting from the quick and uncontrolled changes in the economic system, from the lack of state social and health support, from unemployment and from sexual abuse and exploitation. On the other hand, women have lost much of their political influence in society: for instance, in Azerbaijan, the percentage of women at Parliament was of 40% in 1985, and in 1995 their presence did barely surpass 6%. I could not find any exact data about the number of women at Parliament in Kazakhstan, but it is possible that it is slightly higher than in Azerbaijan.

As a matter of fact, in the Constitution of the USSR, whatever opinion we may have about the regime, it was clearly stated in Article 122 that:

Women in the USSR shall be accorded equal rights with men in economic, government, cultural, political and other public activities. These rights shall be ensured by women being accorded the same rights as men in work, remuneration, rest and leisure, social insurance and education, and by state protection of the interests of mother and child, state aid to mothers of large families and to unmarried mothers, maternity leave with full pay, and by provision of a large number of maternity homes, nurseries and kindergartens.¹⁴

No Constitution of any of the new republics is really so clear and specific about women's rights. On the other hand, it is undeniable that the role of women in the former USSR was far more important than it is today. And this is true for all the new countries, including Russia. Anyway, the more Kazakhstan tries, culturally and politically, to get some distance from Russia, the greater will be the probability of coming to disastrous results. There are no 'pure', 'static' cultures. Trying to go back in time can be

dangerous, if that means to impose a 'new' old language, as well as ancient buried traditions and customs. As a matter of fact, considering that Kazakhstan is a multicultural melting-pot, it will be very difficult to 'purify' their culture¹⁵. Paraphrasing Mia Couto, identity is a house furnished by us, but both the house and the furniture were often built by other people. Let us take an example from gastronomy. Many Kazakhs, when they eat 'galubtzi' they think it is a Russian or Kazakh dish, when indeed it is a Greek dish. But it is the way they cook this dish that makes it part of their culture. So why should someone just reject his/her inheritance when he/she can use it, introducing changes and thus creating his/her 'own' culture?

Unfortunately, many people believe that identity means the negation of others' identity. As Roger Portal states in his book about the Slavic nations, religion was never forbidden in Russia, what was forbidden was to proselytise one's beliefs (1968: 426-7). And proselytism is a characteristic that Muslims have in common with Christianity. The only difference is that, though Prof. Akbar Ahmed wants us to believe otherwise, Islam, either we speak about Sunnis or Shiites, is too much attached to an ideal 'static' image of its own culture and religion. Many Islamists believe that their mission is to change the relation of Western Countries towards Islam, by imposing their own *Weltanschauung* / *world view*, from the *sunnah* (daily practices associated with the Prophet) to the *adab* (Muslim customs) or the *shariah* (the law based in the Koran), even if, for that purpose, they have to carry out the *jihad*, euphemistically designed by Akbar Ahmed as the spiritual fight against the Devil. It is not a coincidence that when Akbar Ahmed was visiting Uzbekistan some years ago, he regretted not having met camels, tents and men and women wearing traditional clothes (2001: 241). Would this really make a difference? It seems that for fundamentalists it does. But if he visited Uzbekistan today, he would finally meet women wearing the *hijab*.

It took only ten years for Uzbekistan to become a 'time bomb'. Kazakhstan could be the next step of the Turkish Islamic Dream of recovering its roots, of revisiting its origins and of getting vital space and oil as well.

5. Conclusion

At the moment, major world companies are opening representations in Kazakhstan. There is an intensive increase in the number of joint ventures to implement projects of joint development. The tremendous natural resources of Kazakhstan make this region one of the most attractive objects of capital investment, among other

republics of the late Soviet Union. Probably, if Kazakhstan was not such a rich country in terms of oil, coal and iron production, not to speak of all other metals, from zinc to silver, which may be found in its subsoil, there would be no real danger coming from fundamentalist Islamic groups.

Most part of the oil production is in the hands of Kazakh-American joint-ventures (e.g. Chevron-Texaco, ExxonMobil) and it is being delivered to the international markets through the Black Sea (via Russia) and the Persian Gulf (via swaps with Iran).

I mention these facts because I do believe that if Kazakhstan was not such a rich country with such a small population, that is, and paraphrasing Chomsky, if Kazakhstan was but a big radish field, probably the problems connected with Islamic power in the country, as well as the degradation of the workers' social situation, especially that of women's, would not be so dramatic.

Kazakhstan had all the conditions to be the 'Finland' of Central Asia, but as DAWN (the Forum for Development Alternatives with Women for a New Era) underlines, women have never been in such a difficult crossroads: on the one hand, the social and economic results of globalization mobilize regressive forces against women, and on the other hand, in the name of the opposition to Western hegemony, fundamentalist governments, struggling against globalization, do everything they can to attack women in their political and private rights and even to institutionalize violence against them (Chejter, 2002: 61).

Language is essential for the constitution of the social world, it is a set of cultural practices, a system of communication that allows representations of the social order, a set of symbolic resources that enter the constitution of the social fabric and the individual representation of actual worlds. Each language articulates and organizes the world differently. By imposing a 'brand new' old language, with a rich oral inheritance, but which did not follow the quick social and political development of the world, there are surely many concepts linked with the evolution of the modern world which are not reflected in the Kazakh language. On the contrary, the remnants of old traditional conservative representations of the world in this 'new' old language may in fact legitimate the reintroduction of conservative cultural constructions concerning women and their place and rights in society and facilitate the way to the revivalism of old Islamic customs. These customs will shake the interpsychological representations of the social order, the normal process of socialization and the cultural construction of the

‘self’, particularly as far as women are concerned. Women will be – or have already been – condemned to lose their ‘voice’ and their ‘space’ in society.

¹ Cf. data in www.kazakhstan-gateway.kz/.

² See the English version of the Constitution of Kazakhstan in www.president.kz/articles/state/state

³ Cf. В. И. Ленин (1972), *Критический заметки по национальному вопросу*, Москва, Издательство Политической Литературы, p. 24-26.

⁴ See n. 3 above.

⁵ See n. 2 above.

⁶ See article “Демографические изменения в Казахстане показывают что будущее страны - за казахским языком” (www.kazakh.ru/news/articles).

⁷ Cf. article by Ернур Аканбай (2004), “О преимуществах ‘латиницы’ - академик Абдули Хайдары”, in Казинформ (www.kazakh.ru/news/articles).

⁸ Ibid.

⁹ Cf. Akbar S. Ahmed (2002), *O Islão*, Lisboa, Bertrand Editora, pp. 242-6.

¹⁰ See above n. 8.

¹¹ Cf. Walter Mayr (2004), “Im Land der bartlosen Propheten”, *Der Spiegel*, n.º 33/2004, p. 97.

¹² See n. 3 above.

¹³ Cf. the report “Kazakhstan – Human Rights Developments” in www.hrw.org/wr2k/Eca-12.htm.

¹⁴ See the English version of the Constitution of USSR, Moscow, Novosti Press Agency Publishing House, 1976.

¹⁵ According to Akbar Ahmed, there is already an Islamic Movement in Kazakhstan, the Alash, that believes that all Russian nationals, though Kazakh citizens, should return back to Russia. Cf. op. cit., p. 243.

References:

Аканбай, Ернур (2004), “О преимуществах ‘латиницы’ – академик Абдули Хайдары”, in Казинформ (www.kazakh.ru/news/articles).

Казинформ (2004), “Демографические изменения в Казахстане показывают что будущее страны - за казахским языком” (www.kazakh.ru/news/articles).

Abbot, P./Wallace, C. (1990), *An Introduction Sociology – Feminist Perspectives*, London/New York, Routledge.

Ahmed, Akbar S. (2002), *O Islão*, Lisboa, Bertrand Editora.

Chejter, Silvia (2002), “Globalización y fundamentalismo”, in *Género e Globalización – Mujeres*, Santiago de Chile, Editorial Aún Creemos En Los Sueños, pp. 59-65.

Couto, Mia (sd), “Economia – A Fronteira da Cultura”, palestra proferida na Academia Brasileira.

Duranti, A. (1997), *Linguistic Anthropology*, Cambridge, Cambridge University Press.

Giddens, Anthony (2004), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Ленин, В. И. (1972), *Критический заметки по национальному вопросу*, Москва, Издательство Политической Литературы.

Ленин, В. И. (1972), *О праве наций на самоопределение*, Москва, Издательство Политической Литературы.

Liertz, Vanessa (2004), “Stirb, weil du Christ bist!”, in *Cicero Magazin für politische Kultur*, n.º 8/2004, pp. 32-37.

Macedo, A. (2002) (org.), *Género, Identidade e Desejo*, Lisboa, Edições Cotovia.

Mayr, Walter (2004), “Im Land der bartlosen Propheten”, *Der Spiegel*, n.º 33/2004, pp. 94-97.

Mosquete, Teresa V. (2000), “La Geografía de género: aportación a los estudios de género y a la Geografía”, in María Teresa López de la Vieja (Ed.), *Feminismo del Pasado al Presente*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 117-139.

Portal, Roger (1968), *Os Eslavos, Povos e Nações*, Lisboa/Rio de Janeiro, Edições Cosmos.
Welter, Gustave (1970), *Histoire de Russie*, Paris, Payot.

Sites in the Internet:

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook>
<http://www.freenet.kz>
<http://www.parlam.kz>
<http://www.kazakh.ru>
<http://www.ng.ru/cis>
<http://www.president.kz>
<http://www.zakon.kz>
<http://www.eia.doe.gov/emeu/cabs/kazak.html>
<http://amnesty.org>
<http://www.eurasianet.org>
<http://www.hrw.org>
<http://soros.kz>

**HEADING EAST THIS TIME:
CRITICAL READINGS ON GENDER IN SOUTHEAST ASIA**

Clara Sarmento
Instituto Superior de Contabilidade e Administração,
Instituto Politécnico do Porto
Portugal
clara.sarmiento@iol.pt

Summary:

This essay intends to discuss some critical readings of fictional and theoretical texts on gender condition in Southeast Asian countries. Nowadays, many texts about women in Southeast Asia apply concepts of power in unusual areas. Traditional forms of gender hegemony have been replaced by other powerful, if somewhat more covert, forms. We will discuss some universal values concerning conventional female roles as well as the strategies used to recognize women in political fields traditionally characterized by male dominance. Female empowerment will mean different things at different times in history, as a result of culture, local geography and individual circumstances. Empowerment needs to be perceived as an individual attitude, but it also has to be facilitated at the macrolevel by society and the State. Gender is very much at the heart of all these dynamics, strongly related to specificities of historical, cultural, ethnic and class situatedness, requiring an interdisciplinary transnational approach.

Palavras-chave

Género; Ásia; Narrativa; Discurso; Práticas; Teoria

Key Words

Gender; Asia; Narrative; Discourse; Practices; Theory

Introduction

With this essay I would like to discuss some critical readings of fictional and

theoretical texts on gender condition in Southeast Asian countries, trying to establish their main issues and guidelines. I am therefore going to pay special attention to the issue of silenced female voices and to the ignored practices of women's everyday life. And what happens (or may happen) when they are allowed to have not a room of their own, but a voice of their own.

Though feminists have accused Edward Said of ignoring gender issues, the concept of 'gender hegemony' through hegemonic representations of the other, the silenced one, reminds me of Said's *Orientalism*, especially when he quotes from Karl Marx: "They cannot represent themselves; they have to be represented". Said was aware that the western concept of orientalism implied a particularly male conception of the world, most evident in novels and journey accounts, where women were often the creatures of a male fantasy of power, such as Gustave Flaubert's *Kuchuk Hanem*. This male concept of the oriental world tends to be static, without any possibility of movement and development, thus becoming 'eternally oriental'. And this also applies to the eternal essence of the oriental – or Southeast Asian – female, as represented in stereotypes and eternalized by the media, popular culture and official discourse, reflecting Said's theory that dominated subjects (women, just like Said's 'oriental') never speak about themselves, their true emotions, desires and stories: they have to be represented, someone has to speak on their behalf.

Within the scope of this essay, I intend to analyze some ideological and rhetorical processes through which women's identity is constructed, either by women themselves or by surrogate voices. Ethnography, anthropology, historiography, fiction, translation, popular culture, the mass media and all kinds of textual and visual sources play a very important role in the invention and re-invention of old and new female identities, and in circulating these through time and space. Therefore, one has to select and organize resources, such as: a) Works that focus directly on women; b) Works that refer to women within broader contexts and serve as resources for more specific studies. This is the case of works on kinship, demography, family planning and law, among others, which consider women incidentally, as do many biographies, bibliographies and ethnographies; c) Creative writing and literary criticism, including both female writers in general and male writing on women. The inclusion of works by female writers here is not intended to perpetuate the view that they should be considered primarily as women. Creative writing comes from personal experience, however, and poetry, short stories, novels, plays, and essays should be counted among the resources relating to Southeast

Asian women, because authors are often able to speak more freely about sensitive topics in creative writing than in other media. Therefore, and in short, there may be fact in fiction and fiction in fact, as in the works of Marilyn Krysl, Pramoedya Ananta Toer, V. S. Naipaul, Gao Xingjian, Salman Rushdie, and many other renowned authors.

In this essay, I will give special – though not exclusive – attention to the study of texts, narratives and sources related to Indonesia and Sri Lanka. When illustrating my argument with passages from creative writing, I will quote from Marilyn Krysl’s short-story “The Thing Around Them”, published in 1998 and located in war-torn southern Sri Lanka¹.

‘I Would Like To Tell You My Story’: The Narrative of Everyday Practice

What does an accounting of everyday life have to contribute to the current discourse of gender studies? Is everyday life similarly or differently manifested on the peripheries and semi-peripheries of the capitalist world-system? How are the possibilities for emancipation inscribed in everyday practices, relationships and events concretely taken up and realized by specific individuals and groups, which often take the form of new potential for autonomy, dissent or accommodation? What implications do recent transformations and old continuities in the nature of everyday life hold for the analyses of subjectivity, gender, embodiment, ethnicity, socio-cultural identity, sexuality or the concept of ‘experience’?

Before he died, André Lefevre was developing a theory of cultural grids, based on the works of Pierre Bourdieu and his concept of cultural capital. In Lefevre’s schema, a kind of grid system can be mapped out that shows the role and place of texts and discourses within a culture and the role they might play in another culture. Such a

¹ Marilyn Krysl has published several books of poetry (*Saying Things*, 1978; *More Palomino, Please, More Fuchsia*, 1980; *Diana Lucifera*, 1983; *Midwife*, 1989; *Soulskin*, 1996; *Warscape with Lovers*, 1997) and short story collections (*Honey You’ve Been Dealt a Winning Hand*, 1980; *Mozart, Westmoreland and Me*, 1985; *How to Accommodate Men*, 1998). She was a teacher in China and worked as a volunteer for Peace Brigade International in Sri Lanka, and at the Kalighat Home for the Destitute and Dying, administered by Mother Teresa’s Sisters of Charity in Calcutta. She is the director of the Creative Writing program at the University of Colorado at Boulder, and co-edits the literary journal *Many Mountains Moving*. “The Thing Around Them” appeared in *How to Accommodate Men* (1998) and was selected for *The Best American Short Stories 2000*, edited by E. L. Doctorow. “The Thing Around Them” is one of the four stories of *How to Accommodate Men*’s second section “The Island”, which reflects the writer’s experience as a Peace Corps recruit in Sri Lanka and details the horrors of the current civil war between the Hindu Tamils and the Buddhist Sinhalese. In “The Thing Around Them”, a young mother whose husband was taken away by guerrillas hopes to save her son by sending him abroad for adoption. But when soldiers surround her daughter’s school, she realizes she can do little to protect her family from the suffocating atmosphere of terror.

system would clearly show that texts undergo all kinds of variations in status both inter-temporally and inter-culturally, and would help us to explain some of the vagaries of those changes.

While discussing gender in translation, Sherry Simon points out that those spaces that were once identified as universal (such as the great humanist tradition, the canon of great books, the public space associated with democratic communication, the model of culture which sustained the ideal of citizenship) have now been exposed as being essentially expressive of the values of the white, European, middle-class male.

This is why stories of life, case studies and interviews with women of every age, education and background must be considered as seriously valuable materials for an inside study of gender in Southeast Asia, capable of generating encompassing theories. The previously silenced voices of these women (non-white, non-European, non-middle-class and non-male), and the narratives they produce, have to be given a new role and status, in a modern transnational, interdisciplinary cultural grid: small voices instead of great books, the space of home instead of the public space, that is to say, the narratives of everyday common life, read and decodified in their own context. Moreover, by listening to women's voices and their life-stories, we learn about their real needs and listen to their requests. Because narratives of actual lives produced by human beings with a voice, a face and a name, create spaces of empathy. Consequently, projects of action and research will be conducted in order to obtain actual and useful results.

The first reading whose impressions I would like to share refers to Walter Williams's *Javanese Lives: Women and Men in Modern Indonesian Society*, a set of 27 short autobiographical interviews conducted by the author and his collaborators in Java between 1987 and 88, with individuals – both men and women – that represent a wide diversity of Javanese people. The people interviewed tell how they have coped with rapid changes in society and economy, and with the transformation of their traditions.

These oral histories were gathered from women and men of various religions, socio-economic status and ethnic backgrounds. Diversity is a constant theme, as evidenced by a poor pedicab driver who can barely survive; by a rich businesswoman who explains how she balances her professional and domestic roles; by an educated and respected homosexual school principal; and by an illiterate mother of fourteen children. All of them present in their stories a unique Javanese approach to everyday living. The focus of the first section of the book is the way people have adapted their daily lives to undergoing massive social and economic changes. In the middle section, we hear from

the Javanese who represent traditional values in the midst of rapid evolution. Finally, we hear from educators and parents who tell us of their concerns about youth and the future of the country.

Similarly, *Women at the Crossroads: A Sri Lankan Perspective*, edited by Sirima Kiribamune and Vidyamali Samarasinghe, relies on interviews and case studies to deal with a wide spectrum of issues related to employment and women's social and domestic roles, as well as to vital concerns and perceptions of women in an Asian society faced with the dilemmas of economic and social mutation. The authors include interdisciplinary studies on tradition and modernity; parliamentary politics; education; family law and social justice; Sri Lankan, Bengali and Indian domestic aides in the Persian Gulf states (Kuwait, United Arab Emirates, Saudi Arabia and Bahrain); school teachers; marriage, motherhood and employment.

Modern Sri Lanka is also the field covered by Swarna Jayaweera, who edits *Women in Post-Independence Sri Lanka*, a collection of essays which reviews the different paths Sri Lankan women have taken to achieve greater political and economic empowerment and control over their lives, during the fifty-something years that have elapsed since this country gained political independence, i.e., 1948.

Adopting a gender perspective, this volume discusses the impact on women of the social, political and economic developments which have occurred during these eventful decades. On the face of it, the country's record on gender issues has been remarkable: women have occupied and continue to occupy positions in the highest echelons of political power; the country ranks high on the list of developing nations in terms of its social indicators; and both men and women have enjoyed the franchise since long before 1948. However, a closer examination reveals that, despite all this, gender issues continue to be largely ignored in policy making and in important sectors of national development.

Therefore, the book opens with an overview of the various spheres where women are affected: law and human rights; the impact of the continuing ethnic conflict and violence; education and employment; health and population; changes in social and intra-family structures; the emergence of women's organizations; reasons for upward mobility, endemic poverty and violence. But all these topics take into serious consideration the voices of Sri Lankan women themselves, by studying and quoting extensively from interviews with women from different socio-economic strata and with those who have experienced first-hand the effects of political upheaval and violence.

In South and Southeast Asian countries, a large number of women have been employed as teachers, from primary to higher secondary school and, though comparatively fewer in number, at college and university level. This has given rise, however, to role conflicts in a woman-teacher's everyday life experience. Based on extensive fieldwork and personal interviews in Sri Lanka, Nepal and India, Usha Nayar's *Women Teachers in South Asia* reveals a pattern of continuity, discontinuity and change in the occupational mobility, role commitment and also role-conflicts of women teachers in these three societies, as teaching at any level gradually becomes a specialized job, requiring a particular kind of training, skill and aptitude. Tracing the growth and evolution of education and teaching as a profession for women in traditional Asian societies, this pioneering cross-cultural study shows that while at lower levels women teachers take their occupation almost as an extension of her family roles (in terms of space and time), at higher levels their family roles come into conflict with their profession, though they have in general displayed a remarkable capacity for evolving a certain compatibility between them.

When it comes to remunerated work outside the domestic space, gender roles and conflicts of identity become even more evident in professions that require a high level of academic education and offer both personal and economic power. For such women, new alternatives continuously interplay with the forces of *adat* (tradition) and religion, which are not always compatible, bearing in mind that what may be 'appropriate' according to tradition at home, may not be 'appropriate' according to modern corporate culture at work. In other words, gender identity in one realm does not necessarily travel well into another social situation.

This type of role conflict is analyzed by Wil Lundstrom, in his essay "Gendered Borders: About Some Professional Women in Malaysia", which intends to reveal what well-educated female employees are doing with their private lives and gender identity, as they follow career patterns that were once more typical of men. In Malaysia, we find a new generation of well-educated widely-travelled women, who mix and blend different ways of cultural orientation. Lundstrom's research emphasizes the deep connection between professional, family and religious fulfillment for these women. During their interviews, they reveal how important it is for them to be ambitious, recognized professionals, to be good active Muslims and to have children. Domestic work is not the heavy restraining load it often is in the West, as it is left to servants or

helpful relatives. Marriage is, first of all, the (sole) acceptable way for having children and it should also provide emotional fulfillment.

But women's potential for agency is not restricted to their participation in Western-like forms of organization, education or production. Sustainable management of traditional local resources can also profit from women's experience and function as an alternative source of income for them, thus raising their social and economic status. For instance, one of today's most pressing challenges is to find strategic solutions to deforestation, and to strengthen the sustainable management of forests. In Sri Lanka, Bangladesh, Indonesia, Thailand, the Philippines and Nepal, the traditional contribution of local communities to forestry and tree management has always been significant. However, communities are now almost fully excluded from this task. In the few instances in which communities participate in forestry, they do so as cheap labourers in the production of timber, and never at the level of planning and design. In two case studies based in Sri Lanka and published in *Deforestation, Women and Forestry*, Anoja Wickramasinghe explores historical trends that have led to deforestation, women's loss of control over resources and to the conflicting priorities of forestry professionals and rural women.

As a development sector, forestry is male dominated. Decisions made at the level of policy, planning and regional implementation are accepted as infallible. Women, who form the lowest strata of society, must therefore implement decisions that ignore their own urgent needs. Rural women in developing countries use forests as a provider of items essential for household survival: food for the family, wood for domestic cooking, fodder for domestic animals, fibre and raw materials for making household utensils, pharmaceutical products to treat ailments and prevent the spread of disease – all these are acquired in the forest. For centuries, these resources were widely available and women used them freely. In the process, women accumulated an immense hoard of knowledge, namely where resources were available and how they could most efficiently be used and preserved for future generations. The food security of rural populations has therefore always been directly dependent on forests and tree farms. With such a close involvement in day-to-day survival, women in rural areas are knowledgeable in the multiple uses of forest resources. Therefore, they are potential planners and designers, with the capability of changing the present negative situation. This gender disparity in attitudes towards forestry (women's lasting interest in tree products and men's interest in timber obtained through destructive harvesting) can be

reconciled through the promotion of tree planting. However, these tasks performed by women should not be taken as biological commitments, nor should women's involvement be justified by theories that too easily link women with nature.

In the same field as Wickramasinghe's study, a strong sense of emotional connection with the environment – here understood as proof of humanity and not just of 'womanity' – is conveyed by the first extract from Marilyn Krysl's "The Thing Around Them" I selected in order to illustrate the above-mentioned factuality of fiction. In this extract, young Vasuki visits what is left of her beloved forest, after soldiers have devastated this potential hiding place for rebels:

A day and a night passed. Then the news came. Soldiers had cut the coconut trees. They said it was to use the trunks for bunkers, but they'd cut every tree. Orchard after orchard, all the way back to that first generation fell in this cutting. Even the orchards which belonged to the Catholic priests were cut without a single piece of paper granting dispensation. Vasuki left the children with Sri and went to where the orchards had been. It felt as though angry speech had shot out across the air, cursing whatever lovely thing was in its path. The stumps were white, shocking. You didn't want to walk there. There was too much sadness in that place. (129)

Krysl's prose also introduces another important, sometimes even dominant, subject in the narrative of everyday practice, which is the narrative of the everyday practice of terror, with its manifold and very significant discursive strategies.

Narratives of Violence: The Everyday Practice of Terror

The narrative of violence is another important type of discourse generated by extreme poverty, strong relations of inequality and close contact with terror and sheer survival on a daily basis. Old and new realities require an adequate vocabulary, with its polissemic words and metaphors, whose meanings are created and shared by the affected community, because violence has to be described and somehow justified by both victims and perpetrators. Violence against women may take multiple forms, wear several masks, play its hegemonic role in many scenarios.

The case of Asian domestic aides in the Persian Gulf states, and their subhuman living conditions, already introduced in *Women at the Crossroads*, is the core of Michele Ruth Gamburd's *The Kitchen Spoon's Handle*, which focus specifically on Sri Lankan migrant domestic workers. Domestic service abroad functions as a possible but uncertain response to social and economic changes, in a context of severe inequality inside the family, the community, and the nation. This inequality is also evident in the

relations between nations, races, religions, and cultures established by migration. The case studies described in this book blend the painful stories and memories of returned migrants and their families and neighbours with interviews to government officials, recruiting agents and moneylenders, thus showing the confluence of global and local processes in the lives of these women and their community. I would like to emphasize that, in most cases presented here, violence against women is perpetrated by both male and female employers. Asian domestic aides are seen as mere commodities, an expendable slave-like workforce that even a middle-class family is able to afford.

But there are other forms of tacit violence and consented transnational exploitation of Asian women, as in the strange case of ‘mail-order brides’, who are advertised, selected and purchased through glossy-paper catalogues and websites. Rolando Tolentino explores this practice in America and Canada in his essay “Bodies, Letters, Catalogs: Filipinas in Transnational Space”, published in *Transnational Asia Pacific: Gender, Culture and the Public Sphere*.

The ‘mail-order bride’ exists within a narrative of hegemony, of disguised violence, a nostalgic discursive production that enhances the values of traditional family and ideal social order. But the mail-order bride herself, confined to a commodity trade, is deprived of an independent discourse. The functional third-world woman’s body is made symptomatic of the ideal first-world male nuclear family narrative. The catalogue’s text brings into perspective the desire to situate women in an American space and in a time when women were idealized schoolgirls and perfect housewives. First-world men aim to regain the pleasure of authority through a conquest of those third-world women who prove themselves worthy of redemption from their own kind. Nostalgia and gender and racial stereotypes are disguised under the language of philanthropy. The mail-order bride business depends on the catalogue’s verbal and visual discourse about passive, devoted, submissive women, revealed as the very antithesis of the supposedly liberated first-world woman.

War, however, is the domain of terror by excellence. Women and children helplessly experience all sorts of violence, which has to be somehow expressed through words and silences, through patterns of thought and behaviour... provided that they survive. Sasanka Perera’s recollection of *Stories of Survivors (Socio-Political Contexts of Female Headed Households in Post-Terror Southern Sri Lanka)*, for instance, describes the emergence and the institutionalization of political violence in Southern Sri Lanka in the late 1980s. Female-headed households in Sri Lanka emerged as a social

phenomenon in substantial numbers only after the two youth uprisings, one in the south among the Sinhalese, and the other in the north among the Tamils. Men went to war and died violently, leaving the women and children to face their lives amidst uncertainty, insecurity and terror. While undertaking a sociological inquiry into the lives of women and children, an inevitable political focus enters the scene of the research, as the complicity of the state in creating coercive patterns of governance becomes more and more visible.

Drawing upon extensive narratives of violence articulated by women, Perera's book captures both the structural and emotional upheaval that affects women and children during times of war, such as living with the tortured, the disruption of the family, concerns over sexual harassment and re-marriage, consequences of trauma and the problem of missing relatives, the so-called 'disappeared'. This widespread culture of violence, with large-scale destruction of life and property as well as thousands of arbitrary disappearances, coined new words and altered meanings for old words, such as the ones used for designing 'terror', 'torture chamber', 'kidnapped' or 'the disappeared'. These words made a dramatic entrance into the journalistic and popular discourse, and eventually into the narrative of everyday experience.

Articulating violence, both as an agent and as an object, is a painful, difficult task, as it becomes evident in Alex Argenti-Pillen's *Masking Terror: How Women Contain Violence in Southern Sri Lanka*. This book gives an account of the ways women from a community in the rural slums of Southern Sri Lanka talk about violence and its effects. The background of the soldiers commonly depicted as perpetrators, because of the genocidal war crimes against Tamil communities, is reconstructed through the stories of their mothers, sisters, wives and grandmothers. In order to understand these stories, it is important to analyze the language in which they are told. These women's often metaphorical and ambiguous discourse about a daily reality of violence underlines the difficulty of sustaining a cohesive social reality by those living perennially under what they call 'the gaze of the wild'. One feels that there has to be a sort of discursive domestication of political violence, both by victims and families of perpetrators, in order to "mask terror". Let us not forget that 'to mask' means 'to hide', 'to disguise', 'to justify'; but it can also mean 'to embellish'. Many expressions fluctuate between the discourse of spiritual religion and a discourse of interpersonal violence, because language has to describe a new unknown reality. People have to coin new words or give old words new meanings, but some things are better left unsaid.

Marilyn Krisl's metaphor in the very title "The Thing Around Them" works perfectly in order to illustrate this issue. The true meaning of such "Thing" is never given throughout the short-story, as the characters are unable to understand the reasons and the full extent of their country's desperate situation: "People talked about the thing around them – how you couldn't see how big it might be, how you couldn't tell when it would come" (121). However, they know that there is someTHING terrifying slowly closing around them, a siege of terror looming nearer and nearer, until it explodes in the story's open final, when the school (with the children, their teacher and mothers inside) is actually surrounded by heavily-armed soldiers. The reader is left to guess the unspeakable things that will follow.

The same lack of an appropriate vocabulary for the terror and torture created by man – in contrast with the beauty and peace of Nature – is implied in the passage:

One young man who'd been kept almost a year had come back. His story was not a good one. Things had been done to him, things with electricity. Things with water. And yet the moon rose and set, moving the ocean's ablutions. The green curtain rippled when a breeze blew over the lagoon. Birds sang out their vibratory calls before dawn, urging the sun onto its arc. The air tasted sweet. Light laid on its hands. (119)

Sasanka Perera's *Stories of Survivors* carefully describes the new widely experienced reality of the disappearances and the women's strategies for coping with terror and torture, as in the passage: "The majority of the women dealt with their feelings of hopelessness by concentrating all their efforts on bringing up their children in a safe and stable environment. It was for the children that they would continue to live. It was for them that they would find employment, and for them that they would request help from others" (113). Through creative writing, Marilyn Krysl's "The Thing Around Them" accomplishes a very similar purpose:

"What is it?" Vasuki said. "Did someone hit you?" "No," her mother said. Vasuki thought of the catholic priest who, though her family was not Catholic, had volunteered to intercede for them with the sergeant. He had used an expression Vasuki had not heard before: the disappeared. [...] Inside herself Vasuki constructed a pyre like the one which the family would have cremated Raj's body. She would not be like those other women, helplessly waiting. She would not wait. She would not hope. She was the mother. She stood up inside that space Raj had attended. She would become even more fiercely the mother. (117 and 125)

As it seems, women and their country's History meet frequently during times of war, when they are its helpless victims. But women also took part in the construction of

those same countries, in colonial and post-colonial times. If History is another sort of narrative, what is then the role of its female characters?

The Nation's Narrative

According to the official discourse of independence and nation-building in Southeast Asia, women act as secondary characters in the nation's narrative, because the very definition of national History is destined to exclude or marginalize women. Colonial and post-colonial History concentrates itself on issues like inter-state diplomacy, political leadership and warfare, where men play the dominant role, according to written sources that privilege male activities. In her introduction to *Other Pasts: Women, Gender and History in Early Modern Southeast Asia*, Barbara Watson Andaya stresses that, when the national story has already been laid out according to certain accepted formulae, women can only be included as a kind of supplement. This has been especially evident in Southeast Asia, where nationalist movements and the struggle against colonialism have been infused with masculine pride. Histories already articulated in terms of themes such as the suppressed people, the emergence of leaders, the awakening of popular consciousness or the successful revolution have proved highly resistant to the incorporation of women's perspectives.

But when narrating the Nation's predicaments, patriarchal discursive productions often resort to stereotypes and metaphors associated with women, like honour, respectability, victimization, maternity, protection and care, thus 'gendering' mother-Nation, a fragile imaginary female entity. This is the main conclusion of Neloufer DeMel's essay "Setting the stage, gendering the nation", included in *Women and the Nation's Narrative: Gender and Nationalism in Twentieth Century Sri Lanka*. The book explores the development of nationalism in Sri Lanka during the past century, particularly within the dominant Sinhala Buddhist and militant Tamil movements. Tracing the ways women from diverse backgrounds have engaged with nationalism, DeMel argues that gender is crucial to an understanding of nationalism and vice versa, in several essays whose suggestive titles are, among others: "Framing the Nation's Respectability", "Agent or Victim? The Sri Lankan Woman Militant in the Interregnum" and "Mother Politics and Women's Politics? Notes on the Contemporary Sri Lankan Women's Movement".

Indeed, nationalism and patriarchy are never static institutions. They shift and adapt to circumstances and, sometimes, even adopt an apparent feminist stance, appropriating (exploiting?) the discourse of women's rights. But women also act on their own behalf, and negotiate patriarchy, capitalism and political opportunities, as well as contradictions within nationalism itself, to their advantage. Universal values concerning conventional female roles are also present in some strategies used to recognize women in political fields traditionally characterized by male dominance, as in the case of Megawati Sukarnoputri's 1999 campaign:

During and after the June elections, not only Megawati, but also many other women in Indonesia began reclaiming a significant role in the political life of the country. Apart from adding their voice on national issues, they have also sought more attention for women's issues, including demands for more jobs in the bureaucracy, from village head to ministerial positions, and access to credit. No doubt these new political 'beginners' may become role models for less active women to enter public life. Although the movement is considered still too disparate to result in a significant impact, it surely is a strong change in political life.²

In Indonesia, under Suharto's New Order regime, people were systematically depoliticised, a strategy that, towards women, took the form of 'State Ibuism' or 'housewifization', a process by which women are socially defined as dependent housewives, a convenient strategy of social control and capitalist re/production. This was a general setback, if we compare it with the rather equalitarian orientation of the

² MACHALI, Rochayah, "Women and the concept of power in Indonesia", BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power: Women in Southeast Asia*, Victoria (Australia), Monash Asia Institute, 2001, p. 2. This collection of eight papers provides a glimpse of various styles in writing on Southeast Asian women, by specialists from several disciplines. The essays, drawn from a 1999 conference held in Melbourne, range from reports of early research findings to post-modernist reflections. Five essays are primarily research-based, and they provide fresh insights derived from different methodologies. Alexander Soucy ("Romantic love and gender hegemony in Vietnam") draws on talks with his Vietnamese women friends to show how they reject old hierarchies, only to accept the limits imposed by new, karaoke taught lessons. Nurul Ilmi Idrus ("Marriage, sex and violence") opens a window on a little known world with her case studies of marital rape, based on painfully intimate interviews. Lyn Parker ("Domestic science and the modern Balinese woman") analyses periodicals from the 1920s and 1930s to show how 'new women' in colonial Bali claimed 'modernity' for themselves. In her essay "Dalangs and family planning propaganda in Indonesia", Helen Pausacher reveals the government's manipulation of traditional shadow-play narratives to sell contraception. Peter Hancock uses his knowledge from earlier research on the lives of West Javanese women factory workers to criticise the narrow occupation-based focus of the U.N. criteria for assessing gender empowerment. He argues for the inclusion of more embedded criteria, such as participation in decision-making, and factors reflected in such indicators as education and age at first marriage. The remaining three papers are of a somewhat more general nature. Two convey current preoccupations with Islam and the political leadership of women. Rochaya Machali reflects upon Megawati's run for presidency, while Kathryn Robinson contextualises the same issue in a survey of selected case studies. In "Gender, Islam and culture in Indonesia", she suggests that there is a tension between the flexible and pragmatic accommodations by which Islam has been adapted in diverse societies (she focuses on the Javanese, Achinese and Buginese), and the tendency of modern Islamic movements to return to textual interpretations. The final essay, by Lenore Lyons ("Researching the lives of Singapore women") is an introspective account of the intellectual and emotional voyage she herself made while working with the Association of Women for Action and Research.

revolutionary struggle against Dutch colonizers and the mid-1950s political campaigns.

But Megawati Sukarnoputri's campaign also followed strict self-imposed representations of female power, always protected and justified by the sacred inheritance of her father's name and mission³. The continuity of that formerly offended male power was the reason for Megawati's own struggle for power, because she was acting in the holy name of the father. She was not herself, she was 'the daughter of'. Once her father was revenged, she would simply return to the role of Ibu, wife and mother, ruling her country as peacefully as any other housewife rules her home, supporting, in the first place, the ambitions of her husband.

This self-interested legitimation of hierarchical power structures relies on a binary stereotyped opposition between genders, which justifies and perpetuates the division of society into a privileged group of leading men, and a vast majority of powerless 'others'. Dichotomies rationalize this type of situation, making it appear natural and reasonable.

Stereotypes, Dichotomies, Metaphors and Power

Most texts we have seen refer to several types of stereotypes, dichotomies and ideologically oriented metaphors about gender related issues in general, and the role of women in particular. Moreover, traditional forms of stereotyping gender hegemony have been replaced by other powerful, if somewhat more covert, forms, such as the ones pointed out by Robert Connell in *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*: "(a) the hierarchies and work-forces of institutionalized violence-military and paramilitary forces, police, prison systems; (b) the hierarchy and labour force of heavy industry (for example, steel and oil companies) and the hierarchy of high technology industry (computers, aerospace); (c) the planning and control machinery of the central state; and (d) working-class milieux that emphasize physical toughness and men's association with machinery" (109).

In his *History of Sexuality*, Foucault wrote that "power is everywhere; not because it embraces everything, but because it comes from everywhere" (93). Indeed, in the context of this essay, even modern popular culture (in music, cinema, television, novels and magazines) emerges as a new form of reinforcing old structures of power

³ See also: BARREIRA, Irlys Alencar Firmo, "Ritualisations du Féminin Lors d'une Campagne Électorale au Brésil", *Anthropologies et Sociétés*, vol. 25, n° 3, 2001, pp. 31-49.

that subordinate women⁴. A popular novel, for instance, in order to be ‘popular’, has to be an intricate composition, which expresses and mirrors the existing life issues, while having the additional merit of subtly educating society towards alternatives to replace stereotypes. These concerns are delicately expressed without acknowledging a definite but unknown utopia for women, and without disturbing the balance of an actual patriarchal society.

In modern popular culture, global concepts are localized according to frequently imposed roles and expectancies for local women. Although originally deriving from Western ideas, representations of romance, for instance, have taken a life of their own in media images, and are rampant in popular culture throughout Asia⁵. The ideal of the happy family as the basic cell of society is prevalent and it is primarily women who are held responsible for creating it. In women’s magazines, the connection between happiness, family and love is explicit. And, once again, we find here the inside/outside (home *versus* the world) dichotomy, where the male-dominated outside is accorded more prestige than the female-supervised inside. Popular ideals of romantic love effectively reinforce gender hegemony, because of the non-confrontational way in which they are presented. In a nutshell, women no longer serve men because that is what they were supposed to do under the patriarchal system; they now do so because it is an expression of their true romantic love, which will ultimately reward them with a model happy family.

In Indonesia, everyday language itself shows that, when a couple is the same age, the woman takes up the personal reference for young sibling (‘adik’), and the man for older brother (‘kakak’). Thus, a relationship that positions men above women in a hierarchy of reference is seen as romantic. Moreover, in a much more dramatic level, the notion of domestic violence and marital rape may be difficult to localize, as in Indonesia religious experts argue that husband and wife are ‘two in one’, and therefore rape cannot happen in marriage, because raping one’s wife is similar to raping oneself. Likewise, this issue is regarded as a Western concept, spread by Western feminists and believed to be inappropriate for Indonesia, where feminism has commonly been viewed

⁴ As a complementary reading, see also the chapter on “Popular Discrimination” in John Fiske’s *Understanding Popular Culture*, London and New York, Routledge, 1998 [1989], pp. 129-58.

⁵ See: SOUCY, Alexander, “Romantic love and gender hegemony in Vietnam”, BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power*, pp. 31-41.

as opposition to men rather than an effort to empower women⁶. Ironically, economic domination from the women's side does not guarantee the absence of violence: wives who are the breadwinners in the family also experience sexual violence from their dependent husbands. Moreover, women's awareness does not ensure women will leave their violent marriage: duty, economic dependency, shame, guilt, the low social status of divorce, fear of losing custody of children and general acceptance of one's lot are the main factors of silence whenever violence happens in the private sphere.

Still in the personal field, the question of pregnancy and motherhood as an institution and/or as an experience recalls Julia Kristeva's dichotomies nature *versus* culture and singularity *versus* ethics. In order to reflect on this subject, I will be quoting from the essay "Killing Motherhood as Institution and Reclaiming Motherhood as Experience: Japanese Women Writers, 1970s-90s", by Fukuko Kobayashi, published in *Transnational Asia Pacific: Gender, Culture and the Public Sphere*. Among others, Kobayashi analyses the novel *Chôji (Child of Fortune)*, by Tsushima Yûko (born in 1947), first published in 1978, which is a radical critique of the powerful and persistent institution of motherhood that simultaneously reclaims the experience of motherhood with its emphasis on the mother-daughter bond.

Fukuko Kobayashi follows Julia Kristeva's essay "A New Type of Intellectual: The Dissident", when she expresses the belief that, while pregnancy can be considered as a "threshold between nature and culture", maternity can be seen as a "bridge between singularity and ethics". Kristeva further argues that a woman can "find herself at the pivot of sociality – at once as a guarantee and a threat to its stability":

Pregnancy is first of all an institutionalized form of psychosis: me or it, my own body or another body. It is an identity that splits, turns in on itself and changes without becoming other: the threshold between nature and culture, biology and language. Subsequently, with the arrival of the child and the start of love (perhaps the only true love of a woman for another person, embracing the complete range, from Lady Macbeth to self-sacrifice), the woman gains the chance to form that relationship with the symbolic and ethic Other so difficult to achieve for a woman. If pregnancy is a threshold between nature and culture, maternity is a bridge between singularity and ethics. Through the events of her life, a woman thus finds herself at the pivot of sociality – she is at once the guarantee and a threat to its stability.⁷

⁶ See: IDRUS, Nurul Ilmi, "Marriage, sex and violence", BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power*, pp. 43-56.

⁷ KRISTEVA, Julia, "A New Type of Intellectual: The Dissident", trans. Sean Hand, MOI, Toril (ed.), *The Kristeva Reader*, Oxford, Blackwell Publishing, 2002 [1986], p. 297. Originally published as an editorial in *Tel Quel* in 1977 (number 74, Winter 1977), under the title "Un Nouveau Type d'Intellectuel: le Dissident", this article is almost contemporary with "Why the United States?". In this short essay, Kristeva argues for a new form of political engagement among intellectuals, an engagement that would escape the old master-slave dialectics outlined by Hegel. Drawing on the experience of marginality and

In *Chôji*, the unconventional protagonist Kôko may appear to constitute a small threat to Japanese patriarchal society, but it is evident that she is also envisioned by Tsushima as a guarantee of a particular kind of society, a society where the dichotomies of nature *versus* culture, or singularity *versus* ethics, are not in such extreme opposition as they sometimes appear to be nowadays.

The independent, divorcée Kôko believes to be pregnant as the result of a casual affair. Though this pregnancy is merely a product of her own imagination, she actually feels bodily and mentally transformed during this period. Koko's decision to keep her imaginary baby symbolizes her effort to maintain her own autonomous universe away from the dominant value system of the larger outside world, continuously preoccupied with upward mobility and materialistic achievement. She also believes that a child can grow into maturity by sharing many of the things that his/her mother goes through in everyday life. Thus, with *Chôji*, as with many of her other texts that deal with motherhood, Tsushima Yûko shows us that the maternal body can be a fertile ground for feminist discourse that is at once subversive and creative.

Motherhood may indeed be used to create a safe 'space of protest', protected by institutionalized discourses, as Malathi de Alwis argues in "Motherhood as a Space of Protest: Women's Political Participation in Contemporary Sri Lanka". In Sri Lanka, during the height of state repression (1988 to 1990), the Mothers' Front rose to protest against the 'disappearance' of nearly sixty thousand young men and many half-ignored young women. The Mothers' Front used the institutional discourse of motherhood, projecting essentialist views of women that reinforced the notion of biology as destiny and legitimized a sex-role system. However, the unquestionable authenticity of their grief and that espousal of traditional family values, within a patriarchal society, provided the Mothers' Front with an important space for protest unavailable to other

exile, whether physical or cultural, the intellectual can still spearhead a certain kind of subversion of Western bourgeois society. For Kristeva, there are three groups of intellectual dissidents (the word is chosen with direct reference to the dissident movements in the Soviet bloc): the intellectual who attacks political power directly (thus inevitably remaining within the very discourse of power that he is out to undo); the psychoanalyst whose major counterpart is religion; and the experimental writer who is out to undermine the law of symbolic language: "But through the efforts of thought in language, or precisely through the excesses of the languages whose very multitude is the only sign of life, one can attempt to bring about multiple sublations of the unnamable, the unrepresentable, the void. This is the real cutting edge of dissidence" (300). In addition to these three groups, there is the subversive potential of women. Kristeva here gives a brief and lucid outline of her analysis of the position of women within the symbolic order: "A woman is trapped within the frontiers of her body and even of her species, and consequently always feels *exiled* both by the general clichés that make up a common consensus and by the very powers of generalization intrinsic to language" (296).

organizations critical of state practices, recalling the example of the 'Madres of Argentina'.

Moving between fact and fiction, women novelists play an important role in transmitting stereotypes, dichotomies and associated social values through multiple perspectives, no matter how popular or highbrow their writing may be. Women novelists not only encode or affirm the values of their society but they may also challenge, modify or give new meanings to those values through the formal strategies of literature. However, one must not forget that the concept of 'women's writing' itself can also be a patronizing stereotype that creates an underlying dichotomy with 'men's writing' (or main writing or mankind's writing) or with '(not) writing like a man'. By and large, however, most women writers seem to have continued to be more sensitive than men to critical opinion and to the prejudices of a still largely conservative reading public.

Thelma Kintanar, Ungku Tahir, Koh Ann and Toeti Heraty study these possibilities in *Emergent Voices: Southeast Asian Women Novelists*, concentrating in Malaysia, Brunei, Singapore, the Philippines and Indonesia. The situation of women novelists in these countries is not static but is developing in ways that are sufficiently encouraging to enable us to say that they are beginning to make an impact on their society. Education is one of the major preoccupations of their works, although the cultural contexts in which the theme occurs are quite different. Education is seen not only as a means of fulfillment for a woman but as a means of freeing her from the bondage and extreme subordination that is her fate in a strict traditional order. In the Filipino novel by women, because of the educational history of the country, which gave women relatively early and equal access to higher education, the need for education for women is not a predominant theme, as it is in its Malay and Indonesian counterparts. Indonesian popular novels by women writers present selfless heroines, dedicated to work, family and society, faithful to traditions and customs, meekly accepting everything that comes to their lives. The underlying theme in such novels is social injustice towards women, at different phases of their lives, in the context of a patriarchal society: how women deal with sexuality, whether in or outside marriage; the problems faced by a single woman in society, especially if she is a widow or a divorcée; the choice of a career as an alternative for the modern woman and its implications and complications in Indonesian society. Conversely, in the Filipino novel, injustice towards women is seen as a part of, or subsumed under, social injustice as a whole. The different

cultural contexts in which Southeast Asian women novelists produce their works thus become evident. Therefore, as the search for local concepts actually generates new concepts, there has to be an epistemological and phenomenological adaptation while studying gender related issues in Southeast Asia.

In Search Of Local Concepts: Localising Feminism

When talking about Gender Studies, Southeast Asia must be understood in terms of colonialism, post-colonialism, capitalism, globalization, and their diverse and intersecting discursive productions.

Dutch colonial feminists, for instance, were fully involved in the colonial project. Their criticism only addressed European women's exclusion from participatory colonial citizenship, not women of other population groups, a racial discrimination justified with a conservative interpretation of *adat*, tradition. Elsbeth Locher-Scholten's *Women and the Colonial State* deals with this ambiguous relationship between Indonesian and European women and the colonial state, in the former Dutch East Indies, between 1900 and 1942. This work is based on new data from a variety of sources, such as censuses, colonial archives, rural labour reports, household manuals, children's fiction and Indonesian press surveys. *Women Creating Indonesia: The First Fifty Years*, edited by Jean Gelman Taylor, also collects several insightful essays illustrating how, in a colonial context, democracy and feminism were severely limited. Moreover, the men who have written the History of westerners in Southeast Asia produced accounts that nevertheless ignored the perspectives of the wives, daughters, civil servants, travellers and female missionaries. Actually, History has thoroughly silenced the voices of women, both colonizers and colonized, both Eastern and Western.

Both Locher-Scholten and Taylor conclude that, of the intersecting categories of gender, race and class, class has remained the most restrictive and permanent. Indonesian female servants were certainly the ultimate other – different in race, class, religion and gender from those who held the power. On the other hand, Indonesian female servants were very close to the European families, as they took part in the most intimate instances of the household. Their presence offered many possibilities for ambivalence, fears and desires, as expressed in the textual representations of this social group, as well as in many of Pramoedya Ananta Toer's tales from *Cerita Dari Jakarta*. The truth is that the demands of modernity, the illusion of westernization, together with

the hopes for promotion in the colonial system, sometimes took the appearance of concern for the rights of women, as in the case of the rejection of polygamy. But the barriers of class prevailed. There was, for instance, little concern for the consequent situation of secondary wives and concubines when polygamy was abolished, or for the cheap expendable female workforce of household servants, forgotten even by their Indonesian employers.

These – and other – readings demonstrate how Western feminism has not always been aware, either voluntarily or involuntarily, of the cultural specificity of gender condition in Southeast Asia.

Adapting Clifford Geertz's thought, as expressed in *Local Knowledge*, feminist analysis and intervention should instead be defined by neither distancing 'others' (other women) as counterpoles, nor drawing them close as facsimiles, but rather by locating itself among them:

In short, accounts of other peoples' subjectivities can be built up without recourse to pretensions to more-than-normal capacities for ego effacement and fellow feeling. Normal capacities in these respects are, of course, essential, as is their cultivation, if we expect people to tolerate our intrusions into their lives at all and accept us as persons worth talking to. I am certainly not arguing for insensitivity here, and hope I have not demonstrated it. But whatever accurate sense one gets of what one's informants are really does not come from the experience of that acceptance as such. It comes from the ability to understand their modes of expression, their symbol systems, which such acceptance allows to develop. Understanding the form and pressure of other's inner lives is more like grasping a proverb, catching an allusion, seeing a joke or reading a poem, than it is like achieving communion. (70)

Clearly, female empowerment means different things at different times in History, as a result of culture, local geography and social, political and individual circumstances. However, no matter how much feminist agendas might be made-up to resonate with women's everyday experiences under all those circumstances, ideas alone are not enough to put effective pressure on the State and society. In other words: empowerment needs to be perceived both as something "that comes from the women themselves and something they can own with pride"⁸, in individualized forms of

⁸ ROWLANDS, Jo, "A word of the times, but what does it mean? Empowerment in the discourse and practice of development", AFSHAR, Halah, *Women and Empowerment: Illustrations from the Third World*, London, MacMillan, 1998, p. 3. If to empower women is to bring them into the decision-making processes at all levels of society, they first need gender policy, combined with access to market, credit, property and income. In "The Currency of Indonesian Regional Textiles: Aesthetic Politics in Local, Transnational and International Emblems", Lorraine Aragon stresses the importance of female labour in local development, through traditional activities like handicraft, weaving and batik. In issues of subsistence and gender, NGOs also have an influence, as in the case of VWWE – Veteran Women and Widow Entrepreneurs – a self-help project which intends to build economic independence with pride and

everyday resistance; and as a strategy for action, implemented by governments and institutions alike, and accepted (and put into practice) by society in general. Because, in reality, in male-dominated societies, though women may be permitted to engage in contained activism, those women mobilizing themselves around highly organized global feminist agendas are unlikely to receive such indulgence.

In brief, most women in Southeast Asia face numerous barriers to activism and find it hard to make their voices heard. Regional and class differences in domestic organization and in women's access to education and income give some women more opportunities for mobilization than others. Such examples often expose the fragmentation – by locality, class, and so forth – that is highly likely to harass feminist organizations. But they also confirm the high levels of consciousness among women with no previous exposure to feminism as conventionally understood, and the tenacity and determination of women fighting for their rights even in the face of obstruction. *Resisting the Sacred and the Secular: Women's Activism and Politicized Religion in South Asia*, edited by Patricia Jeffery and Amrita Basu, studies this particular type of resistance, focusing on women's agency and activism within the Southeast Asian context, and their paradoxical relationship with religious politics in India, Pakistan, Sri Lanka and Bangladesh. In fact, and contrary to the hopes of feminists, many women have responded to religious nationalist appeals; contrary to the hopes of religious nationalists, they have also asserted their gender, class, caste and regional identities; contrary to the hopes of nation states, they have often challenged state policies and practices.

Patricia Jeffery's own contribution, in "Agency, Activism, and Agendas", is particularly significant, especially when she clearly states that women's movements are invariably situated within specific national contexts of state and economy: "The countries of South Asia have had different experiences of state and civil society, electoral politics and military rule, theocracy and secularism. Their economies and their integration into the world economy have taken different trajectories" (238). Consequently, all these specificities must be integrated into feminist agendas.

Yet, if women experience oppression in locally specific ways, these experiences are by no means simply local in their origins and they cannot be effectively combated at a restricted, fragmented level alone, which will only yield limited effects. Wherever

they are, then, feminists cannot ignore the global dimensions of gender issues any more than their locally specific manifestations. Localism and globalism – with their associated discursive productions – are not another dichotomy: localism cannot be projected as a counterpoint to the global but is itself a significant dimension of globalization. Local knowledge is in dynamic tension with global knowledge. And the issue of gender is very much at the heart of all these dynamics, strongly related to specificities of historical, cultural, ethnic and class situatedness, requiring an interdisciplinary, transnational approach.

The comparative dimension necessary for what we might call ‘intercultural analysis’ has moved away from an anthropological notion of culture and towards a notion of cultures in the plural, as Clifford Geertz explains in his *Local Knowledge*:

The hallmark of modern consciousness is its enormous multiplicity. For our time and forward, the image of a general orientation or perspective, growing out of humanistic or scientific studies, and shaping the direction of culture, is a chimera. (...) The conception of a ‘new humanism’ [cf. a global feminist agenda], of forging some general ‘the best that is being thought and said’ ideology and working it into the curriculum [cf. agenda], will then seem not merely implausible but utopian altogether. Possibly, indeed, a bit worrisome. (161)

Conclusion

In this essay, I have explored the construction of narratives and discourses about the lives of Southeast Asian women. I argued against static conceptions of us *versus* them, nature *versus* culture, right *versus* wrong, binary oppositions that have been the source of all sorts of oppression. Multiplicity is the sole way of reconciling differences and overlook our embeddedness in cultural structures of domination and oppression.

The narrative of women’s everyday practice covers a vast field, that goes from tradition to education, from employment to health, from politics to forestry. But this narrative is sometimes sadly restricted to stories of violence, with their often metaphorical discursive strategies. As for the nation’s narrative, women are predominantly secondary characters, subdued to seemingly a-temporal stereotypes, dichotomies and more or less covert forms of gender hegemony, which are also visible in modern popular culture and mass means of communication. All these narratives lead the researcher towards adequate categories and methods of study. While working on an epistemological adaptation, gender studies on Southeast Asia have to be aware of the

former relationship between feminism and the colonial system, as well as of the simultaneously global and local dimensions of gender related issues, which dictate the specificities of the Southeastern feminist agenda and concept of female empowerment.

Feminism exists within social territories, and acts according to their specific gender related dichotomies. That is why ideas derived from women's studies elsewhere in the world are being subjected to scrutiny for their utility in helping to understand regional phenomena and how to research them.

Returning to Edward Said, and according to him, concepts such as the Orient, Islam or the Arabs are too vast to be grouped together and presented as one coherent whole, encompassing all there is to know about the subject. Said bases his view on the width and breadth of the subject. The same goes for gender related issues in that same 'Orient' and elsewhere: 'women' are a dangerous category when, again, are 'grouped together and presented as one coherent whole', as shown by the multiplicity of voices and narratives by Southeast Asian women we have referred, contextualised within their many cultural practices and beliefs.

REFERENCES

- ALWIS, Malathi de, "Motherhood as a Space of Protest: Women's Political Participation in Contemporary Sri Lanka", JEFFERY, Patricia; BASU, Amrita (eds.), *Resisting the Sacred and the Secular: Women's Activism and Politicized Religion in South Asia*, New Delhi, Kali for Women, 2001 [1998], pp. 185-201.
- ANDAYA, Barbara Watson (ed.), *Other Pasts: Women, Gender and History in Early Modern Southeast Asia*, University of Hawai'i at Manôa, Center for Southeast Asian Studies, 2000.
- ARAGON, Lorraine, "The Currency of Indonesian Regional Textiles: Aesthetic Politics in Local, Transnational and International Emblems", *Ethnos*, vol. 64:2, 1999, pp. 151-69.
- ARGENTI-PILLEN, Alex, *Masking Terror: How Women Contain Violence in Southern Sri Lanka*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2003.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo, "Ritualisations du Féminin Lors d'une Campagne Électorale au Brésil", *Anthropologies et Sociétés*, vol. 25, n° 3, 2001, pp. 31-49.
- BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power: Women in Southeast Asia*, Victoria (Australia), Monash Asia Institute, 2001.
- CONNELL, Robert, *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*, Cambridge, Polity Press, 1991.
- DE MEL, Neloufer, *Women and the Nation's Narrative: Gender and Nationalism in Twentieth Century Sri Lanka*, Lanham, MD, Rowman and Littlefield, 2001.
- FISKE, John, *Understanding Popular Culture*, London and New York, Routledge, 1998 [1989].
- FOUCAULT, Michel, *The History of Sexuality*, trans. Robert Hurley, New York, Vintage Books, 1990.

- GAMBURD, Michele Ruth, *The Kitchen Spoon's Handle: Transnationalism and Sri Lanka's Migrant Housemaids*, Ithaca and London, Cornell University Press, 2000.
- GEERTZ, Clifford, *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*, London, Fontana Press, 1993 [1983].
- IDRUS, Nurul Ilmi, "Marriage, sex and violence", BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power: Women in Southeast Asia*, Victoria (Australia), Monash Asia Institute, 2001, pp. 43-56.
- JAYAWEERA, Swarna (ed.), *Women in Post-Independence Sri Lanka*, New Delhi and London, Sage Publications, 2002.
- JEFFERY, Patricia, "Agency, Activism, and Agendas", JEFFERY, Patricia; BASU, Amrita (eds.), *Resisting the Sacred and the Secular: Women's Activism and Politicized Religion in South Asia*, New Delhi, Kali for Women, 2001 [1998], pp. 221-43.
- JEFFERY, Patricia; BASU, Amrita (eds.), *Resisting the Sacred and the Secular: Women's Activism and Politicized Religion in South Asia*, New Delhi, Kali for Women, 2001 [1998].
- KINTANAR, Thelma B.; TAHIR, Ungku Maimunah; ANN, Koh Tai; HERATY, Toeti (eds.), *Emergent Voices: Southeast Asian Women Novelists*, Quezon City, University of the Philippines Press, 1995.
- KIRIBAMUNE, Sirima; SAMARASINGHE, Vidyamali (eds.), *Women at the Crossroads: A Sri Lankan Perspective*, New Delhi, Vikas Publishing House, 1990.
- KOBAYASHI, Fukuko, "Killing Motherhood as Institution and Reclaiming Motherhood as Experience: Japanese Women Writers, 1970s-90s", LIM, Shirley Geok-Lin; SMITH, Larry and DISSANAYAKE, Wimal (eds.), *Transnational Asia Pacific: Gender, Culture and the Public Sphere*, Chicago, University of Illinois Press, 1999, pp. 134-44.
- KRISTEVA, Julia, "A New Type of Intellectual: The Dissident", trans. Sean Hand, MOI, Toril (ed.), *The Kristeva Reader*, Oxford, Blackwell Publishing, 2002 [1986].
- KRYSL, Marilyn, *How to Accommodate Men: Stories by Marilyn Krysl*, Minneapolis, Coffee House Press, 1998.
- LIM, Shirley Geok-Lin; SMITH, Larry and DISSANAYAKE, Wimal (eds.), *Transnational Asia Pacific: Gender, Culture and the Public Sphere*, Chicago, University of Illinois Press, 1999.
- LOCHER-SCHOLTEN, Elsbeth, *Women and the Colonial State: Essays on Gender and Modernity in the Netherlands Indies 1900-1942*, Amsterdam, Amsterdam University Press, 2000.
- LUNDSTROM, Wil, "Gendered Borders: About Some Professional Women in Malaysia", SCHOUTEN, Maria Johanna (org.), *A Ásia do Sudeste: História, Cultura e Desenvolvimento*, Lisboa, Vega, 1998, pp. 105-18.
- MACHALI, Rochayah, "Women and the concept of power in Indonesia", BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power: Women in Southeast Asia*, Victoria (Australia), Monash Asia Institute, 2001, pp.1-15.
- NAYAR, Usha, *Women Teachers in South Asia. Continuity, Discontinuity and Change*, Delhi, Chanakya Publications, 1988.
- PERERA, Sasanka, *Stories of Survivors: Socio-Political Contexts of Female Headed Households in Post-Terror Southern Sri Lanka*, New Delhi, Vikas Publishing House, 1999.
- ROWLANDS, Jo, "A word of the times, but what does it mean? Empowerment in the discourse and practice of development", AFSHAR, Haleh, *Women and Empowerment: Illustrations from the Third World*, London, MacMillan, 1998.
- SAID, Edward W., *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*, trans. Pedro Serras, Lisboa, Livros Cotovia, 2004 [1978].
- SEIGWORTH, Gregory; GARDINER, Michael, "Rethinking Everyday Life: And then nothing turns itself inside out", *Cultural Studies*, vol. 18, number 2/3, 2004.
- SIMON, Sherry, *Gender in Translation. Cultural Identity and the Politics of Transmission*, London and New York, Routledge, 1996.
- SOUICY, Alexander, "Romantic love and gender hegemony in Vietnam", BLACKBURN, Susan (ed.), *Love, Sex and Power: Women in Southeast Asia*, Victoria (Australia), Monash Asia Institute, 2001, pp. 31-41.

TAYLOR, Jean Gelman (ed.), *Women Creating Indonesia: The First Fifty Years*, Clayton (Australia), Monash Asia Institute, 1997.

TOER, Pramoedya Ananta, *Fabulosa Jakarta*, trans. Maria José Miranda Mendes, Lisboa, Quetzal Editores, 2003.

TOLENTINO, Rolando, "Bodies, Letters, Catalogs: Filipinas in Transnational Space", LIM, Shirley Geok-Lin; SMITH, Larry and DISSANAYAKE, Wimal (eds.), *Transnational Asia Pacific: Gender, Culture and the Public Sphere*, Chicago, University of Illinois Press, 1999, pp. 43-68.

WICKRAMASINGHE, Anoja, *Deforestation, Women and Forestry: The Case of Sri Lanka*, Utrecht, International Books, 1994.

WILLIAMS, Walter L., *Javanese Lives: Women and Men in Modern Indonesian Society*, New Brunswick and London, Rutgers University Press, 1991.

Reflexiones en Torno a La Traducción de la Patente Comunitaria

Mari Castro Verdejo
Espanha

**O ARTIGO NÃO
SE ENCONTRA DISPONÍVEL EM VERSÃO
DIGITAL**

MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PORTUGUÊS: ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA NEOLOGIA

Joana Castro Fernandes

Instituto Superior de Contabilidade Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

joanaf@iscap.ipp.pt

O nacionalismo é um patriotismo activo. Pretende defender a pátria das influências que possam perverter a sua índole própria, venham essas influências de dentro, como certos regionalismos, venham de fora, como certos estrangeirismos ou internacionalismos. Há porém regionalismos que não só são inofensivos mas proveitosos à nação; há também influências estrangeiras e internacionais que são úteis e aproveitáveis. O caso é que umas e outras sejam assimiladas, isto é, convertidas na substância de índole nacional.

Fernando Pessoa (1997:68)

Sinopse

Neste estudo, proponho-me reflectir sobre o conceito de neologismo, com vista a analisar o contributo deste fenómeno para a mudança linguística do português. Discutirei a relevância de alguns dos critérios propostos por Cabré (1993) e pela Rede Panlatina de Terminologia para a identificação do fenómeno neológico, sustentando-me na observação de dados linguísticos relacionados com o domínio da *aprendizagem electrónica*. É meu propósito ponderar as motivações sociolinguísticas da neologia e analisar possíveis implicações deste processo de criação lexical no tecido linguístico português contemporâneo e no contexto educativo do ensino superior.

Palavras-chave

Neologismo, mudança semântica, aprendizagem electrónica, sociolinguística

Key Words

Neologism, semantic change, e-learning, sociolinguistics

1. Hipótese e objectivos do estudo

Entre os múltiplos domínios passíveis de observação no discurso oral e escrito do ensino superior português, encontram-se inúmeros casos merecedores de análise linguística. No âmbito das metodologias de aprendizagem, o domínio do *E-learning* (que a partir de agora designarei *aprendizagem electrónica*) exhibe um excesso de elementos alógenos, que se consubstanciam em palavras *mais ou menos novas* e morfologicamente decalcadas do sistema linguístico do inglês.

Julgo haver evidências empíricas para acreditar que muitas palavras construídas com base no *plágio* morfológico auspiciam integrar formalmente tanto o discurso corrente, como o discurso de especialidade, sem que antes hajam sido alvo de uma intervenção linguística coerente por parte de terminólogos.

É meu objectivo procurar compreender os factores linguísticos e sociológicos que, num cenário apocalíptico, podem levar a um *linguocídio* do português enquanto veículo de ciência. Ressalvo que, por se aproximar mais de um ensaio, este é um estudo de carácter empírico, interpretativo e especulativo, pelo que não obedece a quaisquer princípios metodológicos de um trabalho terminológico, constituindo apenas uma primeira reflexão sobre aspectos que poderão merecer posterior desenvolvimento.

2. Terminologia, neologia e neónímia

Em meados da década de noventa do Século XX, Mário Vilela (1995), apontava já a questão terminológica como um dos maiores problemas da língua portuguesa, advertindo que os princípios clássicos estabelecidos com base no modelo greco-latino não seriam de todo suficientes para acomodar a multiplicidade de tecnolectos vazada para a nossa língua. Referia igualmente o facto de, enquanto país importador de tecnologia, Portugal ficar inelutavelmente condicionado à dependência terminológica da língua que tivesse um estatuto económico, académico e cultural hegemónico: o inglês norte-americano.

Mais de dez anos volvidos, as afirmações do linguista têm particular actualidade. Retomando a sua linha de pensamento, não obstante as conotações disfóricas da palavra *problema*, esta retrata a profunda mudança linguística do português sincrónico que qualquer falante pode testemunhar, mesmo não sendo capaz

de a descrever sistematicamente. No que respeita à matéria linguística observável, essa mudança corporiza-se, entre outros aspectos, na proliferação do que designamos neologismos.

São sobejamente discutidas entre os linguistas as razões que promovem a emergência de palavras novas: perante as transformações sociais, económicas e culturais, a comunidade linguística recorre ao processo criativo, total ou parcial, fazendo uso de princípios vernáculos, socorrendo-se da importação, ou efectuando expansões semânticas (atribuindo novos significados a palavras já existentes).

Formalmente, entende-se por neologismo uma unidade lexical que não se encontra registada nos dicionários representativos do património linguístico de uma comunidade. Por conseguinte, do ponto de vista diacrónico, tal unidade encontra-se ainda em processo de integração no léxico. Porém, poderá haver palavras que, não chegando a generalizar-se, parecem, mais não tendo sido do que um modismo ou um barbarismo transitório¹.

Segundo os critérios propostos por Cabré (1993), neologismos são itens lexicais percebidos pelos falantes como novos, que cumulativamente apresentam indícios de instabilidade ortográfica, fonética e morfológica.

2.1 Neologismos e neónimos

Cumpram também referir que os neologismos são categorias super-ordenadas, ou hiperónimos, pois comportam, a um nível hierarquicamente inferior, um outro conceito: o de neónimo. Ainda que ambos sejam signos linguísticos que evidenciam mutações sociais de um determinado momento histórico, os neónimos são neologismos terminológicos que nascem, não no uso linguístico comum ou nos textos de divulgação e de banalização do conhecimento, mas no interior da comunidade de especialistas de um determinado domínio; por conseguinte, podem ser encontrados em textos científicos, técnicos e oficiais.

De acordo com a REALITER (Rede Panlatina de Terminologia - <http://www.realiter.net>), podemos distinguir três tipos de neologia: *formal*, *semântica* e *por empréstimo*. Um neologismo formal corresponde a uma substância significante

¹ Entende-se por *modismo* um item lexical ou uma construção sintáctica aceite temporariamente no uso linguístico, mas que poderá contrariar os princípios normativos da gramática. Um *barbarismo* será uma palavra ou construção estrangeira incorrectamente aportuguesada. (Cf. E. Estrela, 2004)

nova, não existente num estado anterior da língua. Por exemplo, *e-terms*, *e-mobilidade*. Um neologismo semântico implica uma nova associação significado/significante. Trata-se de uma palavra já existente, que ganha uma nova acepção. Em terminologia da linguística cognitiva, diremos que ocorre uma extensão semântica, a partir de um núcleo prototípico, por via de uma metáfora ou de uma metonímia conceptuais. Por exemplo: *contrato de estudos*. A neologia por empréstimo corresponde à importação directa de palavras, como é o caso de *e-learning*.

2.2 Critérios para identificação de fenómenos de neologia e de neónímia

A REALITER sugere quatro parâmetros a considerar aquando das pesquisas em neologia: a *diacronia* - uma unidade lexical é considerada neológica se integrou o uso num período recente; a *lexicografia* - uma unidade lexical é neológica se não se encontra registada nos dicionários de linguagem geral e nos dicionários especializados ou terminológicos; a *novidade* - uma unidade lexical é tida como neológica se é sentida como nova pelos sujeitos falantes; a *instabilidade* - um conceito novo apresenta, alternativamente, duas ou mais denominações neológicas diferentes, o que provoca variação denominativa².

3. Estudo de um caso

O domínio da *aprendizagem electrónica* é, como já referi, uma área de conhecimento particularmente privilegiada para investigar o tema em discussão, pois *herdou* algumas *convenções* de criação lexical e algumas metáforas já cristalizadas na terminologia associada à internet. Por outro lado, uma fatia significativa dos utilizadores deste vocabulário é parte integrante de uma massa crítica, para quem a precisão denominativa e o rigor conceptual são princípios estruturantes de um

² Cf: http://www.realiter.net/barcelona/alves_desmet.htm. (página consultada de 2 a 16 de Junho de 2006).

trabalho intelectual sério.

Porei de parte, nesta fase, questões que podem ser da maior pertinência num estudo mais aturado: não discutirei se os exemplos que me proponho analisar são, ou não, neónimos (ainda que empiricamente assim o creia), porque tal exigiria a constituição criteriosa de um *corpus* de extracção. Por agora, pretendo apenas discutir aspectos linguísticos relacionados com o processo de criação lexical.

Se aceitarmos que os critérios propostos quer pela REALITER, quer por Cabré (1993:445), consideraremos que, nas seguintes situações, estamos muito provavelmente perante unidades neológicas, dado qualquer uma delas evidenciar indícios de instabilidade morfológica, fonética ou ortográfica:

Termo-origem	Proposta neológica divulgada no uso linguístico	Fonte de consulta
<i>e-learning</i>	aprendizagem electrónica	APDSI (consultada em 10/03/06)
	ensino a distância	APDSI (consultada em 10/03/06)
	formação à distância pela internet	CIAL (consultada em 10/03/06)
	<i>e-learning</i>	Universidade Católica Portuguesa/ Instituto de Ensino e de Formação à Distância (consultada em 27/02/06)
	e-formação, aprendizagem electrónica, ciberformação	Revista Europeia de Formação Profissional, nº 32 (consultada em 16/06/06)
<i>e-terms</i>	e-terminos	M. Antunes <i>et al.</i> (s./d.)
<i>e-mobility</i>	e-mobilidade	APDSI (consultada em 10/03/06)
<i>b-learning</i>	metodologias mistas de formação	Universidade Católica Portuguesa/ Instituto de Ensino e de Formação à Distância (consultada em 27/02/06)
<i>m-learning</i>	<i>m-learning</i>	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)
<i>m-portal</i>	m-portal	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)
<i>e-contents</i>	e-conteúdos	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)
<i>e-contexts</i>	e-contextos	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)
<i>Edutainment</i>	<i>edutainment</i>	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)
<i>e-learning methodologies</i>	metodologias de <i>e-learning</i>	Jornal <i>Expresso</i> (25//02/06)

Tabela 1- Alguns dados linguísticos do domínio da *aprendizagem electrónica*.

Qualquer dos exemplos é fragmento de um sociolecto instável que plasma, nas suas realizações linguísticas, a prevalência da cultura anglo-saxónica e a urgência de nomeação, materializadas em configurações linguísticas que não contemplam as regras fonológicas e morfológicas da língua portuguesa. Por outras palavras, é possível detectar algumas inconsistências que passo a problematizar:

- a) Inconsistência na denominação – existência de diferentes alternativas no

plano diastrático e diafásico;

- b) Hibridismo e instabilidade na formação morfológica;
- c) Ambiguidade de estatuto gramatical.

No caso de *e-learning*, estamos perante a já definida *instabilidade*, dado registarem-se diferentes alternativas de nomeação que incluem o recurso ao empréstimo directo, à criação de expressões analíticas e ao aporuguesamento parcial dos termos: *aprendizagem electrónica*, *ensino à distância*, *formação à distância pela internet*, *e-learning*, *e-formação* e *ciberformação*. Aliás, estas são algumas das opções que nem necessitam de ser atestadas, pois encontram-se sobejamente divulgadas no discurso oral e escrito sincrónico. Todavia, empiricamente, diria que a forma preferencial de nomeação será *e-learning*.

Uma pesquisa bibliográfica em papel e através da internet permite verificar que há já um considerável trabalho de investigação nesta matéria. Veja-se, por exemplo, esta ficha terminológica publicada num glossário da *Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação*:

aprendizagem electrónica, <i>s.f.</i>	educação electrónica, <i>s.f.</i>
<p>[<i>sin.</i>] aprendizagem em linha [<i>en.</i>] e-learning electronic learning online learning [<i>def.</i>] Acesso a uma formação em linha, interactiva e por vezes personalizada, difundida através da Internet, de uma <i>intranet</i> ou de outro meio de comunicação electrónico, tornando o processo de aprendizagem independente da hora e do local. Nota: Como é um método menos dispendioso e não está constrangido por considerações geográficas, é extremamente útil em situações em que o ensino tradicional não é possível, como é o caso de trabalhadores e estudantes com dificuldades de horário ou a viver em locais remotos. [<i>v.tb.</i>] educação electrónica</p>	<p>[<i>en.</i>] e-education electronic education [<i>def.</i>] Orientação remota da actividade de aprendizagem de pessoas geograficamente distantes do centro de educação, num ambiente Internet ou similar, com recurso a técnicas electrónicas de comunicação (correio electrónico e conversa interactiva, entre outros). [<i>v.tb.</i>] aprendizagem electrónica</p>

Tabela 2 - Fichas terminológicas retiradas do Glossário da Sociedade de Informação, APDSI Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

Será essencial desenvolver um trabalho similar no domínio da *aprendizagem electrónica* para impedir atempadamente que proliferem alternativas de nomeação desnecessárias, que poderão provocar ambiguidades indesejáveis no plano diastrático. Para além disso, será igualmente imperativo promover estratégias para incorporar os resultados da investigação académica desta área no funcionamento linguístico.

Retomemos a análise em curso. No que diz respeito à ocorrência de compostos

que designarei *híbridos*³, como é o caso de *e-contextos*, *e-conteúdos*, estes dados linguísticos suscitam uma observação criteriosa, pois subvertem a mais elementar regra de colocação sintáctica, identitária da língua portuguesa: a colocação do adjectivo em posição pós-substantival, quando esse atributo representa uma qualidade objectiva. No entanto, é inegável que esta estrutura, que passarei a designar [e-palavra], se revela produtiva pelas inferências metafóricas que permite efectuar, gerando uma possibilidade combinatória não só virtualmente infinita, como ainda económica, ao encurtar a extensão da forma gráfica (representando a abreviação de electrónico ou que é relativo a internet).

Fica uma dúvida: trata-se de uma opção linguisticamente inteligente, que evidencia criatividade lexical e estilística, ou de uma formação morfológica resultante do decalque acrítico e decorrente do desconhecimento das regras de boa formação da língua portuguesa? Por último, sendo o estatuto morfológico destas palavras igualmente ambíguo, levanta-se uma outra dúvida: são elas formadas por composição? Trata-se de truncção ou de um mero fenómeno de derivação lexical?

4. Alguns aspectos sociolinguísticos

É chegado o momento de retomar a epígrafe deste artigo. Há cerca de um século, Fernando Pessoa reconhecia, nos seus fragmentos manuscritos sobre a língua portuguesa, que as influências estrangeiras podem não só ser úteis como aproveitáveis, o que se espera é que sejam convertidas em *substância de índole nacional*.

À primeira vista, a urgência ditada pela *cultura informática* e pelos meios de comunicação, em geral, tem efeitos linguísticos muito poderosos, contraditórios e, arriscar-me-ia a dizer, perversos – a pressão de nomear em língua materna uma dada categoria linguística e a necessidade de reflectir em profundidade sobre a estrutura fonética e morfológica que melhor servirá a nova palavra digladiam-se⁴. Este duelo é

³ Na gramática tradicional, *formas híbridas* são aquelas que resultam da combinação de elementos eruditos (provenientes do grego ou do latim) e de elementos não-eruditos (Cf. E. Estrela *et al.*, 2004). Neste artigo, designo *formas híbridas* aquelas que são morfológicamente compostas por um elemento de origem anglo-saxónica e um elemento português.

⁴ Como adverte Margarita Correia: “ Os neologismos resultantes de importação devem ser alvo de uma atenção redobrada por parte do terminólogo encarregado de elaborar as suas propostas de normalização. Se essa atenção não se verificar, estas unidades poderão vir a provocar perturbações no sistema fonológico, morfológico ou ortográfico da língua de acolhimento, tanto mais graves quanto

já um clássico travado entre o uso e a norma, sendo que mesmo que esta última vença, se for imposta tardiamente, acaba por não conquistar aceitação. Fica a impressão de que, em Portugal, não obstante o meritório trabalho dos investigadores, são inúmeros os domínios linguísticos deixados à mercê do acaso, o mesmo será dizer, à mercê dos complexos de inferioridade de muitos falantes que, apesar do seu grau elevado de escolarização, sub-valorizam o potencial criativo da sua língua materna e sobre-valorizam os efeitos retóricos e estilísticos do inglês⁵.

Concordo com Margarita Correia, quando a linguista refere que os neologismos não são *uma praga, mas um sinal de vitalidade da língua* (2003) (<http://ciberduvidas.sapo.pt/controversias>). Porém, uma língua que importe indiscriminadamente de ser utilizada em contextos de comunicação científica e técnica, factor que pode conduzir a uma perigosa obsolescência.

Talvez o fundamental seja promover a mudança de atitude, pois, como já referi, por razões de prestígio económico e de estatuto hegemónico, o discurso oral e escrito de muitas áreas científicas é frequentemente pejado de estrangeirismos (anglicismos). E mesmo que haja propostas nacionais que respeitem os cânones gramaticais da língua, a preferência de nomeação dos falantes tende a ser a do termo da língua-origem.

Teremos também de assentir que se por um lado os estrangeirismos e os neologismos são um sinal de vitalidade, de flexibilidade e de criatividade na linguagem comum e no discurso de vulgarização do conhecimento (não raro motivado pela urgência patológica de *informar*), nas comunidades especializadas eles podem ser um sinal de laxismo e de uma inaceitável cultura há muito plasmada no conhecido aforismo *mais vale parecer do que ser*. Em particular, quando falamos de terminologias associadas ao ensino superior, a comunidade que as utiliza é uma massa crítica, a quem compete fazer prevalecer uma outra máxima: a de que a *pressa é inimiga da perfeição*. O decalque do modelo empresarial, no qual o conceito *inovação* assume vital importância para a sobrevivência, pode subverter os objectivos primordiais deste grau de ensino.

As mudanças pedagógicas devem ser precedidas de reflexão criteriosa, sendo que essa reflexão implica o uso de uma terminologia consistente. Nesta área, tal

maior for a divulgação que o termo vier a conhecer”. (1998: s./p.)

⁵ No discurso coloquial anónimo são inúmeros os comentários-cliché (marcadores de um estereótipo nefasto), que evidenciam a referida atitude. Eis alguns exemplos: “em português x não fica/não soa bem”, “em português não há tradução para y”.

premissa é uma prioridade absoluta. Se não for possível instalar uma cultura de rigor e de neutralidade no meio universitário, poderemos desistir de o fazer em qualquer outra área da nossa vida social. Não podemos aceitar que a *lei-do-menor-esforço* que rege a emergência de muitas produções linguísticas seja extensível à universidade. Neste meio, tem de prevalecer por excelência o discurso de especialidade, tal como é definido por Rute Costa (1993:22):

A língua de especialidade visa a intelectualização, ou seja, a precisão semântica, a neutralidade emotiva, a economia formal e semântica e a sistematização conceptual.

Os fenómenos que são aceitáveis em língua corrente não são necessariamente aceitáveis em língua de especialidade. Em meu entender, de alguma forma, a língua corrente opõe-se à língua de especialidade, tal como a linguagem falada se opõe à linguagem escrita. Nas palavras de Fernando Pessoa, a linguagem falada é *natural e democrática*, a linguagem escrita é *civilizacional e aristocrática*. Ainda que os atributos que o poeta escolheu possam proporcionar alguma ambiguidade, a língua de especialidade será sempre uma variante diastrática de uma elite cultural e científica, que tem por seu dever profissional categorizar e nomear com precisão o mundo sensório.

Por outro lado, a questão da fixação terminológica no ensino, em particular, levanta problemas epistemológicos interessantes. Será actividade terminológica, pelo seu carácter fundamentalmente normativo, um regresso desejado à concepção tradicional da metafísica ocidental?

Estou consciente que as observações linguísticas tecidas neste ensaio pecam de efemeridade, dado tratar-se de uma reflexão sincrónica; todavia, as considerações sociolinguísticas levantam questões merecedoras de uma reflexão mais aprofundada no âmbito epistemológico.

Bibliografia

ANTUNES, Mafalda *et al.* s./d. “E-terminos: descrição e hipótese de classificação”. In Amália Mendes & Tiago Freitas, (orgs.) *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (APL), Lisboa: APL & Colibri, pp. 121-130.

CABRÉ, M. Teresa. 1993. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries.

- CORREIA, Margarita. 1998. "Neologia e Terminologia". in *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 59-74. Versão em linha (consultada em 28 e 30 de Maio de 2006).
- COSTA, Rute. 1993. *Terminologia da Economia Monetária. Relações Conceptuais e Semânticas numa Sistemática Terminológica e Lexicográfica*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, Rute. 2005. "O ensino da Ciência e da tecnologia em Português: uma questão de Terminologia". In *Actas do I Congresso Bienal - A Língua Portuguesa na CPLP. Sonhar e realizar em Português*. Viseu: Instituto Piaget [no prelo].
- CRATO, Nuno. 2006. *O "Eduquês" em Discurso Directo. Uma Crítica da pedagogia Romântica e Construtivista*, Lisboa: Gradiva.
- CUNHA, Celso/ Cintra, Lindley. 1991. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Nova Fronteira.
- ESTRELA, Edite et al. 2004. *Saber Escrever. Saber falar. Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa*, Lisboa: Dom Quixote.
- LAPA, M. Rodrigues. 1984. *Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª Edição. Coimbra: Coimbra Editora Limitada.
- PESSOA, Fernando [Luísa Medeiros ed.]. 1997. *A Língua Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SEARLE, John. 1993. "Rationality and Realism, What is a Stake?" In *Journal of the American Academy of Arts and Sciences*. The American Research University: Vol.122, nº 4, pp.3-27.
- VILELA, Mário. 1995. "As Terminologias e a Língua Portuguesa". In *Léxico e Gramática*, Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário. 1999. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- XAVIER, F. & M.H.M. MATEUS (orgs.). 1992. *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II. Lisboa: Edições Cosmos.

TRADUÇÕES

TRADUÇÃO DO GLOSSÁRIO DA OBRA
REVISING AND EDITING FOR TRANSLATORS
DE BRIAN MOSSOP¹

Paula Carvalho
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Instituto Politécnico do Porto
Portugal
paula_c@iscap.ipp.pt

Sobre a Tradução: Algumas Notas Prévias.

O Autor e a Obra

Brian Robert Mossop nasceu a 9 de Março de 1946 em Londres, Inglaterra, mas vive actualmente no Canadá, onde é tradutor profissional a tempo inteiro; ensina tradução a tempo parcial, dirige oficinas sobre desenvolvimento profissional e escreve sobre Tradução.

Estudou Literatura e Linguística Francesas e Russas na Universidade de Toronto; frequentou a *Linguistic Society of America*, na mesma altura em que Chomsky dava uma palestra sobre o seu, na altura recentemente publicado, *Theory of Syntax*. Em França, elaborou uma introdução à Linguística com Georges Mounin, na Universidade de Aix, e frequentou um curso de Estilística Comparada de Inglês e Francês, utilizando o famoso livro de Vinay e Darbelnet², não tendo, no entanto, na altura qualquer interesse especial na Tradução.

Em 1972, Brian Mossop viu um anúncio no jornal do Governo Federal do Canadá onde recrutavam tradutores, resultado da aprovação da lei das Línguas Oficiais em 1968. Fez o exame e acabou, assim, por se tornar num tradutor profissional em Junho de 1974. Em 1977, participou no VIII Congresso da *Fédération Internationale des Traducteurs* em Montreal e no ano seguinte iniciou a “carreira” de teórico de práticas

¹ Mossop, Brian (2001), *Revising and Editing for Translators*, St. Jerome Publishing, Manchester, UK & Northampton, MA.

² Não há qualquer referência ao nome da obra no sítio que serviu de fonte a esta informação, mas presume-se que seja a obra *Estilística Comparada de Inglês e Francês* (*Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*, 1958, 1971, Paris: Didier).

de tradução ao fazer uma apresentação sobre “Linguística e Tradução” a membros da Associação de Tradutores e Intérpretes de Ontário.

Entre 1978 e 2004, preparou e levou a cabo inúmeras oficinas no âmbito do “*Translation Bureau*” e de outras organizações estrangeiras³.

Quanto ao livro *Revising and Editing for Translators*, este é o terceiro volume da colecção *Translation Practices Explained*, editado pela *St. Jerome Publishing*, no qual Brian Mossop recorre aos seus muitos anos de experiência para preencher uma lacuna crescente na área da revisão e edição no que respeita às competências de um tradutor. Apesar de estas serem, cada vez mais, exigidas aos tradutores, estes raramente têm uma formação adequada para o seu desempenho.

Brian Mossop utiliza uma abordagem sistemática recheada de conselhos e de exemplos reais, oferecendo uma orientação não só a alunos que estão a aprender a editar textos escritos por outras pessoas, como também a tradutores profissionais que querem melhorar as suas capacidades de rever trabalhos de outras pessoas.

O livro cobre, detalhadamente, uma ampla variedade de tópicos, tais como: a preparação do texto para a paginação, a edição estilística, a edição estrutural, a verificação de consistência textual, a utilização de ajuda electrónica, os parâmetros de revisão, os níveis de revisão, a auto-revisão e a ponderação da qualidade. É prestada atenção à variedade de situações culturais nas quais os editores e os revisores trabalham e à importância do papel social e político que as suas actividades desempenham⁴.

Glossário sobre Edição e Revisão

Brian Mossop sublinha na própria obra em que inclui o glossário o facto de existir uma literatura abundante em inglês sobre edição, mas que esta não está normalizada, sendo vários termos utilizados de forma sobreposta ou contraditória. Quanto à área de revisão, as publicações em inglês são pelo contrário escassas e alguns termos são utilizados de forma inconsistente.

³ <http://www.geocities.com/brmossop/bm-cv.htm>

⁴

<http://www.stjerome.co.uk/page.php?id=228&doctype=Translation%20Practices%20Explained§ion=3>

Brian Mossop publica este glossário sobre Edição e Revisão mas ressalva que as definições dos termos estão em conformidade com a sua utilização no livro, podendo não coincidir com os significados dados aos mesmos termos por outros autores/escritores. Segundo o autor, a lista de termos que se segue...

(...) does not report on the meanings given to these terms by other writers. Some of these other meanings are indicated in terminology notes in the body of the book. There is a copious literature on editing, but the terminology is far from standardized: terms like copyediting, proofread and rewrite are used in a variety of overlapping or contradictory ways. There is virtually no published literature on revision in English, but in what does exist, as well as in spoken usage, terms such as quality control, proofread and check are, again, not used in any consistent way.

Brian Mossop (2001: 165)

Glossário sobre Edição e Revisão

adapting Composing a new text that re-expresses, in the same language, the content of an existing text in order to make it suitable for a readership differing from the intended readership of the existing text.

adaptação Compor um novo texto que reformule, na mesma língua, o conteúdo de um texto existente, de forma a torná-lo adequado a uma leitura diferente da leitura desejada do texto original.

amending, amendment Rewording a text to either *correct* it or *improve* it.

emendar, emenda Reescrever um texto de forma a *corrigi-lo* ou *melhorá-lo*.

authenticity Quality of a translation which reads like a target-language original not only in its grammar, idiom and terminology, but also in its use of phrasing and rhetoric typical of target-language texts of that genre. The *brief* may or may not call for authenticity.

autenticidade Qualidade de uma tradução que se lê como se de um original da língua de chegada se tratasse, não só a nível gramatical, idiomático e terminológico, como também ao nível do uso típico da fraseologia e da retórica nos textos do género da língua de chegada. A *lista de especificações* pode ou não pedir autenticidade.

brief The client's explicit and implicit specifications for a translation job. Sometimes called the commission.

lista de especificações As especificações explícitas e implícitas do cliente para um trabalho de tradução. Por vezes chamado comissão.

check (1) Revise. (2) Identify errors, without necessarily correcting them.

verificar (1) Rever. (2) Identificar erros, sem necessariamente os corrigir.

clarity Characteristic of a text whose ideas are *logical*. Compare *readability*.

clareza Característica de um texto cujas ideias seguem uma lógica. Comparar legibilidade.

client The institution which purchases the translator's services, or the agent of that institution who asks for the translation. Sometimes called commissioner.

cliente A instituição que requisita os serviços do tradutor, ou o agente dessa instituição que pede a tradução. Por vezes chamado comissário.

comparative re-reading Type of *revision* in which sentences of the translation are compared to sentences of the source text. The main purpose is to detect inaccuracies and omissions, and make suitable changes. Often accompanied by a check of one or more *Content*, *Language* or *Presentation*

parameters. Also called bilingual re-reading. Compare with: *unilingual re-reading*.

leitura comparativa Espécie de *revisão* na qual as frases da tradução são comparadas com as frases do texto de partida. O objectivo principal é detectar imprecisões e omissões, e efectuar as modificações adequadas. Frequentemente acompanhada pela verificação de um ou mais dos *parâmetros de Apresentação*, *Conteúdo* ou *Linguagem*. Também chamada de releitura bilingue. Comparar com: *releitura unilingue*.

content editing Checking a text for its ideas. At the macro-level, includes changes in the coverage of the topic. At the micro-level, includes correction of factual, logical and mathematical errors.

edição de conteúdo Verificar um texto ao nível das ideias. Ao nível macro-textual, inclui modificações na cobertura do tópico. Ao nível micro-textual, inclui a correcção de erros factuais, lógicos e matemáticos.

content parameters The following two *revision* parameters: Logic, Facts.

parâmetros de conteúdo Os seguintes dois parâmetros da *revisão*: Lógica, Factos.

copyediting Checking a text to bring it to conformance with preset rules, including the publisher's *house style*, rules of *correct usage*, and the grammar, punctuation and spelling rules of the language.

preparação do texto para paginação

Verificar um texto para que este fique em conformidade com as regras pré-estabelecidas, incluindo o *livro de estilo interno* da editora, as regras de *uso correcto*, e as regras da gramática, da pontuação e da ortografia da língua.

correct usage Rules explicitly stated by some authority that prescribe certain ways of using a language (syntactic structures, uses of specific words) while proscribing others.

uso correcto Regras explicitamente estabelecidas por uma autoridade que determinam certos modos de uso da língua (estruturas sintácticas, uso de palavras específicas) enquanto exclui outras.

correction, correcting (1) An *amendment* that is required by a rule, such as a rule of spelling, punctuation or grammar, an instruction in a *style sheet* or *style manual*, or a widely accepted rhetorical or genre-related principle of the target language. (2) Rectification of a straightforward terminology mistake or mistranslation. (3) Rectification of a factual or mathematical error. (4) The process of making a change once an error has been identified. Compare with: *improvement, check*.

correção, corrigir (1) Uma *emenda* que é exigida por uma regra, tal como uma regra de ortografia, pontuação ou gramática, por uma instrução numa *folha de estilo* ou *livro de estilo*, ou por um princípio que é aceite na sua

generalidade ou que está relacionado com o género da língua de chegada. (2) Rectificação simples de um erro ou de uma tradução incorrecta de terminologia. (3) Rectificação de um erro factual ou matemático. (4) O processo de fazer alterações uma vez identificado um erro. Comparar com: *melhoramento, verificação*.

draft translation In *self-revision*, a translation which has not yet been checked by the original translator. Otherwise, a translation which has not yet been checked by the revising translator.

rascunho da tradução Na *auto-revisão*, uma tradução que ainda não foi verificada pelo tradutor original. De outro modo, uma tradução que ainda não foi verificada pelo revisor da tradução.

editing The process of checking a non-translational text for *error* and making appropriate *amendments*, with special attention to making the text suitable for its readers and intended use.

edição O processo de verificar os *erros* de um texto que não vai ser traduzido e efectuar as *emendas* apropriadas, dando especial atenção ao tornar o texto legível para os seus leitores e para o uso desejado.

error Any feature of a text which requires *correction* or *improvement*.

erro Qualquer característica de um texto que necessite de *correção* ou *melhoramento*.

facts One of the *Content parameters* of *revision*. This cover term includes not just factual but also conceptual and mathematical errors.

factos Um dos *parâmetros de Conteúdo* da *revisão*. Este termo geral inclui erros não só factuais como também conceptuais e matemáticos.

flow Synonymous with *smoothness*.

fluidez Sinónimo de *suavidade*.

full revision (1) Check of the entire translation rather than just selected portions. (2) Check of all parameters rather than just selected ones. A *revision* can be full in one or both senses.

revisão completa (1) Verificar toda a tradução em vez de verificar apenas partes seleccionadas. (2) Verificar todos os parâmetros em vez de verificar apenas parâmetros específicos. Uma revisão pode ser completa em um ou em ambos os sentidos.

gatekeeping A function of editors and revisers, who must *correct* the text so that it conforms to society's linguistic and textual rules and achieves the publisher's goals.

regulação Uma função dos editores e revisores que têm que *corrigir* o texto de modo a que este esteja em conformidade com as regras linguísticas e textuais da sociedade e atinja os objectivos propostos pela editora.

house style A list of rules, issued by a publishing organization, which writers are to follow when preparing a manuscript. Takes the form of a brief style sheet or a longer style manual.

livro de estilo interno Uma lista de regras emitidas por uma editora que os redactores têm que seguir quando estão a preparar um manuscrito. Toma a forma de uma folha de especificações de estilo ou de um livro de estilo mais longo.

idiomatic, idiomaticity A passage is unidiomatic if it contains a combination (sometimes called a collocation) of words that that is not in use by the speakers of the language, or if a word is used in a meaning it does not have. In a broader sense, a translated passage is unidiomatic if it fails to observe the stylistic/rhetorical preferences of the target language. One of the *Language parameters* of *revision*.

idiomático, idiomatismo Uma passagem é não-idiomática se contiver uma combinação (por vezes chamada colocação) de palavras que não é utilizada pelos falantes da língua, ou se uma palavra for usada num sentido que não é o seu. Num sentido mais lato, uma passagem traduzida é não-idiomática se não respeitar as preferências estilísticas/retóricas da língua de chegada. Um dos *parâmetros de Linguagem* da *revisão*.

improvement, improving The process of making an *amendment* other than a *correction*.

Improvements enable a text to serve its purpose, most notably through *tailoring* and *smoothing*.

melhoria, melhorar O processo de fazer uma *emenda* que não seja uma *correção*. Os melhoramentos permitem que um texto atinja os seus objectivos, principalmente através da *modelação e fluidez*.

intelligible Characteristic of a text which has a bare minimum of *readability* and *clarity*. Important in *post-editing* of machine translation output.

inteligível Característica de um texto que tem o mínimo de *legibilidade e clareza*. Importante na *pós-edição* de um texto resultante de uma tradução automática.

internationalization Removing from a text all those features which will create comprehension problems for an international audience, including notably non-native readers of the language.

internacionalização Retirar de um texto todas aquelas características que irão criar problemas de compreensão a um público internacional, incluindo, sobretudo, leitores não nativos da língua.

language parameters The following five *revision* parameters: Tailoring, Smoothing, Sublanguage, Idiom and Mechanics.

parâmetros da linguagem Os seguintes cinco parâmetros da *revisão*: Modelação, Fluidez, Sublinguagem, Idioma e Mecânica.

level of language The degree of formality or technicality of the language. Formality must suit the relationship between author and audience, and the occasion and purpose of the document. Technicality must suit the reader's knowledge of the subject matter.

nível de língua O grau de formalidade ou tecnicidade da língua. A formalidade tem que se adequar à relação entre o autor e o público e a ocasião e o objectivo do documento. A tecnicidade tem que se adequar ao conhecimento do leitor sobre a matéria.

localization Adding to a text features that will mark it as being for a particular local readership, and subtracting features that would mark it as being for some other local readership.

localização Adicionar características a um texto que o irão marcar como sendo dirigido a uma leitura local particular e retirar características que o irão marcar como sendo dirigido para uma qualquer outra leitura local.

logical, logic Characteristic of a text in which the sequence of ideas makes sense. A logical text is free of nonsense, tautology and contradiction. One of the Content *parameters* of *revision*. Another term for a logical text is coherent or clear. Compare with *smooth*.

lógico, lógica Características de um texto cuja sequência de ideias faz sentido. Um texto lógico está isento de absurdo, tautologia e

contradição. Um dos *parâmetros* de conteúdo da *revisão*. Outro termo para designar um texto lógico é coerente ou claro. Comparar com: *suave*.

macro-level checking Checking a text for errors in matters concerning paragraphs or larger units and their relationships.

verificação macro-textual Verificar os erros de um texto em questões que dizem respeito aos parágrafos ou a unidades mais amplas e às suas relações.

mechanics Linguistic features subject to relatively strict rules such as those of spelling and grammar, as well as *house style* requirements. One of the *Language parameters of revision*.

mecânica Características linguísticas sujeitas a regras relativamente restritas, tais como as de ortografia, de gramática, bem como aos requisitos do *livro de estilo interno*. Um dos *parâmetros de Linguagem da revisão*.

mental editing Correcting or improving the writing quality of a text while translating it.

edição mental Corrigir ou melhorar a qualidade de escrita de um texto ao mesmo tempo que este é traduzido.

micro-level checking Checking a text for errors in matters concerning individual words, phrases or sentences, or the relationship between a sentence and the one that precedes or follows it.

verificação micro-textual Verificar os erros de um texto em questões que dizem respeito a palavras individuais, orações ou frases, ou a relação entre uma frase e outra que a preceda ou se siga a ela.

norm of translation The approach to translation generally accepted by a society as a whole, or a subculture of it, including that of professional translators.

norma de tradução A abordagem à tradução geralmente aceita pela sociedade como um todo, ou por uma subcultura, incluindo a dos tradutores profissionais.

organization One of the *Presentation parameters of revision*. The physical structure of a document, as manifested in page numbering, headers, footnotes, table of contents and the like.

organização Um dos *parâmetros de Apresentação da revisão*. A estrutura física de um documento como se vê em numeração de páginas, títulos, notas de rodapé, índice e afins.

parameter, revision parameter One of the twelve text features which may be checked during revision. See *Content parameters, Language parameters, Presentation parameters* and *Transfer parameters*.

parâmetro, parâmetro de revisão Uma das doze características de um texto que pode ser verificada durante a revisão. Ver *parâmetros de Conteúdo, parâmetros de Linguagem,*

parâmetros de Apresentação e parâmetros de Transferência.

partial revision (1) Check of selected portions of a translation rather than the entire translation. (2) Check of selected parameters rather than all parameters. A revision can be partial in one or both senses.

revisão parcial (1) Verificação de partes seleccionadas de uma tradução, em vez da tradução completa. (2) Verificação de parâmetros específicos, em vez de todos os parâmetros. Uma revisão pode ser parcial num ou em ambos os sentidos.

post-editing *Revising* the output of a machine translation program.

pós-edição *Rever* um texto resultante de uma tradução automática.

pre-editing *Amending* a text to make it suitable for machine translation.

pré-edição *Emendar* um texto de forma a adequá-lo a uma tradução automática.

presentation parameters The following three *revision* parameters: Layout, Typography, Organization.

parâmetros de apresentação Os seguintes três parâmetros da *revisão*: Formato, Tipografia, Organização.

procedure A pre-determined sequence of steps used in *editing* or *revision*.

procedimento Uma sequência pré-determinada de passos, utilizada na *edição* ou na *revisão*.

proofreading (1) In *editing*, comparison of the printer's proof with the manuscript. (2) In *revision*, sometimes used as a synonym of *unilingual re-reading*, especially when this is limited to *corrections* (i.e. no *improvements* are made).

revisão tipográfica (1) Na *edição* é a comparação da prova de paginação com o manuscrito. (2) Na *revisão* utiliza-se, por vezes, como sinónimo de *releitura unilingue*, em particular quando esta está limitada a *correções* (i.e. não são feitas *melhorias*).

quality The totality of characteristics of an entity that bear on its ability to satisfy stated and implied needs.

qualidade A totalidade das características de uma entidade com capacidade para satisfazer necessidades explícitas e implícitas.

quality assessment A check of selected parts of a translation, often after delivery to the client, by someone other than the translator, to determine the degree to which professional standards, as well as the standards of the translating organization and the client, were met with respect to one or more *parameters*. No corrections are made. The result of the assessment may be quantified for such purposes as employee performance assessment and selection of freelancers.

avaliação da qualidade A verificação de partes seleccionadas de uma tradução, frequentemente após a entrega ao cliente, por alguém que não o tradutor, para determinar até que ponto é que os padrões profissionais, assim como as normas da empresa tradutora e do cliente foram atingidos, no que diz respeito a um ou mais *parâmetros*. Não são feitas correcções. O resultado da avaliação pode ser quantificado para determinados objectivos, tais como a avaliação do desempenho do funcionário e a selecção de trabalhadores independentes.

quality assurance The whole set of procedures applied before, during and after the translation production process, by all members of a translating organization, to ensure that quality objectives important to clients are being met. Objectives may pertain to quality of service (deadlines met, interaction with translation unit pleasant), quality of the physical product (layout, electronic form), and quality of the text (style suited to user and use, terminology, language quality).

certificação de qualidade Todo o conjunto de procedimentos aplicados antes, durante e depois do processo de tradução, por todos os membros de uma empresa tradutora, para garantir que os objectivos de qualidade importantes para o cliente estejam a ser atingidos. Os objectivos podem estar relacionados com a qualidade de serviço (cumprimento de prazos, interacção agradável com a unidade de tradução), com a qualidade

do produto físico (formato, formato electrónico) e com a qualidade do texto (estilo adequado ao utilizador e ao uso, terminologia, qualidade da linguagem).

quality control Synonymous with *revision*. Quality control may involve checking either all or part of a translation, and either all or just some of the *parameters*.

controlo de qualidade Sinónimo de *revisão*. O controlo de qualidade pode envolver a verificação, tanto do todo, como de parte da tradução, e de todos ou apenas alguns dos *parâmetros*.

readability, readable Characteristic of a text which is *tailored* to readers and has a *smooth* sentence structure. Compare: *clarity*.

legibilidade, legível Característica de um texto que é *modelado* tendo em conta o leitor e que tem uma estrutura fraseológica *suave*. Comparar: *clareza*.

repurposing Making changes in a text so that it can be used in a different medium.

mudança de propósito Fazer alterações num texto de modo a que este possa ser utilizado através de um meio diferente.

re-reading See *comparative re-reading*; *unilingual re-reading*.

releitura Ver *leitura comparativa*; *releitura unilingue*.

retranslating Composing a new translation starting from the source text, when the draft is unrevisable. Retranslating can also be applied to individual passages or sentences.

retraduzir Compor uma nova tradução começando pelo texto de partida, quando o rascunho não é susceptível de revisão. A retradução também pode ser aplicada a passagens ou a frases individuais.

reviewer, review A subject-matter expert who examines a manuscript to determine whether it makes a contribution to its field, to suggest additions or subtractions from coverage of the topic, or to identify conceptual or terminological errors.

revisor científico Um perito num assunto que examina um manuscrito para determinar se este faz uma contribuição para o seu campo, para sugerir acréscimos ou subtracções à cobertura do tópico, ou para identificar erros conceptuais ou terminológicos.

revising The process of checking a *draft translation* for *errors* and making appropriate *amendments*.

rever O processo de verificar os *erros* num *rascunho de uma tradução* e efectuar as *emendas* necessárias.

revision parameters See *parameter*.

parâmetros de revisão Ver *parâmetro*.

rewriting Composing a new text that re-expresses, within the same language, and for

the originally intended readership, the content of an uneditable manuscript. Rewriting can also be applied to individual passages or sentences.

reescrita Compor um novo texto que reformule, dentro da mesma língua e para a leitura originalmente pretendida, o conteúdo de um manuscrito não-editável. A reescrita pode também ser aplicada a passagens ou a frases individuais.

scanning *Revising* a translation by checking sentences or paragraphs at regular intervals (e.g. the first paragraph on every other page).

análise (minuciosa) *Rever* uma tradução através da verificação de frases ou parágrafos em intervalos regulares (por exemplo, o primeiro parágrafo a cada duas páginas).

self-revision An integral part of the translation production process in which one revises one's own translation.

auto-revisão Uma parte integral do processo de tradução, no qual o tradutor revê a sua própria tradução.

smoothness, smoothing The quality of a text whose sentences have an easily perceptible syntactic structure and easily perceptible connections between sentences. A contribution to *readability*. One of the *Language parameters of revision*. Other terms for a smooth text are cohesive and flowing. Compare with: *logical*.

suavidade, suavizar A qualidade de um texto cujas frases têm uma estrutura sintáctica e ligações inter-frásicas facilmente perceptíveis. Uma contribuição para a *legibilidade*. Um dos *parâmetros de Linguagem da revisão*. Outros termos para definir um texto suave são “coeso” e “fluído”. Comparar com: *lógico*.

spot-checking *Revising* a translation by checking randomly selected paragraphs or pages spread over a text.

verificação local *Rever* uma tradução através da verificação arbitrária de determinados parágrafos ou páginas ao longo de um texto.

strategy of translation A general approach used for a translation job in order to comply with the *brief*, such as giving preference to accuracy over *readability*, writing in a conversational style, summarizing verbose sentences, or retaining source-language terms for cultural references with bracketed explanations.

estratégia tradutiva Uma abordagem geral utilizada num trabalho de tradução para estar em conformidade com a *lista de especificações*, que pode incluir dar preferência à precisão em detrimento da *legibilidade*, escrever num estilo conversacional, resumir sintagmas verbais ou reter termos da língua de partida para referências culturais com explicações entre parêntesis.

structural editing Checking the physical structure of a text to help readers follow its conceptual structure.

edição estrutural Verificar a estrutura física de um texto para ajudar os leitores a seguirem a sua estrutura concepcional.

style manual See *house style*.

livro de estilo Ver *livro de estilo interno*.

style sheet See *house style*.

folha de estilo Ver *livro de estilo interno*.

stylistic editing Checking and *improving* a text to ensure it reads smoothly and is tailored to its readers.

edição estilística Verificar e *melhorar* um texto para assegurar que a sua leitura é fluida e é modelada para os seus leitores.

sub-language Subset of the lexical, syntactic and rhetorical resources of a language which are typically used in a given genre and field. One of the *Language parameters of revision*.

sublinguagem Subconjunto dos recursos lexicais, sintácticos e retóricos de uma língua que são tipicamente utilizados em dados estilos e áreas. Um dos *parâmetros de Linguagem da revisão*.

tailoring, tailored Adjusting the wording of a text to make it more suitable for its particular readership. One of the *Language parameters of revision*.

modelar, modelado Ajustar o vocabulário um texto de forma a torná-lo mais adequado para uma leitura específica. Um dos *parâmetros de Linguagem da revisão*.

training revision Revision of a translation in which two types of change are made (and distinguished): changes needed to prepare the translation for delivery to the client and changes designed to show a trainee translator other (possibly better) solutions to translation problems.

revisão experimental Revisão de uma tradução na qual se fazem (e se distingue entre) dois tipos de alterações: alterações necessárias para preparar a tradução para que esta possa ser entregue ao cliente e aquelas feitas para mostrar a um tradutor estagiário outras soluções (possivelmente melhores) para problemas de tradução.

Transfer parameters The two *revision parameters*: Accuracy and Completeness.

parâmetros de transferência Os dois *parâmetros da revisão*: Precisão e Perfeição.

unilingual re-reading Checking a translation by reading only the translation, unless a passage is found which is nonsensical, or the reviser for some other reason needs to check the source text.

releitura unilingue Verificar uma tradução lendo apenas a tradução, a menos que seja encontrada uma passagem que não faça sentido, ou então se o revisor, por uma qualquer outra razão, precisar de verificar o texto de partida.

TRADUÇÃO DE UM EXCERTO DE “ON THE ROAD” (1957)¹

Nota Prévia

Jack Kerouac (1922-1969), escritor norte-americano, de origem franco-canadiana, romancista e poeta, foi um dos mais sublimes membros da “Geração Beat”. Os seus textos, maioritariamente de inspiração autobiográfica, evocam muitas das suas viagens, aventuras, experiências e reflexões.

Devido às alterações que ocorriam na América do pós-guerra, Jack Kerouac procurou criar o seu próprio espaço, rejeitando os valores da década de 50, como o consumismo e o novo estilo de vida suburbano e massificado. Os seus textos espelham um profundo desejo de libertação dos padrões da sociedade e a tentativa de encontrar um sentido mais profundo para a existência, razões que o terão levado a experimentar drogas, a estudar os ensinamentos espirituais budistas e a viajar incessantemente à deriva através do continente americano.

Sim, e não era só por eu ser escritor e necessitar de novas experiências que queria conhecer melhor Dean, e por a minha vida a vaguear pela universidade ter atingido o fim do seu ciclo e estar estagnada, mas porque, de alguma forma, apesar das nossas diferenças de carácter, ele fazia-me lembrar um irmão há muito perdido; a visão do seu rosto anguloso e sofredor, com as longas patilhas e o pescoço tenso musculoso e suado, recordava-me a minha infância, naqueles escoadouros e águas-presas e margens do Paterson e do Passaic. As suas roupas de trabalho sujas cingiam-no tão graciosamente como se não fosse possível comprar melhor traje num alfaiate, mas apenas recebê-lo do Alfaiate Natural da Graça Natural, tal como Dean nas suas provações. E no seu modo entusiasta de falar eu ouvia de novo as vozes de antigos companheiros e irmãos, debaixo da ponte, entre as motorizadas, ao longo do bairro embandeirado de roupa a secar e dos alpendres sonolentos ao entardecer, onde os rapazes tocavam guitarra enquanto os seus irmãos mais velhos trabalhavam nas fábricas. Todos os meus outros amigos da época eram “intelectuais” – Chad o antropólogo Nietzscheano; Carlo Marx e o seu discurso desconcertante, surrealista, sussurrado, sério e de olhar fixo; Old Bull Lee e o seu murmúrio arrastado criticando tudo e todos – ou então eram criminosos furtivos como Elmer Hessel, com aquele esgar sarcástico cheio

¹ Publicado em: Jack KEROUAC, *On the Road*. New York: Penguin Books, 1976, p. 10.

de estilo; o mesmo para Jane Lee, estirada sobre a coberta Oriental do sofá, torcendo o nariz ao *New Yorker*. Mas a inteligência de Dean era em tudo tão formal e brilhante e completa, sem aquela intelectualidade enfadonha. E a sua “criminalidade” não era algo que aborresse ou causasse desprezo; era uma explosão selvagem de positiva alegria americana; era o Oeste, o vento oeste, uma ode das Planícies, algo de novo, há muito profetizado, há muito aguardado (ele só roubava carros por prazer). Além disso, todos os meus amigos de Nova Iorque cultivavam a atitude negativa, de pesadelo, de denegrir a sociedade, dando as suas já gastas razões livrescas ou políticas ou psicanalíticas, mas Dean simplesmente irrompia pela sociedade, sôfrego por pão e amor; fosse como fosse, não se importava, “desde qu’eu engat’ aquela miúda com o seu buraquinho lá entr’as pernas, pá” e “desde que possamos *comer*, filho, ’tás a ouvir? Tenho *fome*, ’tou *esfomeado*, vamos *comer já!*” – e lá íamos nós comer, o que, como diz o Eclesiastes, “É o vosso quinhão sob o sol.”

Um parente ocidental do sol, Dean. Embora a minha tia me tivesse avisado que ele iria meter-me em sarilhos, eu conseguia ouvir um novo apelo e vislumbrar um novo horizonte, e acreditava nisso na minha juventude; e alguns sarilhos ou mesmo a eventual rejeição como amigo por parte de Dean, abandonando-me, tal como aconteceria mais tarde, nas ruas da amargura e nos leitos da doença – o que é que isso interessava? Eu era um jovem escritor e queria partir.

Eu sabia que algures no caminho iria encontrar raparigas, visões, tudo; algures no caminho, a pérola ser-me-ia entregue.

Tradução original da Turma T11N (Inglês-Alemão), licenciatura em Tradução e Interpretação Especializadas.

Disciplina de Tradução de Textos Literários – Língua Inglesa
(ano lectivo de 2005/2006)

Alexandra Guimarães

Liliana Carvalho

Ana Martins

Liliana Pereira

Diana Lima

Manuela Torres

Kátia Uzun

Marta Tavares

Lídia Ribeiro

Sandra Lebreiro

*EIN TISCH IST EIN TISCH*¹

PETER BICHSEL UMA MESA É UMA MESA

Vou contar a história de um velho, de um homem que já não diz uma palavra, tem um rosto cansado, demasiado cansado para sorrir e demasiado cansado para se zangar. Vive numa pequena cidade no fim da rua ou perto do cruzamento. Quase não vale a pena descrevê-lo, quase nada o distingue dos outros. Usa um chapéu cinzento, calças cinzentas, um casaco cinzento e no inverno o longo sobretudo cinzento e tem um pescoço fino com uma pele muito seca e enrugada; os colarinhos brancos ficam-lhe muito largos.

O seu quarto fica no último andar da casa; talvez tivesse sido casado e tivesse tido filhos, talvez tivesse vivido em tempos numa outra cidade. Com certeza que em tempos também foi uma criança, mas isso foi numa altura em que as crianças se vestiam como adultos. É assim que elas aparecem nos álbuns de fotografias das avós. No seu quarto há duas cadeiras, uma mesa, um tapete, uma cama e um armário. Em cima de uma mesinha há um despertador, ao lado jornais velhos e o álbum de fotografias, na parede um espelho e um quadro.

O velho dava um passeio de manhã e outro à tarde, trocava algumas palavras com o vizinho e à noite sentava-se à mesa.

Era sempre assim, até mesmo aos domingos. E quando estava sentado à mesa, ouvia-se o tic-tac do despertador, sempre o mesmo tic-tac.

Então houve uma vez um dia especial, um dia de sol, não muito quente, não muito frio, com o chilrear dos passarinhos, com pessoas simpáticas, com crianças a brincar – e o que houve de especial foi que o homem de repente gostou de tudo.

Sorriu.

“Agora tudo vai ser diferente”, pensou. Desabotoou o colarinho, tirou o chapéu, acelerou o passo, até flectiu as pernas ao andar e ficou contente. Chegou à sua rua, acenou às crianças, foi para casa, subiu as escadas, tirou a chave do bolso e abriu a porta do quarto.

Mas no quarto estava tudo na mesma, uma mesa, duas cadeiras, uma cama. E quando se sentou voltou a ouvir o tic-tac. E toda a alegria se foi, pois tudo estava na mesma.

¹ In Vormweg, H. (ed.) (1983), *Erzählungen seit 1960 aus der Bundesrepublik Deutschland aus Österreich und der Schweiz*, Stuttgart: Reclam, pp.153-157.

E uma grande fúria apoderou-se do homem.

Ele via no seu espelho que estava a ficar corado, viu que franzira a testa; depois cerrou os punhos, levantou os e bateu no tampo da mesa, primeiro só um murro, depois mais outro e depois começou a tamborilar na mesa, gritando constantemente:

“Isto tem que mudar, isto tem que mudar!”

E deixou de ouvir o despertador. Depois as mãos começaram-lhe a doer, a voz falhou-lhe, depois começou a ouvir de novo o despertador, e nada mudou.

“Sempre a mesma mesa”, disse o homem, “as mesmas cadeiras, a mesma cama, o mesmo quadro. À mesa chamo mesa, ao quadro chamo quadro, a cama chama-se cama, a cadeira chama-se cadeira. Mas afinal porquê?” Os franceses chamam à cama ‘li’, chamam à mesa ‘table’, chamam ao quadro ‘tablo’ e à cadeira ‘schäs’, e entendem-se. E os chineses também se entendem.

“Porque é que a cama não se chama quadro”, pensou o homem e sorriu, depois desatou a rir, a rir até os vizinhos começarem a bater na parede, gritando “silêncio”.

“Agora isto vai mudar”, gritou, e desde então, começou a chamar à cama “quadro”.

“Estou cansado, quero ir para o quadro”, disse ele, e de manhã ficou muitas vezes até tarde deitado no quadro a pensar, o que haveria de chamar então à cadeira, e decidiu chamar-lhe “despertador”.

Portanto, ele levantou-se, vestiu-se, sentou-se no despertador e apoiou os braços sobre a mesa. Mas a mesa já não se chamava mesa, chamava-se agora tapete. Então, de manhã, o homem levantava-se do quadro, vestia-se, sentava-se ao tapete no despertador e pensava, como haveria de contar isto a alguém.

À cama chamou quadro.

À mesa chamou tapete.

À cadeira chamou despertador.

Ao jornal chamou cama.

Ao espelho chamou cadeira.

Ao despertador chamou álbum de fotografias.

Ao armário chamou jornal.

Ao tapete chamou armário.

Ao quadro chamou mesa.

E ao álbum de fotografias chamou espelho.

Portanto:

De manhã o velho ficava até tarde deitado no quadro, às nove despertava o álbum de fotografias, o homem levantava-se e punha os pés no armário, para não sentir frio nos

pés, depois tirava a roupa do jornal, vestia-se, olhava para a cadeira pendurada na parede, sentava-se então no despertador ao tapete e folheava o espelho, até encontrar a mesa da mãe.

O homem achava graça a isto e treinava o dia todo, e decorava as novas palavras. Agora todos os nomes seriam trocados: Assim, ele já não era um homem, mas sim um pé, e o pé era uma manhã e a manhã um homem.

Agora podeis continuar a escrever a história. E então podeis também, tal como fez o homem, trocar as outras palavras:

tocar é pôr,
ter frio é ver,
estar deitado é tocar,
estar de pé é ter frio,
pôr é folhear.

De modo a que então é assim:

Ao homem ficou o velho pé muito tempo a tocar no quadro, às nove pôs o álbum de fotografias, o pé gelou e folheou-se em cima do armário, para que ele não olhasse para as manhãs.

O velho comprou cadernos escolares azuis e encheu-os com as novas palavras; isso ocupou-lhe muito tempo e raramente o viam na rua.

Então aprendeu as novas designações para todas as coisas e foi esquecendo cada vez mais as designações certas. Tinha agora uma nova língua que só ele conhecia.

De vez em quando já sonhava na sua nova língua e depois traduzia as canções do seu tempo de escola para a sua língua e cantava as baixinho para si próprio.

Mas em breve também a tradução se lhe tornou difícil, tinha quase esquecido a sua velha língua e tinha que procurar as palavras certas nos seus cadernos azuis. E ficou com medo de falar com as pessoas. Tinha de pensar muito tempo para perceber o que é que as pessoas chamavam às coisas.

Ao que ele chamava quadro, as pessoas chamam cama.

Ao que ele chamava tapete, as pessoas chamam mesa.

Ao que ele chamava despertador, as pessoas chamam cadeira.

Ao que ele chamava cama, as pessoas chamam jornal.

Ao que ele chamava cadeira, as pessoas chamam espelho.

Ao que ele chamava álbum de fotografias, as pessoas chamam despertador.

Ao que ele chamava jornal, as pessoas chamam armário.

Ao que ele chamava armário, as pessoas chamam tapete.

Ao que ele chamava mesa, as pessoas chamam quadro.

Ao que ele chamava espelho, as pessoas chamam álbum de fotografias.

E chegou a tal ponto que ele não podia deixar de rir quando ouvia as pessoas falar.

Não podia deixar de rir quando ouvia alguém dizer:

“Também vai amanhã ao futebol?” Ou quando alguém dizia: “Já chove há dois meses.” Ou quando alguém dizia: “Tenho um tio na América.”

Não podia deixar de rir, porque não percebia nada daquilo.

Mas esta não é uma história divertida. Começou triste e acaba triste.

O velho de sobretudo cinzento, já não conseguia perceber as pessoas, mas isso não era o pior.

Muito pior era, as pessoas já não o conseguirem perceber.

E por isso deixou de falar.

Calou-se,

só falava para si próprio,

já nem sequer cumprimentava ninguém.

As alunas do 4º ano do Curso de Tradução e Interpretação Especializada, disciplina de Tradução de Textos Literários (Língua Alemã)

Alexandra Guimarães	Sandra Lebreiro	Lídia Ribeiro	Manuela Torres
Liliana Carvalho	Ana Martins	Carolina Ana Rita Ferreira	Carina Cerqueira
Diana Lima	Katia Uzun	Liliana Carvalho	Liliana Pereira
Marta Tavares	Maria Manuela Torres	Mónica Colaço	

ALEXEJ SCHIPENKO
A ARTE DO FUTURO
DIE KUNST DER ZUKUNF, 2004¹

Maria Helena Guimarães
Instituto Superior de Contabilidade e Administração,
Instituto Politécnico do Porto
Portugal
mop88770@mail.telepac.pt

Nota Prévia

Alexej Schipenko

Alexej Schipenko geb. 03.10.61 in Stawropol (Russland), aufgewachsen in Sewastopol/Krim. Studierte in Moskau, lebt seit 1990 als freier Schriftsteller, Regisseur, Schauspieler und Musiker vorwiegend in Berlin.

Vita

79 - 83 Schauspielstudium an der Moskauer Theaterhochschule MCHAT. **83 - 85** Engagement in verschiedenen Theatern (Tallinn, Moskau). **1984** schreibt sein erstes Stück „Der Beobachter“ und gründet die Moskauer Rock-Band "Theater", für die er schreibt und singt. Es werden 2 LPs veröffentlicht. **1987** veröffentlicht er den Kurzfilm "Totem" an der Kinematographiehochschule Moskau. **1988** gründet die Moskauer Rock-Band "Can Guru", außerdem Uraufführung „Der Beobachter“, Inszenierung Anatolij Wassiliew an der Schule der Dramatischen Kunst, die Premiere fand im Berliner Metropoltheater statt. Schipenko trat in der Aufführung als Schauspieler und Musiker auf. **1990** ist sein Stück 'Archeologia' 'bestes ausländisches Stück' in der Deutschen Zeitschrift 'Theater Heute'. **1991** mehrere Stücke Schipenkos werden in Deutschland aufgeführt. **1991-2002** Schipenko inszeniert neben dem Schreiben u.a. in der Akademie Schloß Solitude Stuttgart, an der Volksbühne Berlin, am Bremer Theater, am Staatstheater Kassel, in der Akademie der Künste Berlin. Seine Stücke werden aufgeführt u.a. in Moskau, St. Petersburg, Zürich, Luxemburg, Frankreich, Großbritannien, und den USA. In Deutschland u.a. in Berlin (Volksbühne, Schaubühne, Baracke des Deutschen Theaters), Nürnberg, Oberhausen, Bonn, Stuttgart und Bremen. **1996** ist er Gastdozent an der Ernst-Busch-Hochschule Berlin (für Regie). **1997** erscheint die Novelle „77“ in der edition Solitude. **1998** ist er

¹ No Prelo (Companhia de Teatro de Braga).

Gastdozent an der Hochschule der Künste Berlin (für Szenisches Schreiben). **1998** erscheint sein Roman „Das Leben Arsenijs“ im Suhrkamp Verlag. **1999** erscheint „Das Buch der Koinzidenzen“ in der edition Solitude. **1999-2002** Regisseur am Deutschen Theater Almaty Kasachstan, in Bremen, Stuttgart und Berlin. **2003** spielt er am Schauspielhaus in der Inszenierung 'Hedda Gabler' (Regie: Ernst Stötzner) die Rolle des 'Løvborg' (u.a. neben Dörthe Lissweski und Irm Hermann). Gründet die Rock/Pop-Gruppe 'Løvborg' (Schipenko spielt Gitarre, singt und schreibt die Texte). **2003/4** erarbeitet er eine Stückfassung nach Goethes 'Wahlverwandtschaften' für das Schauspielhaus Bochum und spielt in der gleichnamigen Inszenierung (Regie: Ernst Stötzner) die Rolle des Grafen.

Zur Zeit arbeitet er an seinem nächsten Roman, schreibt ein Opernlibretto für eine Koproduktion der Schaubühne Berlin, des Theater Basel und des Mongolischen Musikfestivals 2006 (Regie: Thomas Ostermeier) und ein Drehbuch für den mehrfach mit Preisen ausgezeichneten Filmregisseur Igor Voloshin.

Anna Langhoff

Alexej Shipenko spielte 2004 am Schauspielhaus Bochum den Løvborg in Hedda Gabler von Ibsen, Inszenierung Ernst Stoetzner, einer der wichtigsten Schauspieler Deutschlands, der inzwischen auch Regie führt.

Für das Materialbuch des Schauspielhaus Bochum, das gleichzeitig mit der Inszenierung heraus kam, schrieb Alexej dann sozusagen als Løvborg einen Text, den er als das im Stück von Jørgen Tesman & Dorothea Elvsted wiederhergestellte Fragment des im Stück verloren gegangenen Textes des im Stück verstorbenen Løvborg ausgab; ein Witz, der sich bei genauerem Lesen der Vor- und Nachbemerkingen erklärt.

Vorbemerkungen:

Aus: "*Die Osloer Notizen des Ejlert Løvborg*", übertragen von Alexej Schipenko

Der vorliegende Text ist ein Fragment. Es handelt sich um Auszüge aus den Notizbüchern des Ejlert Løvborg. Das ursprüngliche Manuskript - es existiert keine Abschrift - ist verloren gegangen. Wiederhergestellt werden konnte es nur in der, hier einzusehenden Unvollständigkeit. Die Interpunktion und Bezifferung einzelner Abschnitte wurden aus dem Original übernommen.
Jørgen Tesman & Dorothea Elvsted
(LWV II, pag. 3a - 11, Maschinenschrift, Blatt 3, 5, 7 - 13, dat. vor 1890)

Nachbemerkingen:

Aus: Jørgen Tesman, Dorothea Elvsted (Hg.): *Die Osloer Notizen des Ejlert Løvborg*, Edition Rina, Begem 1902; Ergänzt um Passagen aus dem

Comentário sobre a tradução

Com as peças de teatro *A Vida Como Exemplo* e *Praça de Touros*, originalmente escritas por Alexej Schipenko para a Companhia de Teatro de Braga, *A Arte do Futuro* é o terceiro texto deste autor que traduzo para português.

Este texto, que foi inserido na brochura publicada pelo teatro de Bochum, aquando da encenação, por Ernst Stoetzner, da peça *Hedda Gabler*, de Henrik Ibsen – peça, na qual Alexej Schipenko desempenhou o papel de Løvborg - foi utilizado por Anna Langhoff ao pôr em cena a sua peça *Último Acto*², em Junho deste ano, no CTB.

Esta tradução teve a peculiaridade de ser fruto de dois textos de partida, um em russo e outro em alemão, considerados ambos, pelo autor, como originais, se bem que a indicação fosse a de seguir o original em língua alemã. Contudo, sempre que, no texto em alemão, me defrontei com frases demasiado complexas, em termos sintácticos, ou com uma profusão de adjectivos compostos, o texto em língua russa permitiu-me tornar mais fluído e natural o texto na língua de chegada, dando, assim, ao receptor/espectador a estrutura principal das ideias de forma mais clara, breve e ordenada.

O facto de ser um texto a ser ,dito' em palco obrigava, também, a que o mesmo fosse escrito numa linguagem de fácil memorização e reprodução, sem prejudicar, todavia, a sua coerência e intencionalidade. Mais uma vez, o texto russo facilitou-me a escolha de um vocabulário mais consentâneo com o fim a que se destinava – o ser ,dito' em palco - e com o próprio estilo, algo panfletário, do texto.

O resultado final foi um texto, cuja extensão acabou sendo apenas ligeiramente superior à do ,original' russo, mas relativamente inferior à do ,original' em língua alemã, e isto porque qualquer pessoa tende, creio eu, ao escrever em alemão, a ser mais conciso, a delimitar o mais possível, sobretudo, através da utilização de adjectivos compostos e de verbos prefixados, os conceitos utilizados, assistindo-se, muitas vezes, a uma superabundância de agentes determinativos que chegam a atingir um grau de redundância excessiva para receptores originários de outras culturas.

² A tradução original desta peça para português é também da minha autoria.

(...)

3. Do ponto de vista da história dos fundamentos da arte, a Arte do Futuro deixa-nos a impressão de um *Sofá Hiperotimizado*³, onde é „cômodo estar“⁴. O mundo muda-se para um salão encantador e acolhedor. Por que razão não deverá pois a arte acompanhá-lo, participando nessa migração rumo ao Sudeste suave e aveludado de uma civilização de primeira classe, rumo ao calor e ao bem-estar? Tudo depende da tendência. (...)

5. A arte não está a morrer, nem está em crise. Apenas se transforma. „Muda de forma“, literalmente. Esta transformação, uma „mudança para melhor“, não pressupõe a existência de quaisquer categorias classificativas e consuma-se sem avaliação prévia.

6. A arte do futuro é uma *Evasão Total*⁵ de tudo e por todos os meios, ela é uma negação da realidade comum a todos através da criação de uma realidade privada.

7. Estes quatro conceitos (a *Arte*, o *Futuro*, o *Sofá Hiperotimizado* e a *Evasão Total*) necessitam de um comentário. A arte, por exemplo. Não é de modo algum claro o que se entende, hoje, por arte, não existindo, também, interesse absolutamente algum em

³ NdT – Todos os itálicos ao longo deste texto são do autor.

⁴ NdT – Todas as expressões entre aspas, ao longo de todo o texto, são do autor.

estabelecer uma definição basilar. Negando-se a ter critérios, como se deles não necessitasse, o mundo descamba para o lado da charlatanice.

8. Para nos permitirmos ter critérios, é necessário termo-nos esforçado e acreditar. Porém, como é óbvio, nenhuma criatura está disposta a esforçar-se de bom grado, o que é perfeitamente compreensível e, em certa medida, até desculpável. E também ninguém quer ter fé, tal como o Anjo Caído, causador de toda esta algazarra (termo pelo qual designo o começo dos tempos). É difícil ter fé, e aquilo que é mais desagradável torna-se perigoso. *Pois a fé aniquila o mundo.*

9. Quando o ser humano tem fé, é manso e indefeso. Está morto para o mundo. Ele é o seu cadáver, que dele desnasceu e, claramente, morreu para fora do mundo. Não morreu „para“ o mundo, deixou-„o“. Saiu, fechou a porta atrás de si e nunca mais voltará.

(...)

12. A ausência de fé acarreta a perda de critérios, enquanto a sua presença aniquila a arte. Isto, porque o „crente“ não precisa de dar forma a um mundo que, antes de si e para si, foi plasmado e no qual o homem de fé apenas mora.

13. Todavia, o ser humano sem fé, o chamado „ser humano céptico“, precisa da bruma, da erosão dos critérios, do desvanecimento da imagem do mundo e da „arte“, pois, ao contrário da opinião unanimemente aceite, não há busca na sua dúvida. O ser humano sem fé, pura e simplesmente, evade-se na dúvida, qual uma criança que, em sobressalto, foge do escuro para se refugiar no quarto dos pais.

(...)

15. O ser humano céptico vê-se obrigado a legitimar a perda de critérios ou a pôr termo às suas dúvidas, o que, para ele, significa morrer, pois *a fé não só aniquila o mundo, como também aquele que nele vive.*

16. Desejar a própria morte significa encomendá-la. A história da humanidade desenvolveu-se sempre em função da influência do desejo e do pensamento sobre os processos físicos e o seu desenvolvimento incontrolado. E seja qual for a ideia que tenhamos desta história, o desejo e o pensamento acabarão, também, por destruí-la. Ansiamos pela morte e convidamo-la como se de uma „Revelação às Avestas“ se tratasse. Por outras palavras, nós, civilização ocidental, temos medo da vida e assustamo-nos perante a morte. Por isso, esperamos, há vários milhares de anos, imóveis, como se de bronze moldados, diante do enigma da existência. Morremos passivamente.

17. Morrer de forma activa não é passível de ser transmitido, porque compreende a própria morte, o precipitar-se no seu centro. Contudo, a vida enquanto acto de aniquilamento permanente de si, tem origem exactamente nesse mesmo medo e imobilidade perante a existência que desperta o morrer de forma passiva. O vagão-restaurante do comboio de alta velocidade rumo à auto-destruição está aberto 24 horas por dia: a preferência recai sobre bares, drogas, mulheres e a dúvida, que, nele, são servidos com prazer. É o que há de activo num morrer passivo.

(...)

19. O ser humano céptico, de moto próprio, escolhe desmontar o mundo material, bem como a respectiva falsificação da sua construção, isto é, a arte, privando-se, assim, de toda e qualquer possibilidade de conhecimento.

(...)

23. Tudo o que criamos e escrevemos pode ser, de imediato, atirado para o caixote do lixo, antes mesmo de ser usado. A arte do futuro é, antes de mais, uma forma de terapia para o seu criador. Ele está doente e, por isso mesmo, cria.

(...)

27. O que há-de vir nem no futuro virá.

28. Ao conceito „futuro“ é inerente tanto o „amanhã“, como um tempo, para nós, infinitamente distante, o que, de alguma forma, complica tudo. Por outro lado, não posso deixar de dizer que as tendências culturais dos próximos decénios são previsíveis, ainda que possam vir a ser corrigidas em resultado de guerras, sendo que nenhum destes factos me interessam muito. As artes plásticas, a música e a literatura continuam a mover-se rumo à abstracção e ao desmembramento da imagem do mundo, em termos de forma e de conteúdo. Está iminente um tempo de depressão epidémica, escorada na visão da humanidade sobre o seu próprio Eu e sobre o Universo. As teorias e os conceitos suceder-se-ão, todavia nada acrescentando, a não ser realizações brilhantes a nível tecnológico e desespero a nível espiritual. O mundo tornar-se-á mais realista, mas não real, ganhando em cinismo e decadência. A alma não terá chama, nem tempestade, nem ímpeto⁶, nem ansiará por quaisquer feitos. Ela tornar-se-á pesada e imóvel como o corpo de Ofélia no fundo do lago em Helsingør. A alma vai querer procurar conforto no quotidiano, no passatempo agradável dos hábitos comuns, junto à lareira. Não irá, porém, continuar a errar pela eternidade. Mover-se-á em círculos qual Ofélia, louca e imunda, preparando, na cozinha, a lavagem para os filhos pequenos e para Hamlet. O campo de visão sobre o ser humano será extremamente simplificado. A criação como fonte para o conhecimento extinguir-se-á como um qualquer diplodoco⁷ antes do início do período cretáceo⁸. Não faz nenhum sentido tentar entender melhor as leis da perspectiva e da constituição do corpo humano. Há muito que elas foram descobertas. Também há muito que não existe qualquer censura, seja ela política, religiosa ou ética. Tudo não passa de um pântano de mijo democrático⁹.

29. A arte do futuro é a arte futura de evitar quer o futuro quer a arte. É isso que te ocupa, que te atrai para os encantos do cadafalso, na lonjura. A falar verdade, tu já não queres conhecer nenhuma arte. Tu renega-la, pura e simplesmente, e apenas sonhas, pessoalmente, com a forma simples de lhe escapares, razão pela qual atribuis um destino ao futuro que corresponde à tua imaginação. És uma falhada que deseja

⁶ NdT - Referência implícita ao movimento pré-romântico alemão “Sturm und Drang” (Tempestade e Ímpeto).

⁷ NdT - Dinossauro gigantesco.

⁸ NdT - Período geológico do final da era secundária.

⁹ NdT – Neste ponto foi retirada do texto uma referência a Ejlert Løvborg, que tornava mais claras as suas ligações intertextuais. A razão para tal decisão foi o facto de ser uma actriz a d’ dizer’.

que o seu fracasso contagie todos os outros, até deus. Sim, é possível que assim seja. Mas eu não sou a única. Sou como todos vós. Liberto-me da manjedoura dos critérios, procurando evasão no futuro, do qual tenho um medo de morte, na mesma e exacta medida que todos vós.

30. O medo da morte – eis o que irá indicar à cultura o seu caminho nos próximos e últimos séculos. O medo da perda do nosso eu indivisível, da sua perda definitiva por um período muito longo. A aceitação do medo da morte significa a negação de deus.

31. Todos os que hoje vivem, têm sempre guardada na manga a ânsia indefinida de se tornarem messiânicos. Contudo, a salvação pela qual todos ansiamos chegará. Sob que forma – eis o que não sabemos: como fogo ou como água, sob a forma de Jerusalém celestial ou de inferno eterno, através Dele¹⁰ ou através de nós?

(...)

34. O medo da morte coloca-nos no *Sofá Hiperotimizado* e recomenda-nos tecnologias decorativas, melhor dizendo, sugere-nos que não perturbemos a arte. Por outras palavras, aconselha-nos a "arte do leito da morte". Pois o ser humano, quando morto, permanece silencioso e calmo e não incomoda. Podemos mesmo fazer de conta que, pura e simplesmente, nunca existiu, como se nunca o tivéssemos sequer encontrado. A capacidade de esquecer é a arma de auto-defesa da psique. Permite a passagem da realidade comum para a realidade privada. O defunto recorda aos vivos a sua qualidade de mortais. O facto de já não estar vivo é, para o caso, secundário.

35. À „arte do leito da morte“ segue-se, acto contínuo, a „arte de sonhar“, que, por sua vez, bifurca noutros géneros, cujas características têm, em linhas gerais, relação com a saída para fora da realidade humana tradicional e com a evasão no transcendente.

36. O papel dos narcóticos, das chamadas drogas (morfina, ópio, delaudid, álcool, speed, peiote, cocaína, procaína, nicotina, cannabis, MDMA, crack, LSD, beladona, mescalina, bannisteria caapi, heroína, psilocibina,...) no processo de criação e de

utilização de uma obra de arte cresce sem parar. A palavra utilização não a uso aqui por acaso, pois a percepção da arte enquanto acto espiritual tende a extravasar, entrando no campo da cumplicidade participativa, num belo repasto, no qual, por vezes, acontece deus ser traído.

(...)

45. A *Evasão Total* será, dentro de um tempo, por nós, não previsível, transformada num „Advento Total“, não sendo bem claro se se tratará de um regresso, de um alvoroço, de uma perda ou de um golpe certo.

46. Mas o papel verdadeiramente principal na arte do futuro cabe ao

DINHEIRO

e a todas as consequências associadas a essa coisa. A chantagem existencial que esse metal frio exerce sobre o ser humano de sangue quente arrasta a arte para o mercado, mais precisamente, para a sarjeta. E, ao tornar-se produto, a arte perde a sua independência, se bem que, pela sua própria natureza, ela não possa ser nem escrava nem mentira, pois a arte é o desnudamento da verdade através da liberdade.

47. De facto, como pode o artista defender-se da tentação de ter um rendimento mensal, quando qualquer outra forma de sobrevivência é impossível e quando a concessão de um rendimento próprio é uma prerrogativa do estado, que assim exerce o seu controlo sobre a arte?!

48. O artista começa a humilhar-se: perante o patrão (o estado), perante o senhorio, perante o público... E mesmo quando o seu rendimento mensal tarda a vir, ele não abandona nunca o seu espírito de subserviência. Ao sucumbir a essa prática, alguns há que conseguem ter lucro, o que faz com que - seguros dos seus rendimentos chorudos - comecem, pelo seu turno, a humilhar os restantes. Não me enquadro neste grupo. Sem sombra de dúvida que dele me encontro bem distante, pois apenas tento subsistir.

¹⁰ NdT – Com maiúscula no original. Referência a Cristo.

(...)

50. A arte do futuro é a „arte da subsistência“ sujeita às condições de um mercado vencedor sobre todas as formas humanas de entendimento ainda existentes. Essa arte, uma estratégia para receber uma remuneração, já não apresenta, por isso, qualquer preocupação "não terrena", tanto mais que o papel do "artista enquanto profeta" foi dado como ridículo e guardado no frigorífico do passado, tal qual a expedição ao pólo norte realizada por Amundsen¹¹.

51. O dinheiro gera uma forma inventada de censura mais subtil. Em rigor, ele engendra, de forma discreta e difícil de reconhecer, uma auto-censura bem camuflada. O artista tomará a decisão de corrigir o seu trabalho, tendo em consideração a correlativa procura pelo mercado, expressa de forma imprecisa. O contrato tácito daí resultante constituirá o mal maior dos tempos futuros. A pressão exercida sobre o artista deixará de ser personificada, pois o inimigo ou o censor não tomará a forma de um funcionário, nem de um sistema político, escondendo-se antes dentro do próprio artista, qual célula cancerosa na sua carne, de onde se inicia a destruição da sua índole. O censor dos tempos vindouros é invisível e, por isso mesmo, invencível.

52. A arte do futuro engendrará métodos para „minar“ ou „embirrar“. Assim surgirão „heróis“, cuja actuação não estará ligada ao mercado, pelo que - privados do eco do público - ficarão isolados, pois não terão nenhuma oportunidade de „comungar“¹² com a sociedade. A sua actuação tornar-se-á sonolenta, pois a ferramenta de influência sobre a capacidade de pensamento das massas será bem manipulada, nomeadamente por „homens de negócios“, cuja prioridade máxima será o controlo sobre a utilização do produto, aliás da „arte“. E, se bem que eu utilize o verbo „ser“¹³ sobretudo no futuro, a evolução aqui descrita há muito que vigora.

53. Os „minadores“ que não consigam aguentar por muito tempo serão obrigados a salvar-se. Neste caso, só a fuga se lhes apresenta, já que a arte oficial da *Evasão Total*

¹¹ NdT – Explorador norueguês (1872-1928).

¹² NdT - Aspas do tradutor para sublinhar a ironia e cinismo inerentes ao texto.

¹³ NdT – Aspas introduzidas pelo tradutor.

retirá-la à arte de „minar“ o seu inimigo, oferecendo-lhe em troca o vazio da criação artística. Assim, a quantidade de suicídios entre literatos, artistas plásticos e músicos converter-se-á na qualidade do seu destino, confirmando, deste modo, a sua „sentença de morte“.

54. Não haverá casos de suicídio entre os críticos ou entre os „comerciantes de arte“, por exemplo. Pelo contrário, o sucesso do seu ofício resultará, particularmente, do número de cadáveres no campo das artes. A crítica conquistará poder sobre os objectos mortais da sua atenção, consolidará o seu poder e conserva-lo-á – plenamente consciente dele – como propriedade sua. O intermediário e o comerciante são os verdadeiros marionetistas da história da arte: eles operam na feira, empregando ferramentas de cálculo e diversão como meio de instrução das massas.

(...)

57. O intermediário surge no espaço entre o desejo e a sua satisfação, entre o produto e o consumidor. No fundo, a arte move-se exactamente neste espaço. Ela é esse intervalo. Ela é esforço, meta, ligação transcendente, um mediador entre o mundo à nossa volta e o ser humano. Por outras palavras, a crítica apodera-se do papel do intermediário e apodera-se também, de forma paradoxal, da arte. O crítico, enquanto intermediário, transforma-se, a um só tempo, no artista e no público e, a partir daí, por mais inacreditável que isso possa soar aos nossos ouvidos, no sujeito da arte e inclusive na sua substância.

58. E foram estes parasitas que deixaram a ilha de Atlântida afundar-se e civilizações inteiras decair; e tudo isto, enquanto ocupam ainda as ruínas, em virtude da usurpação do sangue e do corpo Daquela¹⁴ que suporta o fardo.

(...)

63. A juntar a tudo isto, a feminilidade perde-se. As mulheres que têm consciência desta situação tirarão partido dela. A prostituição a todos os níveis sociais transforma-

¹⁴ NdT - Com maiúscula no original.

se em padrão, ajudando, assim, os homens a subir e a ter êxito. As fronteiras físicas entre os sexos desvanecem-se e a emancipação torna-se o argumento imprescindível nesse afã de levar as amáveis damas a consumir e a manterem, assim, o mercado. Daí, dessa vergonha e desse sentimento de culpa do homem pelo facto de querer possuir a mulher, resulta que o mundo se tem vindo a transformar, em consequência desta forma de pensamento democrático, numa MULHER: não na Santa Sofia, não na grega Hagía Sofia, a Sabedoria Divina¹⁵, mas sim na puta babilónica do Evangelhosegundo o Apóstolo João.

Recensões

FANTASIA PARA DOIS CORONÉIS E UMA PISCINA

MÁRIO DE CARVALHO

LISBOA: CAMINHO, 2003

Maria de Fátima Pinto Miranda

fa_miranda@yahoo.com

Aluna finalista do 1º ciclo do curso bietápico de Línguas e Secretariado
Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Cultura Contemporânea Portuguesa
(ano lectivo de 2005/2006)

Mário de Carvalho publicou, em 2003, *Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina*, que lhe valeu o prémio PEN Clube Português para a melhor obra de ficção nacional. O autor acrescenta assim ao seu extenso rol mais uma honrosa distinção nas artes literárias. Com efeito, viu galardoada a maior parte dos seus livros, em diversos géneros literários, desde o romance ao conto, passando pelo teatro. Da sua obra destaque *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*, de 1982, e *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, de 1994, aquele por ter sido o primeiro livro premiado do autor, este pela aclamação entusiástica da crítica e pelos vários prémios que lhe foram atribuídos.

“Cronovelema” é o termo criado por Mário de Carvalho para classificar a sua *Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina*, um sub-género peculiar do romance, repleto de artifícios narrativos que subvertem as convenções literárias, com avanços e recuos na acção, interpelações ao leitor e diálogos entre o narrador e as próprias personagens.

Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina é um retrato fiel e satírico da sociedade portuguesa contemporânea, que abrange vários níveis e registos da linguagem. De facto, a variedade de léxico utilizada na obra é excepcional, pelo que o leitor incauto ver-se-á obrigado a consultar o dicionário, quer em busca do significado daquela palavra de registo mais cuidado, quer para confirmar aquele termo de registo

popular, que lhe trará de volta as reminiscências dos tempos “lá da terra” que ele, agora “da cidade”, pretendia estarem há muito esquecidos.

A ficção transporta-nos pelo nosso dia-a-dia, pois são inúmeras as alusões explícitas e implícitas aos hábitos e práticas dos portugueses, através de personagens também elas representativas de determinados grupos e estratos da nossa sociedade.

Contextualizando:

A narrativa desenrola-se na actualidade, reflectindo sobre um Portugal no final do século XX e início do século XXI, três décadas após o 25 de Abril, membro da União Europeia, um ponto alures no Globo. O espaço da acção é essencialmente o pacato Alentejo, sendo também mencionadas Lisboa, Goa e África, durante o período de ocupação colonial.

Por entre tantas alusões da obra à nossa realidade, opto por destacar o colectivo “povo”, que planeia muito mas pouco faz; que gosta de mostrar o que tem, escondendo o que é; que não se preocupa com o que diz nem como o diz; que prefere a “chicoesperzeza” ao uso do direito de cidadania; que se importa apenas com o seu bem-estar, nem que isso implique o mal de outrem, sendo que esse outrem pode ser o património e o meio-ambiente; que é incivilizado e tanto, tanto mais.

De facto, somos um povo digno de estudo (aí está o pedantismo lusitano, pois todos os povos são dignos de estudo). Não é Mário de Carvalho um antropólogo que o vá fazer, mas é ele que, com a sua sátira, vai despertar o espírito crítico do leitor, dando-lhe argumentos para que possa avaliar criticamente se aquilo com que se depara no dia-a-dia será o mais dignificante ou – pelo contrário – o mais humilhante de uma nação.

Os Personagens *versus* os Portugueses:

Optei por aprofundar apenas os personagens a quem o próprio autor deu maior importância. Entre estes destaca-se naturalmente Emanuel Elói, jovem alentejano cheio de sonhos e fantasias, que conquista facilmente a simpatia dos seus conterrâneos e do leitor. Protegido pelo seu Deus “passeando pela brisa da tarde”, Elói percorre o Alentejo de lés-a-lés, verdadeiro “trotamundos” (p. 14), qual português com seus deuses, na época dos Descobrimentos e nas páginas d’*Os Lusíadas*. Elói reparte o seu tempo pela actividade de vedor de águas, que lhe vale uns trocos, e pelos jogos de xadrez, que lhe dão prazer. Pelo meio, vai sendo agraciado com várias raparigas que

lhes caem nos braços, em situações mais ou menos cómicas, das quais sabe sempre tirar partido.

No que toca ao xadrez, os conhecedores das regras e meandros deste jogo acharão particularmente hilariante toda a descrição que envolve a partida simultânea em Grudemil, onde é visível a geral falta de sensibilidade para qualquer actividade que não toque o “popularucho”, ou o jogo com o violento Januário, “jogador desde o tempo da tropa” e absoluto desconhecedor das regras, mas que insiste na atribuição de um grau académico ao “mestre” de xadrez. Na sua actividade de vedor de águas, Emanuel vai conseguindo convencer os clientes com manobras de verdadeiro actor (a água está sempre “a uns 25 metros de profundidade”), apesar das evidências científicas a tal se oporem.

O Coronel Bernardes e o Coronel Lencastre – os *Dois Coronéis* do título – são efectivamente dois coronéis aposentados, ex-combatentes em África. Apesar de terem vidas pessoais diferentes, partilham recordações e práticas dos tempos militares. A piscina do Coronel Bernardes é eleita a confidente das suas memórias: a sua função não é afundar nas suas águas as amarguras dos coronéis, pois estes nunca lá mergulharam, mas antes servir-lhes de companhia e pretexto para intermináveis conversas.

Maciel Bernardes, o Coronel Bernardes, vive um casamento de aparência com a latifundiária Maria das Dores, que lhe é infiel e que o desafia sempre que pode. Infeliz, refugia o seu desgosto no uísque que bebe às escondidas e em pequenos entretenimentos, como cuidar da piscina, ver telenovelas, ler uma qualquer leitura dita *light* e conversar com o seu companheiro, o Coronel Lencastre, o único que o compreende. O Coronel Bernardes tem sempre consigo a sua Uzi, a metralhadora que usou no serviço militar e que o protege do inimigo (esteja ele onde estiver).

O seu vizinho e amigo, Amílcar Lencastre, o Coronel Lencastre, é de origem brãmene, membro de uma família abastada de Goa. Deu ao filho, Nelson, uma educação rígida, tal como a que ele próprio recebera. Não resultou, pois os tempos são outros e esse tipo de educação não se adequa à era de liberdade de expressão em que vivemos. O Coronel Lencastre troca a agitação da cidade de Lisboa pela paz da aldeia do Alardo, enquanto tenta esquecer os problemas com o filho.

Maria das Dores e Maria José são as esposas dos coronéis. Maria das Dores é a proprietária dos terrenos alentejanos onde vive com o marido e é ela quem financia a construção da piscina. De boas famílias, com boa formação, estudou em colégios

caros, é licenciada em História da Arte e está a preparar uma tese de mestrado. Seria de prever que uma pessoa assim educada se comportasse como uma “senhora”, mas o autor optou pelo choque e dotou esta personagem de um vocabulário vernáculo e de um feitio rebelde. No fundo infeliz como o marido, inferniza a vida do coronel como forma de vingança pessoal.

Maria José é o oposto de Maria das Dores. Proveniente do seio de uma família de militares, apesar da severidade da sua educação, frequentou o liceu normal, licenciou-se em Física na universidade pública e deu até aulas, temporariamente. Adaptou-se rapidamente à vida no campo e vive um casamento feliz, apenas ensombrado pelo filho problemático. A sua vivência é discreta mas sábia: com grande perspicácia, sabe lidar com o autoritarismo do marido e consegue amenizar a relação deste com o filho.

Nelson encarna o eterno rebelde sem causa, com problemas de integração, dividido entre a força do pai e a delicadeza da mãe. Faz-se acompanhar da namorada, Neusa, e do amigo Tiago, também eles com dificuldades relacionais com a geração dos pais, que designam de “gerações caducas” (p. 159). Demonstram a sua rebeldia com a inscrição de *tags* nas placas das estradas, mostrando à sociedade que existem e que têm opinião, apesar de pertencerem à denominada “geração rasca”.

Januário é conhecido dos coronéis desde os tempos de militar. Não fez carreira, tendo-se antes dedicado a negócios obscuros que lhe renderam o título de pessoa respeitada lá na terra. É o representante do novo-rico português, isto é, daquela pessoa que tem dinheiro mas que não tem classe nenhuma, como demonstram os exemplos: “chegou-se a uma mesita em forma de carro de bois”, “enchia de uísque um grande copo de conhaque”, “enfiava as gambas inteiras na boca, mastigava-as e cuspiu os tegumentos esmagados para o prato” (p. 57). A descrição da sua figura também não deixa dúvidas sobre o evidente mau-gosto: “blaser preto, com botões redondos de lata dourada, calça amarelo-torrado, e camisa cor-de-rosa, duma marca anunciada na televisão” (p. 52). Possui o máximo de objectos conotados com dinheiro e poder: vivenda vistosa, carro potente, ouro e objectos dourados e até os seus cães são de raças ferozes. Alardeia que “até conhece professores e engenheiros” (pp. 52 e 189), não se coíbe de explorar o trabalho proveniente da imigração clandestina e afirma que não paga as dívidas, porque “pagar só em tribunal” (p. 189), fazendo passar a ideia de um país onde o crime compensa.

Eleutério é o homem dos sete ofícios, bem característico do país luso. Não é especialista em nada, mas faz uns biscates em toda a parte. Tem muitos projectos para negócios que nunca concretiza, pois, na verdade, o verdadeiro empreendedor seria sempre o seu cunhado. Nos seus planos, antes do investimento no projecto em si, estão as realizações pessoais, como os presentes para a namorada e o jogo de matraquilhos. Eu arriscaria continuar: o carro de gama alta para si, outro carro idêntico para a esposa, sem esquecer o filho, a vivenda na zona de prestígio, a roupa na loja de marca, a viagem ao lugar mais exótico. E, só então, se restasse alguma parte do lucro, poderia talvez comprar umas máquinas, modernizar aquela parte da empresa...

O tio de Emanuel (o actual amante de Maria das Dores) foi colocado na obra para desmistificar alguma tendência misógina que pudesse ser atribuída ao autor, nas palavras do próprio. Preocupado com o “ingénuo” sobrinho, surge para o aconselhar no que toca às mulheres. Contudo, a sua experiência baseia-se simplesmente naquilo que ele designa de “teoria da triangulação” (p. 165), uma hilariante estratégia de enganos.

Ficção *versus* Realidade:

O silêncio é incómodo para o português (p. 127), ele fala, fala, dá à taramela, enfim, “desunha-se a falar” (pp. 10-11). Vem um que fala; a seguir vem outro português que explica o que o anterior disse; depois mais um que não concorda e logo outro que lhes dá razão, e assim sucessivamente. É vê-lo deslumbrado pela sua própria verborreia. Quem nunca assistiu a um daqueles longos discursos inadequados à plateia, que mais parecem um monólogo de palavras ditas “caras” e sem um propósito definido? Provavelmente o seu objectivo é mesmo esse: deslumbrar, digo, enfadar o ouvinte e desmotivar qualquer tentativa de descodificação da mensagem. Algo muito visível na área científica, onde se fala de modo a que o ouvinte não compreenda e assim não se apodere do precioso conhecimento.

Também conhecemos o fala-barato que, tirando o preço das palavras, tem um efeito semelhante: fala muito mas não diz nada, fazendo justiça ao ditado popular “quem muito fala pouco acerta”. Neste caso, o que interessa é falar em quantidade, vencendo o ouvinte pelo cansaço auditivo. Vem-me à ideia aquela criança-adulto que fala muito para disfarçar as suas fraquezas: Portugal é um país de faladores... seremos nós uma nação que precisa de disfarçar alguma mediocridade?

O português típico está sempre pronto a emitir a sua opinião, quer esta lhe seja solicitada ou não, “eu não acho bem”, “eu acho que sim”, mesmo que a fundamentação para o achar ou não achar termine num redundante “é assim, porque é”. Contudo, o português fala muito, especialmente se não tiver que assumir a responsabilidade daquilo que diz. Daí resulta que raramente coloca no papel uma reclamação, mesmo após longas e repetitivas sessões verbais, para citar apenas um exemplo do nosso quotidiano. Se me alongasse nesta dissertação, acabaria no político que, de tão fascinado com o seu discurso, sempre que conveniente esquece o seu conteúdo.

Lamentavelmente, falar muito não é sinónimo de preocupação com a língua. *Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina* dá-nos exemplos de erros comuns no uso do português, como o “trázio” (p. 55). Podemos continuar a espreitar as páginas que se referem à festa em Grudemil, ricas em exemplos de mau português, ou comentar o tipo de vocabulário de Maria das Dores, composto maioritariamente por “palavrões”, ou o discurso de Nelson e seus amigos, repleto de calão. Em contrapartida, verificamos a tentativa inútil de Maria José corrigir a linguagem do filho, que radica na frase lapidar: “quem é que liga a isso da gramática” (p. 75).

Confundem-se com a nossa realidade os vários exemplos de falta de civismo e de educação mencionados na obra. A sua enumeração seria longa e constrangedora (afinal, também sou portuguesa), pelo que focarei apenas a falta de civismo nas estradas, por ser a que acarreta mais graves consequências e a que mais nos envergonha nas estatísticas. É muito lusitano conduzir e falar ao telemóvel, como fazem Emanuel ou Eleutério na sua bicicleta; buzinar à noite, feito atribuído à delicada Maria José; conduzir a alta velocidade ou alcoolizado, como o Coronel Lencastre depois de sair do restaurante; ter os máximos sempre ligados; estacionar em segunda fila e abandonar a viatura, como acontece na festa de Grudemil. Tudo isto associado a estradas em más condições, com falta de indicações e pouca vigilância policial.

Mário de Carvalho critica o nosso incontestável desprezo pelo meio-ambiente ao descrever a reacção paternalista e descuidada de Januário, como que confrontado com uma qualquer puerilidade, à preocupação de Emanuel com o incêndio que poderia deflagrar no pinhal devido ao fogo de artifício (p. 57). O pastor não se coíbe de dar um pontapé na sua ovelha, vendo nela apenas um meio para extorquir dinheiro ao Coronel Bernardes (p. 42); as corujas são empalhadas e exibidas como troféus de

caça (p. 192); após as obras, as máquinas são abandonadas na charneca e o entulho é largado nas bermas das estradas (p. 20); as plantações de eucaliptos grassam por todo o lado, até onde há falta de água, como no Alentejo. Isto para não falar na piscina dos coronéis, construída sem ter em conta o enquadramento na paisagem. Estes são apenas alguns exemplos suficientemente esclarecedores da insensibilidade dos portugueses para com as questões do meio-ambiente.

Mas também aqui encontramos bem documentada a falta de preocupação com o património, na leviandade com que Desidério, Eleutério e Felismina destroem os vestígios encontrados aquando das escavações para a construção da piscina (p. 128). Teriam um valor histórico incalculável aquelas ânforas dos tempos dos mouros, se naquelas três cabeças iluminadas não tivesse soado o tilintar dos cifrões, que bloqueou os neurónios com a alusão às moedas de ouro! O resultado foi uma amálgama de cacos soterrados no fundo da piscina... e moedas de ouro, nem vê-las.

Para esquecer a crise, as obrigações e a geral impunidade, ao português de *Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina* resta-lhe o futebol. Nada melhor do que ver um jogo de futebol, onde tudo é permitido a bem da libertação do *stress*. Insultam-se os protagonistas do jogo e suas mães; insulta-se o amigo porque é da equipa adversária; esmurra-se o vizinho da esquerda porque festejou um golo que não é golo e o da direita porque está de acordo com o da esquerda. Tudo a bem da saúde, porque o *stress*, está provado, pode causar enfarte do miocárdio. E temos ainda aqueles que, integrados num grupo – neste caso, a claque –, devem agir em consonância com as suas práticas, em prol da tão necessária integração, sempre dependentes do líder do grupo, cujos comportamentos mais habituais sugerem o animalesco. Na obra de Mário de Carvalho é cruel o retrato da actuação das claques, que culmina na destruição dos locais por onde passam.

Num país de futebol, o sonho de um mestre de xadrez só pode ser compreendido por uma minoria. Em Portugal, um desporto que movimenta o intelecto não movimenta as massas. Daí que o autor retrate vários personagens pretensamente interessados no assunto – até com entrevistas à mistura – mas que, quando confrontados com situações simples, deixam transparecer a sua falta de informação: Alekhine e Capablanca são “lérias”; ao mencionar as notações “falamos chinês (...) eu quero é que você me diga as jogadas”. Mas ter um tabuleiro no móvel da sala ou apregoar que se joga xadrez está conotado com inteligência, mesmo quando o “saber jogar” implica deturpar as regras e gritar “afinfo-lhe com os dois cavalos” (p. 59).

Em Conclusão:

Não me alongo mais em considerações sobre as práticas e representações culturais portuguesas subjacentes na obra de Mário de Carvalho. Debrucei-me sobre as mais relevantes, apesar da pena que me deixa não falar, por exemplo, do hábito lusitano de confiar mais nos amigos do que nos técnicos (vide o caso do Coronel Bernardes, quando decide construir a piscina), da disponibilidade dos portugueses para ajudar (e muitas vezes atrapalhar), da mudança de hábitos dominicais (como visitar estações de serviço e centros comerciais), da proliferação das lojas chinesas, da infundável burocracia, da difusão da música “pimba”, entre tantas outras.

Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina é um livro rico em exemplos caricatos do que é “ser português” hoje. Em cada página espreitam casos de ficção que rapidamente identificamos. Seria, de facto, fastidioso e até deprimente incluir mais comentários acutilantes sobre o país, mas a culpa reside em Mário de Carvalho e na sua obra, pois a sua genialidade estimulou um espírito já de si crítico.

E agora silêncio... Ouço o melro a conversar com o mocho. Voaram directamente do Alentejo para o parapeito da minha janela: – Safa! Até que enfim! Estava a ver que também ela ia escrever um livro... – Viste? Se não aparecêssemos na janela, nem sequer uma palavra sobre nós!

RECENSÃO DE *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE* DE JOSÉ SARAMAGO¹

Dalila Silva Lopes
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Instituto Politécnico do Porto
Portugal
cc-iscap@iscap.ipp.pt
dalop@iscap.ipp.pt

No dia seguinte ninguém morreu. Assim começa (e termina) o último romance de José Saramago.

Na esteira de romances anteriores como *A Jangada de Pedra*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*, a trama de *As Intermitências da Morte* parte de um acontecimento anómalo, ilógico e inexplicável; neste caso, o comportamento da morte, que, de repente, deixa de matar num determinado país, durante um determinado período de tempo, voltando depois a matar, mas com aviso prévio, através de carta de cor violeta, enviada individualmente, com oito dias de antecedência, a cada pessoa que irá morrer. E, tal como nos citados romances anteriores de Saramago, a partir desse acontecimento anómalo, ilógico e inexplicável, a trama prossegue numa lógica irrepreensível, com o narrador a explorar as consequências desse acontecimento, o que acaba por ser pretexto, neste romance, para incisivas farpas espetadas no sistema político, no sistema social e corporativo, e na religião, sobretudo na igreja católica apostólica e romana, que o narrador, parodiando a actual propensão para o uso de siglas, designa como 'icar' (p.138).

No entanto, e divergindo um pouco dos citados romances anteriores, sobretudo dos *Ensaios*, em *As Intermitências da Morte* o narrador parece não querer ter um pulso tão firme no controle dos acontecimentos que se sucedem ao insolito inicial. Aliás, ele próprio o diz: *Reconhecemos humildemente que têm faltado explicações, estas e decerto muitas mais, confessamos que não estamos em condições de as dar a contento de quem no-las quer, salvo se, abusando da credulidade do leitor e saltando por cima do respeito que se deve à lógica dos sucessos, juntássemos novas irrealidades à congénita irrealidade da fábula [...]* (p. 141-142). Esta propositada e confessada falta de explicações pode ter a ver com a epígrafe - *Saberemos cada vez menos o que é um ser humano* -, pois o desconhecimento crescente do que é um ser humano implica necessariamente a impossibilidade da previsão e explicação dos seus comportamentos, e assim, por *demonstratio ad absurdum*, estamos de novo dentro da lógica irrepreensível patente nos referidos romances. O narrador parece aliás evidenciar uma certa preocupação com a reacção do leitor a esta aparente falta de explicações para certos acontecimentos: *É natural que a curiosidade de quem vem seguindo este relato com escrupulosa e miudinha atenção, à cata de contradições, deslizes, omissões, e faltas de lógica, exija que lhe expliquem [...]. E Já que está em maré de perguntar, também há-de querer que lhe digam [...]. Ora, antes que a mal-intencionada suposição comece a ganhar raízes, apressamo-nos a escarecer que [...]* (p.192). Mas as explicações que a seguir são dadas referem-se a pormenores de somenos importância, são destinadas ao tal leitor miudinho e à *cata de contradições*, pelo que não invalidam (muito pelo contrário) o exposto no tópico deste parágrafo.

¹ José Saramago, *As Intermitências da Morte*, (2005), Lisboa: Caminho.

Também do ponto de vista linguístico há em *As Intermittências da Morte* algumas novidades. Neste romance, Saramago não vai tão longe nos desvios aos cânones da pontuação a que nos tinha habituado. Continua, no entanto, a fazer prodígios com a sintaxe como só ele sabe (veja-se, por exemplo, p.161), mas a sintaxe de frase e de texto é aqui um pouco mais leve do que na generalidade dos seus outros romances. De registar são também os encaixes perfeitos dos discursos directos, mesmo fazendo um uso desviante da pontuação (veja-se, por exemplo, pp.20-23). Mas, acima de tudo, salta à vista a irreverência em relação aos ditâmes sobre a grafia dos nomes próprios (quaisquer que eles sejam), que aqui são sistematicamente escritos com minúscula: por exemplo, ‘caim’ e ‘abel’ (p.144), ‘marcel proust’ (p.151), ‘robert schumann’ (p.155), ‘beethoven’ (p. 159), ‘aquiles’ e ‘agamémnon’ (p.161), ‘frança’ (p.189) ou, como referido acima, ‘igreja católica apostólica e romana’ (p-138).

A irreverência e o agudíssimo espírito crítico de Saramago, a par da sua inquestionável sabedoria, levam-no neste, como em outros dos seus romances, a fazer de vez em quando breves incursões em diversas áreas do saber, deliciosas peças de reflexão, que vêm a propósito do enredo, nele são perfeitamente encaixadas, mas ao mesmo tempo dele são destacáveis, o que acaba por conferir ao texto uma plurilinearidade raríssima em outros autores. Destacamos, para exemplo, uma dessas incursões, de carácter linguístico: [...] *não é verdade que o antónimo da presunção seja a humildade, mesmo que o estejam jurando a pés juntos todos os dicionários do mundo, coitados dos dicionários, que têm de governar-se eles e governar-nos a nós com as palavras que existem, quando são tantas as que ainda faltam [...]* (p.178).

Por tudo o que foi dito, ou apesar de tudo o que foi dito, talvez o que de mais importante perpassa neste romance seja uma beleza diáfana, sobretudo no tratamento da figura da morte, figura com quem o narrador parece ter uma relação de amor-ódio, ou melhor dizendo um irrimediável fascínio, patente sobretudo na parte final do romance. Embora, como foi dito, a estrutura romanesca siga aqui, em esquema, o padrão de alguns romances anteriores, este é talvez de entre todos os aqui citados aquele em que Saramago mais se deixou guiar pela força das personagens por ele criadas, sobretudo a da morte e é também, do meu ponto de vista, aquele em que Saramago mais prende o leitor, levando-o, por assim dizer, pela mão.

Sem querer, a leitura deste romance traz-me à mente com insistência dois versos de José Mário Branco de “Margem de certa Maneira”: *Para ter um companheiro nesta viagem / vou meter um pauzinho na engrenagem*. O ‘pauzinho’ é o acontecimento insólito, a ‘engrenagem’ é o sistema, o ‘companheiro’ é o leitor e a ‘viagem’ é a leitura. O melhor é mesmo ler.

POLISSEMA

Normas de Apresentação

Normas gerais

- ❖ Todos os artigos devem ser disponibilizados em RTF (*Rich Text Format*), e páginas A4, obedecendo à seguinte formatação: espaçamento - 1,5 cm; margens laterais - 3,17 cm; topo e rodapé - 2,54 cm.
- ❖ O tipo de letra será *Times New Roman*: 12 para o corpo de texto; 10 para as notas de rodapé; 11 para citações destacadas e bibliografia.
- ❖ O título deverá ser escrito todo em maiúsculas.
- ❖ Para efeitos de destaque, não deverá usar negrito ou sublinhado mas sim *itálico*.
- ❖ Não usar cabeçalho e rodapé a não ser para indicar o número da página.
- ❖ Quadros, diagramas, gráficos ou imagens deverão ser igualmente entregues em ficheiro anexo.
- ❖ Nome, instituição a que pertence e *email* devem vir depois do título.
- ❖ Um resumo com 300-500 palavras deve aparecer no início do artigo.
- ❖ A revista aceita contribuições em Português, Inglês, Francês, Alemão ou Espanhol.

Normas para citações

- ❖ Para citar no corpo de texto, pode usar parênteses ou notas de rodapé.
- ❖ Os números das notas de rodapé devem seguir as aspas e vir antes da pontuação. A pontuação deve ser colocada depois de fechar as aspas. Exemplos: O autor diz que “o livro é uma obra de arte”⁴; O autor diz que o livro é uma obra de arte⁴.
- ❖ As citações com mais de quatro linhas deverão ser destacadas do corpo de texto.
- ❖ Aceita-se as seguintes normas bibliográficas:
 - MLA (Cf. MLA Manual, OU: <http://www.umuc.edu/library/guides/mla.html>)
Apelido, Nome próprio do autor. *Título*. Local: Editor, Data de publicação.
Apelido, Nome próprio do autor. “Título de Artigo”. *Título*. Organizador. Local: Editor, Data de publicação. Páginas.
 - LSA (Cf. LSA Bulletin <http://www.lsadc.org/dec2001bltn/allbul.htm>)
Apelido, Nome próprio do autor. Data de publicação. *Título*. Local: Editor.
Apelido, Nome próprio do autor. Data de publicação. “Título de Artigo”. *Título*. Organizador. Local: Editor. Páginas.

POLISSEMA

Guidelines for Contributors

General Guidelines

- All submissions should be presented in RTF (Rich Text Format) with 1,5 spacing, 3,17 for right and left margins and 2,54 for top and bottom margins, and should not exceed 15 pages (A4) or 30,000 characters (with spaces).
- The required font is Times New Roman, 12 for text body, 10 for endnotes, 11 for displayed text and bibliography.
- No Bold or Underline allowed – for emphasis, please use Italics.
- Do not use header or footer except for page numbers and endnotes (i.e. no footnotes).
- Tables, charts, graphics, and images should also be provided in a separate file.
- Your name, institutional filiation, and email should be given after the title.
- A 300-500 word abstract should follow the heading.
- The journal will accept contributions in any of the following languages: English, French, German, Portuguese, Spanish.

Citing

- For citing sources within the text, you may use parenthetical or endnote references.
- Endnote numbers should follow quotation marks and come before punctuation marks, and punctuation marks should be placed outside closing quotation marks. Examples: The author says that "the book is a work of art"⁴. The author says that the book is a work of art⁴.
- Quotations which are longer than 4 lines are to be displayed and not enclosed in quotation marks.

The following styles of reference are accepted:

MLA Style (See MLA Manual, OR:

<http://www.umuc.edu/library/guides/mla.html>) Author/(Ed.) last name,

first name. Title. Place: Publisher, Date of publication.

Author last name, first name. "Title of article". Title. Editor. Place: Publisher, Date of publication. Page numbers.

LSA Style (See LSA Bulletin <http://www.lsadc.org/dec2001bltn/allbul.htm>)

Author/(Ed.) last name, first name. Date of publication. Title. Place: Publisher.

Author last name, first name. "Title of article". Title. Editor. Place: Publisher. Page numbers.